

BIBLIOTHECA DO

DE LAGOA

4º VISCONDE

João Abades de Almeida

Estudante

Fozes

Esta obra foi dada a Euspor  
Manoel de Siza no anno de 1584

Luis delamões filho de Simão Vaz  
delamões e de Anna da Mada natu-  
raes de Lisboa nasceu no anno de  
1525 embarcou p.<sup>a</sup> India no an-  
no de 1553 voltou p.<sup>a</sup> Lisboa no  
anno de 1569 morreu no anno de 1579  
foi sepultado na Igg.<sup>a</sup> de S.<sup>ta</sup> Anna  
em Ex.<sup>a</sup>

# OS LVSIADAS

## DE LVIS DE CAMÕES.

Agora de nono impresso, com algumas Anotações, de diversos Autores.



Com Licença do Supremo Conselho da Real  
& Geral Inquisição, por Manoel de Lyra  
Em Lisboa. Anno de 1584.

N.º 68



**INSTITUTO DE HISTÓRIA DA EX-  
PANSÃO E DO COLÓQUIO  
Faculdade de Letras - Coimbra**



I por man  
strissimo,  
simo sen  
de Lisboa  
geeral d  
Lusiada

mões, com algúas glosas  
si emmendado como ag  
coufa contra a fee, & t  
dese imprimir. E o au  
muito engenho, & e

Vista a informação, pode  
& depois de impresso tornar  
fa com o original emmendado, p  
ferir com elle, & se lhe dar licen  
correr. Em Lisboa, 15. de Maio, de  
Manoel de Coadros. Paulo Afon  
Iorge Sarrão.

# G V E S E A

DA PELA OR-

de todas as o'ias que

ocou neste liuro,

que se fez

notação.

Africa, & Asia.	Fol. 2
Alexandro Magno.	2
gora, que he.	7
Alfonso de Albuquerque.	7
gonautas, que sam.	9
usa he.	10
al he.	1
Região de Asia menor.	1
ento.	12
quem foy.	16
a Região.	16
artico, 4. circulo do ceo.	20
cheronte, alagoa.	20
urora, donde se diriuva	22
Asia terceira parte do mundo.	22
A India, sua descripçam.	24

Amphi-



Amphitrite, filha do Oceano.	30
A moça de Titão quem he.	36
Antenor quem foy.	41
A mãe de Menon.	53
Aganippe fonte.	59
Albis rio.	62
Appeninos montes.	64
Armenia Região de Asia.	78
Athlante mar de Lybia.	79
Athlas Rei, inuentor da Astrologia.	80
Antheo Gigante, filho de Neptuno.	80
Ariete instrumento de guerra.	81
Athenas, cidade de Grecia.	86
Atropos, hũa das tres parcas.	87
Atila, Scithio.	88
A mãe de Nino, & dous irmãos Romulo, & Remo.	93
Alcides, quem foy.	96
Astyanas, filho del Rei Priamo.	99
Abyla, & Caspe.	109
Adonis quem foy.	112
Alfeo rio de Arcadia.	115
Alcides, Hercules, có Eristeo.	115
Argos pastor.	118
Animal Nemeio, qual he.	123
Azenegues.	125
Apollo to mase pello Sol.	125

## TAVOADA.

Astrolabio, que he.	129
Aonia Região.	145
Achilles, capitão Grego	147
Atamante Gigante.	154
Alcyoncas aues.	164
Alecto, húa das furias infernaes.	171
Afsyria Região.	172
Anubis.	180
Alcidalia, o mesmo que Venus.	194
Argos, quem foy.	203
Acrisio, filho de Abante.	209
Arfinoe filha de Ptholomeo.	210
Adonis, quem foy.	224
Achemenia, que cousa he.	224
Amador da Larifca.	232
Atis quem foy.	223
Ambrosia que cousa he.	232
Andromada, quem he.	234
Aiax, que quer dizer.	238
Appelles pintor.	243
Asia, & sua descripçam.	272

## B,

<b>B</b> Acho.	13
Bactra, prouincia.	43
Busiris, filho de Neptuno.	46

Boemia Região.	62
Bethis Rio Despanha.	75
Bootes.	78
Bacharo rayz de euaa.	86
Brigo prouincia.	100
Briareo Gigante.	180
Brete folha.	182
Benomotapa Região da Cafraria.	255
Bafforâ cidade.	255
Baca do seo Persico.	255
Bafforâ porto do Seo Persico.	274
Bengala Reino.	275
Bandâ, Ilhas de Maluco.	278

**C**

Carlos Rey de França.	6
Celar, primeiro Emperador.	6
Cytherea quem he.	15
Citherea ilha.	32
Cerulea companhia que se entende.	37
Cloto Nimpha marinha.	38
Celeuma que quer dizer.	39
Chersonezo ilha.	44
Celneo Mercurio.	51
Cambaia Reino.	276

Cometas que sam.	52
Cyclopes Gigantes.	52
Caliope Nympha.	58
Clicie, & Leucothoe, Nymphas.	58
Colchos Região.	78
Capadoces pouos de Capadocia.	78
Cócito em Latim, que he.	102
Codro Rei dos Athenienses.	110
Cuécio Romano.	110
Carmania Região.	114
Cypro, ilha de Chipre.	124
Colchos, & o seu veo douro.	124
Colosso estatua.	135
Cicones.	145
Circes quem foy.	154
Calecu, cidade do Malabar.	167
Cambaja Reino dos Gomores.	174
Chimera, que cousa he.	180
Cidade Euora.	144
Cipariso, que he.	223
Cloris Nympha.	225
<b>Dom Fuas Roupinho.</b>	<b>6</b>
<b>Dom Aphonso Enriquez.</b>	<b>6</b>
<b>Dom</b>	

Dom Ioão primeiro de boa memoria.	6
Dom Ioão o segundo.	6
Duarte Pacheco.	7
Dom Francisco Dalmeida.	7
Dom Ioão de Castro.	7
Doris Nimpha do mar Oceano.	14
Dione Nimpha, filha do Oceano	28
Diomedes, quem foi.	46
Daphne, Nimpha.	58
Descripçam de Espanha.	59
Damasco cidade.	61
Danubio Rio.	62
Dalmatas pouos.	63
Dario Rei dos Persas,	71
Decios.	110
Dedalo, & Icaro.	121
Dorcadas que sam.	126
Dardania, chamada Troia.	153
Deucalonte y Pyrrha.	165
Deliis pouos.	174
Delio mancebo, o Sol.	184
Descripçam de Europa.	271

## E

<b>E</b> Neas, capitão Troiano.	2
Egas Monis, quem foy.	6

T A B O X A .

Ethiopia, donde se diz.	87
Europa parte do mundo.	24
Erebo quem foy.	34
Ericina quem foi.	37
Estreito de Magalhães.	45. & 279
Europa Nimpha.	51
Eolo quem foy.	56
Escandinavia ilha.	61
Eniocos pouos.	78
Emathios campos.	76
Ecko que cousa he.	82
Ethiopia sobre Egypto.	113
Estreito Persico qual he.	113
Egeo Gigante.	127
Emodio Rio.	173
Elyfio.	184
Egas Monis, Portugues.	192
Eneas.	215
Estreito de Magalhães.	263

F.

Fado que quer dizer.	12
Focas, peixes marinhos.	20
Filho me Maia, Mercurio.	45
Fasis Rio.	77
	<u>Fonte</u>

Fonte dos Amores em Coiimbra.	96
Fernando & Rodrigo.	190
Fortunadas ilhas, quaes sam.	125
Fabula dos Gigantes, da guerra que ti- ueram.	137
Fama.	230
Falerno.	222
Firmamento que cousa he.	252
Francisco Barreto.	253
<b>G</b> ama quem foy.	6
Guerras Aëtias quaes sam.	43
Ganges rio da India.	43
Gaditano, & sua dirinação.	44
Guerras dos Gigantes.	57
Galia, Reino de França.	64
Gothfredia Região.	67
Gothicos pouos.	88
Gedrosia Região.	114
Golfam, que se entende.	116
Gatte.	175
Gidà, & Toro,	273
Globo que cousa he, & a compostura, & fabrica do Ceo.	268
	Hy-

T A B O L A .

Hypocrene, fonte do Parnaço.	3
Hemispherio, que se entende.	4. & 16
Hesperidas, que forão.	55
Hesperia vltima, qual he.	56
Hyperboreos montes.	60
Hircinia, bosque de Alemanha.	62
Helis, cidade em Arcadia.	63
Hemo, monte de Thracia.	63
Hierosolyma cidade.	67
Heliogabalo, Emperador.	84
Helicon, monte de Boecia.	86
Hydaspicos campos quaes sam.	87
Hannibal Carthagines.	91
Helena Rainha de Grecia.	97
Hercules, filho de Almena.	97
Hesperidas que tinhão as maçãs.	III
Hesperidas que sam.	126
Neruo Rio.	172
Hyacinto.	225
I. Smaelitas, quem sam.	3
Iulio Cesar.	6
Indo Rio da India.	14
Illiricos, donde se diriu.	41
Lordão Rio.	67
	<u>Iudea</u>



Judea, Citerio, & Vlterior.	67
Iberio Rio de Espanha.	74
Tuba Rei de Africa.	80
Iuliana mã, quem foy.	109
Iberia.	111
Iapeto que he.	121
Iulio Cesar, Capitão famoso.	147
Iano, que cõta he.	180
Irmãs de Medusa, quaes forão.	216
Idalio monte.	216
Iopas cidade.	233
Ilhas de Maldina, quaes sam.	263
Ilha de São Lourenço.	263

**L**

<b>L</b> Vfitania, que se entende.	1
Lyeo, nome de Batho.	19
Leucate, cabo de hũa terra.	43
Lince quem foy.	47
Lapia ilha.	61
Lybitina, que cousa he.	82
Linha Torrida, qual he.	127
Lacia, se entende por Italia.	148
Lydia, Região da Asia maior.	172
Lotharingia cidade.	191

Mercurio

<b>M</b> ercurio filho de Júpiter.	10
Marte, quem he.	3
Mercurio tambem.	36
Mar Caspio, que cousa he.	22
Macedonio por Alexandro.	26
Meta, que quer dizer.	34
Murice que causa he.	54
Meotis alagoa.	60
Moscas.	62
Marcomanos, pouos.	62
Macedonia.	63
Mar Mediterraneo, qual he.	65
Medea quem foy.	68
Molosso	72
Minerua.	86
Musas em Latim.	86
Mondego Rio de Espanha.	86
Mulucha, rio de Africa.	89
Mario Emperador Romano.	91
Marco Antonio, Romano.	98
Malsilia.	106
Memphis cidade Real.	111
Morpheo que he.	126
Mandinga Região.	126
Mincio rio.	145
	Magas

Pallas quem foi.	50
Peritheo & Theseo.	57
Pindo monte.	59
Polonios Pouos.	62
Pyreneos montes:	64
Parthenope, cidade.	65
Progne, filha del Rei Pandione.	68
Perillo, & suas crueldades.	70
Pompeio.	77
Parthenope Serea.	112
Polyfemo Gigante.	130
Pomponio quem foy.	136
Plinio quem foy.	136
Phlegon, Pyrois, Eous, Ethon, cauallos do Sol, vocabulos Gregos.	139
Palinuro, quem foi.	146
Phaetonte irmão de Lampezia.	146
Protheo, & seu gado, que he.	153
Pactolo rio.	172
Pyramides.	174
Patanes.	174
Poleas, gente da India.	178
Pyrrhos quaes foráo.	190
Posthumo.	192
Pyramo & Tysbe.	224
Phylomela.	225
	Pan-

Panthea, quem foy.	244
Primomobile, que Ceo he.	251
Pêgû, Reino da India.	259
Pouos Abassis quaes sam.	272

Q

Quinto Fabio Romano.	26
Quirino quem se chamou.	220

R.

Rodamonte, Rugeiro, & Orlando.	5
Romulo fundador de Roma.	12
Roxa entrada, qual he.	13
Rifeos montes, onde estão.	60
Ruthenos, pouos de França.	62
Reno Rio.	62
Ramnusia que quer dizer.	143
Rodope monte.	176
Rio de Ianeiro.	263

S.

Salso argento, que se entende.	9
Sinon Grego.	30
Scilla & Caribdis, que satn.	45
Scythia Região.	43

Scitas

Seythas, pouos de. Scythia.	61
Sarmacia, Região da Scythia.	61
Saxones, pouos de Saxonia.	62
Sequana Rio de França.	64
Silla, filha de Niso.	68
Scinios pouos.	70
Sertorio, capitão dos Portugueses.	75
Siene cidade.	77
Sofenos pouos.	78
Sardanapalo.	84
Sicilia.	85
Semiramis.	87
Styge, que he.	107
Siculo mar, porque se chama.	112
Serras Nabatheas que se entende.	113
Sanagá Rio de Cabo verde.	125
Semicapreo peixe qual he.	130
Syrenas.	145
Semelle filha de Cadmo.	181
Seio Erythreo qual he.	210
Soco, que cousa era.	223
Sceua Romano.	230
Signos do Zodiaco.	251
Saturno Planeta.	252
Syáo Reino da India.	259
Samatra ilha.	260

Sandalo pao da India.	262
Sotocorâ Ilha.	263
Suez, cidade do mar Roxo.	272
Singapura Cabo.	276
Sundâ, ilha junto de Samatra.	278
<b>T,</b>	
<b>T</b> Aprobana qual he.	1
Troiano, he Eneas.	2
Trajano Emperador.	3
Tagides, que se entende.	3
Thetis princefa do mar.	8
Tonante, que se entende.	10
Tropheos que sam.	12
Thyoneu nome de Bacho.	36
Titão quem foi.	36
Tritão, que quer dizer.	38
Timaou, Rio, & onde.	41
Thesifonio Architector.	57
Troia, Região de Asia menor.	60
Tanais Rio.	62
Tingitana, prouincia de Africa.	65
Thebano quem foi.	65
Termodonte, rio de Capadocia.	71
Trabuco instrumento de guerra.	81
Tartesia.	88

Tethis, filha do Ceo.	91
Tito Emperador.	91
Thyestes, & suas crueldades.	95
Theseu Rey de Athenas.	97
Tyrios.	100
Trifauce, Cancerbero.	107
Tormentorio, que quer dizer.	136
Titiro quem se entende.	139
Tybre Rio de Italia.	145
Tyoneo, nome de Bacho.	150
Tito Manlio Torcato.	163
Tarpeia, Virgem Vestal.	209
Thebas, porque se chama.	214
Tusco.	237
Tidore, & Ternate, ilhas.	277

V,

V Lysses Grego.	2
Via Lactea, qual he.	10
Vulcano.	10
Variato, capitão.	12
Vlysses, capitão Grego.	41
Vandalia Região.	75
Vespero, estrella.	91
Virgilio Poeta.	145

T A B O A D A.

Vesta, quem foy.	153
Viriato, capitão de Portugueses.	190

X,

<b>X</b> erxes, Rei dos Persas.	103
---------------------------------	-----

Z,

<b>Z</b> ona que he.	59
Zodiacô.	252

¶ Fim da Taboada.







*Quele Caja Sera honrosora  
Sera mais a famosa g-litoria*



## OS LUSIADAS

DE LVIS DE  
Camões.

¶ Embarcado Vasco da Gamma, & seguindo  
sua derrota: fingese neste inter poeticamente con-  
selho entre Iupiter, & outros falsos Deoses. Che-  
ga a Moçambique, onde el Rey lhe da falso  
piloto. Parte-se de aqui, & pro-  
segue sua viagem.

## CANTO PRIMEIRO.



S ARMAS & os ba-  
rões assinalados,

Que da Occidétal praya  
† Lusitana,

Por mares nunca de an-  
tes nauegados

Passarão ainda alem da \* Taprobana,

Em perigos & guerras esforçados

Mais do q̄ prometia a força humana:

Entre gente remota edificarão

Nouo Reyno, que tanto sublimarão.

A

Chamarão

Os Lusíadas de Luis de Camões.

¶ Chamarão os antigos Lusitania a aquella parte de Espanha, que se contem entre o Rio Douro, & o rio Guadiana: a qual parte de Espanha agora se chama Portugal, com a comarca de entre Douro & Minho, que antiguamente cabia na Gallecia, que nos chamamos Galiza, bem que fica Portugal mais estreito do que a Lusitania antiga era, porque era Lusitania desde fora do Douro, ate o rio que agora se chama Heuan, & agora não he mais largo Portugal, que desde fora do Douro, ate quatro legoas acima de Miranda do Douro, & desde ahi vem correndo ate o Rio Guadiana, perto de Badajoz, mas sem embargo disto, se chama Portugal todo Lusitania, como antes esta parte de Espanha se chamaua, dizem algũs que de Luso compãnciro de Baco, que conquistou nos tempos antigos a Espanha, tomou este nome, & dahi se forma o adiectiuo Lusitanus, a, um. Assim que a praia Occidental Lusitana, he a praia de Portugal, & se chama Occidental, porque está Portugal mais pera o Occidente, que he donde se põe o Sol, que todas as mais terras de Europa.

¶ Taprobana, he a Ilha de Ceilão, que está pera o Sul do cabo do Comori. Chamauase assi antiguamente, agora como digo se chama Ceilão. Os qu

dizem que he Samatra, enganãose, porque essa se  
chamaua antigualmente Aurea Chersoneso.

E tambem as memorias gloriosas

Daquelles Reis que foram dilatando 2

A Fee, o Imperio, & as terras viciosas

De\* Africa, e de Asia andarã deuaftado

E aquelles que por obras valerosas

Se vão da ley da Morte libertando.

Cantando espalharey por toda parte,

Se a tão me ajudar o engenho & arte.

\* Africa, & Asia. Os antigos como não tinham  
descuberto tantas terras, quantas nos agora sabe  
mos, diuidião o mundo em tres partes, das quaes  
hũa chamarão Europa, a qual do Occidente a  
cerca o mar Oceano, do meio dia o mar Medi-  
terraneo, de Leuante o ponto Euxinio, & alagoa  
Meotis, & o rio Tanais. A segunda chamarão  
Africa, que do Norte a cerca o mar Mediter-  
raneo, & o mar Roxo, & de todas as outras  
partes, o mar Oceano, & fica quasi de tres pon-  
tas, hũa perto do estreito de Gibraltar, & outra  
nas portas Dadem, & outra no Cabo de Boa  
esperança. posto q̄ pera Alexandria deita hũa pô-  
ta, porq̄ o mar Roxo não corre direito leste oeste.  
Toda a mais terra pera Oriete, chamarão Asia.

- 3 Cessem do sabio<sup>†</sup> Grego, & do<sup>\*</sup> Troyano,  
As nauegações grandes que fizerão:  
Callese de <sup>†</sup> Alexâdro, & de <sup>\*</sup> Trajano  
A fama das victorias que tiuerão,  
Que eu cáto o peito illustre Lusitano  
A qué <sup>†</sup> Neptuno, & Marte obedecerá:  
Cesse tudo o q̃ a Musa antiqua canta,  
Que outro valor mais alto se aleuâta.

<sup>†</sup> O sabio Grego he *Vlysses*, do qual *Homero* poeta Grego escreveu, a que pos nome *Vlysses*, que trata dos trabalhos que este *Vlysses* passou desde *Troya* ate a *Itaca* donde era: & por este poeta o leuuar de muito sabio, he pôe agora este epiteto. *Itaca* en *Grecia*.

<sup>\*</sup> *Troiano* soy *Eneas*, de quem *Virgilio* escreveu o liuro que se chama *Eneidas*, que parte delle trata da nauegação que fez *Eneas*, desde *Troia*, ate a foz do rio *Tybre*, em *Italia*.

<sup>†</sup> *Alexandre Magno*, que foy filho de *Thilippo* Rey de *Macedonia* e qual fizendo toda *Grecia* capitão contra *Dario* Rey dos *Perlas*, que possyua a maior parte de *Asia*, o venceu. & conquistou muitas terras ate chegar à *India*, donde se tomou a *Babilonia* em *Chaldea*, & abi morreu de peçonha que lhe derão.

\* Trajano foy Emperador dos Romanos, & foy Eſpañol, ſucceſſor de Nerua, em cujo tempo o Imperio Romano dizem que ſe alargou mais, que em nenhum outro tempo, alcançou eſte grandes victorias em guerras que fez, & terras que conquistou.

† Neptuno tinhão os idolatras por Deos do mar, & muitas vezes o tomavão pello meſmo mar. E Marte tinhão por Deos da guerra, & tambem o tomavão pella meſma guerra.

E vos \* Tagides minhas, pois criado 4

Têdes em mi hũ nouo engenho ardête

Se ſêpre em verſo humilde celebrado,

Foy de mi voſſo rio alegremente,

Dame agora hũ ſom alto, e ſublimado

Hum eſtillo grandiloco, & corrente:

Porq̃ de voſſas agoas † Phebo ordene,

q̃ não tenhã enueja às de \* Hypocrene.

\* Tagides Nymphas do Tejo, porque finzião os Poetas que nos rios, & no mar, avia certas donzellas: que chamavão Nymphas. Chamavaſe o Tejo dantes Tagus, & dahi as couſas do Tejo tomavão o apelido de Tagides.

Phebo tinhão os Gentios falſamente por dolo

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
da sabiduria, & por o mesmo Sol o tomauão mui  
tas vezes.

\* Hypocrene era hũa fonte no monte Parnaso,  
em Grecia, fingião os poetas que era fonte de sa-  
biduria, & que quem bebia della ficaua sabio, &  
que habitauão as Musas junto della.

5 Daimé hũa furia grande & sonora,  
E ná de agreste auena, ou frauta ruda:  
Mas de tuba canora & belicosa,  
q̃ o peito acéde, & acor ao gesto muda  
Daimé igoal cáto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que Marte tanto ajuda:  
Que se espalhe & se cáte no vniuerso,  
Se tam sublime preçõ cabe em verso.

6 E<sup>+</sup> vos ò bem nascida segurança  
Da Lusitana antiga liberdade,  
E não menos certissima esperança,  
De aumêto da \* pequena Christãdade:  
Vos ò nouo temõr da Maura lança,  
Marauilha fatal da nossa idade: (de  
Dada ao mûdo por Deos q̃ todo omã-  
Pera do mûdo a Deos dar parte grãde.

\* Dirige agora a obra a el Rey, porque he custe  
me



me dos poetas dirigirem suas obras a algum príncipe, & chamalbe segurança da liberdade de Portugal, porque ao tempo que el Rey dom Sebastião naceo, não auia outro herdeiro senão dom Carlos filbo del Rey Philippe, ao qual vinha o Reyno, por parte da mãe que era filha del Rey de Portugal.

\* Da pequena Christandade, porque Portugal em comparação da Christandade, he muy pequena parte.

Vos tenro, & nouo ramo florecente, 7

De hũa aruore de Christo mais amada  
 Que nenhũa nascida no Occidente,  
 Cesarea, ou Christiamissima chamada:  
 Vedeo no vosso escudo, que presente  
 Vos amostra a † victoria ja passada.  
 Na qual vos deu por armas, & deixou  
 As que elle pera si na Cruz tomou.

† A victoria ja passada, Quando el Rey dom Afonso Enriquez, primeiro Rei de Portugal, venceu no campo Dourique cinco Reis mouros, tomou por armas cinco escudos, assi por os cinco Reis que venceu, como tambem por as cinco chagas de Christo que então lhe aparecerão. Trazia

dantes dom Affonso Enriquez o escudo todo  
branco, como o Iffante dom Enrique sea pae.

- 8 Vos poderoso Rey, cujo alto Imperio,  
O \* Sol logo em nascêdo ve primeiro:  
Veio também no meio do † Hemispherio  
E quando dece o \* deixa derradeiro.  
Vos q̄ esperamos jugo & vituperio,  
Do torpe † Ismaelita caualleiro:  
Do Turco Oriental, & do Gentio,  
Que inda bebe o licor do sancto \* rio.

\* O sol logo em nascendo. Diz isto porque a India está ao Oriente, & poeticamente diz que a veo primeiro, logo em nascendo, porque os poetas fingião que o sol quando se punha se banbava no mar Oceano, & que delle tornava a nacer, mas na verdade o mundo he todo redondo, & tanto nasce o sol a hũa parte da terra como a outra.

† Hemispherio se chama meo ceo, que he aquella parte do ceo que vemos estando em parte escampada. He nome Grego, porque Hemi, he meio, & Sphera, redondeza. E o sol estando no meio dia, está defronte de Affrica, onde temos terras, como he em Santbome, & em Sofala, & em Moçambique.

\* O deixa derradeiro. Diz isto por Portugal,  
que está muyto pera o Occidente.

† Ismaelitas sam os Mouros, que dizem que pro  
sedem de Ismael filho de Abraham, & de Agar  
cua escrava.

\* Sancto rio se pode tomar por o Ganges que vem  
do paraíso terreal, ou por o rio Iordão.

Inclinay por hum pouco a magestade; 9  
Que nesse tenro gesto vos contêplo,  
Que ja se mostra, q̃l na inteira idade,  
Quando sobindo yreis ao eterno têplo  
Os olhos da real benignidade  
Pôde no chão: vereis hũ nouo exêplo,  
De amor, dos patrios feitos valerosos,  
Em versos deuulgado numerosos.

Vereis amor da patria, não mouido 10  
De premio vil: mas alto, & casi eterno  
Que não he premio vil ser conhecido  
Por hũ pregã do ninho meu paterno.  
Oui vereis o nome engrandecido  
Daquelles de quẽ sois senhor superno:  
E julgareis qual he mais excellente,  
Se ser domũdo Rei, se de tal gente.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

II Ouvi, que não vereis com vãs façanhas.  
Fantásticas, fingidas, mentirolas,  
Louvar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecerse desejosas:  
As verdadeiras vossas sam tamanhas,  
Que excedem as sonhadas fabulosas:  
q̄ excedê<sup>t</sup> Rodamôte, & ovão Rugeiro  
E Orlando, inda q̄ fora verdadeiro.

\* Rodamonte, Rugero, & Orlando. Destes escre-  
ueo o Conde Mattheo Maria Boiardo hum poe-  
ma, q̄ que pôs nome Orlando namorado em Ita-  
liano. Despois se traduzio em Castelhana. Nelle  
introduze estas pessoas acima. Despois Ludouis  
co Ariosto compos tambem em Italiano Orlando  
Furioso, a imitação do Namorado. He hum poe-  
ma de grande engenho.

12 Por estes vos darey hũ\* Nuno fero,  
Que fez ao Rei, & ao Reino talseruiço  
Hũ<sup>t</sup> Egas, & hũ dô<sup>t</sup> Fuas, q̄ de Homero  
A Citara paretles so cobiço:  
Pois polos doze Pares daruos quero,  
Os<sup>t</sup> doze d' Inglaterra, e o seu Magriço  
Douuos tábê aquelle illustre \* Gama  
Que para si de Eneas toma a fama.

Deste E-  
gas, adia  
teno cã-  
to. 3.

Nuno

\* *Nuno fero.* O Conde dom Nuno Alvarez, que despois da morte del Rey dom Fernando, auendo muytos que quizerão seguir a parte da Raynha dona Leonor, filha del Rey de Castella, & dar-se a Castella, elle defendeo a parte de dom loão o o primeiro de boa memoria, & em defença do Reino de Portugal fez grandissimas cousas contra Castella, & por isso diz que fez tal seruiço ao Rey em o ajudar, & ao Reyno em o defender de poder estranho.

† *Huan Egas.* Egas Monis foy ayo del Rey dom Affonso Enriquez, grande caualeyro, & que criou este Rey desde minino. Hũa das insignes cousas que delle contão he, que dando o dito Rey, sendo inda principe, batalha a su padrasto, que tinha occupado o Reyno, & perdendea, vindo ja desbaratado, encontrou con dom Egas, o qual o fez tornar a ella, & assi tomou a victoria das mãos dos inimigos.

\* *Dom Euaes Roupinho,* primeiro capitão do mar.

† *Os doze de Inglaterra.* Adiante se conta a hystoria destes doze caualeyros.

\* *Gama.* Dom Vasco da Gama, que descobrio a India, de quem o autor trata por extenso neste liuro.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

- 13 Pois se atroco de \* Carlos Rey de França,  
Ou de † Cesar, quereis igual memoria,  
Vede o primeiro \* Afonso, cuja lança  
Escura faz qualquer estranha gloria:  
E † aquelle q̃a leu Reino a segurança  
Deixou, cõ a grãde & prospera vitoria  
Outro \* Ioane, inuicto caualleiro,  
O quarto, & quinto Afonso, e o tercei

(ro.  
\* O Imperador Carlos Rey de França, em cujo tempo ouue os doze pares tão celebrados. Foy bũ dos noue da Fama.

† Iulio Cesar primeiro Imperador dos Romanos, governando França pediu o Consulado por procuradores em Roma, que era a maior dignidade que auia nella, teue por aduersario a Cn. Pompeio, veo desp̃is a fazer guerra à patria, & se fez dictador perpetuo. Matarãono no Senado com vinte & tres punhaladas, Bruto & Cassio, & outros. Venceo grandes batalhas. He hum dos noue da fama.

\* El Rey dom Afonso Enriquez.

† Dom loãõ primeiro de boa memoria, que venceu a batalha de algibarota.

\* Dom loãõ segundo, que em Africa com seu pae dom affonso fez grandes caualarias.

Nem deixarão meus versos esquecidos. 14

Aquelles q̄ nos Reinos la da † Aurora,  
Se fizerão por armas tão subidos,

Vossa bandeira sempre vencedora.

Hũ\* Pacheco fortíssimo, & os tenidos

† Almeida, por qué sépre o Tejo chora

\* Albuquerque terrível † Castro forte

E outros em qué poder ná teue a mor

(te.

† Aurora he bũa estrella, ou por millor dizer  
hum planeta por nome Venus quando anda diã-  
te do sol, que nace primeiro que elle. Chamauão  
lhe os antigos Aurora, & nos chamamos lhe estre-  
la Dalua. Quando anda detras do sol chamão lhe  
os antigos Vesperas, & nos a Boeira. E porque se  
chama Aurora quando nace primeiro que o sol,  
chama os Reinos da Aurora, os Reinos de Oriens-  
te, que he a India.

\* Duarte Pacheco, Capitão na India.

† Dom Francisco de Almeida, primeiro Visrey  
da India, & dom Lourenço de Almeida seu filho.

\* Affonso de Albuquerque, foy o governador  
da India.

† Dom João de Castro, que tambem foy Visoy  
rey na India, & fez grandes cousas. Este de se  
cercou Dio.

E em

Os Lusíadas de Luis de Camões.

15 E em quáto eu estes cáto, & avos nã posso  
Sublime Rei, q̃ não me atreuo a tanto  
Tomay as redeas vos do reyno vosso,  
Dareis materia a nũca ouuido canto:  
Comecem a sentir o peso grosso,  
(Que polo mundo todo faça espáto,)  
De exercitos, & feitos singulares,  
De Africa as terras, & do \* Oriente os  
(mares.

\* Oriente he hũa das quatro partes do mũdo, dõde ventão os principaes vëtos, q̃ são Norte, Sul, Oriẽte, Poẽte. O Norte está pera a parte donde cae a sombra do sol nesta nossa região, onde viuenos, quando está no meio dia, q̃ he quando está mais em pinado. Chamase assi esta parte, porq̃ o mesmo nome tẽ hũa estrella, q̃ está mais chegada ao polo árctico, q̃ por ter o mouimẽto pequeno, se regẽ por ella os nauegantes. O vento que venta desta parte chamase norte, & em Italiano Tramõtana, & os Latinos Septentrio. Sul he outra parte, em contrário desta, q̃ he o outro pollo Antartico, onde está hũ cruzeyro de estrelas, & pello pé se regem os nauegãtes, q̃ tomão o cabo de Boa esperança. Chamase tãbẽ esta parte Meridies, porq̃ pera ella está o sol no meio dia. Oriente he onde nace o Sol. q̃ chamão os mareãtes Leste, ou Leuante. O Poente he



te he ònde o Sol se põe, q̄ chamãõ os mãreãtes Oeste, & Occidente. Os mares de Oriẽte sãõ os da India, q̄ estãõ ao Oriente, q̄ posto que as naos que vãõ pera a India, vãõ cortando ao Sul, he pera dobrarem o cabo de boa Esperança, & dahi tornãõ ao Norte, atalbandõ sempre a Leste.

Em vos os olhos tem o Mouro frio, 16

Em quem vè seu exicio afigurado,  
So com vos ver o barbaro Gentio,  
Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado  
† Thetis todo o ceruleo senhorio,  
Tem pera vos por dote aparelhado:  
Que affeiçoada ao gesto bello, e tenro  
Deseja de compraruos para genro.

† Thetis filha de Nereo, may de Achilles, toma se pello mar, dizem que foy casada com Peleo.

Em vos se vem da \* Olimpica morada, 17

† Dos dous auòs, as almas ca famosas,  
Húa na paz Angelica dourada,  
Outra polas batalhas sanguinosas:  
Em vos esperãõ, ver se renouada  
Sua memoria, & obras valerosas.  
E la vos tem lugar no fin da idade,  
No templo da suprema eternidade.

Olympica

■ *Olympica.* Era Olympo hum monte de Thesalia mui alto, que dizem que passa às nuues, porque não ha la nenhum vento nem alteração no ar, & por esta razão os poetas o tomão pello mesmo ceo. E *olimpicus*, a, um, cousa do ceo. *Olympica* morada, morada do ceo.

† Dos dous auôs. Del Rey dom Manoel, & el Rey dom Ioão o terceiro, auô del Rey dom Sebastião, com quem o autor está falando, dos quaes el Rey dom Manoel alcançou grande fama, por victorias que por sua ordem & capitães se alcançarão, & el Rey dom Ioão pella paz em que conseruou o Reyno, & o ennobreceo de letrās. Tambem se pode tomar por o Emperador dom Carlos, auô tambem del Rey, famosissimo na guerra, & el Rey dom Ioão.

18 Mas em quanto este tempo passa lento,  
De regerdes os pouos, que o dessejão:  
Day vos fauor ao nouo atreuimento,  
Pera q̄ estes meus versos vossos sejão.  
E vereis ir cortando o falso \* argento:  
Os vossos† Argonautas, porque vejão  
Que sam viltos de vos no mar yrado,  
E costumaiuos ja a ser inuocado.

\* *Salso argento* he metaphora, porque se significa o mar. *Argento* significa prata, & *salso* salgada. Os poetas vsão destas metaphoras, porque tem licença pera isso, & sempre se vsou entre elles.

† *Argonautas*. A primeira nao grande que entre os Gregos se edificou, & de que elles tiuerão noticia, foy a nao *Argos*, em que Iasão & seus cõpanheiros forão a *Cholchos*, conquistar a pelle de ouro do carneiro de *Heles*, & todos os que nella forão se chamarão *Argonautas*, porque *nauta* significa homem do mar, *marinkeyro*, & junta com a dição *Argos*, quer dizer *marinheiros da nao Argos*. Foy esta nao tão celebrada dos antigos, que a puserão no Ceo pera a parte do Sul, & deste nome chamarão a hũa constelação, que está quasi toda nos signos do *Lião*, & *Virgo*, antre o circulo do *Tropico de Capricornio*, & o circulo *Antartico*. E porque estes *Argonautas* forão os primeiros que nauegarão em nao grande, & os *Portugueses* semelhantemente os primeiros que descobrirão a nauegação da *India*, per metaphora lhe chama *Argonautas*.

Ia no largo \* *Oceano* nauegaão,  
As inquietas ondas apartando,  
Os ventos brandamente respiraão,  
Das naos as vellas concavas inchando:

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Da bráca escuma osmares se mostrauã  
Cubertos, onde as proas vão cortádo,  
As marítimas agoas consagradas,  
Que do gado de † Proteo sam corta-  
(das.

\* Oceano. O mar que os antigos tinhão por grã  
de, & que não sabião sim, chamauão Oceano, &  
segundo a parte onde o descreuião, e si lhe dauão  
diferente epiteto. Junto de Mauritania, por a-  
mor do monte Athlas que nella está, o chamauão  
Athlantico. Na India Indico. Fingem os poetas  
que Oceano era Deos do mar, & que dahi tomara  
o nome, & que era filho de ceo & de Vesta.

† Proteo, era idolo marinho, filho de Oceano,  
& de Tetis. Dizem os poetas que apacentava  
as baleas de Neptuno, & que aduinhava o fu-  
turo, & se mudava em muitas formas, por não  
dizer o que lhe preguntauão.

- 20 <sup>os Deos</sup> Quando Júpiter, no Olimpo luminoso  
Onde o governo está da humana gēte  
Se a juntá em consilio glorioso,  
Sobre as cousas futuras do Oriente:  
Pisando o Cristalino Ceo fermoso,  
Vem pela via \* Láctea, juntamente,  
Conuocados os da parte do † Tonante,  
Pelo \* Neto gentil do velho Atlante.

\* *Via Lactea*, he o que chamão caminho de San-  
tiago, que aparece nos ceos quando ha serenida-  
de: por este caminho fingem os poetas que vinhão  
os falsos Deoses a conselho. *Onid. lib. 1. Metam.*

† *Tenante*, he *Iupiter* pae de *Mercurio*.

\* *Mercurio*, que fingiões os poetas que era mensa-  
geyro. Filho de *Iupiter*, & de *Maya*.

Deixão dos sete Ceos o a posento 21

Que do poder mais alto lhe foy dado,  
Alto poder, que so co pensamento  
Gouerná o ceo, a Terra, e o Mar yrado  
Ali se achârão juntos num momento.  
Os que habitão o † *Arcturo* cōgelado,  
E os q o \* *Austro* té, & as partes onde  
A † *Aurora* nasce, & o claro \* *Sol* se escõ  
de.

† *Arcturo* he o Norte. Chamalhe congelado, per-  
que está na linha frigida, a qual dizem que he  
deshabitada, por ser muyto fria.

\* *Austro*, he o Sul.

† *Aurora*, como atras fica dito, he a estrella *Dal-  
na*, que vem pella manhãa diante do *Sol*, & cha-  
ma aqui o poeta ao Oriente, lugar onde a *Au-  
rora* nasce.

\* O claro sol se esconde, toma pello Poente.

- 22 Estava o † Padre ali sublime & dino,  
Que vibra os feros rayos de \* Vulcano,  
Num assento de estrellas cristalino,  
Com gesto alto, seuero, & soberano,  
Do rosto respirava hum ar contínuo  
Que diuino tornara hū corpo huma-  
Cō hūa coroa, & ceptro rulitâte, (no  
De outra pedra mais clara q̄ diamâte.

† O padre, entende Iupiter, o qual he fingido dos poetas pae dos Idolos, & Rey dos homēs.

\* Vulcano fingem os poetas ser Idolo dos ferreyros, marido de Venus, o qual dizem que faz os rayos que Iupiter lança ao mundo. Este chamase tambem Mulciber, porque abranda o ferro. Dizem os poetas que este foy filho de Iupiter, & de Iuno, & por ser muito feo o lançarão dos ceos a terra, & da cayda ficou manco. Este foy o que fabricou a Iupiter seu pae os rayos com que destruzo os gigantes naquella guerra que elles tiuerão com os fingidos Deoses, & pode se dizer por elle, que foy pera Iupiter ajuda de perna quebrada.

Em luzentes assentos marchetados 23

De ouro, & de perlas, mais abaixo esta.  
 Os outros Idolos todos assétados, (uã  
 Como a Razão, & a Ordẽ cõcertauão:  
 Precedem os antigos mais honrados,  
 Mais abaixo os menores se assentauão.  
 Quando Iupiter alto assi dizendo,  
 Cũ tã devoz começa, graue e horrêdo:

Eternos moradores do luzente 24

† Estelifero\* polo, & claro assento,  
 Se do grande valor da forte gente,  
 Do Luso, não perdeis o pensamêto,  
 Deueis de ter sabido claramente (to  
 Como he dos fados grãdes, certo intẽ  
 Que por ella sesqueção os humanos,  
 De† Alsirios\* Persas † Gregos, & Roma  
 (nos,

† Estelifero. Vay a imitação da Vlyssa de Homero, no primeiro Canto.

\* Polos sam como couceiras do ceo, & sam dous, hum delles da banda do Norte, que se chama Arctico: & o outro da banda do Sul, que he o Antartico. De hum polo ao outro vay o eixo, em que se sustenta o Ceo falando conforme aos Mathematicos. Chamãose Polos, de hum vocabulo

Grego, *πολις*, que quer dizer, virar, ou andar à roda.

† *Assyria* Região de *Asia Menor*, agora se chama *Turquia*. Tem da banda do Leste a *India*. Do Oeste, o *Rio Tygris*. Do Sul, tem a *Media*. Do Norte, o *Monte Caucazo*. Desta Região se chamarão *Assyrios*, & agora se chamão *Turcos*.

\* *Persia*, he hũa Região da *India*: chama-se *Assi*, do nome de hum seu Rey *Perse*, ou *Perseo*: seus povos se chamão *Persas*, ou *Perseos*. Segundo *Ptholomeo* escreveu no libro. 5. Ahega esta Região da banda do norte até *Medas*: do Oeste até *Susiana*: do Leste até as duas *Carmanias*: do Sul até certo lugar da enseada de *Persia*. Aqui se achou primeiramente a *Arte Magica*. Ha nella muyta copia de pedras preciosas. E nella nasceo a primeira *Sybilla* que prophetizou do milagre de *Christo*, quando fartou dous mil homens no deserto, & sobejarão doze alcofas de pão.

† De Gregos & Romanos não falo, por serem muyto conhecidos.



Ya lhe foy (bem o vistes) concedido 25

Cum poder tão singelo, & tá pequeno  
Tomar ao Mouro forte & guarnecido  
Toda a terra q̄ rega o Tejo ameno:  
Pois contra o Castellano tão temido,  
Sempre alcãçou fauor do Ceo sereno.  
Assi q̄ sempre em fim cõ fama & gloria  
Teue os tropheos p̄dêtes da victoria.

\* *Tropheos.* Antiguamente quem punha em fugida os inimigos, levantauã olhz tropheos. Tropheo era as festas, & inuerções que se fazião publicamente, por memoria da victoria. Os Gregos costumauã levantar seus tropheos, cortando os ramos às aruores, em aquelle lugar, ou sitio, onde forão postos os inimigos em fugida. Deípois dos ramos cortados, cobrião o tronco com os despojos que auião deyxado os encmigos, & assi ficauão por memoria. Deípois começarão a subirse em seus tropheos aos montes, & lugares altos. Em Roma costumauã subir se sobre os arcos da cidade. Os despojos que se punhão nos trophos, vede em Virgilio, libro II. no verso

*Mezenti ducis exuias, &c.*

- 26 Deixo <sup>poeses</sup> senhores atras a fama antiga,  
 Que co a gente de\* Romulo alcançarão  
 Quando com† Variato, na inimiga  
 Guerra Romana tanto se affamarão.  
 Também deixo a memoria q̄ os obriga  
 A grande nome, quando aleuantarão  
 Hum por seu capitão, que peregrino  
 Fingio na Cerua espirito diuino.

\* Romulo foy o que edificou Roma.

† Variato com doze mil Portugueses nas guer-  
 ras Ciuijs, foy desbaratado elle, & toda sua gēte.

- 27 Agora vedes bem, que cometendo,  
 O duuidoso mar, num lenho leue  
 Por vias nũca vsadas, não temêdo (ue,  
 De† Africo e\* Noto a força a mais satre-  
 Que auendo tanto ja q̄ as partes vêdo,  
 Onde o dia he cóprido, & onde breue,  
 Inclinaõ seu proposito, & perfia,  
 A ver os berços, onde nasce o dia.

† Africo, he o vento que venta do Occidente. Cha-  
 mase Affrico, de Affrica donde começa.

\* Noto he o Sul. Chamase Noto de hum vocas-  
 bulo Grego *notis*, que quer dizer tanto, como  
 humor,

humor, ou agoa, porque este vento costuma sempre trazer agoa, & chuvas.

Prometido lhe está do <sup>+</sup>fado eterno, 28  
 Cujá alta ley não pode ser quebrada,  
 Que tenham longos tempos o governo  
 Do mar, q̄ vê do Sol a \* roxa entrada:  
 Nas agoas tem passado o duro Inverno  
 A gente vem perdida & trabalhada.  
 Ia parece bem feito, que lhe seja  
 Mostrada a noua terra que deseja.

\* Fado quer dizer mandado, ou dito de Deos, por isso dizem q̄ quanto está permittido pello fado, ha de acontecer. Seneca nas Questões Naturaes diz que fado he necessidade de todas as cousas, & auções, que por nenhũa via se podem impedir, mas os Christãos, o que deuo sentir do Fado, veção S. August. lib. 5. de Ciuit. Dei, cap. 9. Os poetas tomão o Fado hũa vez pella natureza, & outra pella vontade, às vezes pela resposta do Oraculo, & às vezes pella morte, porque nenhũa cousa he mais certa que a morte.

\* Roxa entrada. Entende aqui o Cabo de Guardafum, que está na entrada do mar Roxo.

29 E porque, como vistes, tem passados  
Na viagem, tão asperos perigos,  
Tantos climas, & ceos experimêtados,  
Tanto furor de ventos, inimigos  
Que sejam, determino agasalhalos  
Nesta costa Africana, como amigos:  
E tendo guarnecida a lasta frota,  
Começarão a seguir sua longa rota.

30 Estas palauras Iupiter dezia,  
Quando todos por ordem respondêdo  
Na sentença hum do outro differia,  
Razões diuersas dando & recebendo:  
O padre † Baco, ali não consentia  
No que Iupiter disse, conhecendo  
Que esquecerão seus feitos no Oriête,  
Se la passar a Lusitana gente,

† Baco foy filho de Iupiter, & Semele, fingese  
Idolo do vinho. Este teue muitos nomes: primei-  
ro chamouse Dionysto, despois Liber, despois pas-  
sando-se à India, a venceo: & teue muitas molhe-  
res, que se chamauão Bachas, donde elle se cha-  
mou Baco. Chamase tambem Osyris, Bremio,  
Priapo, Brotino, & Leneo. Este quasi cor-  
reo todo o mundo, & sugeyton muytas nas-  
ções.

ões, venceo os Indios primeiro que todos, & triumphou em hum Elepbante, que da India trouxe, como diz Diod. Foy o primeiro que instituyto compras & vendas: inuentou triumphos, & diademas dos Reys. Chamouse Bacho, de ἀπό τοῦ βαχχῆν, que quer dizer, sou bebado, & grito: porque nas suas festas se embebedauão, & gritauão. Ou chamouse Bacho, das molhe- res, chamadas Bacbas, que como doudas o se- guião.

Ouuido tinha aos Fados que viria 31  
 Húa gente fortissima de Hespanha  
 Pello mar alto, a qual sojeitaria  
 Da India, tudo quanto Doris banha,  
 E com nouas victorias venceria  
 A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha  
 Altamente lhe doe perder a gloria,  
 De q̄ \* Nisa celebra iuda a memoria.

† Doris, fingem Nympha do mar Oceano, filha de Tethis, molher de seu irmão Nereo. Interpretase amargura, & por essa razão se toma pello mar.

\* Nisa he húa cidade de Arabia, na qual segundo Diodoro, foy criado Bacho.

Nisa he tambem hum monte na India, & deste proprio nome ha bũa Cidade na India que Baccho edificou, como diz Strab. no pé de hum monte, a que os moradores chamão Meron.

Nisa, he bũa cidade antiga na India, sobre a qual cahio grande parte de hum monte, a cujo pé estava edificada. Desta cidade foy natural Apollonio Philosopho Stoico, & Aristodemo. Nella naceo Baccho.

32 Ve que ja teue o † Indo sojugado,  
 E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,  
 Por vencedor da India ser cantado,  
 De quantos bebem a agoa de † Parnaso  
 Teme agora que seja sepultado  
 Seu tão celebre nome, em negro vaso,  
 D'agoa do † esquecimentto, se la chegão  
 Os fortes Portugueses, que nauegão.

† Indo he hum rio na India, do qual tomou nome a India, dizem que nace no cume do monte Caucazo, chamado Paropanyso, & recolhe em si dez e sete rios.

\* Parnaso monte dedicado ás Musas, do qual ao diante se dira.

† Fingem os Poetas, que Letbes era hum rio, do qual

qual quem bebia se esquecia de tudo, quanto tin-  
ha passado.

Sustentaua contra Bacho Venus bella, 33

Afeiçoada aa gente Lusitana,

Por quantas qualidades via nella,

Da antiga tão amada sua Romana,

Nos fortes corações, na grande estrella,

Que mostrarão na terra Tingitana: *Tingita-*

E na lingoa, na qual quando imagina, *na de Ao*

Có pouca corrupção cre q̄ he a Latina. *frica.*

Estas cousas mouião \* Cytherea, 34

E mais, poq̄ das † Parcas claro entende

Que ha de ser celebrada a <sup>clara dea,</sup> nunea fea,

Onde a gente beligerã se estende.

Assi que hum pella infamia que arrecea

E o outro pellas honras que pretende,

Debatem, & na perfia permanecem, *M DE*

A qualquer seus amigos fauorecem.

\* Cytorea, he Venus, chama-se Cytherea, da Ilha  
de Cythera, onde seu nome era celebrado, & tin-  
ha nella hum templo.

† Parcas fingerão os antigos, que erão tres, Clotho  
Lachesis, & Atropos: as quaes diz Cicero que  
forão

Os Lusíadas de Luís de Camões.

forão filhas da noyte, & do rio Erebo. Dizem  
que estas são as fadas, & fingem que tem poder  
na vida dos homens, & fiando a prolongão: dōs  
de as chamou Martial irmãs fiandeiras. Estas  
diz Apuleyo, que nos mostrão a specie do tem-  
po, porque o que está fiado significa o tempo pas-  
sado, o que se fia o presente, o que está por fiar o  
futuro.

35 Qual Austro fero, ou Boreas na espessura  
De siluestre aruoredo abastecida,  
Rõpendo os ramos vão da mata escura  
Com impeto & braueza desmedida:  
Brama toda môtanha, o som murmura,  
Rõpense as folhas, ferue a serra erguida  
Tal andaua o tumulto leuátado,  
Entre Venus & Bacho apaixonado

36 Mas Marte que de Venus sustentaua  
Entre todos as partes em porfia,  
Ou porque o amor antigo o obrigaua,  
Ou porque agente forte o merecia,  
De antre todos em pee se leuantaua,  
Merencorio no gesto parecia:  
O forte escudo ao collo pendurado,  
Deitando pera tras medonho, & yrado.



A viseira do elmo de Diamante,  
 Aleuantando hū pouco, muy seguro,  
 Por dar seu parecer se pos diante  
 De Iupiter, armado, forte & duro:  
 E dando hūa pancada penetrante,  
 Co conto do bastão, no solio puro:  
 O ceo tremeo, & † Apolo de toruado,  
 Hū pouco a luz perdeo, como infiado.

† Apolo foy tido por Idolo dos Idolatras, interpreta-se Sol. Teue muytos poderes & facultades: foy autor do verso, foy grande frecheiro, inuentou a Arte de Medicina, & ingenhou a Musica da Cytbara.

E disse assi, ò Padre a cujo imperio,  
 Tudo aquillo obedece, que criaſte,  
 Se esta gēte q̄ busca outro\* Emispherio  
 Cuja valia, & obras tanto amaſte:  
 Não queres que padeção vituperio,  
 Como ha ja tanto tempo q̄ ordenaſte.  
 Não ouças mais, pois es juiz direito,  
 Razões de quem parece q̄ he ſopeito.

\* Hemyspherio, quer dizer tanto, como meia Sphera, porque Hemis, interpreta-se meio,  
 He

Os Lusíadas de Luis de Camões.

He Hemispherio tudo aquillo dos Ceos em torno  
que com a vista alcançamos. E dizem os Mathe-  
maticos, que em qualquer parte que nos ponha-  
mos, descobrimos meca Sphera do Ceo.

- 39 Que se aqui a razão não se mostrasse  
Vencida do temor demasiado,  
Bem fora que aqui Bacho os fostétasse,  
Pois que de Luso vem, seu tão priuado:  
Mas esta tenção sua, agora passe,  
Porque em fim vê de estamago danado.  
Que nunca tirará alhea enueja,  
O bem q̄ outrem merece, & o ceo deseja.

- 40 E tu padre de grande fortaleza,  
Da determinação que tês tomada,  
Não tornes para tras, pois he fraqueza  
Desfistirse da cousa começada.  
† Mercurio pois excede em ligeireza,  
Ao vento leue, & â seta bem talhada,  
Lhe va mostrar a terra, onde se informe  
Da India, & onde a gente se reforme.

† Mercurio significa tanto como meio antre os  
homens, porque a palauya he a que antre elles cor-  
re: por isso se chama em Grego Hermes, que quer  
dizer

dizer palavra, ou interpretação, que he necessaria para se entenderem os homẽs: por isso o fingirão Idolo dos mercadores, porque antre quem vende & compra he a palavra medianeira. Puse rãolhe asfas nos pês & cabeça, porque a palavra & a voz he muy ligeira & lue de se falar. Fizerãono correo dos fingidos Deoses, porque por palavra os conceptos se declarão,

Como isto disse, Marte riguroso,  
 Iupiter com rostro ledo, consentio  
 No que disse Mauorte valeroso,  
 E \* Nectar sobre todos esparzio:  
 Pelo caminho Lacteo glorioso,  
 Logo cada hum delles se partio.  
 Fazendo seus reaes acatamentos,  
 Pera os determinados aposentos.

41

\* Nectar era hũa beberagem que bebião os falsos Deoses, que os poetas fingem, & fingem que comião hum manjar chamado Ambrosia.

Em quanto isto se passa, na fermosa  
 Casa Eterea do Olimpo omnipotente,  
 Cortaua o mar a gente belicosa,  
 Ia la da banda do Austro, & do Oriente

42

Os Lusíadas de Luis de Camões:

Entre a costa Ethiopica, & a famosa  
Ilha de sam Lourenço, & o Sol ardête  
Quemaua então aquelles que Tifeô  
Co temor grãde em peixes conuerteo.

- 43 Tão brandamãte os ventos os leuauão,  
Como quem o ceo tinha por amigo:  
Serenos o ar, & os tempos se mostrauão  
Sem nuuês, sem receio de perigo:  
O promontorio prasso ja passauão,  
Na costa de † Ethiopia, nome antigo:  
Quãdo o mar descobrindo lhe mostraua  
Nouas ilhas q̃ em torno cerca, & laua.

† *Æthyopia* he a *Casraria* toda, interpreta-se em  
Latim *couisa vil*, & *baixa*. Chamase *Æthyopia*,  
de *Æthyopia* filho de *Vulcato*, que nella reynou,  
ou de hum vocabulo Grego, que quer dizer *queis*  
*mado*, por ser mui quete, pella continua vizinhã-  
ga do Sol. Toda está debaixo do Sul. Da banda  
do Poente he terra mui fragosa de serras & mon-  
tes: da banda do Oriente quasi deserta: da ban-  
da do Oriente eslendesce ate a comarca de *Egyp-*  
*pto*: do Sul ate o cabo de *Boa Esperança*, & acas-  
base com o mar: da banda do Norte se limita  
com o rio *Nilo*. Tem diuersas nações de gente de  
dis

diuersos rostros, medonhos, feos, & brutos, abundante de bestas feras, & bichas peçonhentas. Nacem nella Rhinocerotes, Elephantes, Camaleões pardos, Basyliscos, & grandissimos Dragões.

Vasco da Gama o forte Capitão, 47  
 Que a tamanhas empresas se offrece,  
 De soberbo, & altiuo coração,  
 Aquem fortuna sempre fauorece,  
 Pera se aqui deter não vé rezão,  
 Que inhabitada a terra lhe parece:  
 Por diante passar determinaua:  
 Mas não lhe soccedeo como cuidaua.

Eis aparecem logo em companhia, 48  
 Hús pequenos bateis, q̄ vem daquella  
 Que mais chegada a terra parecia,  
 Cortando o longo mar cō larga vella:  
 A gente se aluoroça, & de alegria  
 Não sabe mais q̄ olhar a causa della:  
 Que gente sera esta en si dezião,  
 Que costumes, que ley, q̄ Rey teriam?

- 46 As embarcações erão, na maneira  
 Muy veloces, estreitas, & compridas,  
 As vellas com q̄ vem erão de esteira,  
 Dúas folhas de \* Palma bem tecidas:  
 A gente da cor era verdadeira,  
 Que † Phaetô, nas terras acendidas  
 Ao múdo deu, d̄ ousado, & não prudête  
 O Pado o sabe, & Lampetusa o sente.

\* Enganãose os que dizem que são ballões ou juncos, por amor das vellas de palma, que estes negros não timbão neste tempo noticia da navegação pera a China, nem pera a Iaoa, & os juncos são dos Chinas, & balões dos Laos. Por onde mais verdadeyro he que serião Almadias, ou Pangayos de que ainda oje vsão: & a causa porque estes trazião vellas de folla de Palma, era porque neste tempo não timbão os Cafres tanta copia de pano, como agora.

† Phaetonte, como fingem os poetas, foy filho do Sol, & de Clymene. Este tendo palauras hum dia com Epapho, lhe disse Epapho que não era filho do Sol. Injuriado Phaeton, fez queyxume disto a sua mãe, a qual lhe aconselhou que se fosse a seu pae, & lhe pedisse o carro, pera o gouernar hum dia, pera que fosse conhecido dos homẽs por filho

filho do Sol: o qual fazendo assi, & não sabendo reger o carro, começava ja a queimar o mundo, o que vendo Iupiter lhe lançou hum rayo, & o matou, & elle cahio no rio Pado, & queimou a Cafraria toda. e Lampetusa heva sua irmã, e chorou e sentio tanto sua queda q' foi cecida em arvore.

De panos de algodão vinhão vestidos, 47  
 De varias cores, brancos, & listrados,  
 Hús trazem derredor de si cingidos,  
 Outros em modo ayroso sobraçados:  
 Da cinta para cima vem despídos,  
 Por armas tem adagas & traçados:  
 Com toucas na cabeça, & nauegando,  
 Anafis sonorosos vão tocando.

Cos panos, & cos braços acenauão, 48  
 Aas gentes Lusitanas, que esperassem:  
 Mas ja as proas, ligeiras se inclinauão  
 Pera q' junto aas Ilhas amainassem:  
 A gente, & marinheiros trabalhauão,  
 Como se aqui os trabalhos facabassem:  
 Tomão vellas, amainase a verga alta,  
 Da ançora o mar ferido, encima salta.

Nam erão ancorados, quando a gente 49  
 Estranha, polas cordas ja sobia,

Os Lusíadas de Luis de Camões.

No gesto ledos vem, & humanamente,

O Capitão sublime os recebia.

As melas manda por em continente:

Do licor q̄ † Lyeo prantado auia:

Enchem vasos de vidro, & do q̄ deitão

Os de Phaetõ queimados nada engeitã.

† Lyeo era chamado Bacho pelas festas que antigamente fazião no monte Lyeo.

\* Chamase tambem Bacho Lyeo, de hum vocabulo Grego λυω, que quer dizer desato, porq̄ o vinho desata & desconcerta o siso & os mēbros.

50 Comendo alegremente perguntauão

Pela † Arabica lingua, donde vinhão,

Quem erão de que terra, que bulcauão,

Ou que partes do mar corrido tinhão?

Os fortes Lusitanos lhe tornauão,

As discretas repostas que conuinham:

Os Portugueses somos do Occidente,

Himos buscando as teras do Oriente.

\* Arabia he bñã Região que está antre Iudea & Egypto. Chamouse Arabia de Arabo filho de Apolo, & de Babylona. Solinõ imterpreta Arabia q̄ quer dizer tanto como sagrado. Ha tres Arabias, segundo a diuisão de Plinio, no lib. 2. bñã he Arabia Felix, outra de pedra, outra deserta.



Do mar temos corrido, & nauegado 51  
 Toda a parte do † Antartico, & Calisto,  
 Toda costa Africana rodeado,  
 Diuerfos Ceos, & Terras temos visto:  
 Dum Rei potente fomos, tão amado,  
 Tam querido de todos, & bem quisto:  
 Que não nõ largo Mar, cõ leda fronte:  
 Mas no lago entraremos de \* Acherõte.

† Antartico, o quarto circulo do Ceo, contrario ao  
 Artico. Chamase o Sul.

\* Acheronte fingião os poetas que era bõa alagoa  
 dos infernos. Acheronte em Grego, segundo al-  
 gũs, quer dizer tanto como sem alegria, porque  
 a não ha nos infernos. Mas na verdade he hum  
 lugar que está apar da alagoa Auerna, segundo  
 Strab. lib. 6.

E por mandado seu buscando andamos 52  
 A terra Oriental, que o Indo rega,  
 Por elle o Mar remoto nauegamos,  
 Que so dos feos † Focas se nauega:  
 Mas ja razão parece que saibamos  
 Se entre vos a verdade se não nega:  
 Quem sois, q̃ terra he esta que habitais,  
 Ou se tendes da India algũs finais?

Os Lusíadas de Luis de Camões,  
† Focas são hũs peyxes como bois marinhos: parẽ  
em terra como gado. São cubertos de pelle, & de  
cabello. Ajuntãose para gérarem a mantira de  
cães, berrão como bezerrros, & em terra vem a  
buscar o pasto.

53 Somos, hum dos das Ilhas lhe tornou,  
Estrangeiros na terra, Lei, & nação  
Que os proprios, sam aquelles q̃ criou  
A Natura sem Lei, & sem Razão:  
Nos temos a Lei certa que ensinou,  
O claro descendente de Abrahão:  
Que agora tem do Mundo o senhorio  
A mãe Hebreia teue, & opae Gêntio.

54 Esta Ilha pequena que habitamos,  
He em toda esta terra certa escala,  
De todos os que as Ondas nauegamos,  
De Quíloa, de Mombaça, & de Sofala;  
E por ser necessaria, procuramos,  
Como proprios da terra, de habitala.  
E porque tudo em fim vos notefique,  
Chamase a pequena Ilha Moçambique,

55 E ja que de tá longe nauegais  
Buscádo o Indo Idaspe, & terra ardête,  
Piloto

Piloto aqui tereis, por quem seiais  
 Guiados pelas ondas sabiamente.  
 Tambem sera bem feito que tenhais  
 Da terra algum refresco, & q̄ o Regête,  
 Que esta terra governa, que vos veja,  
 E do mais necessario vos prouēja,

Isto dizendo, o Mouro se tornou 56  
 A seus bateis com toda a companhia,  
 Do Capitão & gente se apartou,  
 Com mostras de deuida cortesia:  
 Nisto † Febo nas agoas encerrou,  
 Co carro de Christal, o claro dia,  
 Dando cargo aa Irmaã que alumiasse,  
 O largo \*múdo, em quanto repoufasse.

† Febo he o mesmo que o Apolo: foy filho de Iu-  
 piter, & Latona, nascido de hum mesmo parto  
 com Diana, a qual tambem se chama Febe, ou  
 Lua, ou Delia, & Apolo Delio, porque nacerão  
 na Ilha de Delos. Chamase Phebo, que em Gre-  
 go quer dizer tanto como luz da vida, porque o  
 Sol com seus rayos, cria as cousas todas debaixo.

\* Aqui falla o poeta conforme á opinião do vul-  
 go, & não segundo a verdade: porque o Sol está  
 fixo no quarto Ceo, & como os Ceos todos conti-

Os Lusíadas de Luis de Camões.

nuamente se mouião de necessidade, tambem o Sol ha de mouerse: mas diz que repousa o Sol em quanto tirandose do nosso Hemispherio vay alumiar o outro debaixo: porque fingião os Poetas, que pondo se o Sol, se lia agasalhar no mar, & descansar do trabalho do dia, porque sempre se põe no mar. Mas na verdade he que o sol sempre alumia, & nunca repousa.

57 A noyte se passou na lassa frota,  
Com estranha alegria, & não cuydada,  
Por acharem da terra tão remota.  
Nova de tanto tempo desejada:  
Qualquer então cõsigo cuyda, & nota  
Na gente e na manera desusada.  
E como os que na errada Seita crerão,  
Tanto por todo o múdo se estenderão.

58 Da Lúa os claros rayos rutilauão,  
Polas argenteas ondas \*Neptuninas  
As Estrellas os Ceos acompanhauão,  
Qual campo reuestido de boninas,  
Os furiosos ventos repousauão,  
\* Polas couas escuras peregrinas,  
Porem da armada a gente vigiaua,  
Como por longo tempo costumaua.

Neptuno foy filho de Saturno, & de Opis, fingido Deos do mar, irmão de Iupiter, & de Plutão. Os quaes fingem os poetas, que lançando sortes sobre quem avia de governar, cayo a Iupiter o Ceo, & a Neptuno a agoa, & a terra, & a Plutão os infernos.

\* Fingião os poetas que Eolo era Rey dos ventos, & os tinha fechados de seu mando debayxo de hũas couas, Virgilio, no libro. 1. dos Eneyd. no principio.

Mas así como a <sup>†</sup>Aurora marchetada, 59

Os fermosoc cabellos espalhou,

No ceo sereno, abrindo a roxa entrada,

Ao claro Hiperonio que acordou,

Começa a embádeirarse toda a armada,

E de todos alegres se adornou:

Por receber con festa & alegria

O Regedor das Ilhas que partia.

<sup>†</sup> Aurora he nome de hũa moça proprio. Tomase tambem pello dia, & diriusase de hũm nome Latino Aurum, que quer dizer ouro, ou de Aux, que quer dizer ar. porque antes de sayr o Sol, ve se nos ceos aquelle cor luzente douro, & o ar muito sereno & fresco. Propriamente Aurora be a

Os Lusíadas De Luis de Camões.

he a primeira parte do dia, quando começa com o Sol o ar a respirar. Outros dizem que he Aurora o resplendor do Sol, ou a luz de madrugada: porque com a vinda do Sol & seus rayos, se roxeea o ar. Tambem se toma Aurora pella madrugada, ou manhã, como aqui tomou o Poeta.

60 Partia alegremente nauegando,  
A ver as naos ligeiras Lusitanas,  
Com refresco da terra, em si cuydando,  
Que sam aquellas gentes inhumanas:  
Que os aposentos \* Caspios habitando.  
A cõquistar as terras † Asianas  
Vierão: & por ordem do destino  
O Imperio tomarão a Costantino.

\* Mar Caspio he o que está no mar mediterraneo, antre os montes Caspios, donde se chamou mar Caspio, he muy largo,

† Asia he a terceira parte do mundo en numero, mas em grandeza achase ser meio mundo. Ha duas Asias, Maior, & Menor, a qual se termina com Frigia, & Lycia. Outros a diuidem: & fechão hũa da banda do Occidente com Frigia, & Lycaonia, & a outra parte da banda do Oriente, com Armenia menor. Outros dizem que a Asia  
menor

menor & maior começa na praya Occidental, & estende se té a alagoa Meotis, & o rio Tanais, & está antre o mar Pontico, & o mar Oceano, da banda do Norte. Chamouse Asia, de hũa Nympha chamada Asia, filha de Tetbis, molher de Iapeto, da qual naceo Prometeo, ou de Asio, filho de Lydo. As outras duas partes do mundo, são Affrica, & Europa.

Recebe o Capitão alegremente, 68  
 O Mouro: & toda sua companhia,  
 Dalhe de ricas peças hum presente,  
 Que so pera este effeito ja trazia:  
 Dalhe cóserua doce, & dalhe o ardente  
 Não \* vsado licor que dà alegria,  
 Tudo o Mouro contente bem recebe,  
 E muito mais contente come, & bebe,

\* Não vsado licor. Diz isto, não porque os Mouros não tiuessem ja neste tempo vsança de vinho, ao menos de Palma, a que elles chamão orraca. Mas diz Não vsado licor, porque vinho de uvas, não o tinbão ainda neste tempo.

Os Lusíadas de Luis de Crmões.

62 Estâ a gente marítima de Luso,  
Subida pella exarcia, de admirada,  
Notando o estrangeiro modo, & vfo,  
E a lingoagem tão barbara, & enleada.  
Tambem o Mouro astuto estâ confuso  
Olhando a cor, o trajo, a forte armada.  
E perguntando tudo lhe dezia,  
Se por ventura vinhão de Turquia.

63 E mais lhe diz tambem, que ver deseja  
Os liuros de sua ley, preceito, ou fee,  
Pera ver se conforme à sua seja,  
Ou se sam dos de Christo como crê:  
E porque tudo note, & tudo veja,  
Ao Capitão pedia, que lhe dê,  
Mostra das fortes armas de q̄ vsauão.  
Quando cos inimigos pelejauão.

64 Respondeo o valeroso Capitão,  
Por hum q̄ a lingua escura bem sabia:  
Darte ey Senhor illustre relação  
De my, da ley, das armas que trazia:  
Nem sou da terra nem da geração,  
Das gentes enojosas de Turquia:  
Mas sou da forte † Europa belicosa,  
Bnfco as terras da\* India tam famosa.



\* *Europa, he a terceyra parte do mundo, chama-se da Europa da moça Europa, filha de Agenor, Rey dos Phenicios. Chama-se Europa tudo aquillo que está do mar ate Tanais, & tem quatro enseadas grandes.*

\* *A India, he toda a terra Oriental, termo de Asia, tão larga & grande, que a fazem a terceyra parte de todo o mundo. Diz della Pomponio, que somente de prayas tem tanto espaço, quanto por quarenta dias, & quarenta noytes pode hũa nao correr, com todas as vellas cheas de mui bom vento. Dizem os antigos, que ouue na India cinco mil cidanes. Chama-se India do Rio Indo, no qual acaba da banda do Occidente. Começa do mar do Sul, & estendese até onde o Sol se põe, que he la nas Ilhas Malucas. Da banda do Norte acbega ate o Monte Corauiusio. He a India muy rica, & muy abundante de todas as cousas, especialmente, ha nella muytas pedras preciosa, de grande valia, he muy feutil de arroz, de gado, & de muitos legumes: as aruoves nella em todo o anno tem as folbas verdes, nem as perdem nunca, verão nem inuerno. A terra da duas nouidades cada anno. He tambem muy feutil de toda sorte de droga,*

Os Lusíadas de Luis de Camões.

*Espeçaria: são os ares leues, o ar temperado, abundante de agoas, não ha nella nũca peste: e por estas causas nace na India mayores alimarias, que em parte nenhũa do mundo.*

- 65 A ley tenho daquelle, a cujo imperio  
Obedece o visibil, & inuisibil,  
Aquelle que criou todo o Emispherio,  
Tudo o que sente, & todo o insensibil  
Que padeceo deshonra, & vituperio,  
Sofrendo morte injusta, & insufribil:  
E que do ceo a terra em fim deceo,  
Por subir os mortaes da terra ao ceo.
- 66 Deste Deos homem alto, & infinito,  
Os liuros que tu pedes não trazia,  
Que bem posso escusar trazer escripto  
Em papel o que na alma andar deuia.  
Se as armas queres ver, como tês dito,  
Comprido esse desejo te seria (go,  
Como amigo as veras porq̃ eu me obri  
Que nũca as quiras ver como enemigo.
- 67 Isto dizendo manda os diligentes  
Ministros, amosttrar as armaduras,  
Vem arneses, & peitos reluzentes,  
Malhas finas: & laminas seguras

Escudos de pinturas diferentes,  
 Pilouros, espingardas de aço puras,  
 Arcos, & sagittiferas aljauas,  
 Partasanas agudas, chuças brauas.

As bombas vem de fogo, & juntamente 68

As panellas sulfureas, tam danosas,  
 Porem aos de Vlcano não consente

Que dê fogo aas bombardas temerosas:

Porque o generoso animo, & valente,

Entre gentes tam poucas, & medrosas,

Não mostra quanto pode & cõ razão,

Que he fraqueza entre ouelhas ser lião:

Porem disto que o Mouro aqui, notou, 69

E de tudo o que vio, com olho atento,

Hum odio certo na alma lhe ficou,

Hũa vontade mã de pensamento.

Nas mostras, & no gesto o não mostrou

Mas com risonho, & ledo fingimento,

Tratallos brandamente determina,

Ate que mostrar possa o q̃ imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,

Por quem podesse aa India ser leuado, 70

Dizlhe, que o largo premio leuarão,

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Do trabalho que nisso for tomado.  
Prometelhe o Mouro com tenção  
De peito venenoso, & tam danado:  
Que a morte se podesse neste dia,  
Em lugar de Pilotos lhe daria.

71

Tamanho o odio foy, & a mã vontade,  
Que aos estrangeiros supito tomou,  
Sabendo ser sequaces da verdade,  
Que o filho de Dauid nos ensinou,  
Oo segredos daquella Eternidade,  
A quem juyzo algum não alcançou.  
Que nunca falte hum perfido inimigo,  
A aquelles de quem foste tanto amigo?

72

Partiose nisto em fim co a companhia,  
Das naos o fallio Mouro despedido,  
Com enganosa & grande cortesia,  
Com gesto ledo a todos: & fingido:  
Cortarão os bateis a curta via  
Das agoas de Neptuno, & recebido  
Na terra do obsequente ajuntamento,  
Se foy o Mouro ao cognito aposento.

73

Do claro assento Etereo, o grão Tebano  
Que da paternal coxa foy nascido,  
Olhando

Olhando o ajuntamento Lusitano,  
 Ao Mouro ser molesto, & auorrecido:  
 No pensamento cuyda hũ falso engano  
 Com que seja de todo destruydo.  
 E em quanto isto so na alma imaginaua  
 Comsigo estas palavras praticaua.

Está do fado ja determinado, 74

Que tamanhas victorias tão famosas,  
 Ajam os Portugueses alcançado,  
 Das Indianas gentes belicosas,  
 E eu so filho do Padre sublimado,  
 Com tantas qualidades generosas:  
 Ey de soffrer que o Fado fauoreça  
 Outrê, por qué meu nome se escureça?

*Deuses*

Ja quizerão os fados que tiueffe, 75

O filho de † Filipo nesta parte,  
 Tanto poder, que tudo sometesse.  
 Debaixo de seu jugo, o fero marte:  
 Mas asse de soffrer que o Fado desse,  
 A tão poucos tamanho esforço, & arte  
 Que co grã \* Macedonio, & † Romano,  
 Demos lugar ao nome Lusitano?

† Philippo interpretase amador dos caualos O filho de q̃ fala de Alexandre Magno, Imperador

Os Lusíadas de Luis de Camões.

dos Romanos, que foy conquistando o mundo, te chegar á India, & choraua porque não achaua mais mundo que conquistar.

\* Macedonio chama a Alexandro Magno, por hũa figura a que chamão Antonomastia. Foy este Rey de Macedonia, de cujos notaveis feitos fazẽ menção os historiadores, & a sagrada escriptura. Este pelas grandes cousas que no mundo fez, chamouse Magno.

† Romano pode entenderse Quinto Fabio Maximo, ou Iulio Cesar, que conquistou em noue annos toda França, Flandres, Alemanha, & Espanha. Venceo a Pompeio. Teue sesenta & tantas batalhas campais, & todas venceo. Em Africa venceo a Scipião & Iuba; em Espanha os filhos de Pompeio. Triumphou cinco vezes: primeiro de França, depois de Alexandria, depois de Pontico, de Africa, & de Espanha. Foy mui liberal, & manso.

76 Não sera así, porque antes que chegado  
Seja este Capitão, astutamente  
Lhe sera tanto engano fabricado,  
Que nunca veja as partes do Oriente,  
Eu decerey aa terra, & o indignado  
Peito, reuoluerey da Maura gente,  
Porque

Porque sempre por via irã direita,  
 Quê do oportano tempo se aproueita

Isto dizendo irado, & quasi infano, 77  
 Sobre a terra Affricana descendeo,  
 Onde vestindo a forma & gesto huma-  
 Pera o Prasso sabido se moueo. (no.  
 E por melhor tecer o astuto engano,  
 No gesto natural se conuerteo,  
 Dũ Mouro, em Moçábique conhecido  
 Velho fabio, & co Xeque muy valido.

E entrãdo afsi a falarlhe a tẽpo, & horas, 78  
 A sua falsidade acomodadas,  
 Lhe diz como erã gentes roubadoras,  
 Estas que ora de nouo sam chegadas:  
 Que das nações na costa moradoras,  
 Correndo a fama veio, que roubadas  
 Forã por estes homês que passauã,  
 Que cõ pacto de paz sempre ancorauã

E sabe mais, lhe diz, como entendido 79  
 Tenho Destes Christãos sanguinolêtos  
 Que quasi todo o mar tem destruido,  
 Com roubos, com incendios violentos:  
 E trazem ja de longe engano vrdido,

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Contra nos, & q̃ todos seus intentos  
Sam pera nos matarem, & roubarem,  
E molheres, & filhos captiuarem.

80 E tambem sey que tem determinado,  
De vir por agũa a terra muito cedo,  
O Capitão dos seus acompanhado,  
Que da tenção danada nasce o medo:  
Tu deues de yr tambẽ cos teus armado  
Esperallo em cilada, occulto & quedo:  
Porque saindo a gente descuidada,  
Cairão facilmente na cilada.

81 E se inda não ficarem deste geito,  
Destruydos, ou mortos totalmente,  
Eu tenho imaginada no conceito,  
Outra manha & ardil que te contente:  
Mandalhe dar Piloto, q̃ de geito  
Seja astuto no engano, & tão prudente  
Que os leue aonde se jáo destruydos,  
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

82 Tanto que estas palauras acabou,  
O Mouro nos taes casos, sabio & velho  
Os braços pello collo lhe lançou,  
A gradecendo muyto o tal conselho:



E logo nesse instante concertou,  
 Pera a guerra o beligero aparelho:  
 Pera que ao Portugues se lhe tornasse,  
 Em roxo sangue a agoa que buscasse.

E busca mais pera o cuydado engano, 83  
 Mouro q̄ por Piloto aa nao lhe mande,  
 Sagaz, astuto, & sabio em todo dano,  
 De quẽ fiar se possa hum feito grande,  
 Dizlhe q̄ acompanhado o Lusitano,  
 Por tais costas, & mares co elle ande:  
 Que se daqui escapar, que la diante  
 Va cair onde nunca se aleuante.

Ia o rayo Apolineo visitaua, 84  
 Os Montes † Nabatheos acendido,  
 Quando Gama cos seus determinaua  
 De vir por agoa a terra apercebido:  
 A gente nos bateis se concertaua,  
 Como se fosse o engano ja sabido:  
 Mas pode sospeitar se facilmente,  
 Que o coração presago nunca mente.

† Montes Nabatheos são os q̄ estão na região Na  
 bathea, na India. Começa de Arabia, & côclue en  
 si Arabia. Da mão direita tem o mar roxo, da

Os Lusíadas de Luís de Camões.  
esquerda o de Persia, & da banda de cima o mar  
Indiatico. Tem o nome de Nabath primeiro fi-  
lho de Ismael.

85 E mais tambem mandado tinha a terra,  
De antes pelo Piloto necessario:  
E foilhe respondido em som de guerra,  
Caso do que cuydaua mui contrario:  
Por isto, & porque sabe quanto erra  
Quê se cree de seu perfido aduersario,  
Apercebido vay como podia,  
Em tres bateis samente que trazia,

86 Mas os mouros que andauão pella praya  
Por lhe defender a agua desejada,  
Hũ escudo abraçado, & de † azagaya,  
Outro ã arco encuruado & seta eruada  
Esperão que aguerreira gente faya,  
Outros muytos ja postos em cillada.  
E porque o caso leue se lhe faça,  
Poem hũs poucos diante por negaça.

† Azagaya he bũa maneira de dardo mais pe-  
queno que zaguncbos, de que vsão ainda agora  
estes negros.

Andão

Andão pella ribeira alua arenosa,  
 Os belicosos Mouros acenando,  
 Com a darga, & co a astea perigosa,  
 Os fortes Portugueses incitando:  
 Não soffre muito a gente generosa,  
 Andarlhe os cães os dentes amostrado.  
 Qualquer em terra salta, tam ligeiro.  
 Que nenhum dizer pode q̄ he primeiro

Qual no corro sanguino, o ledo amante, 88  
 Vendo a fermosa dama desejada,  
 O Touro busca, & pondose diante,  
 Salta, corre, sibila, acena, & brada:  
 Mas o animal atroce nesse instante,  
 Com a fronte cornigera inclinada,  
 Bramádo duro corre, & os olhos cerra,  
 Derriba, fere, & mata, & poê por terra.

Eis nos bateis o fogo se leuanta, 89  
 Na furiosa & dura artilheria,  
 A<sup>+</sup> plumbea pella, mata, o brado espáta:  
 Ferido o ar retumba, & assouia:  
 O coração dos Mouros se quebranta,  
 O temor grande o sangue lhe resfria.  
 Ia foge o escondido de medroso,  
 E morre o descuberto audentoso.

Os Lusíadas de Luís de Camões.

† *Plumbea propriamente he de chumbo, mas os Poetas tem licença pera tomar hum metal por outro, se queremos attribuyr estes pelouros à artilleria: & se à espingarda, fica proprio. Ou tambem entendera os pelouros dos berços, que ainda que sejam de ferro vão cubertos de chumbo. E de qualquer maneira se pode entender plumbea, por as balas de qualquer artilheria.*

90 Não se contenta a gente Portuguesa:  
Mas seguindo a victoria, estrue & mata  
A pouoação sem muro, & sem defesa  
Esbombardea, acende, & desbarata.  
Da caualgada ao mouro ja lhe pesa,  
Que bem cuidou cõprala mais barata:  
Ia blasphema da guerra, & maldezia,  
O velho inerte, & a mãe q̃ o filho cria.

91 Fugindo, a seta o mouro vay tirando,  
Sem força, de conarde, & de apressado,  
A pedra, o pao, o canto arremessando,  
Dalhe armas o furor desatinado:  
Ia a Ilha, & todo o mais desamparando  
Aa terra firme foge amedrontado.  
Passa, & corta do mar o estreito braço,  
q̃ a Ilha é torno cerca, é pouco espaço.

Hús vão em almadias carregadas, 92

Hum corta o mar a nado diligente,  
 Quem se afoga nas ondas encurvadas,  
 Quem bebe o mar, & o deita jútamete:  
 Arrombáo as meudas bombardadas  
 Os † pangayos subtis da bruta gente.  
 Desta arte o Portugues emfim castiga,  
 A vil malicia, perfida, inimiga.

† Pangayos são hñas embarcações compridas, & estreytas, que remão com remo de mão: as quaes ainda agora vsão.

Tornáo victoriosos pera a armada, 93

Co despojo da guerra, & rica presa,  
 E vão a seu prazer fazer agoada,  
 Sem achar resistencia, nem defesa,  
 Ficaua a Maura gente magoada,  
 No odio antigo, mais que nunca acesa.  
 E vendo sem vingança tanto dano,  
 Somente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido, 94

O Regedor daquella inica terra,  
 Sem fer dos Lusitanos entendido,  
 Que em figura de paz lhe mãda guerra.  
 Porque

O: Lusíadas de Luis de Camões.  
Porque o Piloto falso prometido,  
Que toda a má tência no peito encerra.  
Pera os guiar aa morte lhe mandaua,  
Como em final das pazes que trataua.

95 O Capitão, que ja lhe então conuinha,  
Tornar a seu caminho acostumado,  
Que tempo cócertado, & ventos tinha,  
Pera yr buscar o Indo desejado.  
Recebendo o Piloto que lhe vinha,  
Foy d'elle alegremente agasalhado:  
E respondendo ao mensageiro, atento  
As vellas manda dar ao largo vento.

96 Desta arte despedida a forte armada,  
As ondas de † Amphitrite diuidia,  
Das filhas de \* Nerêo acompanhada,  
Fiel, alegre, & doce companhia.  
O capitão que não cahia em nada,  
Do enganoso ardil que o mouro vrdia:  
Delle mui largamente se informaua,  
Da India toda, & costas que passaua.

† Amphitrite hê filha de Oceano, & Doris. Fins  
gem os Poetas que he molher de Neptuno. Inter-  
pretase o mar de  $\alpha\mu\phi\iota$ , que quer dizer ao redor,

Ἐπειὶν, que quer dizer espantar, porque o mar, espanta os nauegantes por todas as partes.

\* Nerêo foy filho do mar Oceano, & de Thetis, toma se tambem pello mar. Os nomes das suas filhas são, Nysea, & Cymothôe. Outras Nymphas auia tambem no mar as quaes posto que o poeta aqui chame filhas de Nerêo, attribuye a qualquer Idolo marinho, as filhas dos outros, como costumão.

Mas o Mouro instruido nos enganos,  
 Que o maleuolo Bacho lhe ensinara 97  
 De morte, captiueiro, nouos danos  
 Antes que à India chegue lhe prepara,  
 Dando razão dos portos Indianos,  
 Tambem tudo o que pede lhe declara.  
 Que auendo por verdade o que dezia,  
 De nada a forte gente se temia.

E dizlhe mais co falso pensamento  
 Com que† Sinon os \* Phrigios enganou  
 Que perto está húa Ilha, cujo assento  
 Pouo antigo Christão sempre habitou:  
 O capitão que a tudo estava a tento,  
 Tanto cõ estas nouas se alegrou,  
 Que cõ dadiuas grandes lherogaua,  
 Que o leue à terra onde esta gête estava.

## Os Lusadas De Luis de Camões.

† Synon foy hum Grego, o qual enganou os Troyanos, quando se fizeram idos os Gregos q̄ tinham cercado Troia, & dixelhes q̄ não maltrataſſe aquelle cavallo de madeira, q̄ os Gregos deixarão cheo de homẽs d'armas: porque era causa fatal, & fazẽ dolhe mal, se auia de destruyr o pouo Troyano, pelo cõtrario agasalhãdo, destruyrsebião os Gregos. Crendolho os Troyanos, fizeram o que lhes Synon dixeu, & metendo o cavallo na cidade denoyte. saindo os que estauão nelle, matarão as vigias, & fizeram sinal aos mais Gregos, os quaes vindo, saquearão a cidade, & a queimarão. Virg. lib. 2. Aneid.

\*Phrigia he Região de Asia menor. Chamase Phrigia, do Rio Phrigia, que a diuide de Caria, ou de Phrygia. filha de Creope. Depois de Troe, filho de Dardano se chamou Troya, aonde esteve a fortaleza chamada Ilião.

- 99 O mesmo o falso Mouro determina,  
Que o seguro Christão lhe mãda & pe-  
Que a Ilha he pessuida da maliua, (de,  
Gente que segue o torpẽ Mahamede:  
Aqui o engano e morte lhe imagina,  
Porq̄ em poder & forças muito excede  
A Moçambique, esta ilha que se chama  
Quíloa, muy conhecida pola fama.



Pera la se inclinaua a leda frota, 100  
 Mas a nimpha ja em<sup>t</sup> Cythere celebrada  
 Vendo como deyxaua a certa rota,  
 Por yr a buscar a morte não cuydada,  
 Não consente que em terra tão remota,  
 Se perca a gente della tanto amada.  
 E com ventos contrarios a desuia,  
 Donde o piloto falso a leua & guia:

<sup>t</sup> Cytherca, he Lũa Ilha contra Creta, da qual  
 foy ter Venus primeiro que ninguem, donde se  
 chamou Venus Cytherca.

¶ Diz Festo, que Venus se chamou Cytherca,  
 da cidade de Cythera, aonde ella foy ter, em  
 bũa concha, que a lançou o mar, do qual ella nas-  
 ceo, como fingem os poetas.

Mas o maluado Mouro, não podendo 101  
 Tal determinação leuar auante,  
 Outra maldade inica cometendo,  
 Ainda em seu proposito constante,  
 Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,  
 Os leuãrão por força por diante.  
 Que outra Ilha tem perto, cuja gente,  
 Erão Christãos cõ Mouros juntamente.  
 Tambem

102 Também nestas palauras lhe mentia,  
Como por regimiento em fim leuaua,  
Que aqui gente de Cristo não auia:  
Mas a que a Mahamede celebraua.  
O Capitão que em tudo o Mouro cria,  
Virando as vellas, a Ilha demandaua:  
Mas não querendo Venus guardadora,  
Não entra pella barra, & surge fora.

103 Estaua a Ilha aa terra tão chegada,  
Que hum estreito pequeno a diuidia.  
Húa cidade nella situada,  
Que na frente do mar aparecia,  
De nobres edificios fabricada,  
Como por fora, ao longe descobria  
Regida por hum Rey de antiga idade.  
Môbaça he nome da Ilha, & da Cidade.

04 E sendo a ella o Capitão chegado,  
Estranhamente ledó, porq̃ espera  
De poder ver o pouo baptizado,  
Como o falso pilito lhe dissera.  
Eis vem bateis de terra có recado  
Do Rei, q̃ ja sabia a gente q̃ era,  
Que Bacco muito de antes o auisara,  
Na forma doutro Mouro que tomara.

O recado que trazem he de amigos, 105  
 Mas debaxo o veneno vem cuberto.  
 Que os pensamentos ~~erao~~ de enemigos,  
 Segundo foy o engano del cuberto.  
 O grandes & grauíssimos perigos,  
 O caminho de vida nunca certo.  
 Que aonde a gente poem sua esperança,  
 Tenha a vida tão pouca segurança!

No mar tanta tormenta, & tanto dano, 106  
 Tantas vezes a morte apercebida,  
 Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
 Tanta necessidade auorrecida:  
 Onde pode acolherse hũ fraco humano,  
 Onde tera segura acurta vida? (no  
 Que não se arme, & se indigne o ceo fere  
 Côtra hũ bicho da terra tam pequeno.

Fim.



Os Lusíadas de Luis de Camões.

**U**OS PORTUGUESES CHE-  
gão a Mombaça, donde el Rey manda visitar ao  
Capitão Vasco da Gama. Saltão dous Portugue-  
ses em terra a tomar conhecimento della, & affes-  
gurala. Acometem a entrada, confiados no se-  
guro del Rey, & não podem, por estranho  
caso. Conhecem a trezção ordenada,  
por el Rey: retirãose, & che-  
gão a Melinde, onde  
são bem rece-  
bidos.

CANTO SEGUNDO.



**A** NESTE TEMPO  
o lucido †Planeta,  
Que as horas vay do dia  
distinguindo,  
Chegava à desejada & len-  
ta \*Meta,

A luz celeste às gentes descobrindo:  
E da casa maritima secreta, (brindo:  
Lhe estava o <sup>de or</sup>nocturno Erebo a porta a-  
Quando as infidas gentes se chegarão,  
As naos que pouco auia q̄ ancorarão.

† Planetas são nos ceos hũas estrellas, as quaes se chamão Planetas, porque andão de ca pera la, & não estão nunca firmes: porque como diz Seruio agora estão pera o Norte, agora pera o Sul, agora pera o mundo de debaixo de nõsso Hemispherio, agora sobre o mundo sobre nossas cabeças. Os nomes dos sete Planetas são Saturno, Iupiter, Marte, Sol, Venus, Mercurio, Lua. E o planeta de que aqui fala, he o Sol.

\* Meta he limite posto, té onde está determinado achegar.

† Os Gentios a tudo antiguamente dauão Deoses, & dezião que a noyte tambem tinha quem a fazia, & por isso fingirão, que Erebo era Deos da noite, porque diz Varro que de Erebo naceo a noyte, & fingião os poetas, que era Erebo hum rio infernal.

Dantre elles hum que traz encomenda do  
 O mortifero engano, asfi dezia: 2  
 Capitão valeroso, que cortado  
 Tens de Neptuno o reyno, & lassa via,  
 O Rei que manda esta Ilha aluoraçado  
 Da vinda tua tem tanta alegria,  
 Que não deseja mais que agasalharte,  
 Verte, & do necessario reformarte.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

- 3 E porque está em extremo desejoso  
De te ver, como cousa nomeada,  
Te roga que de nada receoso,  
Entres abarra, tu com toda armada:  
E porque do caminho trabalhoso,  
Traras a gente debil, & cansada,  
Diz que na terra podes reformala,  
Que a natureza obriga a desejala.
- 4 E se buscando vas mercadoria,  
Que produz aurífero Levante,  
Canella, Crauo, ardente especiaria,  
Ou Droga salutifera, & prestante:  
Ou se queres luzente pedraria,  
O Rubi fino, o rigido diamante:  
Daqui leuaras tudo tam sobejo,  
Com que faças o fim a teu desejo.
- 5 Ao mensageiro o Capitão responde,  
As palauras do Rei agradecendo,  
E diz, q̄ porque o Sol no mar se escõde,  
Não entra pera dentro obedecendo,  
Porem q̄ como a luz mostrar por onde  
Va sem perigo a frota não temendo,  
Comprirá sem receio seu mandado,  
Que a mais por tal senhor está obrigado

Perguntalhe despois, se estão na terra 6  
 Christãos como o Piloto lhe dizia,  
 O mensageiro astuto que não erra,  
 Lhe diz, q̃ a mais da gēte em Christo cria  
 Desta sorte do peito lhe desterra  
 Toda a sospeita, & cauta fantasia:  
 Por onde o Capitão seguramente,  
 Se fia da infiel, & falsa gente.

E de algũs que trazia condenados, 7  
 Por culpas, & por feitos vergonhosos,  
 Porque podessem ser aventurados  
 Em casos desta sorte duvidosos:  
 Manda dous mais sagazes, ensaiados,  
 Porque notem dos Mouros enganosos,  
 A Cidade, & poder, & porque vejão,  
 Os Christãos, que so tanto ver desejão.

E por estes ao Rei presentes manda, 8  
 Porque a boa vontade que mostrava,  
 Tenha firme, segura, limpa, & branda,  
 Aqual bem ao cōtrario em tudo estava,  
 Ia a companhia perfida, e nefanda  
 Das naos se despedia, & o mar cortava,  
 Forão com gestos ledos, & fingidos,  
 Os dous da frota em terra recebidos.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

9 E despois que ao Rei apresentarão,  
Co recado os presentes que trazião,  
A Cidade correrão, & notarão  
Muito menos daquillo que querião,  
Que os Mouros cautelosos se guardarão.  
De lhe mostrarem tudo o que pedião.  
Que onde reina a malicia, está o receio,  
Que a faz imaginar no peito alheio.

10 Mas † aquelle que sempre a mocidade,  
Tem no rosto perpetua, & foy nascido  
De duas mães: que vrdia a falsidade,  
Por ver o nauegante destruydo,  
Estaua nua casa da Cidade,  
Com rosto humano, & abito fingido,  
Mostrandose Christão, & fabricaua  
Hum altar sumptuoso que adoraua.

† Diz isto de Baccho, que sempre tem a mocidade no rosto, porque o pintarão os Romanos sem Barba. Diz que nasceo de duas mães, porque foy concebido no ventre de sua mãe, & despois por sua morte fingem os poetas, que seu pae o meteo na sua coxa, onde andou algũs meses, ate se cumprir o restante do tempo que auia de andar no ventre de sua mãe.



Ali tinha em retrato afigurada  
 Do alto & Sancto Spirito a pintura,  
 A candida Fombinha debuxada,  
 Sobre a vnica Fenix Virgem pura,  
 A companhia sancta està pintada,  
 Dos doze tão toruados na figura,  
 Como os que fo das linguas que cayrão  
 De fogo, varias linguas referirão.

Aqui os dous companheiros conduzidos, 12  
 Onde com este engano Baco estaua,  
 Poé em terra os giolhos, & os tentidos  
 Naquelle Deos, q o mundo governaua  
 Os cheiros excellentes, produzidos  
 Na † Panchaia odorifera, queimaua  
 O \* Thineu, & assi por derradeiro  
 O falso Deos adora o Verdadeiro.

† Panchaya, Região de Arabia, toda arenosa, na  
 qual as arvores pello mata dão encenso. Escreue  
 Seruio, que Arabia Panchaya, & a gente dos  
 Sabeos, he a mesma, porque antre todos estes naco  
 o encenso.

\* Thyoneu, he cognome de Baco, de hum vocabulo  
 lo Grego, que se deriva de este nome, q quer dizer sa  
 crificio, porq sendo viuo he sacrificauão ja.

13<sup>a</sup> Aqui forão denoite agasalhados,  
Com todo o bom, & honesto tratamêto  
Os dous Christãos, nã vêdo q enganado  
Os tinha o falso, & sancto fingimento:  
Mas alsí como os rayos espalhados  
Do Sol forão no múdo, & nũ momêto,  
Apareceo no rubido Orizonte,  
Na <sup>†</sup> moça de Titão a roxa fronte.

<sup>†</sup> A moça de Titão he a Aurora. Foy Titão ir-  
mão de Saturno, & marido da Aurora, filho  
do Ceo, & de Vesta.

14 Tornáo da terra os Mouros co recado,  
Do Rei, pera q entrassem, & configo  
Os dous que o Capitão tinha mandado,  
Aquem se o Rei mostrou sincêro amigo:  
E sendo o Portugues certicado,  
De não auer receyo de perigo.  
E que gente de Christo em terra auia,  
Dentro no sallo rio entrar queria.

15 Dizem lhe os q mandou, q em terra virão  
Sãcras aras, & sacerdote sancto,  
Que alli se agasalharão, & dormirão,  
Em quanto a luz cubrio o escuro manto.  
E que

E que no Rei, & gêtes não sentirão  
 Se não contentamento, & gosto tanto:  
 Que não podia certo auer solspeita  
 Nũa mostra tão clara, & tão perfeita.

Co isto o nobre Gama recebia 16

Alegremente os Mouros que subiam,  
 Que leuemente hum animo se fia,  
 De mostras que tão certas parecião:  
 A nao da gente perfida se enchia,  
 Deixando abordo os barcos que trazião  
 Alegres vinhão todos, porque crem  
 Que a presa desejada certa tem.

Na terra cautamente aparelhauão, 17

Armas, & munições q̄ como vissem  
 Que no Rio os nauios ancorauão  
 Nelles ousadamente se sobissem:  
 E nesta treyção determinauão,  
 Que os de Luso de todo destruissem:  
 E que incautos pagassem deste geito  
 O mal que em Moçábique tinhão feito.

As ancoras tenaces vão leuando, 18

Com a nautica grita costumada,  
 Da proa as vellas los ao vento dando,

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Inclinão pera a barra abalísada:  
Mas a linda \*Ericina, que guardando  
Andaua sempre a gente afsinalada:  
Vendo a cilada grande, & tam secreta,  
Voa do Ceo ao mar como hũa seta.

*\* Ericina era hũa mata dedicada a Venus, donde se chamou Venus Ericina.*

- 19 Conuoca as aluas filhas de Nerêo,  
Com toda a mais †cerulea companhia,  
Que porque no salgado Mar nasceo,  
Das agoas o poder lhe obedecia.  
E propondolhe a causa a que deceo,  
Com todos juntamente se partia:  
Pera estoruar que a armada não chegasse  
Aonde pera sempre se acabasse.

*† Ceruleo se chama tudo aquillo que he de cor do ceo azul, & porque o mar parece a azul, se chama ma ceruleo, donde as cousas marinhas se chamarão ceruleas.*

- 20 Ia na agoa erguêdo vão cõ grande pressã,  
Com as argenteas caudas branca e cuma,  
†Cloto co peito corta, & atraueffa  
Com mais furor o mar do que costuma.

Salta Nise, Nerine se arremessa,  
 Por cima da agoa crespa, em força summa,  
 Abrem caminho as ondas encuruadas,  
 De temor das Nereidas apressadas.

† Cloto *Nympha* marinha filha de *Nereo*, & de *Doris*: nomea esta & outras, pera que entenda as mais, & por derradeiro faz menção de todas, falando nas *Nereidas*, filhas de *Nereo*.

Nos hōbros de hū † *Tritão*, cō gesto aceso, 21  
 Vay a linda\* *Dione* furiosa,  
 Não sente quem a leua o doce peso,  
 De soberbo com carga tão fermosa:  
 Ia chegão por donde o vento teso,  
 Enche as vellas da frota belicosa.  
 Repartemse, & rodeão nesse instante  
 As naos ligeiras que hião por diante.

† *Tritão* fingese ser Deos do mar, filho de *Neptuno*, & de *Salacia* *Nimpba* marinha. Fingese trōbeteiro de *Neptuno*, & que vay diante d'elle tangendo sempre com hum buzio.

\* *Dione* he hũa das filhas do Oceano, & de *Tethis*, algũs dizem que desta & de *Iupiter* nãceo *Venus*, dandese chamou *Dionea*.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

22 Põe ali <sup>deusa</sup> Venus com outras, em direito  
Da proa capitaina, & ali fechando  
O caminho da barra estão de geito, (do  
Que em vão assopra o véto, a vela inchã  
Põe no madeiro duro, o brando peito,  
Pera detras a forte não forçando.  
Outras em derredor leuando a estauão,  
E da barra inimiga a desuiuação.

23 Quaes pera a coua as prouidas formigas,  
Leuando o peso grande acomodado  
As forças exercitão, de inimigas,  
Do inimigo inuerno congelado:  
Ali sam seus trabalhos & fadigas,  
Ali mostrão vigor nunca esperado.  
Taes andauão as Nymphas estoruando  
Aa gente Portuguesa o fim nefando.

24 Torna pera detras a nao forçada,  
A pesar dos que leua, que gritando  
Mareão velas, ferue a gente irada, (do,  
O leme a hũ bordo, e a outro atraueffan  
O mestre astuto em vão da popa brada,  
Vendo como diante ameaçando  
Os estaua hum maritimo penedo,  
Que de qbrarlhe a nao lhe mete medo.

A †celeuma medonha se levanta,  
 No rudo Marinheiro que trabalha,  
 O grande estrôdo, a Maura gente espãta,  
 Como se vissem horrida batalla:  
 Não sabem a razão de furia tanta,  
 Nam sabem nesta pressa quem lhe valha,  
 Cuidão que seus enganos sam sabidos  
 E que hão de ser por isso aqui punidos.

† Celeuma, he o çalemco, & grita dos marinheiros,  
 que respondem quando trabalhando na nao, hum  
 çalamea, & todos por hum som, & a bñã voz  
 lhe respondem.

Eilos subitamente se lançaúão,  
 A seus bateis veloces que trazião,  
 Outros encima o mar aleuantauão,  
 Saltando na agoa, a nado se acolhião:  
 De hũ bordo, & doutro subito saltauão,  
 Que o medo os compelia do que vião:  
 Que antes querem ao mar aventurar-se,  
 Que nas mãos inimigas entregar-se.

Assi como em seluatica alagoa,  
 As raás no tempo antigo Lycia gente,  
 Se sintem por ventura vir pessoa,

Estando

Os Lusíadas de Luís de Camões.

Estando fora da agoa incautamente,  
Daqui & dali saltando, o charco soa,  
Por fugir do perigo que se sente,  
E acolhendote ao couro que conhecem,  
Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.

- 28 Assim fogem os Mouros, & o piloto,  
Que ao perigo grande as naos guiara,  
Crendo que seu engano estava noto,  
Tambem foge, saltando na agoa amara,  
Mas por não daré no penedo immoto,  
Onde percão a vida doce & cara:  
A ancora solta logo a capitaina,  
Qualquer das outras juto della amaina.

- 29 Vendo o Gama, atentado a estranheza,  
Dos Mouros não cuidada, & juntamête,  
O Piloto fugir lhe com presteza,  
Entende o que ordenaua a bruta gente,  
E vendo sem contraste, & sem braueza  
Dos ventos, ou das agoas sem corrente,  
Que a nao passar auante não podia,  
Auendo por milagre assi dezia.

- 30 O caso grande, estranho, & não cuydado,  
O milagre clarissimo, & euidente,



O descoberto engano inopinado,  
 O perfida enemiga, & falsa gente,  
 Quem poderâ do mal aparelhado  
 Liurar-se sem perigo sabiamente.  
 Se la de cima a guarda soberana  
 não acudir à fraca força humana?

Bem nos mostro a diuina providencia, 31  
 Destes portos a pouca segurança,  
 Bem claro temos visto na apparencia  
 Que era enganada a nossa confiança,  
 Mas pois saber humano, nem prudência,  
 Enganos tão fingidos não alcança,  
 O tu guarda diuina tem cuidado,  
 De quem sem ti não pode ser guardado.

E se te moue tanto a piedade 32  
 Desta misera gente peregrina,  
 Que so por tua altissima bondade,  
 Da gente a saluas perfida & malina,  
 Nalgum porto seguro de verdade,  
 Conduzirmos ja agora determina,  
 Ou nos amostra a terra que buscamos,  
 Pois so por teu seruiço nauegamos,

Os Lusíadas de Luis de Camões.

33 Oraua o illustre Gama desta sorte.

Quando hũa voz ouuio q̄ do alto vinha  
Dizendolhe, Não temas ver a morte

Tão propinqua ati, & tão vezinha,

Animate, & esforça varão forte,

Que tal empresa, a tal varão conuinha,

Ouindo isto o Gama a tento estaua,

E a voz, que bem se ouuia, assi soaua.

*Famora filha minha*

34 Famosos Portugueses não temais

Perigo algum <sup>nos vossos</sup> jamais em Lusitanos

Nem que <sup>nem quem comigo</sup> nenhum que elles possa mais

Em quantas <sup>que estes choros othos soberanos</sup> gerações ouuer de humanos,

Que eu vos <sup>prometo, filha</sup> fice amigos que vejais

Elquecerense Gregos & Romanos

Pellos illustres feitos que essa gente

Ha de fazer nas partes de Oriente.

35 Que se o facundo †Vlysses escapou

De ser na \*Ogigia Ilha eterno escravo,

E se †Antenor os feios penetrou,

\*Illiricos, & a fonte de †Timauo,

E se o piedoso \*Eneas nauegou,

De †Sicilia, & de Caribdes o mar brauo,

Os vossos môres cousas atentando

Nouos mûdos ao mûdo irão mostrando.

Vlysses

† *Vlyffes capitão Grego, natural & senhor da Ilha de Ithaca. Foy à guerra Troyana con Menelao: inuuntou o cavallo de madeyra, deſpois de terem cercada Troya auia dez annos, ſem a poderem entrar, & com eſte engano a tomou. Vindoſe per a ſua molher Penelope, no caminhe peregrinou vinte annos, antes de chegar à ſua terra: paſſou muitas auenturas, cegou Polifemo Gigante, & outras couſas muitas fez que eſcreue Homero na *Vlyſſea*. Eſte edificou Liſboa.*

\* *Ogigia he hũa Ilha antre o mar de Phenicia, & de Syria. Chamouſe Ogigia, de Ogige Rei dos Thebanos. Neſta Ilha detene Calypſo a *Vlyſſes* muyto tempo.*

† *Antenor foy hum Troyano, a qual dizem que entregou a patria, porque os embayxadores que os Gregos mandarão a Troia, depois que Paris furto Helena, elle os recebeu em ſua caſa, & os hoſpedou. E quando no cerco entrou *Vlyſſes* em traços desconhecidos, elle o conheceo, & não o quis deſcobrir. Deſpois de ſaqueada a cidade, derão lbe os Gregos embarcações, nas quaes ſe meteo com alguns Troianos, & foy ter a *Veneza*. & nella edificou hũa cidade, a que chamou *Antenoria*, deſpois *Patauio*, & agora *Padua*.*

\* *Illiricos, he hum nome adiectiuo, diriuado de Illi*

- Os Lusíadas de Luis de Camões.

ria, Região que confina com Epyro, muy achegada a Italia, chamada Illyria, como diz Appiano, de Illyrio, filho de Polykemo, ou como diz Eustachio do filho de Cadmo. As terras desta região são muy largas, tem de hũa parte Italia, doutra Alemanha, Macedonia, Thracia, & Epyro. Doutra banda, o seio Adriatico, doutra o rio Danubio. De aqui vem a chamar-se seio Illyrico, ou terras Illyricas, &c.

† Timaou, he hum rio junto de Aquilea: o qual vê d' hũs montes, & cae ao pé delles, metendo-se depois pella terra, vay arrebentar no mar dahi a cinco legoas & dous terços, pouco mais ou menos: porque conforme à medida dos antigos, corre este rio por debaixo da terra, 130. Stadios, tem cada Stadio, 125 passos, & cada tres mil passos fazem hũa legoa. Virg. 1. Aeneid.

Antenor potuit medijs elapsis achyuum,

Illyricos penetrare sinus, fontemq, Tymaũ.

\* Eneas foy capitão Troiano, que veio a Italia, despois de Troia destruyda, filho de Anchyses, & de Venus. Chamou-se piedoso, porque tirou seu pae, tirando as costas da cidade, & do fogo que nella ardia.

† Scyla & Caribdis, crão dous baixos muy perigosos que estauão no mar de Sicilia.

Fortalezas, Cidades, & altos muros, 36  
 Por elles vereis inda edificados,  
 Os Turcos belacissimos & duros,  
 Delles sempre vereis desbaratados.  
 Os Reys da India liures, & seguros,  
 Vereis ao Rey potente sojugados,  
 E por elles de tudo em fim senhores,  
 Seráo dadas na tera leis melhores.

*Vereis este*  
 De vos também que agora presuroso 37  
 Por tantos medos o Indo ides buscando  
 Vereis tremer <sup>vete</sup> Neptuno de medroso,  
 Sem vento suas agoas encrespando,  
 O caso nunca visto, & milagroso, (do?  
 Que trema, & ferua o Mar en calma está  
 O gente forte, & de altos pensamentos,  
 Que tábé della háo medo os elementos.

Vereis a terra que a agoa vos tolhia, 38  
 Que inda ha de ser hú porto mui decête  
 Em que vão descançar da longa via, *Moçambique.*  
 As naos que nauegarem do Occidente.  
 Toda esta costa emfim que agora vrdia  
 O mortifero engano, obediente,  
 Vos pagara tributos, conhecendo,  
 Não poder resistir ao Luso horrendo.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

39 E vereis o mar roxo tão famoso,  
Tornar-se-lhe amarello enfiado,

*Disto nas  
historias  
da India.* Vereis de Ormuz o reyno poderoso,  
Duas vezes tomado, & sojugado,  
Ali vereis o Mouro furioso,  
De suas mesmas setas traspassado,  
Que quẽ vay cõtra os vossos, claro veja,  
Que se resiste, contra si peleja.

40 Vereis a inexpugnabil Dio forte,  
Que dous cercos tera dos vossos fendo,  
Ali se mostrará seu preço & sorte,  
Feitos de armas grandissimos fazendo.  
Enuejoso vereis o gran Mauorte,  
Do peito Lusitano, fero, & horrendo:  
Do Mouro ali veráo q̃ a voz extrema  
Do falso Mahamede, o Ceo blasphema.

41 Goa vereis aos Mouros ser tomada,  
A qual vira despois a ser senhora,  
De todo o Oriente, & sublimada,  
Cos triumphos da gente vencedora.  
Ali soberba, altiva, & exalçada,  
Ao †Gentio que os Idolos adora,  
Duro freo porá, & a toda a terra,  
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

† Os Cas-  
naris.

Vereis

Vereis a fortaleza sustentarse,  
 De Cananor com pouca força & gente, 42  
 E vereis Calecu desbaratar-se,  
 Cidade populosa, & tão potente,  
 E vereis em Cochim assinalar-se,  
 Tanto hum peito soberbo, & insolente,  
 Que Cithara jamais cantou victoria,  
 Que assi mereça eterno nome, & gloria.

Nunca com Marte instructo & furioso, 43  
 Se vio feruer† Leucate, quando Augusto  
 Nas ciuís\* Aëtias guerras animoso,  
 O capitão venceo, Romano injusto,  
 Que dos pouos da Aurora, & do famoso  
 † Nilo, & do \*Bactra, † Scitico, & robusto  
 A victoria trazia, & presa rica,  
 Preso da Eglypcia linda, & não pudica.

† Leucate, he hum cabo de terra, que se mete no mar Epyrò. Chamase Leucate, da pedra do mesmo nome a l'ua, que se mete no mar, aonde está hũ templo de Apolo, donde se chama Apolo Leucadio. Ouid. An quia Leucadio semper amata Deo.

\* Guerras Aëtias, entende as guerras que Augusto teue no Cabo & Promontorio de Epyro, onde vencendo Augusto em hũa guerra que teue no mar, a

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Marco Antonio, & Cleopatra, edificou hũa cidade de, & chamoua Nicapolis, em final da victoria. Daqui se deriu a hũ nome adiectiuo, Aëtius, a, um, ou Aëticus, ca, cum.

† Nilo he hum Rio de Egipto, chamado Nilo de Nileo Rey. Com suas cheas rega, & esterca as terras de Egipto, com que as faz fertilissimas. Não Ha quem diga de certo donde naça este rio: algũs dizem que vem do paraíso Terreal, & outros da Serra da Lua. He dos maiores rios do mundo, tem sete bocas por onde arrebeta no mar.

\* Bactra, prouincia de Scythia, alem de Assyria. Chamase Bactra do rio Bactro. He tambem Bactra hum castello, cabeça de toda a Região, ao pé do monte Paropaniso, que antigamente se chamou Zariastes. Os povos desta prouincia chamãose Bactrianos, cujo Rey foy Zoroastes, inuentor da arte Magica. O Reyno Bactriano antiguamente dizẽ que teue mil cidades mui populosas. Escreue Iosepho, que o primeiro que instituyõ esta gente, & lhe deu leys pera viucem, foy Geter, filho de Aram.

† Scythia, he hũa Região do Norte. Chamase de Scythia filho de Hercules. Nasce nella muito ouro, em cuja guarda estão os grifos. Dizem que ha nesta Região homens de hum so olho.

Como



Meio caminho a noite tinha andado, 50  
 E as estrellas no ceo co a luz alheia *Alheia*,  
 Tinhão o largo mundo alumiado, *porq̃ a to*  
 E fo co sono a gente se recreia, *mão do*  
 O capitão illustre ja cansado, *sol.*  
 De vigiar a noite que arreceia,  
 Breue repouso então aos olhos daua,  
 A outra gente a quartos vigiaua.

*mercurio*  
 Quando hũa ~~vizão~~ *visão* em sonhos lhe aparece 51  
 Dizendo, fuge, fuge Lusitano,  
 Da cilada que o Rey maluado tece,  
 Por te trazer ao fim & extremo dano,  
 Fuge, que o vento, & o ceo te faorece,  
 Sereno o tempo tês, & o Oceano,  
 E outro Rey mais amigo noutra partê,  
 Onde podes seguro agasalharte.

Não tês aqui senão aparelhado 52  
 O hospicio que o cru<sup>t</sup> Diomedes daua, *Gosalba*  
 Fazendo ser manjar acostumado, *do,*  
 De cauallos a gente que hospedaua,  
 As aras de \*Busiris infamiado,  
 Onde os hospedes tristes imolaua,  
 Teras certas aqui, se muito esperas,  
 Fuge das gentes perfidas, & feras.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

† Diomedes foy Rey de Etolia, filho de Tideu, & de Deiphiles: o qual se chamou o mais forte dos Gregos. Foy outro deste mesmo nome, muy deshumano & cruel, Rey dos Thracios, o qual apacenzava seus cavalloos com as carnes dos hospedes que lhe vinhão a casa. Mas despois Hercules o matou, & o pos a seus cavalloos que o comessem tambem.

\* Busyris foy filho de Neptuno, & de Lybia. Este foy Rey de Egipto, & mataua os hospedes que lhe vinhão a casa, offrecendoos em sacrificio: mas foy por derradeiro morto por Hercules.

† Imolar, propriamente he matar pera sacrificio.

- 53 Vaite ao longo da costa discurrendo,  
E outra terra acharas de mais verdade  
La quasi junto donde o Sol ardendo,  
† Iguala o dia & noite em quantidade:  
Ali tua frota alegre recebendo  
Hum Rei, com muitas obras de amizade  
Gasalhado seguro te daria,  
E pera a India certa & sabia guia.

† Diuidem os Mathematicos os ceos em cinco libas: bũa chamão Zona frigida, que está no polo Arctico, a outra Zona temperata, ou Tropico do Cancro, a outra do meio Zona Torrida, ou Equator,

*tor. As terras que estão debaixo desta linha, ate o meio caminho pera a Zona Tempereta, assi da bã da do Tropico Capricornio, como do Tropico do Cancro, tem no inuerno & verão, os dias iguالمẽte com as noites. A outra Zona chama-se tambem Temperata, ou Tropico do Capricornio. E a outra se chama tambem a Zona frigida, que está pera o polo Antartico.*

Isto Mercurio disse, & o sono leua

53

Ao capitão, que cõ mui grande espanto  
Acorda, & ve ferida a escura treua,  
De hũa subita luz, & rayo sancto:  
E vendo claro quanto lhe releua,  
Não se deter na terra iniqua tanto,  
Cõ nouo spiritu ao mestre seu mandaua  
Que as velas desse ao vëto q̃ assopraua.

Day velas, disse, day ao largo vento,

54

Que o ceo nos fauorece, & Deos o máda  
Que hum mësageiro vi do claro assento  
Que so em fauor de nossos passos anda:  
Aleuantase nisto o mouimento  
Dos marinheiros, d'hũa & d'outra bãda,  
Leuão gritando as ancoras acima,  
Mostrando a ruda força que se estima.

Neste

Os Lusíadas de Luis de Camões.

56 Neste tempo, que as ancoras leuauão  
Na sombra escura os Mouros escôdidos,  
Manfamente as a marras lhe cortauão  
Por serem, dando aa costa, destruydos:  
Mas com vista de † Lincez vigiauaõ,  
Os portuguezes sempre apercebidos.  
Elles como a cordados os sentirão  
Voando, & não remando lhe fogirão.

† Lynce he nome de hum rey de Scythia, o qual de terminando matar a Tripolemo, foy por Ceres mudado em hum animal chamado Lynce. Lynce he hum animal de varias cores, de costas pintadas, & de vista muy aguda. A ourina deste animal, dizẽ que se endurece como pedra, & da bise traz como pedra preciosa.

† Mas ja as agudas proas apartando,  
57 Hião as vias humidas de argento,  
Affopralhe galerno o vento, & brando,  
Com suaue & seguro mouimento,  
Nos perigos passados vão fallando,  
Que mal se perderão do pensamento,  
Os casos grandes. dõde em tanto aperto  
A vida em saluo escapa por acerto.

Tinha

Tinha húa volta dado o Sol ardente, 58  
 E noutra começaua, quando virão  
 Ao longe dous navios, brandamente  
 Cos ventos nauegando, que respirão,  
 Porque auião de ser da Maura gente,  
 Pera elles arribando, as vellas virão.  
 Hum de temor do mal que arreceaua,  
 Por se salvar a gente, aa costa daua.

Não he o outro que fica tão manhoso: 59  
 Mas nas mãos vay cair do Lusitano,  
 Sem o rigor de Marte furioso, *Sem pela*  
 E sem a furia horrenda de Vulcano, *ja.*  
 Que como fosse debil & medroso,  
 Da pouca gente o fraco peito humano:  
 Não teue resistencia, & se a tiuera  
 Mais dâno resistindo recebera.

E como o Gama muito desejasse, 60  
 Piloto pera a India que buscava,  
 Cuidou q̄ entre estes Mouros o tomasse  
 Mas não lhe soccedeo como cuidava.  
 Que nenhú delles ha q̄ lhe insinasse  
 A que parte dos Ceos a India estaua.  
 Porem dizem lhe todos, que tem perto,  
 Melinde onde acharão Piloto certo.

- 61 Louuão do Rey os Mouros a bondade,  
Condição liberal, sincero peito,  
Magnificencia grande, & humanidade,  
Com partes de grandíssimo respeito.  
O copitão o assella por verdade,  
Porque ja lho dissera deste geito,  
O † Cylenêo em sonhos, & partia,  
Pera onde o sonho e o mouro lhe dezia.

† Mercurio chamase Cylleno, porque tudo acaba  
sem mãos, somente com a pratica: ou porque foy  
criado no monte Cylleno de Arcadia, ou porque o  
criou a Nympha Cyllena.

- Era no tempo alegre, quando entraua  
62: † No roubador de Europa a luz Phebea,  
Quão hũ & outro corno lhe aquêtava  
\* E Flora derramaua o de † Almathea,  
† A memoria do dia renouaua,  
O presuroso sol, que o ceo rodea,  
Em que aquelle a que tudo està sogeito,  
† O fello pos a quanto tinha feito.

† Europa Era hũa Nympha, a qual Iupiter furtou  
& passou alem do mar, tomando figura de hum  
touro, & por isso diz o Poeta o roubador de Eu  
ropa, porque entra Phebo, que he o sol, neste tempo  
no signo do Tauro.

\* Flora foy hũa molher que venerauão os Romanos. Esta adquirio muito dinbeiro com sua vida, & seu corpo, que foy molher solteira. Por sua morte deixou o pouo Romano por seu berdeiro, & deixou certo dinbeiro ao ganho, com cuja renda se fazião cada anno festas solemnes em sua memoria, & chamauãoolhe Floralia, ou logos Floraes: o que parecendo mal ao pouo Romano, por tempo mudarão as festas em outros jogos mais honestos, & fingirão ser ella Deosa das Flores, & aplacauãona quando erão as nouidades boas daa aruores, sementeyras, & vinhos. Eaziãolhe isto cõ toda a deshoz nestidade q̄ podião, conueniente a molher solteyra.

† Almathea foy nome de hũa molher, que criou a Iupiter. Ella & sua irmãõ o criarão com mel, & leyte de cabras.

\* Escreue o Poeta mui doctamente, o dia em que o Senhor descansou das obras que no mundo criou.

Quando chegaua a frota a aquella parte,

Onde o Reyno Melinde ja se via,

De toldos adornada, & leda de arte

Que bem mostra estimar o sancto dia:

Treme a bandeira, voa o estandarte,

A cor purpurea ao longe parecia.

Soão os atambores & pandeiros,

E assi entrauão ledos & guerreiros.

ats. most  
comosi  
de pasco

63

Os Lusíadas De Luis de Camões.

- 64 Enche se toda a praya Melindana,  
Da gente que vem ver a leda armada,  
Gente mais verdadeira, & mais humana  
Que toda a doutra terra atras deixada.  
Surge diante a frota Lusitana,  
Pega no findo a ancora pesada.  
Mádão fora hũ dos Mouros q̄ tomarão,  
Por quẽ sua vinda ao Rey manifestarão.
- 65 O Rey que ja sabia da nobreza  
que tanto os portuguezes engrandece,  
Tomarem o seu porto tanto preza,  
Quanto a gente fortissima merece:  
E com verdadeiro animo, & pureza,  
Que os peitos generosos ennobrece,  
Lhe manda rogar muyto que laissem,  
Pera q̄ de seus Reinos se seruissẽm.
- 66 São offerecimentos verdadeiros,  
E palauras sinceras, não dobradas,  
As q̄ o Rei mada aos nobres caualleiros,  
Que tanto mar & terras tem passadas:  
Mandalhe mais lanigeros carneiros,  
E galinhas domesticas ceuadas,  
Com as fructas q̄ antão na terra avia,  
E a vontade aa dadiua excedia.



Recebe o Capitão alegre mente  
 O mensageiro ledô, & seu recado,  
 E logo manda ao Rei outro presente,  
 Que de longe trazia aparelhado,  
 E carlata purpurea, cor ardente,  
 O ramoso coral fino, & prezado.  
 Que debaxo das agoas mole crece,  
 E como he fora dellas se endurece.

67

Manda mais hum na pratica elegante,  
 Que co Rei nobre as pazes cõcertasse,  
 E que de não sair naquelle instante,  
 De suas naos em terra, o desculpasse.  
 Partido assi o embaixador prestante.  
 Como na terra ao Rey se apressentasse:  
 Com estylo que † Palas lhe ensinava,  
 Estas palauras tais fallando orava.

68

† Palas dantes chamause Tritonia, da alegoa Tritonia, onde appareceo. Despois porque matou ao Gigante Pallante, tomou o nome de Palas. Deriuase de hum vocabulo Grego, πάλαιος, que quer dizer brandir, porque costumou ensinar a brandir a lança, & por isso a fingirão Deosa da guerra. Chama-se tambem Belloona, porque inuẽtoou a guerra. E chama-se Minerva

Os Lusíadas de Luis de Camões.

porque vim minatur, ameaça força. Fingese Deusa  
tambem das artes, & da sabiduria, porque naceo  
da cabeça de Iupiter sem mãe. Tudo isto se finge  
della, por não auer cousa mais nobre que o enge-  
nho & saber, pois por elle tudo se bem gouerna.  
Naceo sem mae, porque vendo Iupiter que sua mo-  
lher Iuno era steril, deu hũa pancada na sua cas-  
beça, & lançou a Palas armada.

- 69 Sublime Rey, a quem do<sup>t</sup> Olimpo puro,  
Foy da Iuma Iustica concedido,  
Refrear o soberbo pouo duro,  
Não menos delle amado que temido  
Como porto muy forte: & muy seguro,  
De todo Oriente conhecido:  
Te vimos a buscar pera que achemos  
Em ti o remedio certo que queremos.

<sup>t</sup> Olympo he hum monte tão alto, que o cume delle  
se chama Ceo, & por isso o tomão pello ceo. Chama-  
mase Olimpo de hum vocabulo Grego, ολοαμπος,  
que quer dizer todo claro, porque passa por riba  
das nuuēs, & continuamente está claro eos raios  
do Sol.

Não somos roubadores que passando  
 Pellas fracas cidades descuidadas,  
 A ferro, & a fogo as gentes vão matádo,  
 Por roubarlhe as fazendas cobiçadas:  
 Mas da soberba Europa nauegando,  
 Himos buscando as terras apartadas,  
 Da India grande & rica, por mandado  
 De hum Rey q̄ temos, alto, & sublimado

Que geração tão dura ahi de gente?  
 Que barbaro costume, & vfança fea,  
 Que não vedé os portos tão semente:  
 Mas inda o hospicio da deserta area?  
 Que ma tenção? q̄ peito em nos se sente?  
 Que de tão pouca gente se arrecea.  
 Que cõ laços armados tão fingidos,  
 Nos ordenassem vernos destruydos?

Mastu, em quem muy certo confiamos  
 Acharse mais verdade, ò Rei benino,  
 E aquella certa ajuda em ti esperamos,  
 Que teue o perdido Itaco em Alcino:  
 A teu porto seguros nauegamos,  
 Conduzidos do Interprete diuino,  
 Que pois a ti nos máda, està muy claro,  
 Que es de peito sincero, humano, & raro

73 E não cuydes, ò Rey que não saisse,  
O nosso Capitão esclarecido  
A verte, ou a servirte, porque visse,  
Ou sospeitasse em ti peito fingido:  
Mas saberas q̄ o faz porque comprisse,  
O regimento em tudo obedecido,  
De seu Rey q̄ lhe manda que não saia,  
Deixádo a frota e nenhũ porto, ou praia

74 E porque he de vassallos, o exercicio,  
Que os membros tem regidos da cabeça  
Não quereras, pois tês de Rei o officio,  
Que ninguem a seu Rey desobedeça:  
Mas as merces, & o grande beneficio,  
Que ora acha em ti, promete q̄ conheça  
Em tudo aquillo q̄ elle e os seus poderẽ  
Em quãto os rios para o mar correrem,

75 Assim dizia, & todos juntamente,  
Hũs com outros em praticas falando,  
Louuauão muito o estamago da gente,  
Que tantos Ceos & mares vay passando  
E o Rey illustre, o peito obediente,  
Dos Portugeses, na alma imaginando.  
Tinha por valor grande, & muy subido,  
O do Rey que he tão longe obedecido.

E com risonha vista, & ledo aspeito, 76  
 Respóde ao Embaixador, q̃ tanto estima  
 Toda a sospeita má tiray do peito,  
 Nenhũ frio temor em vos se imprima:  
 Que vosso preço, & obras sam de geito,  
 Pera vos ter o mundo em muita estima,  
 E quem vos fez mollesto tratamento,  
 Não pode ter, sobido pensamento.

De não sair em terra toda a gente, 77  
 Por obseruar a vsada preminencia,  
 Ainda que me pese estranhamente,  
 Em muito tenho a muita obediencia:  
 Mas se lho o regimento não consente,  
 Nem eu consentirey que a excelencia,  
 De peitos tão leais em si desfaça,  
 So porque a meu desejo satisfaça.

Porem como a luz crastina chiegada, 78  
 Ao mundo for, em minhas almadias,  
 Eu irey visitar a forte armada,  
 Que ver tanto desejo, ha tantos dias.  
 E se vier do mar desbaratada,  
 Do furioso vento, & longas vias:  
 Aqui tera, de limpos pensamentos  
 Piloto, munições, & mantimentos.

79 Isto disse, & nas agoas se escondia,

Sol. O filho de Latona, & o mensageiro  
Coa embaxada alegre se partia  
Pera a frota, no seu batel ligeiro:  
Enchemse os peitos todos de alegria,  
Por terem o remedio verdadeiro,  
Pera acharem a terra que buscauão,  
E assi ledos a noite festejauão.

80 Não faltão ali os rayos de artificio,

oguetes Os tremulos † Cometas imitando,  
Fazem os Bombardeiros seu officio,  
O ceo, a terra, & as ondas atroando.  
Mostrase dos \*Cycoplas o exercicio,  
Nas bôbas que de fogo estão queimado,  
Outros com vozes, có que o Ceo ferião,  
Instrumentos altissonos tangião.

† Cometas são. hũs rayos, que quando ha serenidade se gerão no ar, & correm como estrellas, os quaes dos vapores & exalações da terra, se crião nessa região do ar.

\* Cycop'es são hũs Gigantes de Sicilia que tem hũ so olho na testa, donde se chamão Cycoples, porque em Grego, κύκλος, quer dizer redondo, & ὄφθαλμος, olho. Estes dizem os poetas que são ferreiros, & ministros

stros de Vulcano, & ao pé do monte Aetbna estão  
fazendo rayos & coriscos a Iupiter.

Respondemlhe da terra juntamente, 81

Co rayo volteando, com zonido,

Anda em giros no ar a roda ardente,

Estoura o pó sulfureo escondido:

A grita se alevanta ao Ceo, da gente,

O Mar se via em fogos acendido:

E não menos a terra, & así festeja

Hú ao outro a maneira de peleja,

Mas ja o Ceo inquieto reuolviendo 82

As gentes incitava a seu trabalho,

E ja a <sup>†</sup> máy de Menon aluz trazendo,

Ao sono longo punha certo atalho:

Hiãose as sombras lentas desfazendo,

Sobre as flores da terra, em frio orualho

Quando o Rei Milindano se embarcava

A ver a frota que no mar estava.

<sup>†</sup> A mae de Menon entende Aurora, a qual foy casada com Titão, filho del Rei Laomedonte, o qual Titão foy mancebo muito gentil homem, & namorando se delle a Aurora, o arrebatou, & ouue delle este filho por nome Menon.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

83 Vião se em derredor feruer as prayas  
Da gente, que a ver so concorre leda:  
Luzem da fina purpura as cabaias,  
Lustrão os panos da tecida seda:  
Em lugar de guerreiras azagaias,  
E do arco, que os cornos arremeda  
Da Lúa, trazem ramos de Palmeira,  
Das que vencem coroa verdadeira.

*Sinal de  
paz.*

84 Hum batel grande & largo, que toldado  
Vinha de sedas de diuersas cores,  
Traz o Rey de Melinde, acompanhado  
De nobres de seu Reino, & de senhores:  
Vem de ricos vestidos adornado,  
Segundo seus costumes, & primores.  
Na cabeça húa fota guarnecida,  
De ouro, & de seda, & de algodá tecida.

*Cendal  
grãde.*

85 Cabaia de Damasco rico, & dino,  
Da Tiria cor, entre elles estimada,  
Hum colar ao pescoço de ouro fino.  
Onde a materia da obra he superada,  
Cum resplendor reluze Adamantino,  
Na cinta, a rica adaga bem laurada.  
Nas alparcas dos pès, em fim de tudo,  
Cobrem, ouro & aljofar ao veludo.

*Cor de  
grãã.*

*Com*



Com hum redondo emparo alto de seda, 86  
 Nua alta & dourada astea enxerido,  
 Hum ministro aa solar quentura veda,  
 Que ná offenda & queime o Rei subido  
 Musica traz na proa, estranha & leda,  
 De aspero som, horrissimo ao ouido:  
 De trombetas arcadas em redondo  
 Que sem concerto fazem rudo estrondo.

Não menos guarnecido o Lusitano, 87  
 Nos seus bateis da frota se partia,  
 A receber no mar o Melindano,  
 Com lustrosa & honrada companhia:  
 Vestido o Gama vem ao modo Hispano  
 Mas Francesa era a roupa que vestia,  
 De cetim da Adriatica Veneza,  
 Carmesi, que a gente tanto preza.

De botões douro as mágas vem tomadas, 88  
 Onde o Sol reluzindo a vista cega:  
 As calças soldadescas recamadas,  
 Do metal que Fortuna a tantos nega,  
 E com pontas do mesmo delicadas,  
 Os golpes do gibão ajunta, & achega:  
 Ao Italico modo a aurea espada,  
 Pruma na gorra, hum pouco declinada.

- 89 Nos de sua companhia se mostrava,  
Da tinta que da o <sup>t</sup>Mûrice excelente,  
A varia cor, que os olhos alegrava,  
E a maneira do trajo diferente:  
Tal o fermoso esmalte se notava,  
Dos vestidos olhados juntamente;  
Qual aparece o arco rutilante,  
Da bella \* Nimpha filha de Thaumante.

\* Mûrice he hum bicho, do qual se faz a tinta para a Escarlata fina.

\* O arco da velha, a que chamão os Mathematicos Iris. Fingem os poetas que he mensageiro dos falsos Deoses, de hum vocabulo Grego, *ἵρις*, que quer dizer nunciar.

- 50 Sonoras trombetas incitauão,  
Os animos alegres resonando,  
Cos Mouros os bateis o Mar coalhauão,  
Os toldos pellas agoas arrojando:  
As bombardas horriffonas bramauão,  
Com as nués de fumo o Sol tomando,  
Ameudam se os brados acendidos,  
Tapão cõ as mãos os Mouros os ouvidos

Ia no batel entrou do Capitão

91

O Rey, que nos seus braços o leuava,

Elle co a cortesia, que a rezão

( Por ser Rei ) requeria, lhe falava.

Cúas mostras de espanto, & admiração

O Mouro o gesto, & o modo lhe notava

Como qué em muy grande estima tinha

Gente que de tão longe à India vinha.

E com grandes palauras lhe offerece,

92

Tudo q̄ dos seus Reinos lhe comprisse,

E que se mantimento lhe falece,

Como se proprio fosse lho pedisse:

Dizlhe mais, que por fama bem conhece

A gente Lusitana, sem que a visse.

Que ja ouuio dizer, que noutra terra

Com gente de sua ley tiuesse guerra.

E como por toda Africa se soa

93

Lhe diz, os grádes feitos que fizerão,

Quando nella ganharão a coroa

Do Reino, onde as † Hesperidas viuerão

E com muitas palauras apregoa,

O menos que de Luso merecerão:

E o mais que pella fama o Rei sabia:

Mas desta forte o Gama respondia.

*Hespe-*

Os Lusíadas de Luis de Camões.

† Hesperidas forão filhas de Atlante cujos nomes são Egle, Aretusa, & Hespertusa. Dizem os poetas, que em Affrica tiuerão estas bñas oras, em que aua pmos de ouro, em guarda dos quaes estava hum Dragão muy vigilante, o qual foy morto por mãos de Hercules, o qual entrando o horto, trouxa as maçãs douro a el-Rey Erysteo.

94 O tu que so tiueste piedade  
Rei benigno, da gente Lusitana,  
Que cõ tanta miseria, & aduersidade,  
Dos mares experimenta a furia insana,  
Aquella alta, & diuina eternidade,  
Que o Ceo reuolue, & rege agête huma  
Pois q̃ de tí tais obras recebemos, (na  
Te pague o q̃ nos outros não podemos.

95 Tu so de todos quantos queima Apolo,  
Nos recebes em paz do mar profundo,  
Em tí dos ventos horridos de † Eolo,  
Refugio achamos bom, fido, & jocundo:  
Em quanto apacentar o largo Polo,  
As estrellas, & o sol der lume ao mudo,  
Onde quer q̃ eu viuer, cõ fama & gloria,  
viuirão teus lououres em memoria.

*Eolo, foy filho de Iupiter, Senhor das Ilhas Eo-  
lias. Fingirão os poetas que era Rey dos ventos, por  
que foy o primeiro que teve delles noticia.*

Isto dizendo, os barcos vão remando,  
Pera a frota, que o Mouro ver deseja,  
Vão as naos hũa & outra rodeando,  
Porque de todas tudo note & veja:  
Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,  
A frota co as bombardas o festeja,  
E as trombetas canoras lhe tangião,  
Cos anafis os Mouros respondião.

96

Mas despois de ser tudo ja notado  
Do generoso Mouro que pasmaua,  
Ouvindo o instrumento inusitado,  
Que tamanho terror em si mostrava,  
Mandava estar quieto & ancorado  
Na agoa o batel ligeiro que as leuava,  
Por falar de vagar co forte Gama,  
Nas cousas de que tem noticia & fama.

97

Em praticas o Mouro diferentes,  
Se deleitava, preguntando agora  
Pellas guerras famosas & excelentes,  
Co pouo auidas que a Mahoma adora,

98

Agora

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Agora lhe pergunta pellas gentes  
De toda a<sup>†</sup> Hispheria vltima, onde mora  
Agora pellos pouos seus vezinhos,  
Agora pellos humidos caminhos.

*† Italia, chamada Hesperia, de Hespero, irmão de Atblante. Ou segundo Strab. da Estrela boeira, chamada Hespero, porque está Italia pera o Ponente.*

99 Mas antes valeroso Capitão,  
Nos conta, lhe dizia, diligente,  
Da terra tua o clima, & região  
Do Mundo onde morais distintamente,  
E assi da vossa antiga geração,  
E o principio do Reino tão potente:  
Cos successos das guerras do começo,  
Que sem fabellas, sey q sam de preço.

100 E assi tambem nos conta dos rodeios  
Longos, em q te traz o Mar yrado,  
Vendo os costumes barbaros alheios,  
Que a nossa Affrica ruda tem criado  
Conta: q agora vem cos aureos fieios,  
Os cauallos que o carro marchetado,  
Do nouo Sol, da fria aurora trazem,  
O Vento dorme, o Mar & as ondas jazé.

Daquelle  
dia.

E não

E não menos co tempo se parece,  
 O desejo de ouvirte o que contares,  
 Que quem ha, q̄ por fama não conhece  
 As obras Portuguezas singulares?  
 Não tanto desviado resplandece,  
 De nos o claro Sol, pera julgares.  
 Que os Milindanos tem tam rudo peito  
 Que não estimê muito hum grãde feito.

Cometerão soberbos os † Gigantes, 102  
 Cō guerra vãa, o olimpo claro, & puro,  
 Têtou \* Peritho, & Theseu, de ignorâtes  
 O reino de Plutão horrendo & escuro,  
 Se ouue feitos no mundo tão possantes  
 Não menos he trabalho illustre, & duro  
 Quanto foy cometer Inferno, & Ceo,  
 Que outrem cometa a furia de Nereo:

† Antiguamente fingem os poetas, que pelejarão os Gigantes com os fingidos Deoses, & pera os bõtarem dos Ceos, tomarão tres montes os morés do mundo, os quaes forão Ossa, Pindo, & Olympo, & pondo hũs sobre outros, subirão aos ceos, & começando os falsos Deoses a fugir, Iupiter com hum rayo os destruyó.

\* Perytko & Theseu grandes amigos.

Os Lusíadas de Luis de Camões:  
302 Queimou o insigne templo de Diana,  
Do sutil † Tesifonio fabricado,  
\* Horostrato, por ser dagente humana  
Conhecido no mundo, & nomeado:  
Se tambem cõ tais obras nos engana,  
O desejo de hum nome auentajado.  
Mais razão ha q̃ queira eterna gloria  
Quem faz obras tão dignas de memoria.

† *Tesiphonio Architector.*

\* Os antigos, como crão curiosos de deixarem seu nome, antes de sua morte fazião temples muy sumptuosos, & pera isto poupanão seus Tesouros. Horostrato, como fosse em sua vida muy prodigo, & por sua morte não podesse erguer templo, mādou derribar hum templo de Diana o mais rico que então auia, somente porque se fatalise nelle despois de morto.

F I M.







O CAPITAM DA CON-  
 ta a el Rey de sua patria. Recitase a descripção  
 de toda Europa, & seus contornos. Contase o prin-  
 cipio dos Reis de Portugal, & todas as guerras,  
 que tiuerão: Batalha do campo Dourique: O prin-  
 cipio das cinco quinas: feytos de dom Afonso Ena-  
 riquez. & sua morte. Victoria contra el Rey  
 de Marrocos em Tarifa. Morte de  
 dona Ines de Crasto. Mor-  
 te del Rey don Fer-  
 nando.

CANTO TERCEIRO.



GORA TV + CA- I  
 liope me ensina,  
 O que contou ao Rei o  
 illustre Gama.  
 Inspira immortal canto,  
 & voz diuina,

Neste peito mortal q̄ tanto te ama.  
 Assim o claro inuentor da Medicina,  
 De quem\* Orptheo pariste, o linda dattia:  
 Nũcapor† Daphne, \*Clicie, ou Leucothõe  
 Te negue o amor deuido como soe.

Apolo.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

† Caliope, foy bñã Nympha do Monte Parnaso,  
bñã das noue Musas.

\* Orpheo, foy filho de Apolo, & de Caliope, natural de Thracia, muy curioso da Lyra, que lhe deu Mercurio. Contão os poetas, que foy tão grande Musico, que morrendolhe a molher, foy aos infernos, & com seu canto deleitou tanto as almas infernais, que lhe tornou Plutão Rey dos infernos, sua molher, com condição que a leuasse detras de si, & não olhasse pera tras. Accitou este partido, & como lhe quisesse muito, estando ja quasi fora dos infernos, não se pode ter que não olhasse pera tras, & tornarãolha a tomar, elle enojado disto, não quis mais amar a molher nenbñã.

† Daphne foy bñã Nympha filha do rio Peneo, a qual foy mui querida de Apolo, & ella nunca fez caso delle. Fingem os poetas, que querendoa forçar Apolo, foy mudada em Louro.

\* Clycie, & Leucothôe, forão tambem Nymphas de Apolo.

2. Põe tu Nympha em efeito meu desejo,  
Como merece a gente Lusitana,  
Que veja & saiba o mundo, q̃ do Tejo  
O licor de † A ganipe corre & mana.

Deixa

Deixa as flores de \*Pindo, que ja vejo  
 Banharme Apolo na agoa soberana,  
 Senão direy, que tês algum receio,

Que se escureça o teu querido Orpheio,

*\* Aganippe fonte de Boecia, dedicada às Musas.  
 Dizem os poetas, que os que bebem desta fonte, se  
 tornão sabios.*

*\* Pindo, monte de Thesalia, dedicado a Apollo,  
 & às Musas. Diuide Arcania de Etholia. He  
 tambem nome de hũa cidade de Thesalia, chama-  
 da assi, do proprio monte Pindo, apar da qual está  
 bum rio do mesmo nome.*

Promptos estauão todos escuitando

3

O que o sublime Gama contaria,

Quão depois de hũ pouco estar cuidã

Aleuantando o rostro assi dizia: (do,

Mandas me, ô Rei, que cõte declarando,

De minha gente a gran genealogia,

Não me mandas cõtar estranha historia,

Mas mãdasme louuar dos meus a gloria.

Que outrem possa louuar esforço alheio, 4

Coufa he que se costuma, & se deseja,

Mas louuar os meus proprios, arreceio,

Que louuor tão sospeito mal me esteja.

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
E pera dizer tudo , temo & creio,  
Que qualquer longo tempo curto seja:  
Mas pois o mandas, tudo se te deue,  
Irey contra o que deuo, & serey breue.

5 Alem disso, o q̃ a tudo em fim me obriga,  
He não poder mentir no que disser,  
Porque de feitos tais, por mais que diga  
Mais me ha de ficar inda por dizer:  
Mas porque nisto a ordem leue & siga,  
Segundo o que desejas de saber.  
Primeiro tratarey da larga terra,  
Despois direy da sanguinosa guerra.

6 Entre a † Zona que o Cancro senhorea,  
Meta Septentrional do Sol luzente,  
E aquella, que por fria se arreccea  
Tanto, como a do meyo por ardente,  
Iaz a soberba Europa a quem rodea,  
Pela parte do Arcturo, & do Occidente:  
Com suas falsas ondas o Occeano,  
E pela Austral, o Mar mediterano.

† Nota a descripção que faz das partes do mundo.  
E para entendimento desta oitava, has de saber, q̃  
o Sol faz seu circulo afora do Oriente ao Poente,  
outro

3. parte  
do mundo  
do.  
Norte.  
Sul.

outro differente, que vem sempre furtando do norte ao Sul, & quando se vay afastando do Norte ao Sul, vaynos ca fazendo inuerno: nem pode passar alem do Tropico Capricornio da bāda do Sul, nem do Tropico do Cancro da banda do Norte, q̄ são as duas Zonas temperadas. E entre a Zona do Cancro, & a frigida, está Europa & Portugal: o mais da oitaua, de si fica claro.

Da parte donde o dia vem nascendo,  
 Com Asia se auizinha, mas o Rio  
 Que dos montes † Rifeios vay corrêdo,  
 Na alagoa \* Meotis, curuo & frio  
 As diuide: & o Mar, q̄ fero & horrendo  
 Vio dos Gregos o yrado senhorio:  
 Onde agora de † Troia triumphante,  
 Não vê mais q̄ a memoria o nauegante.

7  
 Rio T  
 nais.

† Os montes Rifeios são de Scythia. Deriuase de hum vocabulo Grego, Ριπίος, que quer dizer, continuo mouimento de ventos: ou chamãose Ripheos por que Riphaat filho de Gomer, instituyou em costumes esta gente.

\* Meotis he bũa alagoa de Scythia, q̄ está pera o Norte. Quasi sempre está co frio congelada.

† Troia, segũdo Seruio, he região de Asia menor, onde esteve a fortaleza Ilio, & os paços de Priamo

Os Lufadas de Luis de Camões,  
que tambem se chamou Troia, del Rey Trae. Cha  
mause Theucris, de Theucro, & Dardania, de  
Dardano. Esta foy destruyda por Agamenon, &  
Menelao Gregos, despois de a terem de cerco dez  
annos.

- 8 La onde mais debaxo está do Polo,  
Os montes † Hyperboreos aparecem,  
E aquelles onde sempre sopra Eolo,  
E co nome dos sopros, se ennobrecem,  
Aqui tão pouca força tem de Apolo,  
Os rayos que no mundo resplandecem.  
Que a neve está contino pellos montes,  
Gelado o mar, geladas sempre as fontes,

† São hũs montes de Scythia, chamados Hyperbo-  
reos, porque Hyper, quer dizer em Grego alem, &  
Boreas Norte, porque estão alem donde começa a  
ventar norte. Diz Eesto, que viuem estes homẽs  
muito tempo mais que os outros, porque são os ares  
mais saudios, & os ventos que respirão muito bõs,

- 9 Aqui dos † Scytas, grande quantidade  
Viuem q̄ antiga mente grande guerra  
Tiuerão, sobre a humana antiguidade  
Cos que tinham então a Eypcia terra;

Mas

Mas quem tão fora estaua da verdade,  
 ( Ia que o juyzo humano tanto erra: )  
 Pera que do mais certo se informara,  
 Ao campo \* Damasceno o perguntara

† Pouos de Scythia, dos quaes atras fica dito, quando faley de Scythia. São homẽs estes que não morão em casas, não tem vestidos de lãa, nẽ de linbo, andão cubertos com pelles de bestas feras: toda sua riqueza he gado: não tem leys, nem Rey. Nenhum peccado antre elles he maior que o furto. Desbaratarão antiguamente a Dario Rey dos Persas, querendo elle sogerialos. Matarão a Cyro, com todo seu exercito. Destruyrão o capitão de Alexandre Magno, com toda sua gente. A guerra de que aqui falla, foy com Cyro Rey de Egipto.

\* Damasco, cidade nobilissima, cabeça de Syria. Plinio, lib. 25. Contra esta cidade hia S. Paulo, quando no seu campo lhe appareceo Christo, & o conuerteo.

Agora nestas partes se nomea,

A † Lapia fria, a inculta \* Noruega,

10

† Escandinauia Ilha, que se arrea,

Das victorias que Italia não lhe nega,

Aqui, em quanto as agoas não refrea,

O congelado Inuerno, se nauega.

O: Lusíadas de Luis de Camões.

Rios de  
Scythia.

Hum braço do \*Sarmatico Oceano,  
Pello Brusio, Suecio, & frio Dano.

† *Lapia* he bñã ilha muy fermosa, aonde reynou  
*Perytho*: os moradores della forão despois pouoar  
*Pindo*, & *Otbris*, montes de *Thesalia*.

\* *Noruega*, he região de Europa, que está da ban-  
da do Norte, contra o mar Oceano de Alemanha.

† *Escandinavia* he bñã ilha do Oceano pera o nor-  
te, a qual *Plin. lib. 4.* diz que he tamanha, que  
não se lhe sabe a grandeza.

\* *Sarmacia*, he bñã região de Scythia, apar do Da-  
nubio, contra a alagoa *Medtis*, da qual o seu mar  
toma o nome Sarmatico. Os Gregos chamão a e-  
stes *Scythas*. *Plin. lib. 4.* diz que cõ leyte de egua  
se mantẽ. Dous *Sarmacias* ha segundo *Ptholomeo*,  
bñã em Europa, a qual como elle conta no lib. 3.  
da banda do Norte se fecha com o Oceano, & do  
Oeste com parte de Alemanha. A outra está em  
*Asia*, como elle diz no lib. 5. a qual do Norte con-  
fina cõ as terras que não estão ainda descubertas.  
do poente com *Sarmacia* de Europa, & co rio *Ta-  
nais*.

Entre



Entre este Mar, & o<sup>+</sup> Tanais viue estranha II  
 Gente\* Ruthenos,† Moscos, & Liuonios  
 Sarmatas outro tempo, & na montanha  
 \*Hircinia, os† Marcomanos sã\* Polonios  
 Sugeitos ao Imperio de Alemanha,  
 São† Saxones, \* Boemios, & Panonios,  
 E outras varias nações, q̄ o † Reno frio  
 Laua, & o\* Danubio, Amasis, e† Albis Rio.

† Tanais rio de Scythia, diuide Asia de Europa,  
 corre do Norte contra o Nilo, hum pouco mais pe-  
 ra o Oriente, & não somente vay correndo pellos  
 Scythas à alagoa Meótis, mas passa pellos Sau-  
 romatas. Algũs creem que se não sabe donde nace.  
 Ptolomeo diz que vem dos montes Ripheos. Ou-  
 tros dizem q̄ está hũa alagoa não muito grande,  
 donde nace o Rio Tanais, & por duas bocas se  
 mete na alagoa Meótis. A opinião de Ptolomeo  
 segue o Poeta, quando neste terceyro canto hum  
 pouco atras dixeu da parte donde o dia vem nas-  
 cendo:

Com Asia se auezinha: Mas o Rio,  
 Que dos montes Ripheos vay correndo,  
 Na alagoa Meótis, curuo & frio  
 As diuide, &c.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

- \* Rutbenos povos de França, não longe de Aluer-  
nia, ou Vbernia.
- † Moscos, povos de Asia, cõtra o Norte. Morão  
segundo Pompon. em casas de madeira. Tem sua  
região apar do rio Phasis.
- \* Hircinia, he hum bosque de Alemanha, que não  
se pode andar em menos de dozentos & noue dias,  
& isto de largo.
- \* Marcomanos, povos de Alemanha, que acompa-  
nharão a Ariouisto Rey, naquella guerra em que  
Cesar os desbaratou.
- \* Polonios, povos de Polonia.
- † Saxones, povos muy illustres de Alemanha, que  
destruyrão Anglia.
- \* Boemia, Região de Europa, alem do Danubio, sua  
Metropolytana he a cidade de Praga, chamada  
antiguamente Boemia, do principe Boemio. He  
mui fresca de aruoredos, & rios. Os povos daqui  
se chamão Boemios. Alguns dizem que he parte  
de Alemanha.
- † Reno Rio de França, que corre do pico dos Al-  
pes, & se mete no mar Oceano.
- \* Danubio, Rio de Scytbia, chamado Isther, nace  
no cume de Sarnobe, monte de Alemanha, & re-  
colbendo em si sesente rios, metese no mar.
- † Albis, Rio de Boemia, diuide Morauia de Boe-  
mia.

*nia. Corre logo pera o Occidente, & despois pera o Norte. Passa por Saxonia, & metese no mar.*

Entre o remoto Istro, & o claro estreito, 12

Aonde<sup>†</sup> Hele deixou, co nome, a vida,

*Istro, Da nubio.*

Estam os Traces de robusto peito,

Do fero Marte, patria tão querida,

Onde co<sup>\*</sup> Hemo, o Rodope sogeito

Ao Otomano está, que sometida,

Bizancio tem a seu seruiço indino,

*Constantinopla.*

Boa injuria do grande Costantino.

<sup>†</sup> *Helis, he hũa cidade de Arcadia, onde se fazião os jogos Olympios, nos quaes morreo Heles, & ficou o nome à cidade.*

<sup>\*</sup> *Hemo, monte de Thracia, de grande vista. Do pico delle dizem todos que se vee o mar Ponto, o mar Adriatico, o rio Istro, & os Alpes. Tẽ duas legoas de alto. Chamase Hemo, del Rey Hemo. Está logo outro monte Rodope, que tomou o nome da irmã de Hemo: & dizem as fabulas, que estes dous irmãos forão mudados em montes.*

Logo de<sup>†</sup> Macedonia estão as gentes,

13

Aquem lava do Axio a agoa fria:

*Grecia.*

E vos tambem, o terras excellentes,

Nos costumes, engenhos, & ousadia.

*Que*

Os Lufiadas de Luis de Camões.

Que criastes os peitos eloquentes,  
E os juizos de alta fantasia:

Com qué tu clara Grecia o Ceo penetras  
E não menos por armas que por letras.

† Macedonia, he hãa região assi chamada de Macedo, filho de Iupiter. Do Oriente confina com Thracia, do Occidente com o pego Ionio, do Sul, con Epyro, do Norte com parte de Dalmacia. Antigualmente, segundo Plin. lib. 4. tinha 150. povos que obedecião a dous Reis. s. Philippe, & Alexandre. Tem hum rio mui nomeado, de que aqui fala o Poeta, que se chama Axio.

14 Logo os † Dalmatas viuem, & no seio,  
Onde Antenor ja muros leuantoú,  
A soberba Veneza estã no meio  
Das agoas, que tãõ baxa começou  
Da terra, hum braço vem ao mar, q̃ cheio  
De esforço, nações varias fogeitou,  
Braço forte, de gente sublimada,  
Nãõ menos nos engenhos q̃ na espada.

† Dalmatas, sãõ povos de Dalmacia, região Illirica: confina com Liburnia da banda do Occidente. Estes forãõ feitos tributarios a Augusto, como escreue Apiano.

Em torno o cerca o Reino Neptunino,  
 Cos muros naturaes, por outra parte,  
 Pello meyo o diuide o<sup>†</sup> Apinino  
 Que tão illustre fez o patrio Marte:  
 Mas despois q̄ o porteiro tem diuino,  
 Perdendo o esforço veio, & bellica arte:  
 Pobre está ja de antiga potestade,  
 Tanto Deos se contenta de humildade:

15

O mar Adriatico.

S. Pedro

<sup>†</sup> Apeninos são hũs montes muy altos, que diuidem  
 França de Italia, & são muy fragosos. Hannia  
 bal os rompeo com muito vinagre, & a custa de  
 muyta gente que lhe morreo, & passouse de Af-  
 frica a Italia, aonde a andou xaqueando ca-  
 torze annos.

<sup>†</sup> Galia ali se verà, que nomeada,  
 Cos Cesareos Triunfos foy no mundo,  
 Que do \* Sequâna, & Ròdano he regada  
 E do Garuna frio. & Reno fundo:  
 Logo os montes da Nimpha sepultada  
<sup>†</sup> Pyrene se leuantão, que segundo,  
 Antiguidades contão, quando arderão,  
 Rios de ouro, & deprata antão correrão.

16

\* Galia, he França, Região de Europa, chama-se  
 Galia, de Gala, que quer dizer leyte, porque sam

os Franceses mui aluos. Cesar a fez toda tributaria ao pouo Romano.

\* Sequana, Rhodano, Garuna, & Reno, são os principaes Rios de França. Vede Cesar, nos liuros de Bello Gallico.

† Os montes que se chamão Pyreneos, da Nympha Pirene, que está nelles sepultada, filha de Bebrice, que Hercules ouue, & se gozou della no monte Pyreneo, aonde agora ella jaz. Este monte he de Espanha, & a diuide de França.

17 Eis aqui se descobre a nobre Espanha,  
Como cabeça ali de Europa toda  
Em cujo senhorio & gloria estranha,  
Muitas voltas tem dado a fatal roda,  
Mas nunca poderã, com força, ou manha  
A fortuna inquieta por lhe nodar:  
Que lha não tire o esforço & oufadia,  
Dos belicosos peitos, que em si cria.

18 Com † Tingitania entesta, & ali parece  
Que quer fechar o mar \* Mediterraneo,  
Onde o sabido estreito se ennobrece,  
Co extremo trabalho do † Thebano:  
Com nações diferentes se engrandece,  
Cercadas com as ondas do Oceano.

Todas de tal nobreza, & tal valor,  
 Que qualquer dellas cuida q̄ he melhor.

† *Tingitana*, prouincia de *Affrica*, aonde está situada a cidade de *Tangere*.

\* O mar *Mediterrano*, he todo o mar do estreito de *Gibraltar* pera dentro.

† *Thebano*, entende *Hercules*, filho de *Iupiter* & *Alcumena*, nacido na cidade de *Thebas*. Este correndo o mundo, chegou à parte aonde agora he o Estreito de *Gibraltar*, & abi abrindo os montes, diuidio *Calpe*, & *Abyla*, & deu caminho ao mar se metesse pella terra dentro, & pos hũa columna em hum destes mōtes, por balisa & termo de seus tão afamados doze trabalhos, & este foy o derredado.

Tem o *Tarragones*, que se faz claro, *Aragão.*  
 Sujeytando † *Partênope* inquieta, 19

\* O *Nauarro*, as *Asturias*, que reparo  
 Ia forão contra a gente *Mahometa*.

Tem o *Galego* cauto, & o grãde & claro  
*Castellano*, a quem fez o seu *Planeta*,  
 Restituidor de *Espanha*, & senhor della,  
*Bethis*, *Lião*, *Granada*, com *Castella*.

I *Partênopes*,

Os Lusíadas de Luis de Camões.

† Parthenopes, he agora a cidade de Napoles. Chamouse Parthenope, da Niupha Parthenope, que ali foy ter.

\* Conta as prouincias de Espanha, s.o Reyno de Nauarra, que tem o limite nos montes Pyreneos: as Asturias, onde se recolherão os Espanhoes, quando Espanha foy tomada dos Mouros, & dahi foy recobrada. E assi vay contando as mais prouincias.

20 Eis aqui quasi cume da cabeça,  
De Europa toda, o Reino Lusitano,  
Onde a Terra se caba, & o Mar começa,  
E onde Febo repousa no Oceano:  
Este quis o Ceo justo, que florea  
Nas armas, contra o torpe Mauritano,  
Deitando de si fora, & la na ardente  
Africa estar quieto o não consente.

21 Esta he a ditosa patria minha amada,  
Aa qual se o Ceo me da, q̄ eu sem perigo  
Torne com esta empresa ja acabada,  
Acabese esta luz ali comigo.  
Esta foy Lusitania, diriuada  
De Lusó, ou Lyfa: que de Bacho antigo  
Filhos forão parece, ou companheiros,  
E nella antão os incolas primeiros.

Esta



Desta o † Pastor nasceo, que no seu nome 22  
 Se ve, que de homê forte os feitos teue,  
 Cujá fama, ninguem vira que dome,  
 Pois a grande Roma não se atreue:  
 Esta o \*velho, q̄ os filhos proprios come,  
 Por decreto do Ceo, ligeiro & leue,  
 Veo a fazer no mundo tanta parte,  
 Criádo a Reino illustre, & foi desta arte.

† O pastor, entende Viriato, que venceu as forças dos Romanos.

\* O velho, entende o tempo, que veo a fazer de Lusitania Reyno.

Hũ Rei por nome † Affõso foi na Espanha 23  
 Que fez aos \*Sarracenos tanta guerra,  
 Que por armas sãguinas, força & manha  
 A muitos fez perder a vida, & a terra:  
 Voando deste Rey a fama estranha,  
 Do † Herculano Calpe, à Caspia serra,  
 Muitos pera na terra esclarecerse,  
 Vinhão a elle, & à morte offercerse.

† Dom Affonso Enriquez, I. Rey de Portugal.

\* Sarracenos, sam os Mouros, de Sarra, molher Habrão, & Agarenos de Agar sua escrava.

† Promontorios no Estreito de Gibraltar.

† foi A.º 6.º da Espanha. não Heu 2.º 4.º

24 E com hum amor intrinseco acendidos

Da Fè, mais q̄ das honras populares,  
Erão de varias terras conduzidos,

*Suas casas.* Deixâdo a patria amada, e proprios lares

Despois que em feitos altos & subidos,  
Se mostrarão nas armas singulares

Quis o famoso Affonso que obras taes,  
Leuassem premio digno, & dôes iguaes.

25 Destes Anrique dizem que seguudo,

Filho de hũ Rey de Vngria exprimétado  
Portugal ouue em forte, que no mundo

Então não era illustre, nem prezado:

E pera mais final damor profundo,

Quis o Rey Castelhanao, que casado,

Con Teresa sua filha o Conde fosse,

E com ella das terras tomou posse.

26 Este despois que contra os descendentes,

*† São os Mouros,* Da esclaua *† Agar,* victorias grâdes teue,

Ganhando muitas terras adjacentes,

*q̄ decēde ue Agar.* Fazendo o que a seu forte peito deue.

Em premio destes feitos excellentes,

Deulhe o supremo Deos, em tēpo breue

Hum filho, que illustrasse o nome vfanô

Do belicoso Reino Lusitano.

Ia tinha vindo Anrique da conquista, 27  
 Da cidade † Hierosolyma sagrada,  
 E do \* Iordão a area tinha vista,  
 Que vio de Deos a carne em si lauada,  
 Que não tédio † Gothfredo a quẽ resistia,  
 Depois de ter \* Iudea sojugada:  
 Muitos que nesta guerra o ajudarão,  
 Pera seus senhorios se tornarão.

† Ierosolyma, cidade de Iudea, ou de Palestina, que  
 tambem se chama Ierusalem. Antiguamente cha  
 mauase Solyma, como diz Egesipo, mas acrecentan  
 do o Rey Cananeo (que por sobrenome teue Iusto)  
 Templo, que edificou os templos dos Solymas, cha  
 mou-se Solyma, porque os Gregos chamão a Ierion  
 Solyma.

\* Iordão rio de Iudea mui suauẽ. Nace ao pẽ do  
 do monte Lybano. Chamase Iordão, de duas fon  
 tes donde nace, das quaes hũa se chama Ior, & ou  
 tra Dam, & assi ajuntando os nomes das duas  
 fontes, o toma o Rio: no qual baptizou S. Ioaõ Ba  
 ptista, & Christo nosso senhor.

† Gothfredia, he hũa região de Europa, que confiz  
 no com Dacia, & Noruega, da qual se chamão os  
 povos Gothfredos, ou Gotbios. São homẽs de gran  
 de estatura, & mui guerreiros, os quẽs antigua  
mente

Os Lusíadas de Luis de Camões.

mente a força das armas destruyrão Italia: & daqui  
veo Gothfredo, que foy Capitão geral da conquista  
da terra sancta.

<sup>†</sup> Iudea, he bũa Região que se diuide em duas par-  
tes, Citerior, & Vltior. A Vltior se chama Pe-  
rea, porque como diz Plinio, está diuidida dos ou-  
tros Iudeus, com o Rio Iordão: tambem porque a  
Região que está alem de Euphrates, se chama Pe-  
reas, como diz Strab. A Citerior se chama França.  
Toda terra de Iudea se chama Palestina.

28 Quando chegado ao fim de sua idade:

As Cbro:  
nicas do  
Reyno.

O forte & famoso Vngaro estremado,  
Forçado da fatal necessidade,  
O spiritu deu, a quem lho tinha dado,  
Ficaua o filho em terra mocidade,  
Em quem o pae deixaua seu traslado:  
Que do mundo os mais fortes igualaua  
Que de tal pae, tal filho se esperaua.

29

Mas o velho rumor, não sei se errado,  
Que en tâta antiguedade não ha certeza  
Cõta, que a mãe tomando todo o estado  
Do segundo<sup>†</sup> Hymeneo, não se despreza:  
O filho orfão deixaua deserdado,  
Dizendo, que nas terras a grandeza,

Do senhorio todo, sua era,  
 Porque pera casar seu pae lha dera.

† *Hymeneo he palavra Grega, quer dizer em  
 liugoagem casamento.*

Mas o Principe Affonso, que desta arte, 30  
 Se chamaua, do auô tomando o nome,  
 Vendose em suas terras não ter parte,  
 q̃ a mãe có seu marido as máda & come,  
 Feruendolhe no peito o duro Marte,  
 Imagina consigo como as tome.  
 Reuoluidas as causas no conceito,  
 Ao proposito firme, segue o effeito.

De Guimarães o campo se tingia, 31  
 Co sangue proprio da intestina guerra,  
 Onde a mãe que tão pouco o parecia,  
 A seu filho negaua, o amor, & a terra,  
 Co elle posta em campo ja se via,  
 E não ve a soberba, o muito que erra.  
 Contra Deos, contra o maternal amor:  
 Mas nella o sensual era maior.

- 32 O † Progne crua, o magica \* Medea,  
 Se em vossos proprios filhos vos vingais  
 Da maldade dos pais, da culpa alheia,  
 Olhai que inda Teresa peca mais:  
 Incontinencia ma, cobiça fea,  
 São as causas deste erro principaes,  
 † Sylla por húa mata o velho pai,  
 Esta por ambas contra o filho vai.

*Incõtinẽs  
 cia,  
 Incõtinẽs  
 cia, & co  
 biça.*

† Nota a comparação que traz, das molheres que matarão filhos & irmãos, por a Incontinencia. Progne, foy filha de Pandione Rey dos Athenienses, casada com Tereo Rey de Tbracia, do qual ouue hum filho chamado Itbis. Esta matou seu proprio filho, por se vingar de seu marido, do adultério que cometeo, com Philomela, irmã della, & o deu a comer a seu marido à mesa.

\* Fingem os Poetas, que fugindo Medea, com Issam, & temendose que seu pai a seguiria, despedasçou hum seu irmanzinho que consigo leuaua, & diuidio os pedaços hũs longe dos outros. Vindo o pai, deteu-se em recolher os pedaços do filho, & assi se escapou Medea.

† Sylla filha de Niso, cortou os cabellos a seu pai, o qual tendoos não podia perecer, & os mādou ao inimigo, que lhe tinha posto cerco,

Mas ja o Priincipe claro, o vencimento, 33  
 Do padraſto & da inica mãy leuaua,  
 Ia lhe obedece a terra num momento,  
 Que primeiro contra elle pelejaua;  
 Porem vencido de Ira o entendimento,  
 A mãy em ferros alperos ataua:  
 Mas de Deos foi vingada em tépo breue  
 Tanta veneração aos pais se deue.

*† Diz que foy vingada, porque a mãe como foy del  
 le preja, vendose em ferros, lançou maldição ao fi-  
 lho que em ferros se lhe quebrassem as pernas: sain-  
 do hum dia dos paços a cavallo o Principe don  
 Affonso, pera a guerra, saindo como digo corren-  
 do pella porta a cavallo, deu com a perna no fer-  
 ro do da porta, & a quebrou, donde se lhe gerou  
 a morte.*

Eis se ajunta o valente Castelhana, 34  
 Pera vingar a injuria de Teresa,  
 Contra o tam raro em gente Lusitano,  
 Aquem nenhũ trabalho agraua, ou pesa  
 Em batalha cruel, o peito humano,  
 Ajudado da Angelica defesa,  
 Não so contra tal furia se sustenta,  
 Mas o inimigo asperrimo affugenta.

- 35 Não passa muito tempo, quando, o forte  
Principe, em Guimarães está cercado,  
De infinito poder, que desta sorte,  
Foy refazerse o inimigo magoado:  
Mas com se offerecer aa dura morte,  
O fiel Egas amo, foy liurado,  
Que de outra arte podera ser perdido,  
Segundo estava mal apercebido.
- 36 Mas o leal vassallo conhecendo,  
Que seu senhor não tinha resistencia,  
Se vay ao Castelhana, prometendo,  
Que elle faria darlhe obediencia.  
Leuanta o inimigo o cerco horrendo,  
Fiado na promessa, & consciencia  
De Egas Moniz: mas não cõsente o peito  
Do moço illustre, a outrem ser sojeito.
- 37 Chegado tinha o prazo prometido,  
Em q̃ o Rey Castelhana ja agardava,  
Que o Principe a seu mádo sometido,  
Lhe desse a obediencia que esperava.  
Vendo Egas que ficava fementido,  
O que d'elle Castella não cuidava,  
Determina de dar a doce vida,  
A troco da palavra mal comprida.



E com seus filhos & molher se parte, 38  
 A eleuantar co elles a fiança,  
 Delcalços, & despídos, de tal arte,  
 Que mais moue a piedade q̃ a vingança.  
 Se pretendes Rey alto de vingarte,  
 De minha temeraria confiança,  
 Dizia, eis aqui venho offerecido,  
 A te pagar co a vida o prometido.

Ves aqui trago as vidas innocentes, 39  
 Dos filhos sem peccado, & da consorte,  
 Se a peitos generosos, & excellentes,  
 Dos fracos satisfaz a fera morte.  
 Ves aqui as mãos, & a lingua delinquêtes  
 Nellas fos exprimenta, toda sorte  
 De tormentos, de mortes, pello estillo  
 De † Scines, & do touro de \* Perillo.

† Os poucos Scinios costumauão atormentar aos delinquentes em hũs cauallos artificiosos, aonde os atormentados padecião pena, que parecia mordero os cães, & por isso se chamanão Scinis, porque Scinis quer dizer em Grego cão.

\* Hum tyranno ouue, por nome Fallaris, que tinha postos premios, a quem lhe inuentasse mais  
cruéis

Os Lusíadas De Luis de Camões.

crueis modos de tormentos. Perilo inuentou hum  
touro de metal, aberto por hũa ilbarga, com sua  
porta, & pella garganta fez hũs buracos com tão  
sutil arte, que metido hum homem dentro, com  
brasas de baxo, gritando, ouiãose de fora naturaes  
berros, espantado o tyranno deste tormento, & da  
pena que daua a hum homem, gastando pouco a  
pouco o lume, lhe dixee que estaua muy delicado.  
Esperando Perillo premio pello que inuentara, o  
mandou o tyranno meter no touro, & por lhe bra-  
sas debaixo, pera ver como berraua. E assi inuen-  
zou pera si mismo, o tormento que cuydou iuen-  
tar pera outros.

40 Qual diante do algóz o condenado,  
Que ja na vida a morte tem bebido,  
Põe no cepo a gargáta: & ja entregado,  
Espera pello golpe tão temido:  
Tal diante do principe indinado,  
Egas estaua a tudo offrecido:  
Mas o Rei vendo a estranha lealdade,  
Mais pode em fim que a irz a piedade.

41 O gran fidelidade Portuguesa,  
De vassallo que a tanto se obrigaua,  
Que mais o + Perfa fez naquella empresa:  
Onde o rostro & narizes se cortaua,

Do que ao grande †Dario tanto pesa,  
 Que mil vezes dizendo sospirava,  
 Que mais o seu Zopiro são prezara,  
 Que vinte Babyonias que tomara.

† Dario, foy Rey dos Persas, reynou trinta & seis annos, auêdo muito que tinha cercado Babylonia, sem a poder tomar, cõ astucia de Zopiro a tomou, o qual Zopyro, porque entrasse em Babylonia des conhecido, cortouse as orelbas, narizes, beiços, & atutilou o corpo todo & rosto, & fingindose fugir pera os Babyloniso, fez como Synõ aos Troianos, & com isto tomou Dario Babylonia. Mas des zia despois o mesmo, que mais quiser a ter o seu Zopiro são, que ter tomado vinte Babyonias. Por morte de Dario succedeo ao Reino, o filho de Xerxis, que elle ouue de Atosa, filha de Cyro.

Mas ja o Principe Affonso apparellaua,  
 O Lusitano exercito ditolo,  
 Contra o Mouro, que as terras habitaua  
 Dalem do claro Tejo deleitoso:  
 Ia no campo d'Ourique se assentaua,  
 O arrayál soberbo, & belicoso,  
 Defronte do imigo Sarraceno,  
 Posto q̃ em força & gête tão pequeno.

43 Em nenhũa cousa outra confiado,  
 Senão no summo Deos que o Ceo regia  
 Que tão pouco era o pouo baptizado,  
 Que pera hum so cem Mouros aueria.  
 Iulga qualquer juizo soffegado,  
 Por mais temeridade que ousadia,  
 Cometer hum tamanho ajuntamento,  
 Que pera hum caualleiro ouuesse ceto.

44 Cinco Reis Mouros são os inimigos,  
 Dos quaes o principal Ismar se chama,  
 Todos experimentados nos perigos  
 Da guerra, onde se alcãça a illustre fama:  
 Seguem guerreiras damas seus amigos,  
 Imitando a fermosa, & forte dama,  
 De qué tanto os Troyanos se ajudarão,  
 E as que o † Termodonte ja <sup>passaram</sup> passaram.

† Termodonte rio de Capadocia, a qual Capadocia  
 he região de Asia, segundo Plinio, Strabo, & Lu-  
 stino. Apar deste rio antiguamēte vinerão as Ama-  
 zonas, cuja Rainha, como conta Diodoro, na boca  
 de Termodonte, edificou hũa cidade, a que cha-  
 mou Termiseyra.

45 A matutina luz, serena & fria,  
 As estrellas do Pollo ja apartaua,

Quando

Quando na cruz o filho de Maria  
 Amostrandose a Affonso, o animaua:  
 Elle adorando quem lhe apparecia,  
 Na Fè todo inflamado assi gritaua,  
 Aos infieis Senhor, aos infieis,  
 E não a mi que creio o que podeis.

Com tal milagre, os animos da gente  
 Portuguesa, inflamados leuantauão,  
 Por seu Rey natural, este excelente  
 Principe, que do peito tanto amauão:  
 Ediante do exercito potente,  
 Dos imigos, gritando o ceo tocauão:  
 Dizendo em alta voz, Real, Real,  
 Por Affonso, alto Rey de Portugal.

Qual cos gritos & vozes incitado,  
 Pola montanha o rabido † Molofo,  
 Contra o touro remete, que fiado,  
 Na força està do corno temeroso:  
 Ora pega na orelha, ora no lado,  
 Latindo mais ligeiro que forçoso,  
 Ate que emfim rompendolhe a gargáta,  
 Do brauo, a força horrenda se quebrâta.

† *Molofo toma pello cão, porque os cães de Molofo são os melbores.*

48 Tal do Rey nouo, o estamago acendido,  
 Por Deos, & polo pouo juntamente,  
 O barbaro comete apercebido,  
 Co animoso exercito rompente:  
 Leuam tam nisto os perros o larido  
 Dos gritos, tocão a arma, ferue a gête,  
 As lanças & arcos tomão, tubas foão,  
 Instrumentos de guerra tudo atroão.

Tröbetas

49 Bem como quando a flama que ateadá,  
 Foi nos aridos campos (asoprando  
 O silibante Boreas) animada  
 Co vento, o seco mato vay queimando:  
 A pastoral companhia, que deitada  
 Co doce sono estaua, despertando,  
 Ao estridor do fogo que se atea,  
 Recolhe o fato, & foge pera a aldea.

Cõpara.

50 Desta arte o Mouro atonito & toruado,  
 Toma sem tétó as armas muy de pressa,  
 Não foge: mas espera confiado,  
 E o ginete belligero arremessa:  
 O Portugues o encontra denodado,  
 Pellos peitos as lanças lhe atrauessa:  
 Hús caem meios mortos, & outros vão  
 A ajuda cõnuocando do Alcorão.

Ali

Ali se vem encontros temerosos, 51  
 Pera se desfazer hũa alta ferra,  
 E os animais correndo furiosos,  
 Que Neptuno amostrou ferindo a terra:  
 Golpes se dão medouhos, & forçosos,  
 Por toda a parte andaua acela a guerra:  
 Mas o de Lufo, arnes, couraça, & malha,  
 Rompe, corta, desfaz, abola & talha.

Cabeças pello campo vam saltando, 52  
 Braços, pernas, sem dono & sem sentido,  
 E doutros as entranhas palpitando,  
 Palida a cor, o gesto amortecido.  
 Ia perde o campo o exercito nefando,  
 Correm rios do sangue disparzido  
 Com q̃ tambem do campo a cor se perde  
 Tornando carmesi de branco & verde.

Ia fica vencedor o Lusitano 53  
 Recolhendo os trofeos & presa rica,  
 Desbaratado & roto o Mouro Hispano,  
 Tres dias o gram Rei no campo fica:  
 Aqui pinta no branco escudo vfano,  
 Que agora esta victoria certifica:  
 Cinco escudos azues esclarecidos,  
 Em final destes cinco Reis vencidos.

54 E nestes cinco escudos pinta os trinta  
Dinheiros, porque Deos fora vendido,  
Escreuendo a memoria em varia tinta,  
Daquelle de quem foy fauorecido,  
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,  
Porque assi fica o numero comprido:  
Contando duas vezes o do meio,  
Dos cinco azues q̄ em cruz pintado veio.

55 Passado ja algum tempo, que passada  
Era esta grão victoria, o Rey subido  
A tomar vay Leiria que tomada  
Fora muy pouco auia, do vencido:  
Con esta a forte Arronches sojugada  
Foy jútamête: & o sempre ennobrecido,  
Scabelicastro, cujo campo ameno,  
Tu claro Tejo regas tão fereno.

56 A estas nobres villas sometidas  
Ajúta tambem Mafra, em pouco espaço,  
E nas ferras da Lua conhecidas,  
Sojuga a fria Sintra, o duro braço,  
Sintra, onde as <sup>†</sup>Naiades escondidas  
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:  
Onde Amor as enreda brandamente,  
Nas agoas acendendo fogo ardente:



† Naiades são as Nymphas das fontes, & diz isto porque he Sintra mui victiosa de fontes.

E tu nobre Lisboa, que no mundo, 57  
 Facilmente das outras es princeza,  
 Que edificada foste do facundo,  
 Por cujo engano foy Dardania acesa:  
 Tu a quem obedece o Mar profundo,  
 Obedecestes aa força Portuguesa.  
 Ajudada tambem da forte armada,  
 Que das † Boreais partes foy mandada.

† Lisboa foy tomada aos Mouros, com ajuda de  
 bũa armada de Inglaterra. Chamalhe gentes das  
 partes Boreais: como se dissesse das partes do  
 Norte.

Chama tambem a Inglaterra Bretanha, porque  
 antiguamente se chamaua Bretanha, o que agora  
 chamamos Inglaterra.

La do Germanico Albis, & do Reno, 58  
 E da fria Bretanha conduzidos,  
 A destruir o pouo Sarraceno,  
 Muitos com tenção sancta erão partidos  
 Entrando a boca ja, do Tejo ameno,  
 Co arrayal do grande Affonso vnidos.

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Cuja alta fama antão subia aos Ceos,  
Foy posto cerco aos muros Vlysseos.

59 Cinco vezes a Lúa se escondêra,  
E outras tantas mostrâra cheio o rosto,  
Quando a cidade entrada se rendêra,  
Ao duro cerco que lhe estaua posto.  
Foy a batalla tão sanguina & fera,  
Quanto obrigaua o firme profuposto:  
De vencedores asperos, & ousados,  
E de vencidos, ja desesperados.

60 Desta arte em fim tomada se rendeo,  
Aquella que nos tempos ja passados  
Aa grande força nunca obedeceo,  
Dos frios pouos Sciticos ousados:  
Cujoo poder a tanto se estendeo, (dos.  
Que o † Ibero o vio, & o Tejo amedrôta  
E em fim cõ \* Bethis tanto algũ poderão,  
Que â terra de † Vandalia nome dêrão.

† Ibero, rio de Espanha, nasce contra os Cantabros,  
& dahi a vinte legoas se mete no mar Dálearico.  
Chamouse Ibero, do Rey Ibero. Daqui Iberia se  
chama parte de Espanha, que se contem neste rio,  
ainda q̃ geeralmete se tome Iberia pella Espanha.

Bethis

\* *Bethis, Rio de Espanha V lterior, do qual se chama tambem Bethica. As terras que este rio rega, chamauão antiguamente os moradores Turdetana, & agora Granada.*

† *Vandalia, Região de Europa contra o Norte. Chamase Vandalia, do rio Vandalo que a rega.*

Que cidade tão forte, por ventura 61

Auera que resista, se Lisboa

Não pode resistir à força dura

Da gente, cuja fama tanto voa?

Ia lhe obedece toda a Estremadura,

Obidos, Alanquer, por onde soa

*Termo d'*

O tom das frescas agoas, antre as pedras

*Lisboa.*

Que murmurádo lousa, & Torres vedras.

E vos tambem, ô terras Transtaganas, 62

Affamadas com dom da flaua † Ceres,

*Alentejo.*

Obedeceis às forças mais que humanas,

Entregandolhe os muros, & os poderes.

E tu laurador Mouro, que te enganas

Se sustentar a fertil terra queres.

Que Eluas, e Moura, e Serpa, conhecidas

*Villas de*

E Alcaçare do sal, estão rendidas.

*Alentejo.*

*Isto diz porque as terras de Alem Tejo são muito*

Os Lusíadas de Luis de Camões,  
ferteis, porque Ceres tinbão os Gentios por Deosa  
da sementeira, por ser a primeira que inuentou a  
lauoura.

63 Eis a nobre Cidade, certo assento,  
Do rebelde † Sertorio antigamente,  
Onde ora as agoas nitidas de \* argento,  
Vem sostentar de longa a terra & a gête  
Pelos arcos reaes que cento & cento  
Nos ares se leuantão nobremente.  
Obedeceo, por meio & oufadia  
De † Giraldo que medos não temia.

\* Sertorio foy hum capitão dos Romanos. Escre-  
ueo Plutarcho delle muitas cousas, & feytos que  
fez, antre os quaes escreue hum, que me pareceo  
digno de o por aqui, porque foy homem Plutarcho  
a quem se deue dar credito. Diz elle, que indo Ser-  
torio por Affrica, passando o lugar a que chamão  
Tyngé, que está em Lybia, vio hũa sepultura mui  
grande, & de estranho comprimento, cõ hum Epy-  
taphio que dezia, Aqui jaz Anteo. Mandou des-  
cubrir a sepultura, & achou ainda a armação dos  
ossos posta por ordem. Era tão grande o Gigante  
Anteo, que tinha corenta couados de comprido.  
Causa por certo pera ver deuia ser esta. Chermalbe  
rebelde

rebelde o Camões, porque conjurou cõtra a patria,  
& leuantandose com a Cidade de Euora, & suas  
comarcas, matou em batalha o capitão daquella  
prouincia, & fez seu assento na cidade.

\* Conta os arcos por onde vë a agoa à cidade. Cha  
malhe argento, porq̃ se chama agoa da prata.

† Foy tomada aos Mouros por Giraldo sem pavor.

Ia na cidade Beja vay tomar,  
Vingança de Trancoso destruida,  
Affonso que não sabe fofegar,  
Por estender co a fama a curta vida:  
Não selhe pode muito sostentar  
A Cidade: mas sendo ja rendida,  
Em toda a couza viua, a gente yrada,  
Prouando os fios vay da dura espada.

46

Com estas sojugada foy Palmella,  
E a † piscosa Cizimbra, & juntamente  
Sendo ajudado mais de sua estrella  
Desbarata hum exercito potente:  
Sentio o a Villa, & vio o a serra della,  
Que a socorrella vinha diligente.  
Pella fralda da serra descuidado,  
Do temeroso encontro inopinado.

47

† Chama piscosa, porq̃ em certo tẽpo se ajunta ali  
grãde cãtidade de piscos, pera se passarẽ a Africa.

66 O Rey de Badajoz era alto Mouro,  
Com quatro mil cauallos furiosos,  
Innumeros piões, darmas & de ouro  
Guarnecidos, guerreiros & lustrosos:  
*Compara* Mas qual no mes de Maio obrauo Touro  
*ção.* Cos ciumes da vaca, arreceosos,  
Sentindo gente o bruto, & cego amante  
Saltea o descuydado caminhante.

67 Desta arte Affonso subito mostrado,  
Na gente dá, que passa bem segura,  
Fere, mata, derriba denodado,  
Foge o Rei Mouro, & so da vida cura  
Dum † Panico terror todo assombrado,  
So de seguillo o exercito procura.  
Sendo estes que fizerão tanto aballo,  
No mais que so sesenta de cauallo.

† Pan em Grego, chama-se incubo. Incubos são as Phantasmas que de noite aparecem, & fazem medo. Deste nome Pan derivou o Camões aqui Panisco, medo, ou terror.

68 Logo segue a victoria sem tardança,  
O grão Rei incansabil, ajuntando  
Gentes de todo o Reino, cuja vfança  
Era andar sempre terras conquistando,  
Cercar

Cercar vay Badajoz, & logo alcança  
 O fim de seu desejo, pelejando  
 Com tanto esforço & arte, & valentia,  
 Que a fez fazer às outras companhia.

Mas o alto Deos, que pera longe guarda, 69  
 O castigo daquelle que o merece,  
 Ou pera que se emmende às vezes tarda,  
 Ou por segredos q̄ homem não conhece  
 Se ate qui sempre o forte Rey resguarda  
 Dos perigos a que elle se offerece.  
 Agora lhe não deixa ter defesa,  
 Da maldição da máy q̄ estaua presa,

Que estando na cidade que cercâra 70  
 Cercado nella foy dos Lioneses,  
 Porque a conquista della lhe tomâra,  
 De Lião sendo, & não dos Portugueses,  
 Apertinacia aqui lhe custa cara,  
 Assim como acontece muytas vezes,  
 Que em ferros q̄bra as pernas, indo aceso  
 Aa batalha onde foy vencido & preso.

O famoso † Pompeyo não te pene, 71  
 De teus feitos illustres a ruyna,

Os Lusíadas de Luis de Camões  
Nem ver que a justa Nemesis ordene,  
Ter teu sogro de ti victoria dina  
Posto que o frio \* Fasis, ou † Syene  
Que pera nenhū cabo a sombra inclina:  
O \* Bootes gellado, & a linha ardente,  
Temessem o teu nome geralmente.

\* Pompeio depois de ter alcançado grande nome foy desbaratado por seu sogro Cesar, & fugindo pera Ptholomeu Rey de Egipto, foy pello dito Rei morto, o qual com medo o mandou matar, & offercer a sua cabeça a Cesar, cuydando fazerlbe a vontade. Cesar enojado disto, foy contra Ptholomeu, por esta treyção que fizera a quem lbe vinha pedir socorro, & o desbaratou.

\* Fasis, he hum grande rio de Colchos, o qual como escreue Ambros. no lib. Hexa. corre da banda do Norte do monte Caucaço, & com outros muytos se mete no mar Euxinio. Plin. lib. 6. diz, que por qualquer destes rios se pode nauegar com nauios de alto bordo.

† Syene cidade muy nobre na comarca de Ethyopia, & de Egipto, sobre Alexandria. Está em direito debayxo do Tropico do Cancro, & o que o Poeta aqui diz, que pera nenhum cabo a sombra inclina, entende se desta maneira. Quando o Sol acbega ao Tropico do Cancro, porque então  
segundo



segundo Plinio no lib. 2. ao meio dia em Syene sombra nenhũa faz hũa pessoa, nem outra qualquer cousa. O mesmo diz Lucano, lib. 2. *Vmbras nusquam flectente Syene.*

\* Bootes, he o Setestrello, entende a linba frígida, do polo Arctico.

Posto que a rica Arabia, & que os feroces 72

† Eniocos: & \* Colcos, cuja fama

† O veo dourado estêde: e os \* Capadoces

E Iudea, que hum Deos adora & ama,

E que os molles † Sofenos, & os Atroces,

\* Silicios, com a † Armenia, que derrama

As agoas dos dous Rios, cuja fonte

Està noutro mais alto & sancto Monte,

† Eniocos, são pouos da ilha Eni, a qual ilha segundo Ptholomeo, está apar do seio Arabico. Estas terras todas q̃ o poeta refere, são as q̃ venceo Pôpeio.

\* Colchos he hũa região apar do Ponto, reyno de Oeta Rey. Tem em si o monte Caucaço, & o mar Calpio, & Hircano.

† Dezião os antigos, que nesta ilha, ou região de Colchos, auia hum veo de ouro de muito preço, nomeado por todo o mundo, com cuja fama se ennobrecia Colchos. Iasam fazendo hũa embarcação, se meteo nella com outros, algũs seus  
compa-

Os Lusíadas de Luis de Camões.

companheiros, & serão tomar este veo. E porque ate este tempo não auia quem tiuesse nauegado, chamarãose os companheiros de Iasam Argonautas.

\* Capadoces, são os pouos de Capadocia, Região de Ponto, a qual como escreue Solino, da mão esquerda chega a ambas as Armenias, da direita mesturada com muitos pouos de Asia, chega ate o cume do monte Tauro. Diz Ptholomeo, que he Capadocia Armenia menor.

† Sofenos, são hũs pouos mui mimosos de Armenia maior, segundo Strabo.

\* Silicios, se chamão de Silis Rio de Veneza, o qual em nascendo se mete em hũa alagoa.

† Armenia, Região de Asia, antre o monte Tauro, & o Caucaço está posta. De Capadocia estendese ate o mar Caspio. Strabo, & Plinio, no lib. 6. dizẽ que se chamou Armenia, de Armenio, companheiro de Thesalo. Ha duas Armenias, maior, & menor: a maior corre alem de Media, pera o Occidente. Esta como escreue Ptholomeo, tem da banda do Norte Colchos, Hyberia, & Albania. Do Poente, grande parte do Euphrates, ao qual fica da banda direita Capadocia, Armenia menor, & Syria Comagerie. Do Oriente parte do Mar Hircano, contra Media os montes de Caspio se leuantão. Do Sul,

Sul, tem Mesopotamia & Assyria. Os montes de Armenia são os Moschisões, os quaes se levantão sobre parte do Ponto, contra Cappadocia. O monte Priades: tem fontes: Euphrates & Araxes rios. Tẽ tambem o monte Antitauro, por meio do qual passa Euphrates: Cordica, do qual nace o rio Tigris: Tauro, & Niphates, os quaes diuidem Mesopotamia & Assyria das Armenias: os montes Cassios, & os Caucasos. Tem quatro rios: Cyro, que nace do Monte Caucaço, & deixando à mão esquerda Hyberia & Albania, & Armenia da direita, se mete no pego Hircano, Araxes, Phasis, & Lyco, Tygris, & Euphrates.

E posto em fim q̄ desdo mar de<sup>†</sup> Athlante, 73

Ate o Scitico \*Tauro, monte erguido,

Ia vencedor te vissem, não te espante,

Se o campo <sup>†</sup>Emathio so te vio vencido,

Porque Affonso veras soberbo, & ouate

Tudo render, & ser despois rendido. *Trium-*

Assi o quis o conselho alto celeste,

Que vença o sogro a ti, & o gẽro a este. *phador.*

<sup>†</sup> Mar de Athlante he o que se mete em Lybia, & ilhas Fortunadas, que são agora as Canarias, como algũs dizem: & os que dizem que são as ilhas Terceyras,

Os Lusíadas De Luis de Camões.

ceiras, enganãose, porque das ilhas Atblanticas & Abyla, não são mais de mil stadios, que são sos quatrocentas & dezassis legoas & dous terços.

\* Tauro, monte mui alto, que se levanta do mar Indico. Da mão direita corre ao Norte, & da esquerda ao Sul. Hum está em Scythia, & outro em Armenia, deste mesmo nome.

† Campo Emathio, da região Emathia, que está em Macedonia. Chamase por outro nome Farsalia ou Campo Philippico. Chamouse Emathia, de Emathião Rey, irmão de Menon, que foy filho da Aurora & Titão. Neste campo he dõde Iulio Cesar teue a batalha campal nas guerras civis, com Pompeio seu genro, aonde foy Pompeio destruido & desbaratado. Lucano, no lib. 1. *Bella per Emathios, plusquàm civilia campos.*

74 Tornado o Rei sublime finalmente,  
Do diuino juyzo castigado,  
Despois q̄ em Santarem soberbamente;  
Em vão dos Sarracenos foy cercado.  
E despois que do Martyre Vicente,  
O sanctissimo corpo venerado  
Do sacro promontorio conhecido  
Aa cidade Vlyssæa foy trazido.

Cabo de  
S. Vicente.

Porque

Porque leuasse auante seu desejo, 75  
 Ao forte filho manda o lasso velho,  
 Que às terras se passasse dalentejo,  
 Com gente, & co beligero aparelho:  
 Sancho, desforço & danimo sobejo,  
 Auante passa, & faz correr vermelho,  
 O rio que Seuilha vay regando,  
 Co sangue Mauro, barbaro & nefando,

E com esta victoria cobiçoso,  
 Ia não descança o moço ate que veja, 76  
 Outro estrago como este temeroso  
 No barbaro que tem cercado Beja.  
 Não tarda muito o principe ditoso,  
 Sem ver o fim daquillo que deseja.  
 Assim estragado o Mouro, na vingança  
 De tantas perdas poem sua esperança,

Ia se ajuntão do monte, a quem † Medusa 77  
 O corpo fez perder, que teue o Ceo:  
 Ia vem do promontorio de Ampelusa,  
 E do Tyngue que assento foy de \* Anteo  
 O morador de Abila não se escusa,  
 Que tambem com suas armas se moueo:  
 Ao som da Mauritana & ronca tuba,  
 Todo o Reino que foy do nobre Iuba,

Os Lusíadas de Luis de Camões.

† Atblas foy Rey de Mauritania, primeiro inuentor da Astrologia, & por isso dizem os poetas que sostem os Ceos na sua cabeça. Este sendo auisado do Oraculo que se guardasse de hum filho de Iupiter, porque os não conbecia, a ninguem queria receber em sua casa: do que afrontado Perseo, filho de Iupiter, lhe mostrou a cabeça de Medusa, & o conuérteo em monte, a qual cabeça tudo tornaua em pedra, olhandoa.

\* Antheo, foy filho de Neptuno, & da terra, Gigante mui grande, era de quarenta couados dalto, mui forçoso. Naquelle parte de Affrica, a que chamaõ Lybia, teue hum castello por nome Lyxo, o qual lagar se chama os paços d'Anteo. Era grande lutador, & como cansaua, lançandose na terra sua mãe, cobraua forças de nouo. Lutando cõ Hercules, & cansando, recuperaua as forças deitando se no chão, o que entendendo Hercules, o ergueo, & apertandoo mui rijo, o arrebentou. Conta Plutarcho, que em Tingelugar de Abyla, mandou Sextorio abrir a sepultura d'Anteo, & lhe achou o corpo na armação dos ossos, imagina leetor que pasreceria.

† Iuba, Rey de Affrica, do qual se diz que iunentou a concordancia de vozes pessoaes, pera cantar concordes.

Entraua

Entrava com toda esta companhia  
 O Miramamolini em Portugal,  
 Treze Reis Mouros leua de valia,  
 Entre os quaes tem o ceptro Imperial:  
 E assi fazendo quanto mal podia,  
 O que em paites podia fazer mal.  
 Dom Sancho vay cercar em Santarem,  
 Porem não lhe succede muito bem.

Dalhe combates asperos, fazendo  
 Ardis de guerra mil, o Mouro iroso,  
 Não lhe aproueita ja<sup>t</sup> trabuco horrendo  
 Mina secreta, \*Ariete forçoso:  
 Porque o filho de Affonso, não perdêdo  
 Nada do esforço, & acordo generoso,  
 Tudo prouê com animo & prudencia,  
 Que é toda a parte ha esforço, e resisten

(cia.

<sup>t</sup> Trabuco, he hum instrumento, com que lançam  
 pedras mui grandes nas cidades. Dião vsauão os  
 antigos, porque não tinbão ainda artilberia. E tã-  
 bem oje se vsam, porque estando eu no cerco de  
 Chaul, fizeram os Mouros do Melique dous, com  
 que nos fazião muito dano.

\* Ariete, era hum instrumento da guerra, de que  
 os antigos vsauão pera bater os muros, quando não

87 *tinhão ainda inuentada artelbaria. Chamouse Ariete a'hum nome Latino Ariés, que quer dizer carneiro, porque tinhão estes Arietes dous cornos, & marraão como carneiros, porque tirãdoos hum pouco pera tras os arremessauão a arrombar o muro: agora chamase Vayuem.*

89 Mas o velho a quem tinhão ja obrigado

Coimbra

Os trabalhosos annos, ao sossego,

Estando na Cidade, cujo prado,

Enuerdecem as agoas do Mondego;

Sabendo como o filho está cercado,

Em Santarem, do Mauro por o cego,

Se parte diligente da cidade,

Que não perde a presteza co a idade.

81 E co a famosa gente à guerra usada,

Vay socorrer o filho, & aysi juntados,

A Portuguesa furia costumada,

Em breue os Mouros tem de sbaratados:

A campina que toda està qualhada

De marlotas, capuzes variados,

De cauallos jaezes, presa rica,

De seus senhores mortos chea fica.

82 Logo todo o restante se partio

De Lusitania, porcos em fugida,



O Miramamolini lo não fogio,  
 Porque antes de fugir lhe foga a vida.  
 A quem lhe esta victoria permittio,  
 Dão louvores & graças sem medida:  
 Que em casos tão eſtranhos claramente,  
 Mais peleja o fauor de Deos, q̄ a gente.

De tamanhas victorias triumphaua 83  
 O velho Affonſo, principe ſubido,  
 Quando quê tudo em fim vécêdo andaua  
 Da larga & muita idade foy vencido,  
 A <sup>†</sup>palida doença lhe tocaua,  
 Com fria mão o corpo enfraquecido,  
 E pagarão ſeus annos deſte geito,  
 Aa triſte \*Libitina ſeu dereito.

<sup>†</sup> *Pallida, quer dizer amarella: a doença não he amarella, nem roxa, antes he nada, pois he priuação de ſaude: mas chamalhe a marella, pello effeçto q̄ faz, porque torna os homẽs amarellos. Eſte meſmo Epytheto tem a morte.*

\* *Lybityna he o meſmo que Proſerpina, tinha bũ templo, no qual ſe vendião, cõ prauão, & alugauão ſomẽte as couſas q̄ pertencião aos defunçtos, como eſcreue Plutarcho, nos Probl. Tomae ſe muitas vezes pellas obſequias, ou morte, ou pella tũba, porq̄*

Os Lusíadas de Luis de Camões.

no seu templo se vendia como dito he, o necessario  
pera enterrarem os corpos. Donde dixe Tito Lúvio:  
Tanta peste ouue, que não podia Libitina suprir o  
necessario pera sepultura dos mortos.

- 84 Os altos promontórios o chorarão,  
E dos rios as agoas saudosas,  
Os semeados campos alagarão,  
Com lagrimas correndo piadosas:  
Mas tanto pello mundo se alargarão  
Com fama suas obras valerosas,  
Que sempre no seu Reino chamarão,  
Affonso, Affonso os †eckos, mas em vão:

† Ecko, he a voz que ouuimos nos valles concavos,  
retumbar. Resultão estas vozes em lugares de bos  
beda, ou concavos, porque rompendo a voz o ar,  
vay dar naquella paragem, & querendo ir por ci-  
ma acha impedimento, por onde torna pera tras,  
& torna a ouirse a voz que se lança. Ha muitos  
Eckos, que respondem duas & tres vezes, lançan-  
do hũa soo voz. Na cidade de Cyzico estão hũa  
torres, que sete vezes respondẽ a hũa soo voz. No  
Portico Pio, tambem está hum lugar que respon-  
de sete vezes, como diz Lucrecio que elle vio.

*Sex etiam, ac septem loco vidi reddere voces,*

*Vna cum iaceres, ita colles collibus ipsi.  
Verba repulsantes iterabant verba referri.*

Sancho forte mancebo, que ficàra 85

Imitando seu pay na valentia,

E que em sua vida ja se esprimentàra,

Quando o Betis de sangue se tingia,

E o barbaro poder desbaratàra,

Do Ismaelita Rey de Andaluzia.

E mais quãdo os q̄ Beja em vão cercarão

Os golpes de seu braço em si prouarão.

Despois que foy por Rey aleuantado, 86

Auendo poucos annos que reinaua,

A cidade de Silues tem cercado,

Cujos campos o barbaro lauraua:

Foy das valentes gentes ajudado,

Da Germanica armada que passaua:

De armas fortes & gente apercebida

A recobrar Iudea ja perdida.

*De Alema  
nba.*

Passauam a ajudar na sancta empresa, 87

Oroxo Federico, que moueo

O poderoso exercito, em defesa

Da cidade onde Christo padeceo.

*Ierusalẽ.*

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Porq̃ se  
entrega =  
rão por  
falta de  
agoa.

Quando Guido co a gente em sede acesa  
Ao grande Saladino se rendeo:  
No lugar onde aos Mouros sobejauão,  
As agoas que os de Guido desejauião.

88 Mas a fermosa armada, que viera  
Por contraste de vento, aaquella parte  
Sancho quis ajudar na guerra fera,  
Ia que em seruiço vay, do sancto Marte  
Afsi como a seu pay acontecêra,  
Quando tomou Lixboa, da mesma arte,  
Do Germano ajudado Silues toma,  
E o brauo morador destrue & doma.

89 E se tantos tropheos do Mahometa,  
Aleuantando vay, tambem do forte  
Liones, não cõsente estar quieta  
A terra vsada aos casos de Mauorte:  
Ate que na ceruiz seu jugo meta  
Da soberba Tui, que a mesma sorte,  
Vio ter a muitas villas suas vizinhas  
q̃ por armas tu Sancho humildes tinhas.

90 Mas entre tantas<sup>†</sup> palmas salteado  
Da temerosa morte, fica erdeiro,

Hum

Hum filho seu de todos estimado,  
 Que foy segúdo Affonso, & Rei terceiro  
 No tépo deste, aos Mauros foy tomado  
 Alcacere do sal por derradeiro:  
 Porque dantes os Mouros o tomáráo,  
 Mas agora destruidos o pagaráo.

*† Palmas toma pellas victorias, porque aos vencedores se da a palma,*

Morto despois Affonso lhe succede 91  
 Sancho segundo, manso & descuidado,  
 Que tão em seus descuidos se desmede,  
 Que de outré quem mádava era mádado  
 De gouernar o Reino que outro pede,  
 Por causa dos priuados foy priuado,  
 Porque como por elles se regia,  
 Em todos os seus vicios consentia.

Não era Sancho não tão defonesto, 92  
 Como <sup>†</sup> Nero, que hum moço recebia  
 Por molher, & despois horrêdo incesto,  
 Com a máy Agripina cometia:  
 Nem tão cruel às gentes & molesto,  
 Que a cidade queimasse onde viuia,  
 Nem tão mao como foi \* Heliogabalo,  
 Nem como o mole Rey <sup>†</sup> Sardanapálo.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

† Nero, foy Imperador Romano, o mais cruel homem que no mundo ouue, & tanto que ficou ja como nome appellatiuo, & chamamos aos homens crueis Neros. Este despois de sua mãe morta a mandou abrir, pera ver as entranhas conde andara no ue meses. Mandou tambem por fogo à cidade sua, porque diz que folgara ver como ardia.

\* Heliogabalo, cruelissimo Imperador, filho de Antonio Caracalla.

† Sardanapalo, foy o derradeiro Rey dos Assyrios, do qual escreue Iustino, no lib. 1. Foy muy dado a sensualidade, & carnalidades: & chegou a tanto, que vestido em trajo de molher, pôs hũa roça na cinta, & ficou antre ellas: em mimos & delicias nenhuma molher lhe achegou. Sofrendo os Assyrios mal, ter por Rey mais molher que homem, o matarão às punhaladas: dizem outros, que o lançarão pelas janellas do paço fora, aonde morreo despedaçado. Outros dizem, que ajuntandose os principaes do seu Reyno, com hũs poucos vezinhos, lhe apregoarão guerra, do que temendose Sardanapalo, se recolheo nos seus paços, & feyta hũa fogueira, se lançou nella, com toda sua riqueza: & mandou por este Epythaphio na sua sepultura.

Ede, bibe, lude, Et quũ te mortalẽ nostris pñtibus exple. Delicijs animũ post mortẽ nulla voluptas.

Nem

Nem era o pouo seu tiranizado, 93  
 Como † Sicilia foy de seus tiranos,  
 Nem tinha como Phalaris achado,  
 Genero de tormentos inhumanos:  
 Mas o Reino de altiuo, & costumado  
 A senhores em tudo soberanos,  
 A Rey não obedece, nem consente,  
 Que não for mais q̄ todos excellente.

† Sicilia, ilha de Italia, chamada Sicilia de Siculo  
 filho de Neptuno. Chamouse antigamente Trina-  
 cria, que quer dizer tanto, como tres outeyros, por-  
 que tem tres promontorios, que correm pera diuer-  
 sos lugares. O que está pera o Sul, chama-se Pach-  
 no: o outro que corre ao Norte Peloro, está meia  
 legoa de Italia: o terceyro Lybeo, donde se descobre  
 Affrica, donde se chama Affrica Lybia. A esta  
 ilha mandauão os Romanos seus gouernadores por  
 tres annos, a qual como era rica, & os Romanos  
 cobicosos, xaqueauãna. Antre os quaes foy Verres,  
 contra quem fez Cicero as Verrinas, accusandoo.

Por esta causa o Reino gouernou, 94  
 O Conde Bolonhes, despois alçado  
 Por Rey, quando da vida se apartou,  
 Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Este que Affonso obrauo se chamou,  
Despois de ter o Reino segurado:  
Em dilatalo cuida, que em terreno  
Não cabe o altiuo peito tão pequeno.

95 Da terra dos Algarues, que lhe fora  
Em casamento dada grande parte,  
Recupèra co braço, & deita fora  
O Mouro mal querido ja de Marte:  
Este de todo fez liure & senhora  
Lusitania, com força & bellica arte:  
E acabou de oprimir a nação forte  
Na terra q̄ aos de Luso coube em sorte.

96 Eis despois vem Dinis: que bem parece,  
Do brauo Affonso stirpe nobre & dina  
Com quem a fama grande se escurece,  
Da liberalidade Alexandrina.  
Co este o Reino prospero florece,  
(Alcançada ja a paz aurea diuina)  
Em constituições, leis & costumes,  
Na terra ja tranquila claros lumes.

97 Fez primeiro em Coimbra exercitar-se,  
O valeroso officio de † Minerua,

E de



E de \* Helicon a s † Musas fez passarse,  
 A pisar de \* Mondego a fertil erua:  
 Quanto pode de † Athenas desejar-se,  
 Tudo o soberbo Apolo aqui reserua.  
 Aqui as capellas da tecidas de ouro,  
 Do † Bacaro, & do sempre verde louro.

† *Minerua, fingirão os poetas Deusa da sabiduria. Chamauase tambem Pallas, vede fol. 50.*

\* *Helycona, monte de Boecia, apar de Thebas, vezinho de Phocis, como diz Strab. lib. 10. não longe de Parnaso, tão grande como elle, assi em altura como en circuito, o qual monte Parnaso, & Helycona, são dedicados às Musas, & a Apolo: donde se chamarão as Musas Heliconiades. Chamouse Helycona de Helyconte. q̄ teue neste monte bñ desafio cō seu irmão Cytberonte, segũdo algũs scriptores.*

† *Musas em Latim, quer dizer cãto, donde a sciencia do cãto se chamou Musica. Fingirão os poetas q̄ erão filhas de Iupiter, & Mnemosines, as quae s̄ tinbão poder sobre os poetas. Dixerão q̄ morauão no mōte Helycona, & em Parnaso, dõde se chamarão Parnasides. Dezião q̄ auia noue Musas: o q̄ o proprio Camões diz em bñ Soneto: Apollo, & as noue Musas discãtãdo. Os nomes dellas são Calliope, q̄ quer dizer tãto como boa voz. A segũda Clío*  
 inter-

## Os Lusíadas de Luis de Camões.

interpretrase gloria do que canta. A terceyra Erato, significa amor, ou porque esta cantaua os amores, ou porque os homẽs amão o canto. Ouid. *Nũc Erato nam tu nomen amantis babes.* A quarta Thalia, da suauidade do canto, porque Thalyem em Grego, quer dizer florecer, ou viuer. A quinta Melpomone do cantar, porque em Grego *μυλωνομης* he cantar. A sexta do concerto da Musica, & ordem das danças. A septima Exterpe, da doçura da consonancia. A oçtaua Polymnia, da multidão dos versos, ou louuores, ou da memoria, porque Polym em Grego he memoria. A nona & derradeira, *ὀυρανια*, que quer dizer celeste.

\* Mondego, rio de Espanha, que passa por Coimbra, & arrebenta no mar em Buarcos.

† Athenas, cidade de Grecia, antre Achaia & Macedonia. Foy edificada por Cecros, donde se chamou Cecropia. Aqui florecerão antigamente as letras.

\* Bacharo, rayz de bũa erua cbeyrosa, tem as folhas como era, mas mais redondas, & mais brandas. Desta erua, & do louro, se corouão os poetas.

Nobres villas de nouo edificou,  
 Fortalezas, castellos muy seguros,  
 E quasi o Reino todo reformou,  
 Com edificios grandes, & altos muros:  
 Mas despois q̄ a dura † Atropos cortou,  
 O fio de seus dias ja maduros:  
 Ficoulhe o filho pouco obediente,  
 Quarto Affonso:mas forte & excelléte.

† *Atropos, he lãa das parcas, as quaes fingem os poetas que tinbão dominio na vida dos homẽs, por que fingem ser tres, as duas fiação, & Atropos corta o fio da vida: por isso se toma tambem pella morte, como o poeta a toma aqui.*

*soberbas*

Este sempre as hostes Castellanas  
 Co peito desprezou firme & sereno,  
 Porque não he das forças Lusitanas,  
 Temer poder maior, por mais pequeno  
 Mas poré quando as gentes Mauritanas  
 A possuir o Esperico terreno,  
 Entrarão pellas terras de Castella,  
 Foy o soberbo Affonso a secorrella.

100 Nunca com † Semiramis, gente tanta

Veio os campos \* Ydaspicos enchendo,

*Atila* Nem † Alita, que Italia toda espanta,

Chamandose de Deos açoute horrendo.

\* Gottica gente trouxe tanta, quanta

Do Sarraceno barbaro estupendo,

Co poder excessiuo de Granada

Foy nos campos † Tartesios ajuntada.

† Semiramis, foy a Raynha dos Assyrios, molher  
 do Rey Nino, a qual por morte do marido, ficou  
 co reyno, & fez feytos heroycos. Desta escreue Plu-  
 tarcho nos Apophtegmatos. Esta quando morreo  
 mandou pôr no seu Epythaphio & sepultura hum  
 letreiro que dizia: Se algum Rey meu herdeiro, ou  
 qualquer, se vir em tempo de necessidade, & ouuer  
 mister dinheyro, abra este meu muymêto, & acha  
 loha. Indo ter istô a noticia de Dario, dixe: Em q̃  
 tempo posso eu ter mais necessidade de dinheyro?  
 & mandando abrir a sepultura, não achou dinhei-  
 ro, mas outra letra que dizia: Se não foras mau, &  
 cubioso, não andaras desenterrando os mortos. Es-  
 creue della Val. Max. muitas cousas q̃ pe deis ver.

\* Hidaspicos câpos, são os campos de Hidaspes rio  
 da India, do qual falla Lucano no lib. 6. Aqui trou-  
 xo Semiramis grande copia de gente.

† Atila, foy hum da casta dos Scythas, o qual des-  
pois de fugitar Pamponia, entrando por Italia,  
destruyo Aquileya, & passandose a Alemanha, fez  
grande estrago. Tornando pera casa, celebrando  
suas bodas, embebedandose, lhe sayo tanto sangue  
pellos narizes, que morreo.

\* Gothicos, são hvs pouos mui bellicosos da região  
de Europa, confinão com Dacia, & Noruega, os  
quaes antigamente fugeitarão Italia.

† Tartesia, foy hũa cidade apar de Gales, da qual  
foy a familia de Collumella.

E vendo o Rey sublime Castellano, 101

A força inexpugnabil, grande & forte,  
Temendo mais o fim do pouo Hispano,  
Ia perdido hũa vez, que a propria morte  
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,  
Lhe mandava a carissima consorte,  
Mulher de quem a máda, & filha amada  
Daquelle a cujo Reino foy mandada.

Entrava a fermosissima Maria, 102

Pollos paternais paços sublimados,  
Lindo o gesto: mas fora de alegria,  
E seus olhos em lagrimas banhados,  
Os cabellos riquissimos trazia,  
Pellos eburneos hombros espalhados,  
Diante

Diante do pae ledo, que a agatalha,  
Estas palauras taes chorando espalha.

<sup>103</sup> *Eburneos brancos: porque eburneo propriamente quer dizer cousa de marfim, porque em latim eburneo, he o marfim, & dahi se faz o nome adiectiuo, por cousa de marfim, ou que seja da mesma sua cor branca.*

<sup>103</sup> Quantos pouos a terra produzio  
De Affrica, toda gente fera & estranha,  
O grão Rei de Marrocos conduzio  
Pera vir pefuir a nobre Espanha:  
Poder tamanho junto não se vio,  
Despois que o falso mar a terra banha.  
Trazem ferocidade, & furor tanto,  
q̃ a viuos medo, & a mortos faz espanto.

<sup>104</sup> Aquelle que me deste por marido,  
Por defender sua terra amedrentada,  
Co pequeno poder, offerecido  
Ao duro golpe esta, da Maura espada,  
E se não for contigo socorrido  
Verme as delle & do Reino ser priuada,  
Viua & triste, & posta em vida escura  
Sem marido, sem Reino, & sem ventura.

Por tanto, ô Rey de quem cõ puro medo, 105

O corrente † Mulucha se congella,

Rompe toda a tardança, acude cedo,

Aa miseranda gente de Castella.

Se effe gesto que mostras claro & ledo,

De pay o verdadeiro amor affella:

Acude & corre pay, que se não corres,

Pode ser que não aches quem socorres.

† *Mulucha, he hum rio piqueno, que se mete no rio de Azamor Em Affrica, do qual he tanta sua corrente, que em muitas partes se não passa, senão por pontes, & por isso lhe chama o autor o corrente Mulucha.*

Não de outra forte a timida Maria

106

Fallando està, q̃ a triste Venus, quando

A Iupiter seu pay fauor pedia,

Pera Eneas seu filho, nauegando

Que a tanta piedade o comiua,

Que caido das mãos o rayo infando.

Tudo o clemente Padre lhe concede,

Pesandolhe do pouco que lhe pede.

Mas ja cos esquadrões da gente armada,

107

Os Eborenses campos vão qualhados,

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Lustra co Sol o arnes, a lança, a espada,  
Vam rinchando os cauallos jaezados:  
A canora trombeta embandeirada  
Os corações â paz acostumados:  
Vay ás fulgentes armas incitando  
Pellas concavidades retumbando,

108 Entre todos no meio se sublima,  
Das insignias reaes acompanhado,  
O valeroso Affonso, que por cima  
De todos, leua o collo aleuantado,  
E samente co gesto esforça & anima,  
A qualquer coração amedrontado.  
Assi entra nas terras de Castella,  
Com a filha gentil Rainha della.

109 Iuntos os dous Affonsos finalmente,  
Nos campos de Tarifa, estão defronte  
Da grande multidão da cega gente,  
Pera qué sam pequenos campo & môte.  
Não ha peito tão alto & tão potente,  
Que de desconfiança não se afronte  
Em quanto não conheça, & claro veja.  
Que co braço dos seus Christo peleja.

Estão



Estão de Agar os netos casi rindo,  
 Do poder dos Christãos fraco & peq̃no, 110  
 As terras como suas repartindo,  
 Ante mão, ante o exercito Agareno:  
 Que com titulo falso possuindo  
 Está o famoto nome Sarraceno.  
 Assim tambem com falsa conta & nua,  
 Aa nobre terra alhea chamáo sua.

Qual o membrúdo & barbaro Gigante, 111  
 Do Rey Saul com causa tão temido,  
 Vendo o pastor inerme estar diante,  
 So de pedras & esforço a percebido,  
 Com palauras soberbas & arrogante,  
 Despreza o fraco moço mal vestido:  
 Que rodeando a funda o desengana  
 Quáo mais pode a Fè q̃ a força humana

De sta arte o Mouro perfido despreza 112  
 O poder dos Christãos, & não entende,  
 Que está ajudado da alta fortaleza,  
 A quem o Inferno horrifico se rende.  
 Co ella o Castellano, & com destreza  
 De Marrocos o Rey comete & offende.  
 O Portugues q̃ tudo estima em nada:  
 Se faz temer ao Reino de Granada

Os Lusíadas de Luis de Camões,  
113 Eis as lanças & espadas retinão,  
Por cima dos arneses, brauo estrago,  
Chamão (segúdo as leis que ali seguião)  
Hús Mafamede, & outros Santiago,  
Os feridos com grita o ceo ferião,  
Fazendo de seu sangue bruto lago,  
Onde outros meios mortos se afogauão  
Quando do ferro as vidas escapauão.

114 Com esforço tamanho estrue & mata,  
O Luso ao Granadil, q̄ em pouco espaço  
Totalmente o poder lhe desbarata,  
Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:  
De alcançar tal victoria, tão barata,  
Inda não bem contente o forte braço,  
Vay ajudar ao brauo Castellano,  
Que pelejando está co Mauritano.

115 Ia se hia o sol ardente recolhendo,  
Pera a casa de<sup>t</sup> Tethis, & inclinado,  
Pera o Ponente, o \*Vespero trazendo,  
Estaua o claro dia memorado, (rédo  
Quádo o poder do Mauro, gráde & hor  
Foy pellos fortes Reis desbaratado,  
Com tanta mortindade, que a memoria,  
Nunca no mundo vio tã grã victoria.

† *Tethis*, filha do Ceo, & de *Vesta*, molher de *Neptuno*, & mãe das *Nymphas* do mar. Segundo *Ouid.* no lib. 4. dos *Faustos*, foy filha de *Titão*, o irmão mais velho de *Saturno*, porque diz elle: *Duxerat Oceanus, quondam Titbonia Tethin*, donde se pode collegir, que tambem foy molher do Oceano. Muitas vezes se toma *Tethis* pello mar, por ser delle *Raynha*.

\* *Vespero*, he hũa estrella que se chama *Venus*. Aparece sempre despois do *Sol* posto, & por isso se toma pella tarde, porque então se vee: aparece tambem pella manhã, mas então chamase *Aurora*.

Não matou a quarta parte o forte † *Mario*  
 Dos que morrerão neste vencimento, 116  
 Quando as agoas co sãgue do aduersario  
 Fez beber ao exercito sedento,  
 Nem o \* *Peno* asperissimo contrario,  
 Do Romano poder de nascimento:  
 Quando tãtos matou da illustre *Roma*,  
 Que alqueires tres de aneis dos mortos  
 (toma.

† *Mario*, que se aleuantou co *Imperio Romano*, cõtra *Sylla*, nas guerras ciuis. Foy *Mario* sete vezes *Consul*: conquistou muitas terras, q̃ fez tributarias ao pouo Romano. Despois foy vécido por *Sylla*, &

Os Lusíadas de Luis de Camões.

fugindo foy restituído à patria despois de muito tempo desterrado. Vindo foy feyto Consul, & tendo o Consulado, mandou degolar a espada todos os vencedores que acompanbarão a Sylla, & porque deixando o Consulado, não tomassem delle denida vingança, antes que se lhe acabasse, com suas mãos se matou.

\* Hannibal Carthagines, o qual em Canas matou tantos Romanos, que mandou a Carthago tres alqueyres de aneis, & sos os caualleiros trazião aneis. Matou aqui hum Consul, & o outro fugio. Esteue Roma q̄ se elle se fora pera ella o tomara.

117 E se tu tantas almas so podeste,  
Mandar ao Reyno escuro de †Cocito,  
Quando a sancta cidade desfizeste.  
Do pouo pertinaz no antigo rito;  
Permissam & vingança foy celeste,  
E não força de braço, ô nobre \*Tito,  
Que alsí dos Vates foy profetizado,  
E despois por Iesu certificado.

Prophe-  
tas.

† Cocito em Latim, quer dizer choro: he palaura Grega. Ha nos infernos hum rio deste nome, o qual corre do rio Stygio. Daqui tambem Plutão se chamou Cocito.

Tito

\* *Tito, cognome dos Romanos: entende o Imperador Tito, que destruyo Ierusalem.*

Passada esta tão prospera victoria,  
 Tornado Affonso â Lusitana terra, 118  
 A se lograr da paz com tanta gloria.  
 Quanta soube ganhar na dura guerra,  
 O caso triste, & digno de memoria,  
 Que do sepulchro os homés desenterra,  
 Aconteceo da misera & mezquinha,  
 † *Que despois de ser morta foy Rainha.*

† *Isto diz, porque era o Iffante dom Pedro muy afeiçãoado a dona Ines de Castro, & por amor della não se queria casar com ninguem. Algũs fidalgos persuadirão ao Rei que a mataße, o que pondo por obra, despois d'elle morto, o Iffante tomando posse do Reino, ergueo por Rainha de Portugal a dona Ines de Castro, & castigou os fidalgos que fo rão nesta crueldade, conselheiros do pae, os quaes nunca mais tiuerão valia.*

Tu so, tu puro amor com força crua, 119  
 Que os corações humanos tanto obriga  
 Deste causa â molesta morte sua,  
 Como se fora perfida enemiga:

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Se dizem fero Amor, que a sede tua  
Nem com lagrimas tristes se mitiga;  
E porque queres aspero & tirano  
Tuas aras banhar em sangue humano?

120 Estauas linda Ines posta em sossego  
De teus annos, colhendo doce fructo,  
Naquelle engano da alma, ledó & cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito,  
Nos faudosos campos do Mondego,  
De teus fermosos olhos nunca enxuto,  
Aos montes insinando, & ás eruinhas  
O nome que no peito escripto tinhas

211 Do teu principe ali te respondião  
As lembranças que na alma lhe morauão  
Que sempre ante seus olhos te trazião,  
Quando dos teus fermosos se apartauão  
Denoite em doces sonhos, que mentião,  
De dia em pensamentos que voauão.  
E quãto em fim cuidaua, & quanto via,  
Eram tudo memorias de alegria.

122 De outras bellas senoras, & Princezas,  
Os desejados thalamos engeita,

Que

Que tudo em fim, tu puro amor despre-  
 Quão hũ gesto suaue te fogeita: (zas  
 Vendo estas namoradas estranhezas,  
 O velho pay sesudo, que respeita  
 O murmurar do pouo & a fantasia  
 Do filho que casar se não queria.

Tirar Ines ao mundo determina,  
 Por lhe tirar o filho que tem preso,  
 Credo co sangue sô da morte indigna,  
 Matar do firme amor o fogo aceso:  
 Que furor consentio, que a espada fina,  
 Que pode sustentar o grande peso  
 Do furor Mauro, fosse aleuantada,  
 Contra hũa fraca dama delicada?

123

Traziãoa os horriferos algozes,  
 Ante o Rey, ja mouido a piedade:  
 Mas o pouo com falsas & ferozes  
 Razões, à morte crua o persuade:  
 Ella com tristes & piedosas vozes,  
 Saidas sô da magoa, & saudade  
 Do seu Principe, & filhos que deixaua,  
 Que mais q̃ a propria morte a magoaua.

124

Os Lusíadas de Luis de Camões.

125 Pera o Ceo cristalino aleuantando  
Com lagrimas os olhos piadosos,  
† Os olhos, porq̃ as mãos lhe estaua atãdo  
Hum dos duros ministros rigurosos:  
E despois nos mininos atentando,  
Que tão queridos tinha, & tão mimosos  
Cuja orfindade como máy temia,  
Pera o auô cruel assi dizia.

† Boa repetição peta mouer a piedade, como Virg.  
no lib. 1. Æneid. De Cassandra o mesmo escreue.

126 Se ja nas brutas feras, cuja mente  
Natura fez cruel de nascimento,  
E nas aues agrestes, que fomenta  
Nas rapinas aereas tem o intento,  
Com pequenas crianças vio a gente,  
Terem tão piadoso sentimento,  
Como co a mãe de Nino ja mostrâo  
E cos irmãos que Roma edificâo.

† A mãe de Nino, & os dous irmãos Romulo &  
Remo, forão criados com leyte de bestas feras:  
porque contão os historiadores, que acharão ao pé  
de hũa figueira, a que chamão os Gregos Romula,  
os dous mininos com hũa loba, que lhes estaua dã  
do



do de mamar: & daqui se chamou o irmão mais  
velho Romulo. Estes depois edificarão Roma, &  
de Remo ou de Romulo, chamou se Roma.

O tu q̄ tés de humano o gesto & o peito, 127  
(Se de humano he, matar húa donzella  
Fraca & sem força, so por ter sujeito  
O coração a quem soube vencella)  
A estas criancinhas tem respeito,  
Pois o não tés à morte escura della  
Mouate apiedade sua & minha,  
Pois te não moue a culpa q̄ não tinha.

E se vencendo a Maura resistencia, 128  
A morte sabes dar com fogo & ferro,  
Sabe tambem dar vida com clemencia,  
A quem pera perderlla não fez erro:  
Mas se to así merece esta innocencia,  
Poem me em perpetuo & misero destero  
Na Scitia fria, ou la na Lybia ardente,  
Onde em lagrimas viuua eternamente.

Poemme onde se vse toda a feridade, 129  
Entre Liões, & Tigres, & verey  
Se nelles achar posso a piedade  
Que entre peitos humanos não achey:

Os Lusíadas De Luis de Camões.  
Ali co amor intrinseco & vontade,  
Naquelle por quem mouro, criarey  
Estas reliquas suas que aqui viste,  
Que refrigerio sejão da may triste.

130 Quería perdoarlhe o Rey benigno,  
Mouido das palauras que o magoão:  
Mas o pertinaz pouo, & seu destino  
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoã  
Arrancão das espadas de aço fino,  
Os que por bom tal feito ali apregoão,  
Contra hũa dama, ô peitos carniceiros  
Feros vos mostrais, & caualteiros ?

131  
474- Qual contra a linda moça † Policena,  
Consolação extrema da \*mây velha,  
Porque a sombra de Achilles a condena,  
Co ferro o duro Pirro se aparelha:  
Mas ella os olhos com que o ar ferena,  
( Bem como paciente, & mansa ouelha )  
Na misera mây postos, que endoudece  
Ao duro sacrificio se offerece.

† Pollicena foy filha del Rey Priamo, a qual na guerra Troiana, audãdo Achylles a cauallo, a vio estar à janella, e a mandou pedir a seu pae em casa.

esamento, com condição que lhe ergueria o cerco. Aceytou Priamo este partido, & estando Achylles no templo de Apolo em Troia de giolhos, lhe tirou Paris irmão de Pollycena com hũa seta eruada, & dandolhe nas solas dos pés o matou: & não podia ser morto senão por esta parte, porque fingem os poetas, que em nascêdo, o tomou sua mãe Tetbis pellos pés, & o meteo na agoa do rio Styge, & assi ficou que o não podia ferir ferro, senão pelas solas dos pés, que não se molharão, porque ficaram de fora. Pyrro agrauado desta treyção, que fizerão a seu pae Achylles, sendo Troia entrada, tomou a Pollycena, & sobre a sepultura de Achylles a sepultou.

\* Hecuba, molher de Priamo, mãe de Pollicena.

Tais contra Ines os brutos matadores,  
 No colo de alabastro, que softinha  
 As obras com q̃ amor matou de amores  
 Aquelle que despois a fez Rainha:  
 As espadas banhádo, & as brancas flores,  
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,  
 Se encarniçauão, feruidos & yrosos,  
 No futuro castigo não cuydosos.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

- 133 Bem poderas, ô Sol, da vista destes  
Teus rayos apartar aquelle dia,  
Como da seua mesa de <sup>†</sup>Tyestes,  
Quádo os filhos por mão de Atreu comia  
Vos ô concauos valles, que poderdes  
A voz extrema ouuir da boca fria,  
O nome do seu Pedro que lhe ouistes,  
Por muito grande espaço repetistes.

*† Tyestes, foy filho de Pelope, & de Hippodauia irmão de Atreu, neto de Tantaló. Foy cruelissimo: daua de comer aos hospedes carne humana, & de noyte os mataua, & daua com elles de comer a os que vinhão a sua casa o dia seguinte. Vindo o Sol, & vendo a crueldade deste, dizem os Poetas, que tornou co carro perá tras, porq̃ o vio estar comendo seus proprios filhos, que lhos daua o irmão Atreu.*

- 134 Assim como a bonina que cortada,  
Antes do tempo foy, cândida & bella  
Sendo das mãos laciuas mal tratada,  
Da minina que a trouxe na capella:  
O cheiro traz perdido, & a cor murcha-  
Tal está morta a palida dōzella, (da  
Secas do rosto as rosas, & perdida  
A branca & viua cor, co a doce vida.

† As filhas do Mondego, a morte escura  
 Longo tempo chorando memorearão,  
 E por memoria eterna em fonte pura  
 \* As lagrimas choradas transformarão:  
 O nome lhe poferão, que inda dura,  
 Dos amores de Ines que ali passarão.  
 Vede que fresca fonte rega as flores:  
 Que lagrimas são a agoa, & o nome amo

(res.

† Isto diz, porque fingião os poetas, que todos os  
 rios & fontes tinhão Nymphas.

\* Ha em Coimbra hũa fonte, que nace ao pé de  
 Val de Inferno, que vem debaixo de hũa lapa, mui  
 to fresca, & suaue, & rega a horta de Sãta Clara,  
 & dahi passa pellos paços da Rainha, aonde este  
 ue dona Ines, & porque costumaua Dom Pedro  
 ir recrearse com dona Ines, aonde nacia esta fonte,  
 chamou se fonte dos amores, o qual nome ainda  
 oje dura.

Não correo muito tempo que a vingança 136  
 Não visse Pedro das mortais feridas,  
 Que em tomádo do Reino a governança,  
 A tomou dos fugidos homicidas:  
 Do outro Pedro cruissimo os alcança,  
 Que ambos immigos das humanas vidas

O con-

Os Lusíadas de Luís de Camões.  
O concerto fizeram duro & injusto,  
Que cõ † Lepido, e Antonio fez Augusto:

† Isto diz, porque quando fizeram concertos nas guerras civis se derão lûs aos outros os homicidas, de que fizeram justiça, como tambem se fez de Gaspar Coelho, de quem o poeta falla.

137 Este castigador foy riguroso,  
De latrocinios, mortes & adulterios,  
Fazer nos maos cruezas, fero & yroso,  
Erão os seus mais certos refrigerios:  
As cidades guradando justicofo  
De todos os soberbos vitupreios,  
Mais ladrões castigando â morte deu,  
Que o vagabúdo † Alcides, ou \* Theseu.

† Alcides, he Hercules: e bama-se Alcides, de Alces seu auô. Ouue muitos Hercules, & por não fazerem tanta escriptura de tantos, attribuirão os feitos de todos a hum, o qual foy mais esforçado que todos, filho de Iupiter & Almena. Depois todos os que se affamaão por armas chamarão-se Hercules do filho de Almena. Este teue os doze trabalhos, pellos quaes ficou tão nomeado. Matou o Dragão do borto das Hesperidas. Trouxe o Cão Cerbero,

bero. que escuma o rosalgar: matou o Gigante Anateo, & outras cousas muitas fez.

\* Ihesu, Rey de Athenas, grande aventureiro: passou grandes aventuras. Teue hum amigo, chamado Perytho, com o qual deceo aos infernos, & furtou a Proserpina molher de Plutão, como fingem os Poetas.

Do justo & duro Pedro nasce o brando

138

(Vede da natureza o desconcerto)

Remisso, & sem cuidado algũ Fernando,

Que todo o Reino pos em muito aperto

Que vindo o Castelhana deuastando

As terras sem defesa, esteue perto

De destruirse o Reino totalmente

Que hũ fraco Rei faz fraca a forte gẽte.

Ou foy castigo claro do peccado,

139

De tirar Lianor a seu marido,

E casarse com ella de enleuado,

Num falso parecer mal entendido:

Ou foy o coração sogeito, & dado

Ao vicio vil, de quem se vio rendido,

Molle se fez, & fraco, & bem parece

Que hũ baxo amor os fortes enfraqce.

Os Lusíadas De Luis de Camões.  
 Do peccado tiuerão sempre a pena  
 Muitos que Deos o quis & permittio:  
 Os que forão a roubar a bella<sup>†</sup> Helena,  
 E com Apio tambem Tarquino o vio.  
 Pois por quem Dauid saneto se condena  
 Ou quem o tribu illustre destruiu  
 De Benjamin: bem claro no lo ensina  
 Por Sarra Pharao, Sichem por Dina.

<sup>†</sup> Helena, foy Raynha de Grecia muito fermosa, a qual furto Paris filbo de Priamo, & a trouxe a Troia, por amor de quem se moueo Agamenon, cõ Menelao seu irmão, marido della, & teue de cerco a Troia dez annos, na fim dos quaes a entrou, & pos fogo, sem deyxar pedra sobre pedra.

E pois se os peitos fortes enfraquece,  
 Hum inconcesso amor desatinado,  
 Bem no filho de<sup>†</sup> Almena se parece,  
 Quãdo em Omfale andaua trãformado:  
 De<sup>\*</sup> Marco Antonio a fama se escurece,  
 Com ser tanto a Cleopatra afeiçoado:  
 Tu tambem<sup>†</sup> Penõ prospero o sentiste,  
 Despois q̃ hũa moça vil na Apulia viste,

<sup>†</sup> Hercules filbo de Almena, que por Omphale se



esqueceo de sua molher, o qual foy causa pera que  
sua molher lhe mandasse a tunica, com que endou-  
deceo, & se deitou em hũa fugueira.

\* Marco Antonio, Romano bem conhecido, mari-  
do de Cleopatra, Rainha de Egipto.


† Hanibal, que por hũa moça vil, que vio na Apu-  
lia, que he a Calabria, se descuidou tanto, que lhe  
resultou em grande dano.

Mas quem pode liurar-se por ventura  
Dos laços que amor arma brandaméte 142  
Entre as rosas, & a neve humana pura,  
O ouro, & o alabastro transparente.  
Quem de hũa peregrina fermosura  
De hum vulto de Medusa propriaméte,  
Que o coração conuerte que tem preso,  
Em pedra não, mas em desejo aceso.

F I M.



N 2 P R O 2

  
 PROSEGUNDO O GAMA  
 Sua pratica, da conta como succede el Rey dom  
 Ião o primeiro. Encarece a lealdade de dom Nu  
 no Alvarez Pereira. Referēse algũas victorias del  
 Rey dom Ião. Da conta como el Rey dom Ião  
 o segundo, intentou o descobrimento da India, &  
 o que dahi resultou. E como foy electo por el  
 Rey dom Manoel para esta empresa.

E como se embarcou em  
 Belem, &c.

## CANTO QVARTO.



ESPOIS DE  
 procelosa tēpestade,  
 Nocturna sombra, &  
 sibilante vento,  
 Traz a manhãa sere-  
 na claridade,  
 Esperança de porto,

& saluamento,

Aparta o Sol a negra escuridade,  
 Remouendo o temor ao pensamento:  
 Assim no Reino forte aconteceo,  
 Depois que o Rei Fernando faleceo,

Porque

Porque se muito os nossos desejarão,  
 Quem os danos & offensas va vingado,  
 Naquelles que tambem se aproueitarão,  
 Do descuido remisso de Fernando,  
 Despois de pouco tempo o alcançarão,  
 Ioanne sempre illustre aleuantando  
 Por Rei, como de Pedro vnico erdeiro  
 (Ainda que bastardo) verdadeiro.

Ser isto ordenação dos ceos diuina,  
 Por finais muyto claros se mostrou  
 Quando em Euora a voz de hua minina  
 Ante tempo falando o nomeou:  
 E como cousa em fim que o Ceo destina  
 No berço o corpo, & a voz aleuantou,  
 Portugal, Portugal, alçando a mão,  
 Disse, polo Rei nouo Dom Ioão,

Alteradas então do Reino as gentes,  
 Co o dio que occupado os peitos tinha,  
 Absolutas cruezas & euidentes  
 Faz do pouo o furor por onde vinha,  
 Matando vão amigos & parentes,  
 Do adultero Conde, & da Rainha,  
 Com quem sua incontinencia desonestaz  
 Mais (despois de viua) manifesta.

Os Lusíadas de Luis de Camões,

- 5 Mas elle em fim com causa defonrado,  
Diante della a ferro frio morre (do  
De outros muitos na morte acompanha  
Que tudo o fogo erguido quima & corre  
Quem como † Astianas precipitado  
(Sem lhe valerem ordês) de alta torre  
A quem ordês, nem aras, nem respeito,  
Quem nũ por ruas & em pedaços feito,

† *Astbyanas, foy filbo del Rey Priamo, & de He-  
cuba: quando entrarão os Gregos em Troia, tomou  
Vlysses Astbyanas, q̄ era minino, & o lançou d'ũa  
torre abaixo, aonde despeçado morreo.*

- 6 Podense por em longo esquecimento  
As cruezas mortais que Roma vio  
Feitas do feroz Mario, & do cruento  
Syla, quando o contrario lhe fogio:  
Por isso Lianor, que o sentimento  
Do morto Conde ao mundo descobrio,  
Faz contra Lusitania vir Castella,  
Dizendo ser sua filha herdeira della.

- 7 Beatriz era a filha que casada  
Co Castelhana está, que o Reino pede,

Por filha de Fernando reputada,  
 Se a corrompida fama lho concede.  
 Com esta voz castella aleuantada,  
 Dizendo que esta filha ao pay succede:  
 Suas forças ajunta pera as guerras  
 De varias regiões & varias terras.

Vem de toda a prouincia q̄ de hũ †Brigo, 8  
 (Se foy) ja teue o nome diriuado  
 Das terras que Fernando, & q̄ Rodrigo  
 Ganharão do tirano & Mauro estado:  
 Não estimão das armas o perigo,  
 Os que cortando vão co duro arado  
 Os campos Lioneses, cuja gente,  
 Cos Mouros foy nas armas excelente.

† Brigo, entende Castella a vella, a qual dizem alguns chamarse assi de hum Rey que nella reynou antes dos Godos.

\* Fernando & Rodrigo, o conde Fernão Gonçalez & o Cid Rui Diaz, que ganharão grande parte de terra aos Mouros. Tambem se pode tomar por el Rey dom Fernando o Sancto.

Os Vandalos, na antiga valentia  
 Ainda confiados, se ajuntauão  
 Da cabeça de toda Audaluzia,  
 Que do Goadalquibir as agoas lauão

Os Lusíadas de Luis de Camões.

A nobre Ilha tambem se apercebiã.

Que antigamente os <sup>†</sup>Tirios habitauão

Trazendo por insignias verdadeiras

As Herculeas colunas nas bandeiras.

<sup>†</sup> *Tyrios da Ilha de Tyros, da qual Virg. lib. 1. An.*

<sup>\*</sup> *As colunas que pos Hercules na boca do Estreito de Gibraltar.*

10 Tambem vem la do Reino de Toledo,

Cidade nobre & antiga, a quem cercádo

O Tejo em torno vay suaue & ledo,

Que das ferras de Conca vem manando:

A vosoutros tambem não tolhe o medo

O fordidos Galegos, duro bando,

Que pera resistirdes, vos armastes,

Aaquelles, cujos golpes ja prouaistes.

11 Tambem moué da guerra as negras furias

A gente Bizcainha, que carece

De polidas razões, & que as iujurias

Muito mal dos estanhos compadece:

A terra de Guipuscoa, & das Asturias

Que com minas de ferro se ennobrece

Armou d'elle, os soberbos matadores,

Pera ajudar na guerra a seus senhores.

Ioane, a quem do peito o esforço crece, 123  
 Como a Sansam Hebreo da guedelha,  
 Posto que tudo pouco lhe parece  
 Cos poucos de seu Reino se aparelha,  
 E não porque conselho lhe falece,  
 Cos principaes senhores se aconselha:  
 Mas so por ver das gentes as sentenças,  
 Que sempre ouue entre muitos differê-  
 ças.

Não falta com razões que desconcerte, 13  
 Da opinião de todos, na vontade,  
 Em quem o esforço antigo se conuerte  
 Em desusada & ma deslealdade,  
 Podendo o temor mais, gelado, inerte  
 Que a propria & natural fidelidade  
 Negão o Rei & a patria, & se conuem  
 Negarão (como Pedro) o Deos q̄ tem.

Mas nunca foy que este erro se sentisse, 14  
 No forte dom Nuno Alvarez: mas antes  
 Posto q̄ em seus Irmãos tão claro o visse  
 Reprouando as vontades inconstantes,  
 A aquellas duuidosas gentes disse,  
 Com palauras mais duras que alegátes,  
 A mão na espada irado, & não facundo,  
 Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.

- 15 Como da gente illustre Portuguesa,  
Ha de auer quem refusa o patrio Marte?  
Como, desta prouincia que princeza  
Foy das gentes na guerra em toda parte  
Ha de sair quem negue ter defesa,  
Quê negue a fe, o amor, o esforço & arte  
De Portugues, & por nenhum respeito  
O proprio Reino queira ver sogeito?
- 16 Como, não sois vos inda os descendentes  
Daquelles, que debaixo da bandeira,  
Do grande Enriquez, feros & valentes  
Vencestes esta gente tão guerreira?  
Quando tantas bandeiras, tantas gentes  
Poserão em fugida, de maneira,  
Que sete illustres condes lhe trouxerão  
Presos, afora a presa que tiuerão?
- 17 Com quem forão contino sopeados  
Estes, de quem o estais agora vos,  
Por Dinis & seu filho, sublimados  
Se não cos vossos fortes pais & auôs?  
Pois se com seus defeuidos, ou peccados,  
Fernando em tal fraqueza assi vos pos,  
Torne vos vossas forças o Reino nouo,  
Se he certo que co Rey se muda o pouo.



Rey tendes tal, que se o valor tiuerdes 18  
 Igual ao Rey que agora aleuantastes,  
 Desbaratareis tudo o que quiserdes,  
 Quanto mais a quem ja desbaratastes:  
 E le com isto em fim vos não mouerdes,  
 Do penetrante medo que tomastes,  
 Atay as mãos a vosso vão receio,  
 Que eu so resistirey ao jugo alheio.

Eu so com meus vassallos, & com esta, 21  
 ( E dizendo isto arranca mea espada)  
 Defenderey da força dura, & infesta Bõ parent  
 A terra nunca de outrem sojugada, thesis pe  
 Em virtude do Rey, da patria meſta, ra mo  
 Da lealdade ja por vos negada. uer.  
 Vencerey ( não so estes aduerſarios:)  
 Mas quantos a meu Rei foré contrarios,

Bem como entre os manebos recolhidos, 20  
 Em Camiſio, reliquias ſos de Canas,  
 Ia pera se entregar quasi mouidos  
 A fortuna das forças Affricanas:  
 † Cornelio moço os faz, que compelidos  
 Da ſua espada, jurem que as Romanas  
 Armas, não deixarão em quanto a vida  
 Os não deixar, ou nellas for perdida.

Depois

Os Lusíadas de Luis de Camões.

8<sup>a</sup> Despois que Hannibal teue a batalha em Canas, na qual destruyo o pouo Romano, estiuerão em Roma mui receosos de vir logo Hannibal sobre ella, & tomalla, o que se pusera por ventura em effeito, se Hannibal seguira a victoria, como lho aconselhaua seu capitão: por quem elle dito capitão dixee a Hannibal: Sabes Hannibal vécer, mas não sabes aproueitarte da victoria. Nisto estauão em Roma os mancebos offrecidos a se entregarem a Hannibal, vindo sobre Roma, & Cornelio mui o mancebo, fez o que aqui dom Nuno Aluarez.

21 Desta arte a gente força, & esforça Nuno,  
Que com lhe ouir as vltimas razões  
Remouem o temor frio importuno,  
Que gelados lhes tinha os corações:  
Nos animais caualgão de Neptuno,  
Brandindo & volteando arremessões,  
Vão correndo, & gritando a boca aberta  
Viua o famoso Rei que nos liberta.

22 Das gentes populares hũs aprouão  
A guerra com que a patria se sostinha,  
Hũs as armas alimpão & renouão,  
Que a ferrugem da paz gastadas tinha,

Capacetes estofam, peitos prouão,  
 Armase cadahum como conuinha.  
 Outros fazem vestidos de mil cores,  
 Com letras & tenções de seus amores.

Com toda esta lustrosa companhia,  
 Ioane forte sae da fresca Abrantes,  
 Abrantes, que tambem da fonte fria  
 Do Tejo, logra as agoas abundantes,  
 Os primeiros armigeros regia,  
 Quem pera reger era os mui possantes  
 Orientaes exercitos, sem conto,  
 Com que passauá †Xerxes o\*Helespôto. 23

† Xerxes interpreta-se guerreiro: foy Rey dos Persas: ajuntou contra os Atbenienses grande exercito. Dizem os Hystoriadores a quem se pode crer, que passou Xerxes a Grecia de gente de pé somente, dezasete vezes cem milbeiros, & tem cada milbeiro dez mil. Passou por seu exercito em sete dias, & sete noites, sem descansar em todo este tempo, porque ao tempo que quem auia caminhado comia, neste mesmo momento despedia outro, o qual como cansasse fizesse o mesmo. E desta maneira se passou o exercito em sete dias & sete noites. Este vendo de riba de hum monte alto, todo seu

seu exercito dizem que chorou, & sendo pergunta  
do porque chorava, r. spondeo, que porque da hi a  
cem annos não auia de auer homem nenhũ daquel  
les viuo, com toda esta gente em hũa peleja que te-  
ue por mar com Themistocles, capitão dos Gre-  
gos foy desbaratado o Xerxes.

- 2 4 Dom Nuno Aluares digo, verdadeiro  
Exemplo de valentes Castelhanos,  
Como ja o fero Huno o foy primeiro  
Pera Franceses, pera Italianos,  
Outro tambem famoso caualleiro,  
Que a ala <sup>†</sup> direita tem dos Lusitanos,  
Apto pera mandalos, & regelos,  
Mem Rodriguez se diz de Vasconcelos,

<sup>†</sup> Ala prõpriamente quer dizer asa, mas porque  
nas guerras costumauão leuar nas vanguardias  
gente de guarnição pera reparo, & resguardo do  
exercito, & as asas nos passaros & aues são reparo  
pera seu sustentamento, daqui veio chamar-se ala  
esta gente que bia pello lado do exercito: ou tam-  
bem chamouse ala, porque assi como as asas estão  
da banda dos lados, assi bia esta gente.

E da outra ala que a esta corresponde,  
 Antão vazquez de Almeida he Capitão,  
 Que depois foi d' Abráches nobre Cõde  
 Das gêtes vay regêdo a seftra mão,  
 Logo na retagoarda não se esconde,  
 Das quinas & castellos o pendão.  
 Com Ioanne Rey forte em toda parte  
 Que escorecêdo o preço vay de Marte.

Estauão pellos muros temerosas,  
 E de hum alegre medo quasi frias,  
 Rezando as mãis, irmãs, damas, & esposas  
 Prometendo jejús, & romarias,  
 Ia chegão as esquadras bellicofas,  
 Defronte das imigas companhias,  
 Que com grita grandíssima os recebem,  
 E todas grande duuida concebem.

Respondem as trombetas mensageiras,  
 Pifaros sibilantes: & atambores,  
 Alferezes volteão as bandeiras,  
 Que variadas sam de muitas cores:  
 Era no seco tempo, que nas eiras  
 Ceres o fructo deixa aos lauradores,  
 Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto  
 Bacq das vuas tira o doce mosto.

228 Deu sinal a trombeta Castelhana,  
 Horrendo, fero ingente, & temeroso  
 Ouio o monte Artabro, & Guadiana,  
 A tras tornou as ondas de medroso:  
 Ouioo Douro, & a terra Transtagana  
 Correo ao mar o Tejo duuidoso;  
 E as mãos que o som terribil escutarão,  
 Aos peitos os filhinhos apertarão.

229 Quantos rostos ali se vem sem cor,  
 Que ao coração acode o sangue amigo,  
 Que nos perigos grandes o temor,  
 He mayor muitas vezes que o perigo,  
 E se o não he, pareceo, que o furor  
 De offender, ou vencer o duro immigo,  
 Faz não sentir, q̄ he perda grãde & rara  
 Dos membros corporais da vida cara.

230 Começase a trauar a incerta guerra,  
 De ambas partes se moue a primeira ala,  
 Hús leua a defensam da propria terra,  
 Outros as esperanças de ganhala:  
 Logo o grãde Pereira em quẽ se encerra  
 Todo o valor, primeiro se a sinala  
 Derriba, & encôtra, & a terra é fim semea  
 Dos que a tanto deseirão, sendo alhea.

Ia pelo espesso ar, os estridentes 31  
 Farpões, setas, & varios tiros voão,  
 Debaixo dos pès duros dos ardentes  
 Caualllos treme a terra, os vales soão:  
 Espedação se as lanças & as frequentes  
 Quedas, co as duras armas tudo atroão,  
 Recrecem os inimigos sobre a pouca  
 Gente, do fero Nuno que os apouca.

Eis ali seus irmãos contra elle vão, 32  
 ( Caso feo & cruel: ) mas não se espanta,  
 Que menos he querer matar o irmão,  
 Que contra o Rey & a patria se aleuáta:  
 Destes inconstantes muitos sam,  
 No primeiro esquadrão, que se adianta  
 Cõtra irmãos & parêtes ( caso estranho )  
 quaes nas guerras Ciuis de Iulio Magno

O tu † Sertório, o nobre Coriolano 33  
 Catilina, & vos outros dos antigos,  
 Que contra vossas patrias, com profano  
 Coração, vos fizestes inimigos:  
 Se lá no Reino escuro de Sumano,  
 Receberdes grauíssimos castigos,  
 Dizeilhe q̄ tambem dos Portugueses.  
 Algũs tredores ouue algũas vezes.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

† Todos estes conjurarão contra a patria. A conjuração de Catilina não ouue effeito, porque Cicero proueo sobre isso com muita prudencia: & sem armas o lançou fora da cidade, determinando Catilina por lhe fogo por doze lugares. Vede as inuecti-  
uas de Cicero.

- 34 Rompemse aqui dos nossos os primeiros,  
Tantos dos inimigos a elles vão:  
Estâ ali Nuno, qual pellos outeiros  
De Ceita estâ o fortissimo leão,  
Que cercado se ve dos caualleiros  
Que os campos vão correr de Tutuão,  
Perseguenno com as lanças, & elle irroso  
Toruado hũ pouco estâ, mas não medro

(so.  
† Diz isto, porque em Ceita ha muitos leões, como  
tambem Virgilio, pera nomear hum cão chama  
Molosso, porque destes são os boões, como os leões  
de Ceita.

- 35 Com torua vista os vê, mas a natura  
Ferina, & a ira, não lhe compadecem  
Que as costas dê, mas antes na espessura  
Das lanças se arremessa, que recrecem:



Tal está o cavalleiro que a verdura  
 Tinge co sangue alheio: ali perecem  
 Algús dos seus, que o animo valente  
 Perde a virtude contra tanta gente.

Sentio Ioanne a afronta que passava  
 Nuno, que como sabio capitão, 36  
 Tudo corria, & via, & a todos dava  
 Com presença & palauras coração:  
 Qual parida lioa fera, & braua,  
 Que os filhos que no ninho sôs estão  
 Sentio, que em quâto pasto lhe buscara,  
 O pastor de †Malsilia lhos furtara.

† *Malsilia* he cidade da prouincia de Narbona.  
 Foy edificada antes do parto da virgem senhora  
 nõssa, seiscentos & doze annos, despois da morte  
 de David Rey, quatrocentos & oytenta & quatro.  
 He terra de muito bom vinho, & de muito gado,  
 por isso de muitos pastores. Por esta razão põe o  
 pastor de *Malsyilia* o Camões, como tambem *Vir-*  
*gilio*, que vsando desta mesma cõparação assi põe.

Corre raiuosa, & freme, & com bramidos,  
 Os montes sete irmãos atroa & abala, 37  
 Tal Ioanne, com outros escolhidos  
 Dos seus, correndo acode à primeira ala.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

O fortes companheiros, o subidos  
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,  
Defendei vossas terras, que a esperança  
Da liberdade, está na vossa lança.

38. Vedesme aqui Rei vosso, & companheiro,  
Que entre as lâças, & setas, & os arneses  
Dos inimigos corro, & vou primeiro:  
Pelejay verdadeiros Portugueses.  
Isto disse o magnanimo guerreiro  
E sopessando a lança quatro vezes,  
Com força tira, & deste vnico tiro,  
Muitos lançarão o vltimo suspiro.

39. Porque eis os seus acesos nouamente  
D'hũa nobre vergonha, & honroso fogo  
Sobre qual mais com animo valente,  
Perigos vencerã do Marcio jogo,  
Porfião: tinge o ferro o fogo ardente,  
Rompê malhas primeiro, & peitos logo,  
Assi recebem junto & dão feridas  
Como a quẽ ja não doe perder as vidas.

40. A muitos mãdão ver o † Stigio lago (ua  
Em cujo corpo a morte, & o ferro entra-  
O mestre

O mestre morre ali de Sanctiago,  
 Que fortissimamente pelejava,  
 Morre tambem, fazendo grande estrago,  
 Outro mestre cruel de Calatraua,  
 Os Pereiras, que tambem são rebelados,  
 Finalmente são aqui desbaratados.

† *Styge*, he vocabulo Grego. quer dizer tristeza,  
 ou choro. Fingem os Poetas, que he alagoa dos in-  
 fernos. Mas na verdade he hũa fonte em Arcadia,  
 de muito roim agoa, & danosa pera as bestas, ou  
 quẽ a bebe: porque he tão fria em tão summo grao,  
 que quem a bebe se lhe congelão as entranhas, &  
 disto morre.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome,  
 Vão, & tãbem dos nobres ao † profundo,  
 Onde o \*Trifauce cão perpetua fome  
 Tem, das almas que passão deste mundo,  
 E porque mais aqui se amanse & dome  
 A soberba do imigo furibundo,  
 A sublime bandeira Castellana,  
 Foi derribada aos pês da Lusitana.

† Diz isto, falando como Poeta, ao modo Gentili-  
 co, porque o paraíso delles toda estaua embaixo

Os Lusíadas de Luis de Cãmões.

nos infernos, mas dezião que auia hum lugar apartado, aonde hião os justos, ao qual lugar chamaoũão cãpos Elisios.

\* Fingião os poetas, que na boca do inferno estaua hum cão a que chamauão Cerbero . o qual estaua em guarda, que não saíssem as almas q̃ la estauão, nem de ca la fossem homẽs com corpos. Este matou a Theseu, quando foy com Perytho aos infernos, & quizerão la entrar por força. Chamalhe Tri fauce, porque tinha tres cabeças, & quer dizer tri, tres, fauce, garganta.

42 Aqui a fera batalha se encrucece,  
Com mortes, gritos, sangue & cutiladas,  
A multidão da gente que perece,  
Tem as flores da propria cor mudadas;  
Ia as costas dam & as vidas : ja falece  
O furor, & sobejão as lançadas,  
Ia de Castella o Rei desbaratado  
Se vee, & de seu proposito mudado.

43 O campo vay deixando ao vencedor,  
Contente de lhe não deixar a vida,  
Seguemno os que ficarão, & o temor  
Lhe da não pès, mas asas à fugida:

Encobrem no profundo peito a dor  
 Da morte, da fazenda despendida,  
 Da magoa, da desonra, & triste nojo  
 De ver outré triumphar de seu despojo.

Algús vão maldizendo & blasfemando 44  
 Do primeiro que guerra fez no mundo  
 Outros a sede dura vão culpando  
 Do peito cobiçoso & sitibundo:  
 Que por tomar o alheio, o miserando  
 Pouo aventura às penas do profundo,  
 Deixando tantas mãis, tantas esposas  
 Sem filhos, sem maridos desditosas.

O vencedor Ioane esteue os dias 45  
 Costumados no campo, em gráde gloria  
 Com offertas despois, & romarias  
 As graças deu a quem lhe deu victoria:  
 Mas Nuno q̄ não quer por outras vias,  
 Entre as gentes deixar de si memoria,  
 Se não por armas sempre soberanas,  
 Pera as terras se passa Transtaganas.

Ajudao seu destino de maneira 46  
 Que fez igual effeito ao pensamento,

Porq̄

Porque a terra dos Vandalos fronteira  
Lhe concede o despojo, & o vencimento  
Ia de Seuilha a Betica bandeira.

E de varios senhores nũ momento,  
Se lhe derriba aos pês sem ter defesa,  
Obrigados da força Portuguesa.

- 47 Destas & outras victorias longamente  
Erão os Castellanos opprimidos  
Quando a paz desejada ja da gente  
Derão os vencedores aos vencidos:  
Despois que quis o padre omnipotente,  
Dar os Reis inimigos por maridos  
Aas duas illustrissimas Inglesas,  
Gentis, fermosas, inelytas princezas.

- 48 Não soffre o peito forte vsado à guerra  
Não ter imigo ja a quem faça dano,  
E assi não tendo a quem vencer na terra  
† Vay cometer as ondas do Oceano:  
Este he o primeiro Rey que se desterra  
Da patria, por fazer que o Africano,  
Conheça pollas armas, quanto excede  
A ley de Chisto à ley de Mafamede.

† *Escreue como forão os Portugueses a Affrica.*

Eis mil nadantes †aves pello argento 42  
 Da furiosa \*Tetis inquieta,  
 Abrindo as †pandas aſas vão ao vento  
 Pera onde \*Alcides pos a extrema meta:  
 O monte †Abila, & o nobre fundamêto.  
 De Ceita toma, & o torpe Mahometa,  
 Deita fora, & ſegura toda Eſpanha  
 Da \*Iuliana, mã, & deſleal manha.

\* Chama as naos aues, porque co vento andão, ou voão, & por iſſo lhe chama nadantes.

† Inquieta chama a Tethis, porque o mar ſempre bolle, ou com vento, ou calmaria.

\* Pandas quer dizer curuas, he proprio epytheto de velas, às quaes chama aſas, porque perſeuerare ainda na metaphora de riba, quando chamou às naos aues, porque aſſi como as aues voão com as aſas, aſſi as naos com velas.

† O Estreito de Gibraltar, aonde pôs Hercu'les a derradeira columna, como atras fica dito.

\* Abyla & Calpe, são os dous cabos que eſtão no Estreito de Gibraltar.

† Iuliana mã, he a Caba, filha do conde Iulião, que forã deſleaes, & derão entrada aos Mouros em Eſpanha.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

50 Não consentio a morte tantos annos  
Que de <sup>t</sup>Heroe tão ditoso se lograsse  
Portugal: mas os coros soberanos  
Do ceo supremo, quis que pouoasse:  
Mas pera defensam dos Lusitanos  
Deixou quem o leuou, quem governasse  
E aumentasse a terra mais que dantes,  
Incllyta geração, altos Iffantes.

*Heroe se chamaua quem fazia algum feito Heroico.*

51 Não foy do Rey Duarte tão ditoso,  
O tempo que ficou na summa alteza,  
Que assi vay alternando o tempo iroso,  
O bem co mal, o gosto co a tristeza:  
Quem vio sempre hú estado deleitoso?  
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?  
Pois inda neste Reino, & neste Rey  
Não ysou ella tanto desta ley?

52 Vio ser captiuo o sancto irmão Fernando  
Que a tão altas empresas aspiraua,  
Que por salvar o pouo miserando  
Cercado, ao Sarraceno se entregaua:



Sô por amor da patria estâ passando  
 A vida de senhora feita escraua,  
 Por não se dar por elle a forte Seita  
 Mais o publico bem que o seu respeita.

† Codro porque o inimigo não vencesse, 53  
 Deixou antes vencer da morte a vida  
 Regulo porque a patria não perdesse,  
 Quis mais a liberdade ver perdida:  
 Este porque se Espanha não temesse  
 A captiueiro eterno se conuida:  
 Codro, nem \*Curcio, ouuido por espáto  
 Nem os †Decios leais fizeram tanto.

† Codro foy Rey dos Atbenienses: estado cercada dos Poloponenses, dixe o oraculo aos de Athenas, q̄ vee rião aos Poloponenses tãto q̄ mataſſe seu proprio Rey Codro: o q̄ sabido elle, por liurar sua patria, se vestio em trajos de pobre, & desconhecido come çou a desonrar hũs soldados, & assi lhes deu occa sião pera q̄ o mataſsem.

\* Em Roma se abriu hũa coua, & tiuerão repostã do oraculo, q̄ se não auia de tapar sem lbe lançarẽ a mais fermosa cousa do mũdo: auerigou se q̄ a mais fermosa cousa era hũ homẽ armado a cavallo: o q̄ visto Q Cartio, se armou, & pôdoſe a cavallo, se lançou na coua por amor da patria.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

\* Mais me parece que se ha de ler Curio, que Curcio, o qual foy cidadão Romano, & estando assentado em hum banco, os embaixadores dos Summites lhe offercerão muita quantidade de ouro, que trazião pera o darem publicamente, o qual mandando distribuir por todos, sem tomar nada, lhe dixerão os embaixadores, porque não tomava alguma cousa. Respondeo: Mais quer Marco Curio mandar os ricos, que ser rico, & a quem não pode vencer hum exercito, mal podera ser vencido do dinheiro.

† Decios forão tres, o pae, o filho, & o neto, os quaes se offercerão á morte por defensão da patria. O pae morreo na guerra que tiuerão cos Franceses: o filho na guerra Ethrusca, o neto na de Pyrrho, pelos de Tarento.

Mas Affonso do Reino vnico herdeiro:

54

Nome é armas ditoso, em nossa Hesperia  
Que a soberba do barbaro fronteiro,  
Tornou em baxa & humilima miteria,  
Fora por certo inuicto caualleiro,  
Se não quiserá yr ver a terra † Iberia:  
Mas Affrica dirá ser impossibil,  
Poder ninguem vencer o Rey terribil.

Iberia

† *Iberia se entende pellas terras de Espanha, por do nde passa o Rio Ebro, q̄ são as terras de Aragão & Navarra. E diz del Rei dom Affonso de Portugal, q̄ foy muito valeroso contra os Mouros, mas que a ambição de yr entrar pellas terras do Rio Ebro, dos estados de Castella, & Aragão, lhe causou ser vencido, como se ve nas historias de Portugal, posto que foy restaurado pello filho dom Ioão, que despois foi Rei.*

Este pode colher † as maçãs de ouro, 55  
 Que samente o Terintio colher pode,  
 Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,  
 A ceruiz inda agora não sacode:  
 Na frente a palma leua, & o verde louro  
 Das victorias do barbaro, que acode  
 A defender Alcacer forte villa,  
 Tangere populoso, & a dura Arzilla.

† *Diz isto, porque em Affrica dezião os poetas que estava o horto das Hesperidas que tinha maçãs douro, & as guardava hum dragão. Hercules o matou, & trouxe as maçãs a el Rey Erysteo. Chama a Hercules Teryntio, porque era de Terynta. E diz que el Rey dom Affonso colheo estas maçãs, porque passou a Affrica.*

56 Porem ellas em fim por força entradas,

Os muros abaxarão de Diamante,

Aas Portuguezas forças costumadas

A derribarem quanto achão diante,

Marauilhas em armas estremadas,

E de escriptura dinas elegante,

Fizerão caualleiros nesta empresa

Maís, affinando a fama Portuguesa.

57 Porem despois tocado de ambição,

E gloria de mandar amara & bella,

Vay cometer Fernando de Aragão

Sobre o potente Reino de Castella,

Ajuntase a inimiga multidão,

Das soberbas & varias gentes della,

Desde Caliz ao alto Perineo,

Que tudo ao Rey Fernando obedeeo.

58 Não quis ficar nos Reinos ocioso,

O mancebo Ioanne, & logo ordena

De ir ajudar o pay ambicioso,

Que então lhe foy ajuda não pequena,

Sãiose em fim do trance perigoso,

Com fronte não toruada, mas serena

Desbaratado o pay sanguinolento:

Mas ficou duuidoso o vencimento.

Porque o filho sublime & soberano, 59  
 Gentil, forte, animoso caualleiro,  
 Nos contrarios fazendo immenso dano,  
 Todo hum dia ficou no campo inteiro:  
 Desta arte foy vencido Octauiano,  
 E Antonio vencedor seu companheiro,  
 Quando daquelles que Cesar matarão  
 Nos Philipicos campos se vingarão.

Porem depois que a escura noite eterna, 60  
 Affonso aposentou no Ceo sereno,  
 O Principe que o Reino então gouerna,  
 Foy Ioanne segundo, & Rey trezeno:  
 Este por auer fama sempiterna,  
 Mais do q̄ tentar pode homem terreno,  
 Tentou, que foy buscar da roxa Aurora  
 Os terminos, q̄ eu vou buscado agora.

Manda seus mensageiros que passarão 61  
 Espanha, França, Italia celebrada,  
 E la no illustre porto se embarcarão,  
 Onde ja foy <sup>†</sup>Partenope encerrada  
 Napoles onde os fados se mostrarão  
 Fazendoa a varias gentes subjugada,  
 Polla illustrar no fim de tantos annos,  
 Co senhorio de inclitos Hispanos.

62 † Parthenope foy bñã das Sereas que se despenba-  
rão por passar Vlyxes a saluamento com seus com-  
panheiros: Hũa destas foy ter a Napoles, que he o  
porto de que aqui fala, aonde ella está enterrada,  
& cada anno lhe erguião sobre sua sepultura mui-  
tas tochas acensas.

62 Polo mar alto † Siculo nauegão,  
Vãose às praias de Rodes arenosas,  
E dali às \* ribeiras altas chegam,  
Que com morte de Magno sam famosas:  
Vão a † Menfis, & às terras que se regão,  
Das enchentes Niloticas vndosas,  
Sobem aa \* Ethiopia, sobre Egipto,  
Que de Christo la guarda o sancto rito.

† Chamalbe mar Siculo, pelas Ilhas Siciladas, que  
são 54. que jazem antre Calabria, & a terra que  
está ao Levante. Por aqui forão os primeiros des-  
cubridores por terra.

\* As ribeiras de Alexandria, cidade de Egipto, não  
longe da boca do Nilo, edificada por Alexandro,  
que lhe pos seu nome, cidade mui fertil.

† Memphis cidade Real de Egipto, segunda des-  
pois de Alexandria, aonde estiuerão os pyramides  
sepulturas.

† *A Etyopia sobre Egipto, he o Preste loão, & por isso diz que guardão o rito de Christãos.*

Passam tambem as ondas † Erythreas,  
 Que o pouo de Israel sem nao passou,  
 Ficãolhe atras as serras \* Nabatheas,  
 Que o filho de Ismael co nome ornou:  
 As costas odoríferas Sabeas,  
 Que a mãe do bello † Adonis tão hõrou  
 Cercão, com toda a Arabia descuberta  
 \* Felix, deixando a Petrea, & a Deserta.

63

† *Ondas Erythreas, he o deserto, que faz ondas de areia como de agoa.*

\* *Serras Nabatheas, entende Arabia.*

† *Adonis foy hum mancebo muito gentilhomem, filho de Cyniras Rey, auido de hũa filha sua Myrrha, a qual fingem ser despois mudada em aruore de seu nome, que produz encenso.*

\* *Ha tres Arabias, Felix, Petrea, & Deserta, vede atras, fol. 19.*

Entrão no estreito † Persico, onde dura  
 Da confusa Babel, inda a memoria.  
 Ali co Tigris o Eufratres se mistura  
 Que as fontes onde nascé té por gloria:

64

P

Dali

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Dali vão em demanda da agoa pura,  
Que causa inda sera de larga historia.  
Do Indo, pellas ondas do Oceano,  
Onde não se atreueo passar \*Trajano.

\* O estreyto Persico, he o que veyter de Baçora a Ormuz, & nelle entrão os dous rios Tigris, & Euphrates, que dizem vem do paraíso terreal, & passa hum delles por Babylonia. Este estreito tem de hũa parte Persia, & da outra Arabia.

\* O Imperador Trajano, passou con seu exercito, o Egipto deserto, & a Babylonia, & chegou a Baçora, que he cidade principal, que está no principio do Estreito Persico, que entra no mar Indico, na Ilha de Ormuz. E de Baçora não ousou passar este Imperador, inda que sua tẽção era passar à India.

65 Virão gentes incognitas estranhas  
Da India, de \*Carmania, & \*Gedrosia,  
Vendo varios costumes, varias manhas,  
Que cada Região produz & cria:  
Mas de vias tão asperas, tamanhas  
Tornarse facilmente não podia,  
La morrerão em fim, & la ficarão,  
Que à desejada patria não tornarão.

Carmania



\* Carmania Região de Asia maior, da qual escreue Pomponio.

\* Gedrosia, Região de Asia maior.

Parece que guardaua o claro Ceo 66

A Manoel, & seus merecimentos,  
Esta empresa tão ardua, que o moueo  
A subidos & illustres mouimentos.

Manoel que a Ioanne succedeo  
No Reino, & nos altiuos pensamentos,  
Logo como tomou do Reyno cargo,  
Tomou mais a conquista do mar largo.

O qual, como do nobre pensamento 67

Daquella obrigação que lhe ficara,  
De seus antepassados (cujo intento,  
Foy sempre acrecentar a terra chara )  
Não deixasse de ser hum so momento  
Conquistado: No tempo que a luz clara  
Foge, & as estrellas nitidas que saem  
A repouso conuidão quando caem.

Estando ja deitado no aureo leyto, 68

Onde as imaginações mas certas sam,  
Reuoluendo contino no conceyto  
De seu officio & sangue a obrigação,

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Os olhos lhe occupou o sonno aceito,  
Sem lhe desocupar o coração:

Porque tanto que lasso se adormece

† Morfeo em varias formas lhe aparece.

† Morpheo fingirão os Poetas que era Deos do sonno, & se mudava em varias figuras, porque communmente os sonhos nos representam figuras varias, de que depois de acordados não podemos dar fee, nem acordarnos.

- 69 Aqui se lhe apresenta que subia  
Tam alto que tocaua a prima esphera,  
Donde diante varios mundos via  
Nações de muita gente, estranha, & fera:  
E laa bem junto donde nace o dia  
Despois que os olhos longos estendera,  
Vio de antigos lóginquos & altos môtes  
† Nacerem duas claras & altas fontes.

† Sonhou que olhando pera Leuante, viu duas claras fontes, que são os dous rios que tem no meio a India, chamados o Indo, & Gange.

- 70 Aues agrestes, feras & alimarias  
Pello monte seluatico habitauão,

Mil arvores syluestres, & eruas varias  
 O passo & o trato aàs gentes atalhauão:  
 Estas duras montanhas aduersarias,  
 De mais conuerção, por si mostrauão  
 Que desque Adão pecou aos nossos ános  
 Não as romperão nunca pês humanos.

Das agoas se lhe antolha que saião 71  
 Por elle os largos passos inclinando,  
 Dous homês, que muy velhos parecião  
 De aspeito, inda q̄ agreste, venerando:  
 Das pontas dos cabellos lhe saião  
 Gotas, q̄ o corpo todo vão banhando,  
 A cor da pelle baça & denegrada  
 A barba hirsuta, intonfa, mas comprida,

Dambos de dous a fronte coroada 72  
 Ramos não conhecidos, & eruas tinha,  
 Hum delles a presença traz cansada,  
 Como quem de mais longe ali caminha,  
 E así a agoa com impeto alterada  
 Parecia que doutra parte vinha,  
 Bé como †Alfeo de Arcadia em Syracusa  
 Vay buscar os abraços de Aretusa.

† Alfeo, be nome proprio de homem: dizem os poe-

Os Lusíadas de Luis de Camões.

tas que se namorou de Aréthusa, & foy mudado  
em rio, & correndo por debaixo do mar, vai se aca-  
bar na fonte de Sicilia, chamada Arétusa, a qual  
foy dantes molher: chamale Alfeo Darcadia, por-  
que he rio de Arcadia.

73 Este que era o mais graue na pessoa  
Destarte pera o Rey de longe brada,  
O tu a cujos Reinos & coroa  
Grande parte do mundo está guardada,  
Nos outros, cuja fama tanto voa  
Cuja ceruiz bem nunca foy domada,  
Te auifamos que he tempo q̄ ja mandes  
A receber de nos tributos grandes.

74 Eu sou o illustre Ganges, que na terra  
Celeste, tenho o berço verdadeiro,  
Estoutro he o Indo Rey, que nesta serra  
Que vês, seu nascimento tem primeiro:  
Custartemos com tudo dura guerra,  
Mas insistindo tu por derradeiro,  
Com não vistas victorias, sem receio,  
A quantas gentes vês porâs o freio.

75 Não disse mais o rio illustre & sancto,  
Mas ambos desaparecem num momento,

Acorda Emanuel cum nouo espanto,  
 E grande alteração de pensamento:  
 Estendeo nisto Phebo o claro manto  
 Pello escuro Emisperio somnolento:  
 Veio a menhãa no ceo pintando as cores  
 De pudibunda rosa, & roxas flores.

Chama o Rei os senhores a conselho, 76  
 E propôelhes as figuras da visam,  
 As palauras lhe diz do sancto velho,  
 Que a todos forão grande admiração:  
 Determinão o nautico aparelho,  
 Pera que com sublime coração  
 Vaa a gête q̄ mandar cortando os mares,  
 A buscar nouos climas, nouos ares.

Eu que bem mal cuidaua que em effeito 77  
 Se possesse o que o peito me pedia,  
 Que sempre grandes coufas deste geito,  
 † Presago o coração me prometia:  
 Não sey porque razão, porque respeito,  
 Ou porque bom final que em mi se via,  
 Me pôe o inclyto Rey nas mãos a chaue  
 Deste cometimento grande, & graue.

† Presago, propriamente he o que nos adeuinha o coração.

78 E com rogo & palauras amorosas (ga  
 Que he hũ mádo nos Reis q̃ a mais obri  
 Me disse: As cousas arduas & lustrosas  
 Se alcanção com trabalho, & cõ fadiga:  
 Faz as pessoas altas & famosas,  
 A vida que se perde & que periga,  
 Que quádo ao medo infame não se réde  
 Então se menos dura mais se estende.

79 Eu vos tenho entre todos escolhido  
 Para hũa empresa qual a vos se deue,  
 Trabalho illustre, duro & esclarecido,  
 O que eu sey que por mi vos sera leue:  
 Não sofri mais, mas logo, O Rey subido  
 Auenturarme a ferro, a fogo, a neue,  
 He tão pouco por vos, q̃ mais me pena  
 Ser esta vida cousa tão pequena.

80 Imaginay tamanhas auenturas  
 Quaes Euristeo a †Alcides inuentaua,  
 O lião Cleonêo, Arpias duras,  
 O porco de Erimanto, a Ydra braua:  
 Decer em fim às sombras vans & escuras  
 Onde os campos de \*Dite a Estige laua,  
 Porque a mayor perigo, a môr affronta  
 Por vos, o rei, o sprito & carne he prôpta.

\* Como Hercules fosse filho de Iupiter adulterino: não pode sofrer luno molher de Iupiter ver o filho de seu marido tão triumphante, foyse a Eurysteo, filho de Stenalo Rey de Mycenae, que propusesse a Hercules a grandes aventuras, pera que nellas morresse, mas mais trabalho tinha Eurysteo em as propor a Hercules, que Hercules em vencellas. Por industria & engano de Eurysteo, cuidando que morresse Hercules, lbe mandou buscar o Leão que andava destruindo as terras da villa de Cleone, as Harpyas, que erão hũas aues mui feroces, o porco montes de Herymanto, que trouxe às costas, com cuja medonha vista se escondeo Eurysteo, a serpe chamada Hydra de sete cabeças, o Cãocerbero dos infernos, que tambem trouxe, & outras aventuras, que lbe ficarão dos doze trabalhos.

\* Dite, tomase aqui por Plutão Rei dos infernos.

Com mercês sumptuosas me agradece,  
 E com razões me louua esta vontade,  
 Que a virtude louuada viue & crece,  
 E o louuor altos casos persuade:  
 A acompanharme logo se offerece  
 Obrigado damor & damizade,  
 Não menos cobiçoso de honra & fama,  
 O charo meu irmão Paulo da Gama.

O5 Lusíadas de Luis de Camões.

82 Mais se me ajuntá Nicolao Coelho  
De trabalhos mui grande soffredo r,  
Ambos de valia, & de conselho,  
De experiencia em armas & furor:  
Ia de manceba gente me aparelho,  
Em que crece o desejo do valor,  
Todos de grande esforço, & assi parece  
Quem a tamanhas cousas se offerece.

83 Forão de Emanoel remunerados,  
Porque com mais amor se apercebessem,  
E com palauras altas animados,  
Pera quantos trabalhos succedessem,  
Assi forão os Mynias ajuntados  
Pera que o veo dourado combatessem,  
Na Fatidica nao, que ousou primeira  
Tentar o mar Euxinio aventureyra.

84 E ja no porto da inclita Vlyssæa,  
Cum aluroço nobre, & cum desejo,  
(Onde o licor mistura, & branca areia  
Co salgado Neptuno o doce Tejo)  
As naos prestes estão, & não refrea  
Temor nenhum o juvenil despejo,  
Porque a gente maritima, & a de Marte,  
Estão pera seguirme a toda parte.



Pellas prayas vestidos os soldados, 85  
 De varias cores vem, & varias artes,  
 E não menos de eforço aparelhados  
 Pera buscar do mundo nouas partes:  
 Nas fortes naos os ventos sossegados,  
 Ondeão os aerios estandartes,  
 Ellas prometem vendo os mares largos,  
 De fer no Olipo estrellas como a de <sup>†</sup>Ar-  
 gos. 88

*† Argos pastor, tinha cẽ olhos ao redor da cabeça.  
 Foi morto por Mercurio, & Iuno lhe mudou olhos  
 q̃ tinha em olhos de rabo de pauão sua aue.*

Despois de aparelhados desta sorte 86  
 De quanto tal viagem pede & manda,  
 Aparelhamos a alma pera a morte,  
 Que sêpre aos nautas ante os olhos áda:  
 Pera o sumo poder q̃ a Etherea corte  
 Sostenta so coa vista veneranda,  
 Imploramos fauor que nos guiasse,  
 E que nossos começos aspirasse.

Partimonos assi do sancto templo, 78  
 Que nas praias do mar està assentado,  
 Que o nome tem da terra, pera exêplo,  
 Dõde Deos foy en carne ao mûdo dado.

Certez

Os Lusíadas De Luis de Camões.  
Certificote ô Rey, que se contemplo  
Como fuy destas praias apartado,  
Cheio dentro de duuida, & receio,  
q̄ apenas nos meus olhos ponho o freio.

*9 Diz isto, porque antiguamente se embarcauão  
os que bião pera a India em Betblem.*

88 A gente da cidade aquelle dia  
Hús por amigos, outros por parentes,  
Outros por ver samente, concorria  
Saudosos na vista, & descontentes:  
E nos co a virtuosa companhia  
De mil religiosos diligentes,  
Em procissam solenne a Deos orando.  
Pera os bateis viemos caminhando.

89 Em tão longo caminho, & duuidoso,  
Por perdidos as gentes nos julgauão,  
As mulheres cum choro piadoso,  
Os homés com suspiros que arrancauãos  
Máis, Esposas, irmãs, que o temeroso  
Amor mais desconfia, acrecentauão  
A desesperação, & frio medo  
De ja nos não tornar a ver tão cedo.

Qual

**Q**u al vay dizendo: O filho a quẽ eu tinha 90  
 So pera refrigerio & doce emparo  
 De sta cansada ja vilhice minha,  
**Q**ue em choro acabará, penoso & amaro  
 Porque me deixas, misera & mezquinha  
 Porque de mi te vas, o filho charo  
 A fazer o funero enterramento,  
 Onde sejas de de peixes mantimento?

**Q**ual em cabelo: O doce & amado espeso 91  
 Sem quem não quis amor q̃ viuer possa,  
 Porque is auenturar ao mar iroso  
 Essa vida que he minha, & não he vossa?  
 Como por hum caminho duuidoso  
 Vos esquece a afeição tão doce nossa?  
 Nosso amor, nosso vão contentamento,  
**Q**uereis q̃ com as vellas leue o vento?

Nestas & outras palauras que dizião  
 De amor, & de piadosa humanidade, 92  
 Os velhos & os mininos os seguião,  
 Em quem menos esforço poê a ydade:  
 Os montes de mais perto respondião  
**Q**uasi mouidos de alta piedade,  
 A branca areia as lagrimas banhauão  
**Q**ue em multidão co ellas se igoalauão.

93 Nos outros sem a vista aleuantarmos,  
Nem a máy, nem a esposa, neste estado,  
Por nos não magoarmos, ou mudarmos  
Do proposito firme começado:  
Determiney de assi nos embarcarmos  
Sem o despedimento costumado,  
Que posto que he de amor vfança boa  
A quem se a parta, ou fica, mais magoa.

94 Mas hum velho daspeito venerando,  
Que ficaua nas praias entre as gentes,  
Posto em nos os olhos, meneando  
Tres vezes a cabeça, descontente,  
A voz pesada hum pouco aleuantando,  
Que nos no mar ouuimos elaramente,  
Cum saber so dexperiencias feyto  
Tais palauras tirou do experto peito.

95 O gloria de mandar, o vaá cobiça  
Desta vaidade, a quem chamamos fama,  
O fraudulento gosto, que se atixa  
Cúa aura popular, que honra se chama  
Que castigo tamanho & que justiça  
Fazes no peito váo que muito te ama,  
Que mortes, que perigos que tormentas  
Que crueldades nelles esprimentas

Dura inquietação dalma & da vida 66  
 Fonte de desemparos & adulterios,  
 Sagaz consumidora conhecida  
 De fazendas de reinos, & de imperios  
 Chamante illustre, chamáte subida,  
 Sendo dina de infames vituperios,  
 Chamante Fama, & Gloria soberana,  
 Nomes cõ quem se o pouo nescio engana

A que novos desastres determinas 97  
 De levar estes reinos & esta gente?  
 Que perigos, que mortes lhe destinas  
 Debaixo dalgum nome preminente?  
 Que promessas de reinos, & de minas  
 Douro, que lhe faras tão facilmente?  
 Que famas lhe prometeras, q̃ historias?  
 Que triumphos, q̃ palmas, que victorias?

Mas ô tu geração daquelle infano 98  
 Cujõ peccado & desobediencia  
 Não samente do Reino soberano  
 Te pos neste desterro & triste ausencia:  
 Mas inda doutro estado mais q̃ humano  
 Da quieta & da simpres innocencia,  
 † Idade douro tanto te priuou  
 Que na de ferro & darmas te deitou.

♦ Fingirão os poetas, que ouue quatro idades. A primeira chamarão douro, quando os homẽs não sabião mal nenhum, a terra de si daua sustentamento pera elles. A segunda de prata, quando começaram os homens a fazer casas particulares. A terceira, de metal, quando nacerão guerras, mas justas. A quarta de ferro, na qual sayo toda a maldade.

99 Ia que nesta gostosa vaidade  
 Tanto enleuas a leue fantasia,  
 Ia que aa bruta crueza & feridade  
 Poseste nome, esforço & valentia.  
 Ia que prezas em tanta quantidade  
 O desprezo da vida, que deuia  
 De ser sempre estimada, pois que ja  
 Temeo tanto perdella quem a dà.

100 Não tẽs junto contigo o Ismaelita  
 Com qué sempre terás guerras sobejas?  
 Não segue elle do Arabio a lei maldita,  
 Se tu polla de Christo so pelejas?  
 Não tem cidades mil, terra infinita  
 Se terras & riquezas mais desejas?  
 Não he elle por armas esforçado?  
 Se queres por victorias ser louuado?

Deixas criar às portas o inimigo 102  
 Por ires buscar outro de tão longe,  
 Por quem se despouoe o reino antigo  
 Se enfraqueça & se vâ deitando a longe  
 Buscas o incerto & incognito perigo  
 Porque a fama te exalte & te lifonge,  
 Chamando te senhor com larga copia  
 Da India, Persia, Arabia, & de Ethiopia.

O maldito o primeiro que no mundo 102  
 Nas ondas vellas pos em seco lenho,  
 Dino da eterna pena do profundo,  
 Se he justa a justa ley q̄ sigo & tenho:  
 Nunca juyzo algum alto & profundo,  
 Nem cythara sonora, ou viuo engenho,  
 Te dè por isso fama, nem memoria:  
 Mas cõtigo se acabe o nome & a gloria.

Trouxe o filho de †Iapeto do Ceo  
 O fogo que ajuntou ao peito humano, 103  
 Fogo que o mundo em armas acendeo  
 Em mortes, em desonras (grãde engano)  
 Quanto melhor nos fora Prometeo,  
 E quanto pera o mundo menos dano,  
 Que a tua estatua Illustre não tiuera  
 Fogo de altos desejos, que a mouera.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

101 Os poetas fingem que Prometheo fez hum homẽ de barro, & vendoo tão fermoso, vio que lhe faltava calor, por onde foy ao ceo, & furtando fogo, lho meteo no peito. pello qual foy castigado, que nos infernos as Harpias lhe estejam continuamente comendo os bofes. Interpretão algũs esta fabula, & dizem que se finge que fez o homem, porque foi o primeiro que os ensinou a viuer humanamente acendendolhe o peito, co fogo do desejo da bonra.

104 Não cometera o moço miserando  
O carro alto do pay, nem o ar vazio  
O grande \* Achitector co filho, dando  
Hũ nome ao mar, & o outro fama ao rio  
Nenhum cometimento alto & nefando  
Por fogo, ferro, agoa, calma & frio,  
Deixa intentado a humana geração:  
Miseria forte, estranha condição!

\* Phaetonte, atras, fol. 18.

\* Dedalo estando fechado com seu filho Icaro em hũa torre, inuentou como era engenboso as as pegadas com cera, & pondoas em si, & em seu filho, lhe disse que voando não fosse muito alto, porque com a quentura do sol se não derreteffe a cera, & caisssem as penas, nem fosse muito baixo, porque



anião de paſſar hum mar, & com a frialdade  
 delle, endureceſeſeſeſeſe a cera, & não poderião mo-  
 uerſe as penas. Começarão a voar, & o moço  
 como ſe vio no ar, voou alto, & derreten-  
 doſeſeſe a cera, cabio no mar & afo-  
 gouſe, & de Icaro, chamouſe  
 o mar Icaro. O pae  
 paſſou a ſala  
 no.



Q 2

PROSIGVE

**P**ROSEGVE, SVA PRAZICA, dando conta como partio de Portugal, anno de 1497. Recitaje poeticamente o descobrimento do cabo de Boaesperança, & conta por extenso toda sua derrota, referindo todos os casos que lhe succederão a te chegar a India, onde ora está.

**CANTO QVINTO.**



**S**TAS SENTENÇAS taes o velho hórado  
Vociferando estaua, quando abrimos  
As alas ao sereno & sossegado

Vêto, & do porto amado nos partimos:  
E conio he ja no mar costume vsado  
A vella desfaldrando, o ceo ferimos,  
Dizendo, Boa viagem, logo o vento  
nos troncos fez o vsado mouimento.

Entraua

Entraua neste tempo o teterno lume,  
 No animal \*Nemeyo truculento,  
 E o mundo q̄ com tempo se consume  
 Na seista †idade andaua \*enfermo e lêto:  
 Nella ve, como tinha por costume  
 Cursos do sol quatorze vezes cento,  
 Com mais nouenta & sete, em q̄ corria  
 Quando no mar a armada se estendia.

Anno de  
 1497.

† Lume eterno chama o Sol, porque eternamente  
 allamia.

\* Animal Nemeio, entende o Leão que hercules ma-  
 zou na mata Nemeia, na qual mata os Gregos cele-  
 brauão a Hercules em memoria deste Leão hũas  
 festas a q̄ chamauão Nemeias, ou jogos Nemeios.  
 E quãto ao que diz do Sol que entraua neste Leão  
 falla o Poeta conforme à doutrina dos Mathema-  
 ticos, que dizem que ha doze signos no Zodiaco,  
 em cada hum dos quaes entra o sol cada mes. &  
 quando Hercules matou este leão, fingem os poe-  
 tas que foy leuado aos ceos, & o fizeram este signo,  
 no qual entra o sol communmente aos catorze dias  
 do mes de Iulho.

† Os Philosophos repartirão a idade dos homẽs em  
 seis partes, em Infancia, q̄ he ate sete annos: em pue-  
 ricia, que he dos sete annos ate os quinze: Adoles-  
 cencia,

Os Lusíadas De Luis de Camões.

131  
cencia, ate os vintacinco: Iuuentude ate os trinta  
& cinco: Varão ate os quarenta & cinco: Velhice,  
ate os sesenta: Decrepidade dahi por diante. Varro,  
faz so cinco partes. Mocidade ate os 15. annos:  
mancebos ate os 30. Homens, até os 40. Velhos até  
os sesenta. Decrepitos dahi ate o fim da vida. Isto  
quanto á idade dos homens. A idade do mundo, de  
que o poeta falla, se diuide desta maneira em seis  
partes. A primeira, de Adão ate Noe. A segunda,  
de Noe ate Abrahão. A terceira, de Abrahão atee  
Dauid. A quarta, de Dauid, ate a transmigração  
de Iudea pera Babylonia. A quinta dahi ate a vir  
da de Christo em carne. A sexta he esta em que  
vay o mundo correndo, ate que torne a vir Christo  
glorioso, a condenar os maos, & a premiar os boos,  
na fim do mundo.

\* Enfermo de virtudes: ou tambem porque são ja  
agora os homens de mais fraca compreisam que os  
antigos. Chamalhe lento, que quer dizer vagaro-  
so, porque em Iulho parece que anda o sol mais de  
vagar, porque são os dias grandes: & chamalhe  
vagaroso, não porque o sol ande então mais de  
vagar, mas porque se vem acbegando do Tropi-  
co de Capricornio, pera o do Cancro, & anda  
mais impinado sobre nossa cabeça, & assi san-

os dias maiores. E falla conforme aa opinião do vulgo errado, como muitas vezes faz Virgilio, Ouidio, & outros muitos graues poetas, o que se não concede a bystoriador.

Ia a vista pouco & pouco se desterra 3  
 Daquelles patrios montes que ficauão,  
 Ficaua o charo Tejo, & a fresca serra  
 De Sintra, & nella os olhos se alógauão  
 Ficauanos tambem na amada terra  
 O coração, que as magoas lá deixauão,  
 E ja despois que toda se escondeo  
 Não vimos mais em fim q̄ mar & ceo.

Assi fomos abrindo aquelles mares 4  
 Que geração algũa não abrio,  
 As nouas ilhas vendo & os nouos ares,  
 Que o generoso † Enrique descobrio  
 De Mauritania os montes & lugares  
 Terra q̄ Anteo num tempo possuyou,  
 Deixando à mão ezquerda, q̄ à direita  
 \*Não ha certeza doutra, mas sospeita.

pp<sup>o</sup> O infante P. Henrique f.º de D. João 1.º foi o piº descobridor  
 † Porque foy o primeiro Rey de Portugal que pas-  
 sou a Affrica. *humo honrado a qm se deu o nome  
 em affrica* 24 Diz

\* Diz isto, porque estas terras não estão ainda descubertas de ninguém, & por isso se chama terra incognita.

5 Passamos a grande Ilha da madeira

Que do muito aruoredo assi se chama,

Das que nos pouoamos, a primeira,

† Mais celebre por nome, que por fama:

Mas nem por ser do mudo a derradeira

Se lhe auentajão quantas Venus ama,

Antes sendo esta sua se esquecera

De \*Cypro, Guido, Pafos, & Cythèra.

† Nome, quer dizer valia, porque esta ilha não he tanto nome, como valor.

\* Cypro, he a ilha de Chypre. Está antre Sicilia & Syria no mar Carpio, Chama-se a Ilha de Cypro, da cidade de Chypre, que nella está fundada. Estão nesta ilha as cidades de Cytera, donde se chama Venus Cytherea: a de Pafos, a de Palepafos, & Salamina. He hũa das mores ilhas, que ha no mar Mediterraneo. Guido, Pafos, & Cythera, são outras cidades, que estão nas ilhas do mar Mediterraneo.

6 Deixamos de Massilia a esteril costa,

Onde seu gado os † Azenegues pastão,

Gente

Gente que as frescas agoas nunca gosta  
 Nem as eruasdo campo bem lhe abastão;  
 A terra a nenhũ fruto em fim delposta  
 Onde as aues no vètre o ferro gastão,  
 Padecendo de tudo extrema inopia  
 Que aparta a barbaria de Etiopia.

*em ay*  
*Exalta.*

*† Azenegues, prouincia de Guine em Aprica, terra steril. Não bebem agoas frescas, porque não ha fontes na terra, & as agoas que bebem, são de cisternas, & esta vem de fora. Ha nella muitos animais, entre os quaes são as Emas, ou abestruzes, que são hãas aues tão grandes como burros, que comem & desistem ferro.*

Passamos o limite aonde chega

7

O Sol, que pera o Norte os carros guia,

Tropico

Onde jazem os pouos, a quem nega

do Cácro

O †filho de Climêne a cor do dia:

linha tẽz

Aquí gentes estranhas lava & rega

perada. *Simi*

Do negro \*Sanagà a corrente fria,

*de da Zona tẽz*

Onde o Cabo Arsinario o nome perde

*xi 2a*

Chamando se dos nossos Cabo verde.

*† Pbaetonte, filho de Climene, vede a sua fabula atraz, fol. 18.*

Os Lusíadas de Luis de Camões.

\* Rio do Cabo Verde, o qual Cabo, antigamente se chamou Arsinario, d' hũa moça Arsinaria, que ali governou.

8 Passadas tendo ja as <sup>†</sup>Canarias ilhas

Que tiuerão por nome Fortunadas,  
Entramos nauegando pollas filhas  
Do velho Hesperio \* Hesperidas chama-  
Terras por onde nouas marauilhas (das  
Andarão vendo já nossas armadas,  
Ali tomamos porto com bom vento  
Por tomarmos da terra mantimento.

† As Ilhas que agora se chamão Canareas, são as q̄ antigamente se chamarão Fortuna las, por ser mui fertiles de fructos. Strabo, no lib. 1. diz desta maneira. As Ilhas Fortunadas estão contra o termino de Mauritania, pera o Occidente, pera a qual parte correo tambem a fim de Espanha. Chama-se Fortunadas, porque as tinhão por taes. Seis Ilhas ouue, hũa dellas se chamou Ombrião, a outra Iunonia, a terceyra Fortunada, a quarta Capraria, a quinta Niuarria, porque estava sem pre cuberta de neue. A sexta Canarria, porque se criauão nella grandes cães. E desta como mais nobre, tomarão as outras todas o nome, & chamarão-se



marãoſe as Ilhas Canareas, como agora as chama-  
mos.

\* Hesperidas ſão as tres irmãs, por nome Egle,  
Aetbuſa, & Heſpertuſa, filhas de Heſpero ir-  
mão de Atlante. Está em Affrica hum promonto-  
rio das Hesperidas. São tãbem bñas ilhas de que fa-  
la Plinio, & Solino. Estas ſão as ilhas de Cabo ver-  
de, Santiago, ilha do Fogo, & do Sal, & outras, a  
que chamão de balraento.

A aquella ilha aportamos, que tomou

O nome do guerreiro Sanctiago,

Sancto q̄ os eſpanhoes tanto ajudou

A fazerem nos Mouros brauo eſtrago;

Daqui tanto que Boreas nos ventou

Tornarmos a cortar o immenſo lago,

Do ſalgado Oceano, & aſſi deixamos

A terra onde o refreſco doce achamos.

Por aqui rodeando a larga parte

De Africa, que ficaua ao Oriente

A Prouincia Ialofo, que reparte

Por diuerſas nações a negra gente;

A muy grande Mandiga, por cuja arte,

Logramos o metal rico & luzente,

Que do curuo Gábea as agoas bebe

As quaes o largo Atlantico recebe.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

† Terras, & rios de Guiné, vay agora escreuendo.  
Mandinga, rio de Guiné, aonde se acha o ouro,  
o qual rio se vay meter no Rio Gambia, & vão a  
meterse no mar Atlantiço.

11 As † Dorçadas passamos, pouoadas  
Das\* Irmãas, q' outro tempo ali viuão,  
Que de vista total sendo priuadas  
Todas tres dhum so olho le seruião:  
Tu so, tu cujas tranças encrespadas  
Neptuno la nas agoas acendião,  
Tornada ja de todas a mais fea  
De biuoras encheſte a ardente area.

† As Dorçadas são junto da costa de Cabo verde.

\* As irmãas que se seruião de hum so olho, entendo  
de Medusa, & suas irmãs: as quaes ambas tinhão  
hum so olho que traſpassaão hũa a outra, eſtando  
do em guarda de Medusa que dormia. Perseo lhe  
furtou o olho, indoo a dar hũa a outra, & assi cui-  
dando a hũa que a outra tinha o olho, entrou Per-  
seo onde estaua Medusa durmindo, & lhe cortou  
a cabeça.

12 Sépre em fim pera o † Austro a aguda proa  
No grandissimo \*golfão nos metemos,

Dei-

Deixando a ferra alperrima Lyoa  
 Co Cabo a qué das Palmas nome demos  
 O grande rio, onde batendo soa  
 O mar nas prayas notas, que ali temos,  
 Ficou, co a Ilha illustre que tomou  
 O nome †d'hũ que o lado a Deos tocou.

¶ *Escreue como bião correndo a Costa de Affrica,  
 sempre com a proa pera o Sul, demandando o Ca-  
 bo de Boa Esperança.*

\* *Parece fazer imprprioamente, chamar do ao mar  
 largo golfam, mas porque lbe chama grandissimo,  
 soffreje, como Virgil que no 9. dos Aneid. chama  
 ao mar tanques immensos. Per Stagna immensa,  
 lacusq, tratando de Orião, quando cobrou a vista.*

† *Chamouse esta ilha de S. Thome, porque se des-  
 cubrio em aia de S. Thome.*

Ali o muy grande reyno està de Congo 14  
 Por nòs ja conuertido a fee de Christo,  
 Por onde o Zaire passa claro & longo  
 Rio pellos antigos nunca visto:  
 Por este largo mar em fim me alonga  
 Do conhecido pollo de †Calisto,  
 \*Têndo o termio ardente ja passado,  
 Onde o meyo do mundo he limitado.

*Calisto,*

\* Calysto, vede atrás.

20\* A linha torrida, que corta em decerto a ilha de  
 Santhome, porque diuidem os Ceos com cinco li-  
 neas, & a terra com outras tantas, & a torrida,  
 que he a do meio, he a que corta o mundo de meio  
 a meio, de Oriente a Ponente, porque doutra manei-  
 ra, como a terra he redonda, não pudera netta uer  
 principio, nem meio, nem fim. *paruice com o*  
*f. c. a. a. a.*

*Da agua  
 que he na  
 parte do  
 nome da  
 zona torrida.*

14 Ia descoberto tinhamos diante

† La no nouo Hemisperio noua estrella,  
 Não vista de outra gente, que ignorante  
 Algũs tempos esteue incerta della:  
 Vimos a parte menos rutilante  
 E por falta destrellas menos bella,  
 Do \* Polo fixo, † onde inda se não sabe  
 Que outra terra comece, ou mar acabe.

† Isto diz, porque passando a linha, logo se perde  
 o Norte, & antes de chegar a ella algũs graos, mas  
 descobrese o pollo Antartico.

\* Polo fixo chama ao Polo Antartico, porque he  
 aonde o eyxo dos Ceos se sustenta, & não se moue  
 como as outras estrellas.

† As terras dalem do Cabo de boa Esperança, não  
 são ainda descobertas, nem se sabe se as ha, somete

se

se sospeita, por amor do Estreito de Magalhães,  
que pois ba estreito, verisimil he que se faz da terra  
ra firme que vem correndo.

Assi passando aquellas regiões

15

Por onde duas vezes passa<sup>†</sup> Apolo,  
Dous inuernos fazendo & dous verões  
Em quanto corre dhum ao outro Polo:  
Por calmas, por tormentas & oppressões  
Que sempre faz no mar o yrado Eolo,  
Vimos as \* Vrsas a pesar de Iuno  
Banharense nas agoas de Neptuno.

† Apollo quer dizer o Sol. Passa duas vezes por estas regiões, desta maneira. Hũa vez passa quando vay do Tropico do Cancro pera o Capricornio, & outra quando torna dahi pera o Cancro. Os dous inuernos que faz, he quando passa pella linha <sup>do tropico de</sup> <sup>capricornio</sup> pera o Cancro, & como se vay achegando ao Cancro faz inuerno: despois que torna, & se vay chegando pera o Capricornio, faz outro inuerno, porque se afasta o sol delles desta maneira todos os annos.

\* As duas guardas do Norte: as quaes fazem giro em torno do Norte, chamadas Vrsas.

Contarte longamente as perigosas

16

Cousas do mar q̄ os homês não entêdê,  
Subitas

Os Lulladas de Luis de Camões.

Subitas trauoadas, temerosas,  
Relampagos que o ar em fogo acendem:  
Negros chuteiros, noites tenebrosas,  
Bramidos de trouões q̄ o mūdo fendem,  
Náo menos he trabalho, q̄ grande erro  
Ainda que tiuesse a voz de ferro.

17 Os casos vi, que os rudos marinheiros  
Que tem por mestra a longa experiência,  
Cótão por certos sempre & verdadeiros,  
Iulgando as cousas so polla apparencia:  
E que os que tem juyzos mais ínteiros  
Que so por puro engenho & por ciência,  
Vendo mundo, os segredos escondidos  
Iulgão por falsos, ou mal entendidos.

18 Vi claramente visto o lume viuo  
Que a maritima gente tem por santo  
Em tēpo de tormenta, & vento esquiuo,  
De tempestade escura, & triste pranto,  
Náo menos foy a todos excessiuo  
Milagre, & cousa certo de alto espanto,  
Ver as nuués do mar com largo cano,  
Soruer as altas agoas do Oceano.

Qual

Qual Roxa sanguesfuga se veria 21  
 Nos beijos da alimaria (que imprudente  
 Bebendo a recolheo na fonte fria)  
 Fartar co sangue alheio a sede ardente:  
 Chupádo mais & mais se engrossa & cria  
 Alli se enche, & se alarga grandemente,  
 Tal a grande coluna, enchendo aumêta,  
 A si, & a nuem negra que sustenta.

Mas despois que de todo se fartou 22  
 O pê que tem no mar a si recolhe,  
 E pello ceo chouendo em fim vóou  
 Porque co a agoa ajacente agoa molhe:  
 Aas ondas torna as ondas que tomou:  
 Mas o sabor do sal lhe tira & tolhe,  
 Vejão agora os sabios na escriptura  
 Que segredos sam estes de natura.

Se os antigos Philosophos, que andarão 23  
 Tantas terras, por ver segredos dellas,  
 As maravilhas que eu passei passarão  
 A tão diuersos ventos dando as vellas:  
 Que grandes escripturas que deixarão,  
 Que influição de signos & de estrellas,  
 Que estranhezas, que grandes calidades  
 E tudo sem mentir, puras verdades.

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
24 † Mas ja o Planeta que no ceo primeiro  
Habita, cinco vezes apressada,  
Agora meio rosto, agora inteiro (da:  
Mostrara, é quãto o mar cortaua a arma-  
Quãdo da Etherea gauea hũ marinheiro  
Prompto co a vista, terra, terra, brada,  
Salta no bordo aluoroçada a gente  
Cos olhos no Orizante de Oriente.

† *Atras tratey dos Planetas, & seus lugares, o Planeta de que aqui falla he a Lũa. & escreue cinco Lũas nouas, q̄ quer dizer cinco mezes como costumão os poetas contar o tempo.*

25 A maneira de nuuês se começã  
A descrubrir os môtes que enxergamos,  
As ancoras peçadas se adereção,  
As vellas ja chegados amainamos:  
E pera que mais certas se conheção,  
As partes tão remotas onde estamos,  
Pello nouo instrumento do † Astrolabio  
Inuenção de gentil juyzo, & fabio.

† *Astrolabio, he hum instrumento de metal, com hum amestrador, que os mareantes costumão levar quando navegão, pera tomarem a altura do Sol,*



Sol, & saberem em que parte estão, tomão com elle 101  
o Sol ao meio dia.

Desembarcamos logo na espaçosa 26  
Parte, por onde a gente se espalhou,  
De ver cousas estranhas deseiosa,  
Da terra que outro pouo não pisou:  
Porem eu cos pilotos na arenosa  
Praia, por vermos em que parte estou,  
Me detenho em tomar do sol a altura,  
E compassar a vniuersal pintura.

Carta de  
marear

Achamos ter de todo ja passado 27.  
† Do Semicapro peixe a grande meta,  
Estando antre elle, & o circulo \*gelado  
Austral, parte do mundo mais secreta: Sul.  
Eis de meus companheiro rodeado  
Vejo hum estranho vir de pelle preta,  
Que tomarão por força, é quãto apanha  
De mel os doces fauos na montanha.

† Semicapro peixe he hum dos signos celestes, meio  
peixe, & meio cabra. Achega ate a linha tempera-  
rada, que he o Tropico Capricornio. Quer dizer  
aqui Vasco da Gama, ou Camões por elle, que  
tinhão ja passada a linha temperada, que está

101 pera a banda do Sul: & ficava antre o polo Antartico, a que chama circulo gelado, & esta linha: antre as quaes duas linhas, s. a frigida, & temperada da banda do Sul, está o Cabo de boa esperança, que elles hão demandar.

\* Chama circulo gelado, porque como está muito afastado do Sol, nem lhe nunca atlega; continuamente está cuberta de neve: & as terras debaixo deste circulo, dizem que sam despouçadas por muito frias: porque ha nellas serras muy altas de neve, & o mar todo está continuamente de frio congelado.

- 28 Toruado vem na vista, como aquelle  
 Que não se vira nunca em tal extremo,  
 Nem elle entende a nos, nem nos a elle,  
 Seluagem, mais que o bruto † Polifemo:  
 Começolhe a mostrar da \* rica pelle  
 De Colchos, o gentil metal supremo,  
 A prata fina, a quente especiaria,  
 A nada disto o bruto se mouia.

† Polyfemo foy hum Gigante dos Cyclopes, que tinha hum so olho na testa, filho de Neptuno, & de Iboa, de grandissima estatura de corpo: repastava gado, & morava em hũa cova, aonde indo

ter Vlyxes com doze companheiros, & metendose  
 nella não estando ahi o Gygante, descuidouse em  
 ver o que na coua estaua. Vindo Polyfemo, & vês  
 doos, lbe comeo seis dos companheiros. Vlyxes ven  
 do que bia a cousa de mal em peor, o embebedou,  
 & estãdo dormindo lbe meteo pello olho hum pao  
 tostado, & cegandoo, lbe fugio, com os outros seis  
 companheiros que escaparão.

\* A pelle rica de que falla, he o brocado, que se faz  
 na região de Colchos, da qual Região atraz se a  
 dito. *nostronha e ouro. porque se faz por a lã de  
 jãta pelle de carne de pãta que era de ouro.*

Mando mostrarlhe peças mais sômenos, 29  
 Contas de Christalino transparente,  
 Algũs soantes cascaueis pequenos,  
 Hum barrete vermelho, cor contente:  
 Vi logo por sinais & por acenos  
 Que com isto se alegra grandemente,  
 Mãdo soltar com tudo, & ahsi caminha  
 Pera a pouoação, que perto tinha.

Mas logo ao outro dia seus parceiros 30  
 Todos nũs, & da cor da escura treua,  
 Decendo pellos asperos outeiros  
 As peças vem buscar, que estoutro leua:

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Domesticos ja tanto, & companheiros  
Se nos mostráo, que fazem q̄ se atreua,  
Fernão Velloso a yr ver da terra o trato  
E partirse co elles pera o mato.

31 He Velloso no braço confiado,  
E de arrogante cree que vay seguro,  
Mas sendo hū grande espaço ja passado,  
Em que algum bom final saber procuro:  
Estando a vista alçada, co cuidado  
No aventureiro, eis pello monte duro  
Aparece, & segundo ao mar caminha,  
Mais apressado do que fora vinha.

32 O batel de Coelho foy de pressa  
Pello tomar, mas antes que chegasse  
Hum Ethyope ousado se arremessa  
A elle, porque não se lhe escapasse:  
Outro & outro lhe saem: ve se em pressa  
Velloso, sem que algué lhe alli ajudasse,  
Acudo eu logo, & é quãto o remo aperto  
Se mostra hū bando negro descuberto.

33 Da espessa nuvem setas & pedradas  
Chouem sobre nosoutros sem medida,  
E não

E não forão ao vento em vão deitadas  
 Que esta perna trouxe eu dali ferida:  
 Mas nos como pessoas magoadas  
 A reposta lhe demos tão ercida,  
 Que em mais q̄ nos barretes se sospeita  
 Que a cor vermelha leuão desta feita.

E sendo ja Velloso em saluamento,  
 Logo nos recolhemos pera a armada, 34  
 Vendo a malicia feia, & rudo intento  
 Da gente bestial, bruta, & maluada:  
 De quem nenhum melhor conhecimêto  
 Podemos ter da India desejada,  
 Que estarmos inda muito longe della,  
 E así tornei a dar ao vento a vella.

Disse então a Velloso hum companheiro, 35  
 (Começandose todos a sorrir)  
 Oula Velloso amigo aquelle outeiro  
 He melhor de decer, que de subir:  
 Si he, responde o ousado aventureiro:  
 Mas quando eu pera ca vi tantos vir,  
 Daquelles cáes, depressa hũ puco vim,  
 Por me lêbar que estaueis ca sem mim.

36 Contou então, que tanto que passarão  
 Aquelle monte, os negros de quem fallo  
 Auante mais passar o não deixarão,  
 Querendo (se não torna) alli matallo,  
 E tornandose, logo se embofcarão  
 Porque saindo nos pere tomallo,  
 Nos podessem mandar ao Reyno escuro  
 Por nos roubarem mais a seu seguro.

37 Porem ja cinco Soes erão passados  
 Que dali nos partiramos, cortando  
 Os mares nunca doutrem nauegados,  
 Prosperamente os ventos assoprando,  
 † Quando hũa noite estando descuidados,  
 Na cortadora proa vigiando.  
 Hũa nuuem que os ares escurece  
 Sobre nossas cabeças aparece.

*† Nota que artificialmente escreue o descubri-  
 mento do Cabo de Boa esperança, fingindo appare-  
 cerlhe na forma que aqui pinta.*

37 Tão temerosa vinha & carregada,  
 Que pos nos corações hum grãde medo  
 Bramindo o negro mar, de lôge brada,  
 Como se desse em vão nalgũ rochedo,

O po-

O potestade, disse, sublimada,  
 Que ameaço diuino, ou que segredo,  
 Este clima, & este mar nos apresenta,  
 Que môr cousa parece que tormenta?

Não acabaua, quando hũa figura 38  
 Se nos mostra no ar, robusta & valida,  
 De disforme & grandíssima estatura,  
 O rosto carregado, a barba esqualida:  
 Os olhos encouados, & a postura  
 Medonha & mã, e a cor terrena, & palida  
 Cheos de terra, & crespos os cabellos,  
 A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bê posso 39  
 Certificarte, que este era o segundo  
 De Rhodes estranhíssimo † Colosso,  
 Que hũ dos sete milagres foy do mũdo:  
 Cum tõe de voz nos falla horrêdo & gros  
 Que pareceo sair do mar profundo (so  
 Arrepiãose as carnes & o cabelo  
 Ami, & a todos, de so ouuillo & vello,

† Colosso foy hũa estatua de homem tão grande como hũa torre, chamado Colosso de ἀπο τοῦ κολλασίου, que quer dizer atormentar, ou exceder o mo-

Os Lusíadas de Luis de Camões.

do em alguma causa, porque pella grandeza era des-  
amauel, por causa do grande gasto. Cares discipulo  
de Lyssippo, fez hũa estatua do Sol, ou como ou-  
tros dizem de Iupiter em Rhodes, de cento, & cin-  
co pês de alto, toda de metal. Foy contada antre  
os sete milagres do mundo: a qual estatua despois  
dahi a cincoenta & seis annos, de hum grande ter-  
remoto, quebrandolhe os geolhos cayo, nem oufarão  
mais os de Rhodes tornalla a reedificar, amoes-  
tos do Oraculo. Confessão todos que foi este o mais  
sumptuoso de todos os sete milagres do mundo. O  
Soldão de Egipto, entrando Rhodes, do metal desta  
statua, que achou quebrada, carregou nouecentos  
camellos, & os mandou pera Alexandria por ter-  
ra. Soos os dedos della erão maiores que qualquer  
homem. Estiuerão doze annos em fazella, custou  
trezentos talentos, valia cada talento quinzentos  
cruzados. Deste Colosso se chamarão os de Rho-  
des Collossenses: dos Collossos de Domiciano, Pom-  
peio, & de Apollo, vede Perotto, no seu tratado  
de Corn.

- 4<sup>o</sup> E disse: O gente oufada, mais que quantas  
No mundo cometerão grandes cousas,  
Tu que por guerras cruas, taes & tantas  
E por trabalhos váos nunca repoufaste

Pois



Pois os †vedados terminos quebrantas,  
 E nauegar meus longos mares oufas,  
 q̄ eu táto tépo ha ja q̄ guardo & tenho, †  
 Núca\* arados d'ſtranho ou †pprio lenho.

† Vedados, porque parece que fez Deos ſoo a terra  
 pera os homẽs, & o mar pera os peixes: mas a cobiça  
 humana, deſejosa de mandar, ſaindo dos limi-  
 tes da natureza, deſcubrio os mares.

\* Ao nauegar chama arar metaphoricamente, por  
 que aſſi como quem vay arando, leua o ferro do ara-  
 do debaixo da terra, & a ergue, lançandoa d'ũa  
 & d'outra parte: aſſi quem nauega com a proa da  
 nao vay apartando a agoa, pera hum & outro  
 bordo.

† Porque os negros do Cabo de Boa Esperança não  
 nauegão.

Pois vens ver os ſegredos eſcondidos, 42  
 Da natureza, & do humido elemento,  
 A nenhum grande humano concedidos,  
 De nobre, ou de immortal merecimêto:  
 Ouue os danos de mi, que apercebidos  
 Eſtão, a teu ſobejo atreuimento,  
 Por todo o largo mar, & polla terra,  
 Que inda has de ſojuagar cõ dura guerra.

Sabe

- 43 Sabe que quantas naos esta viagem  
Que tu fazes, fizerem de atreuidas,  
† Inimiga terão esta paragem,  
Com ventos & tormentas desmedidas,  
E da primeira armada que passagem  
Fizer por estas ondas insufridas,  
Eu farei dimprouiso tal castigo,  
Que seja mor o dano que o perigo.

† Porque todo o trabalho he dobrar este cabo, o qual como se dobra, vão seguros de arribar, assi aa ida, como á vinda, & por isso se chama de Boa Esperança.

44

- Aqui espero tomar, se não me engano,  
† De quem me descubrio suma vingança,  
E não se acabará so nisto o dano  
De vossa pertinace confiança:  
Antes em vossas naos vereis cada anno  
Se he verdade o que meu juyzo alcança,  
Naufragios, perdições de toda sorte,  
Que o menor mal de todos seja a morte.

† Não porque a tomasse do proprio Vasco da Gama, mas porque despois a tomou dos Portugueses descendentes de Vasco da Gama.

E †do primeiro illustre que a ventura  
 Com fama alta fizer tocar os Ceos,  
 Serei eterna & noua sepultura,  
 Por juyzos incognitos de Deos:  
 \* Aqui porâ da Turca armada dura  
 Os soberbos & prosperos tropheos,  
 Comigo de seus danos o ameaça  
 A destruida Quiloa com Mombaça.

† Dom Francisco, pae de dom Lourenço, que destruy a armada do Camori, o Melliquelaz, & Hirhocem. O qual saindo a fazer agoada, o matarão os Cafres.

\* Diz isto, porque vinha da India triumphante, por teer desbaratada a armada dos Turcos, & Rumes que lá forão ter: mas por derradeyro aqui acabou.

† Outro tambem virâ de honrada fama 46  
 Liberal, caualleiro, enamorado,  
 E consigo trará a fermosa dama,  
 Que amor por grâ merce lhe terá dado:  
 Triste ventura, & negro fado os chama,  
 Neste terreno meu, que duro & yrado,  
 Os deixará dhum crû naufragio viuos,  
 Pêra verem trabalhos excessiuos.

Entende

Os Luliasdas de Luis de Camões.

† Entende Manoel de Sousa, que vinha na não S. João com a molher, & se perdeu nesta paragem, vindo da India pera Portugal, cujo infortunio todos sabem.

47 Verão morrer com fome os filhos charos,  
Em tanto amor gerados & nacidos,  
Verão os † Cafres asperos & auaros,  
Tirar à linda dama seus vestidos:

Os cristalinõs membros & preclaros,  
Aa calma, ao frio, ao ar verão despídos,  
\* Depois de ter pisada longamente  
Cos delicados pês a area ardente.

† Cafres são os negros, nome geral & proprio, donde a sua região se chama Cafraria.

\* Porque forão muito tempo caminbando pör terra, ate que à fome perecerão os filbos & a molher: & Manoel de Sousa vendoa morta, se meteo pella mata dentro, sem nũca mais aparecer, dizem que ou à fome pereceo, ou o matou algũa bicha.

48 E verão mais os olhos que escaparem  
De tanto mal, de tanta desuentura,  
Os dous amantes miseros ficarem  
Na feruida, & implacabil espeffura:

Alli despois que as pedras abrandarem  
 Com lagrimas de dôr, de magoa pura,  
 Abraçados as almas soltarão  
 Da fermosa & miserrima prisam.

Mais hia por diante o monstro horrendo, 49  
 Dizendo nossos fados, quando alçado  
 Lhe disse eu: Quem es tu? q̄ esse stupêdo  
 Corpo, certo me tem marauilhado,  
 A boca, & os olhos negros retorcendo,  
 E dando hum espantoso & grãde brado,  
 Me respondeo, com voz pesada & amara,  
 Como quem da pergunta lhe pesara.

Eu sou aquelle occulto & grande Cabo, 50  
 A qué chamais vosoutros †Tormétorio,  
 q̄ nũca a \*Ptolomeu, †Põponio, \*Strabo,  
 †Flinio, & quãtos passarão, fui notorio:  
 \*Aqui toda a Africana costa acabo,  
 Neste meu nunca visto Promontorio,  
 Que pera o polo Antartico se estende  
 A quem vossa ousadia tanto offende.

† Tormentorio he lugar aonde ha continuas tormentas. Chama ao Cabo de boa esperança Tormentorio, porque nelle ha de continuo tempestades.

\* Muitos Ptholomens ouue Reis: este de que falla o Camões, he Ptholomeu natural de Egypto, grande Astrologo: o qual floreceo no tempo de Trajano, & de Hadriano.

† Pomponio, foy nome de hum Philosopho Histoico, o qual escreueo do sitio do mundo.

\* Strabo Philosopho, & Cosmographo vnico, que escreueo tambem do sitio do mundo, muy doctamente.

† Plinio, foy hum Philisopbo que escreueo das cousas naturaes, das eruas, das alimarias, da descripçam da terra, & dos Ceos. Inquirio & trabalhou muito por deixar, como deixou da natureza de todas as alimarias, costumes de povos, & ares das terras de que teue noticia, & de tudo deixou hum liuro mui docto, mas com quanto andou, nem elle, nem os outros Mathematicos, poderão alcançar o que os Portugueses nesta naugação que descobrirão.

\* Porque como fica dito quando tratamos de Etbyopia, & Affrica: acabase Affrica da banda do Sul, co cabo de Boa Esperança.

50 Fui dos filhos asperrimos da terra.

Qual Encelado †Egeo, & o \*Centimano  
Chameim e

Chameime Adamastor, & fui na <sup>†</sup> guerra  
 Cōtra \* o q̄ <sup>†</sup> vibra os rayos de Vulcano,  
 \* Não que possesse serra sobre serra,  
 Mas conquistando as ondas do Oceano,  
 Fui capitão do mar, por onde andaua  
 A armada de Neptuno, que eu buscava.

<sup>†</sup> Egeo, nome de hum Gygante, filho do Ceo & da terra, o qual se chamou Briareu. Lançouse de hũa torre abaixo, sobre hũas rochas que estauão junto do mar, & foy conuertido em monstro marinbo, do qual Ouid. Met.

*Ceruleos habet vnda Deos, Tritoná canorum,  
 Protheaq̄; Ambiguũ Ballenarũq̄; prementẽ,  
 Ægeona suis immania terga lacertis.*

\* O Gygante Briareu, irmão de Egeo, filho tambẽ dos Ceos & da terra, tinha cem mãos, porque centã mano, que dizer cousa que tem cem mãos.

<sup>†</sup> Desta guerra dos Gigante fica dito.

\* Entende Iupiter, o qual como ja disse, lança ad mundo os rayos que lhe Vulcano faz.

<sup>†</sup> Vibrar, he lançar algũa cousa com força, leuandoa detras da orelha, & deitandoa despois.

\* Diz isto, porque na guerra que os Gygantes tiuerão, puserão serras sobre serras, pera irẽ fazer guerra. A causa que moueo aos Poetas contar esta fa-

Os Lusíadas de Luis de Camões.

bula, he que como as serras são muito altas, parece que querem fazer guerra contra os moradores dos Ceos. Dizem que forão estes gigantes mudados em serras: & porque as serras saem da terra, com as influencias do ceo, disserão que forão os Gigantes filhos do Ceo & da terra. Este Adamaſtor, como está mudado em monte cercado de mar, que he o Cabo de boa esperança, diz que foy por mar fazer guerra a Neptuno, aonde se mudou em monte, & os irmãos por terra pelejarão contra Iupiter, mas em fim forão vencidos.

- 52 Amores da alta esposa de <sup>†</sup> Peleo,  
Me fizerão tomar tamanha empresa,  
Nem Venus a mais bella me venceo,  
So por amar das águas a princeſa,  
Hum dia a vi coas filhas de Nereo  
Sayr na fresca praya, & logo presa,  
A vontade senti de tal maneira,  
Que inda não sinto cousa q̄ mais queira.

<sup>†</sup> Entende Thetis Rainha do mar, da qual Peleo ouue Achylles, donde se chama Achylles Pelydes.

- 53 Como fosse impossivel aleançalla,  
Polla grandeza fea de meu gesto.

Deter-



Determinei por armas de tomalla,  
 E a Doris este caso manifesto:  
 Ella de medo então por mi lhe falla,  
 Mas Tethis cum fermoso riso honesto,  
 Responde Qual sera o amor bastante,  
 De Nimpha, q̄ sustente o d'hum gigâte?

54

Com tudo por liurarmos o Oceano  
 De tanta guerra, eu buscarei maneira  
 Com que cõ minha honra escuse o dano.  
 Tal reposta torna a mensageira:  
 Eu que cair não pude neste engano,  
 (Que he grãde dos amantes a cegueira)  
 Encherãome com grandes abódanças  
 O peito de desejos & esperanças.

55

O que não sei de nojo como o conte,  
 Que crendo ter diante quem amaua,  
 Abraçado me achei cum duro monte,  
 De aspero mato, & de espessura braua:  
 Estando cum penedo fronte a fronte  
 Que eu pollo rosto angelico apertaua,  
 Não fiquei homé não, mas mudo & q̄do,  
 E junto d'hum penedo, outro penedo.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

56 O Nimpha mais fermosa do Oceano,  
Ia que minha presença te não agrada,  
Que te custaua terme neste engano,  
Ou fosse monte, nuuem, sonho, ou nada:  
Daqui me parto irado, & quasi infano,  
Da magoa & da desonra alli passada,  
A buscar outro mundo, onde não vísse  
Quê de meu prato, & de meu mal se risse:

57 Erão ja neste tempo meus irmãos  
Vencidos, & em miséria extrema postos,  
E por segurar-se os Deoses vãos

*Atblate.*

Algús a varios montes sottopostos :

E como contra Ceo não valem mãos,

Eu que chorádo andaua meus desgostos,

Comecey a sentir do fado imigo

Por meus atreuimentos o castigo.

58 Conuertefeme a carne em terra dura,

Em penedos os ossos se fizeráo,

Estes membros que vees, & esta figura

Por estas longas agoas se estenderáo :

Em fim minha grandíssima estatura

Neste remoto cabo conuerteráo

Os fados, & por mais dobradas magoas

Me anda Thetis cercando destas agoas.

Afsi

A fsi contaua, & cum medonho choro, 59  
 Subito dante os olhos se apartou,  
 Desfezse a nuuem negra, & cum sonoro  
 Bramido, muito longe o mar soou:  
 Eu, leuando as mãos ao sancto Coro  
 Dos Anjos, que tão longe nos guiou,  
 A Deos pedi que remouesse os duros  
 Casos, q̄ Adamastor contou futuros.

Ia † Phlegon & Pyrois vinhão tirando 60  
 Cos outros dous, o carro radiante  
 Quádo a terra alta se nos foy mostrádo  
 Em que foy conuertido o grá Gygante:  
 Ao longo desta costa, começando  
 Ia de cortar as ondas do Leuante,  
 Por ella abaixo hum pouco nauegamos  
 Onde segunda vez terra tomamos.

† *Escreue os nomes dos quatro cauallos do Sol, que  
 sam Phlegon, Pyrois, Eous, & Ethon: sam voca-  
 bulos Gregos, pellos quaes se interpretão as quatro  
 partes do dia, Madrugada, manhã, meio dia, &  
 o Sol posto.*

A gente que esta terra possuia 61  
 Posto que todos Ethyopes erão,

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Mais humana no trato parecia  
Que os outros, q̄ tão mal nos receberão.  
Com bailos & com festas de alegria  
Pella pria arenosa a nos vierão,  
As mulheres consigo, & o manso gado  
Que apacentauão, gordo, & bê criado,

- 62 As mulheres queimadas vem encima  
Dos vagarosos bois, alli sentadas  
Animais que elles tem em mais estima  
Que todo o outro gado das manadas,  
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,  
Na sua lingua cantão concertadas,  
Co doce som das rusticas auenas  
Imitando de † Titiro as \* Camenas.

† Titiro, he hum pastor que introduz Virgilio nas suas Eglogas.

\* Camenas, he palavra Grega, quer dizer em Latim Canētes amene. & em Portugues Musica amena, ou deleitosa. Tomase pellas Musas, ou musica.

- 63 Estes como na vista prazenteiros  
Fossem, humanamente nos tratarão,  
Trazendonos galinhas & carneiros  
A troco doutras peças que leuauão,

Mas como nũa é fim meus cõpanheiros  
 Palaura sua algũa lhe alcançarão  
 Que dessem algũ sinal do que buscamos  
 As vellas dando, as ancoras leuamos.

Ia aqui tinhamos dado hum grã †rodeio  
 A costa negra de Africa, & tornaua  
 A proa a demandar o ardente \*meio  
 Do ceo, & o polo Antartico ficaua:  
 Aquelle ilheo deixamos, onde veio  
 Outra armada †primeira, que buscava  
 O tormentorio Cabo, & descuberto,  
 Naquelle ilheo fez seu limite certo.

64

† Porque quem vai pera a India, vai em busca do  
 cabo de Boa esperança, co a proa, ao Sul, despois q̃  
 o dobra, torna a viralla ao Norte, demãdando se  
 gunda vez a Zona torrida, & deixanda o Sul, ata  
 lbandando sempre ao Leste.

\* Linha Torrida he a que está no meio do mundo,  
 chamada Equinoctial. Este he o ardente meio.

† Diz a armada que foy a descobrir a India, &  
 não tornou. *Em vez de mundo, foy a descobrir de*

*portugal antes de yama he q̃ se he de boa esp̃ra*  
*em q̃ se he de yama he q̃ se he de boa esp̃ra*  
 Daqui fomos cortando muitos dias

65

Entre tormentas tristes & bonanças,

Os Lulias De Luis de Camões.

No largo mar fazendo nouas vias,  
So conduzidos de arduas esperanças:  
? Co mar hum tēpo andamos em porfias,  
Que como tudo nelle são mudanças,  
Corrente nelle achamos tão possante  
Que passar não deixaua por diante.

? *Aqui escreue o Cabo das correntes, que está do Cabo de boa Esperança pera Moçambique, aonde tão rijamente correm as agoas, que se chama o Cabo das Correntes.*

66 Era maior a força em demasia  
Segundo pera tras nos obrigaua.  
Do mar, que contra nos alli corria,  
Que por nos a do vento que assopraua:  
Injuriado Noto da porfia  
Em que co mar (parece) tanto estaua,  
Os assopros esforça iradamente  
Com que nos fez vencer a grá corrente.

67 Trazia o Solo dia celebrado  
Em que tres Reis da parte do Oriente,  
Forão buscar hum Rey de pouco nado,  
Rey maior, mais alto, & mais potente.

Neste

Neste dia outro porto foy tomado  
 Por nos, da mesma ja contada gente,  
 Num largo rio, ao qual o nome demos  
 Do dia em que por elle nos metemos.

*O dia de Natal, em que Christo nosso senhor nasceu, tomarão este porto, donde se chamou a Terra do Natal, que he na costa que se faz do Cabo de boa esperanza pera dentro, na mesma costa.*

Destá gente refresco algum tomamos, 68  
 E do rio fresca agoa, mas com tudo  
 Nenhum final da India aqui achamos  
 No pouo com nos outros casi mudo.  
 Ora vê Rei quamanha terra andamos  
 Sem sair nunca deste pouo rudo,  
 Sem vermos nunca noua nem final,  
 Da desejada parte Oriental.

Ora imagina agora quam coitados 69  
 Andariamos todos, quam perdidos,  
 De fomes, de tormentas quebrantados,  
 Por climas & por mares não sabidos:  
 E do esperar comprido tão cansados,  
 Quanto a desesperar ja compelidos,  
 Por ceos não naturaes, de qualidade  
 Inimiga de nossa humanidade.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

70 Corrupto & danado Ia o mantimento  
Danoso & mau ao fraco corpo humano,  
E alem disso nenhum contentamento  
Que sequer da esperauça fosse engano,  
Cres tu que se este nosso ajuntamento  
De soldados, não fora Lusitano,  
Que durara elle tanto obediente  
Por ventura a seu Rey, & a seu regente?

71 Cres tu, que ja não foráo leuuntados  
Contra seu capitão se os resistira,  
Fazendose Piratas, obrigados  
De desesperação, de fome, de ira?  
Grandemente por certo estão prouados  
Pois que nenhũ trabalho grande os tira  
Daquella Portuguesa alta excellencia  
De lealdade firme, & obediencia.

72 Deixando o porto em fim do doce rio,  
E tornando a cortar a agoa salgada,  
Fizemos desta costa algum desuio,  
Deitando pera o pego toda a armada:  
Porque ventando Noto manso & frio,  
Não nos apanhasse a agoa da enseada,  
Que a costa faz ali daquella banda  
Donde a rica <sup>†</sup>Sofala o ouro manda.



† *Sofalla, terra que está ao longo da Costa de Moçambique, donde vem o ouro: & nella se pesca o aljofar.*

Esta passada, logo o leue leme 73

Encomendando ao sacro † Nicolao,  
 Pera onde o mar na costa brada & gême  
 Aproa inclina d'hũa & d'outra nao:  
 Quando indo o coração q̄ espera & teme,  
 E que tanto fiou d'hum fraco pao,  
 Do que esperaua ja desesperado,  
 Foy d'hũa novidade aluoraçado.

† *Porque costumão os mareantes tomar S. Nicolao por auogado.*

E foy, que estando ja da costa perto 74

Onde as praias & valles bem se vião,  
 Num rio, que alli sae ao mar aberto  
 Bateis à vella entrauão & faião:  
 Alegria mui grande foy por certo  
 Acharmos ja peffoas que sabião  
 Nauegar: porque entre ellas esperamos  
 Achar nouas algũas, † como achamos.

† *Aqui acbarão os Portugueses algũs sinaes da India, & por isso lhe chamamão o Rio dos bõs sinaes.*  
 Etiopes

75 Ethiopes sam todos, mas parece  
Que com gente melhor comunicauão,  
Palaura nenhúa Arabia se conhece  
Entre a lingoagem sua que falauão:  
E com pano delgado, que se tece  
De algodão, as cabeças apertauão,  
Com outro que de tinta azul se tinge  
Cadahum as vergonhosas partes cinge.

76 Pella Arabica lingua que mal falão  
E q̄ Fernão martinz mui bem entende,  
*De Me-* Dizem, q̄ por naos q̄ em grádeza igoalão  
*4.* As noffas, o seu mar se corta & fende,  
Mas que la donde nace o Sol se abalão,  
Pera onde a costa ao Sul se alarga, & estó  
E do Sul pera o sol, terra onde auia (de  
Gente afsi como nos, da cor do dia.

77 Mui grandemente aqui nos alegramos  
Co a gente, & com as nouas muito mais,  
Pellos sinaes que neste rio achamos  
O nome lhe ficou dos boõ sinais:  
Hum padrão nesta terra aleuantamos  
Que pera afsinalar lugares tais  
Trazia algús, o nome tem do bello  
*o Anjo.* Guiador de Thobias a Gabello.

Aqui de limos, cascas, & dostrinhos,  
 Nojo sa criação das agoas fundas,  
 Alimpamos as naos, que dos caminhos  
 Longos do mar, vê fardidas & immúdas:  
 Dos hóspedes que tinhamos vezinhos  
 Com mostras apraziueis & jocundas,  
 Ouue mos sempre o vsado mantimento,  
 Limpos de todo o falso pensamento.

Mas não foy, da esperáça grãde & imméssa 79  
 Que nesta terra ouue mos, limpa & pura  
 A alegria: mas logo a recompensa  
 A <sup>†</sup>Ramnusia com noua desuentura:  
 Assim no ceo sereno se dispensa,  
 Coesta condição pesada & dura,  
 Nacemos: o pesar terá firmeza,  
 Mas o bem logo muda a natureza.

*† Ramnusia, he hũa das tres Furias infernais cao  
 stigadoras. Hũa dellas he Alleto, a segunda,  
 Megera, a terceyra Ramnusia: a qual tinha  
 cuydado de tomar a vingança, & castigar as  
 duas de condenar & ver o que merecião.*

E foy que de doença crua & feia 80  
 A mais que eu nunca vi, desemparrarão,  
 Muitos

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Muitos a vida, & é terra estranha & alhe  
Os ossos pera sempre sepultarão:      (ia,  
Quem auerá que sem o ver o creia?  
Que tão disformeméte alli lhe incharão  
As gingiuas na boca, que crecia  
A carne, & juntamente apodrecia.

*Esta doença he mui geeral quando vão pera a India, mais que quando vem, porque á ida ha menos copia de agoa, & cozem os comeres todos com agoa salgada do mar, do qual apodrecem as gingiuas, & morre muita gente.*

81 Apodrecia, cum fetido & bruto  
Cheiro, que o ar vezinho inficionaua,  
Não tinhamos alli medico astuto,  
Cyrurgião sutil menos se achaua,  
Mas q̃lquer, neste officio pouco instructo  
Pella carne ja podre assi cortaua,  
Como se fora morta, & bem continha,  
Pois que morto ficaua quem a tinha.

82 Em fim que nesta incognita espeffura  
Deixamos pera sempre os cõpanheiros.  
Que em tal caminho, & é táta desuétura  
Forão sempre conno seo aventureiros:

Quam

Quam facil he ao corpo a sepultura  
 Quaesq̃ ondas do mar, quaesq̃ outeiros  
 Estranhos, a si mesmo como aos nossos,  
 Receberão de todo o illustre os ossos.

Aksi que deste porto nos partimos  
 Com maior esperança, & môr tristeza, 83  
 E pella costa abaixo o mar abrimos,  
 Buscando algum final de mais firmeza,  
 Na dura Moçambique em fim surgimos,  
 De cuja falsidade, & mâ vileza  
 Ia seras sabedor, & dos enganos  
 Dos pouos de Môbaça pouco humanos.

Ate que aqui no teu seguro porto 84  
 Cuja brandura, & doce tratamento,  
 Darâ saude a hũ viuo, & vida a hũ morto  
 Nos trouxe a piedade do alto asseño:  
 Aqui repouso, aqui doce conforto,  
 Noua quietação do pensamento  
 Nos deste, & vês aqui se atento ouuiste,  
 Te contei tudo quanto me pediste.

Iulgas agora Rey, se ouue no mundo 85  
 Gentes que tais caminhos cometessem?

Os Lusíadas de Luis de Camões,

Crês tu que tanto Eneas, & o facundo  
Vlyffes, pello mundo se estendessem?

Ousou algum a ver do mar profundo  
Por mais versos que delle se escreueffem  
Do que eu vi, a poder desforço & d'arte  
E do que inda ey de ver a oytava parte?

- 86 † Esse que bebeo tanto da agoa \*Aonia  
Sobre quem tem contenda peregrina  
Entre si, Rhodes, Smirna, & Colofonia,  
Athenas, Yos, Argos, & Salamina:  
† Effoutro que esclarece toda \*Ansonia,  
A cuja voz altiffona, & diuina  
Ouuindo o patrio †Mincio se adormece,  
Mas o \*Tibre con som se ensoberuece.

Entende Homero, Poeta Grego excellentissimo, o qual floreceo antes da fundação de Roma pouco menos de cento & cincoenta annos, como escreue Corn. Nepos, nos liuros das Chronicas Foy cego, & por isso se chamou Homero, porque dantes se chamaua Melesigenes. Os Cumeos, & os Iones, chamao aos cegos Homeros. Este Homero escreueo a guerra Troiana, & a nauegação de Vlyxes. Rhodes, Smirna, Colofonia, Athenas, Yos, Argos, Salamina, são cidades de Grecia, cujos moradores tiue-

rão entre si mui agrauada contenda, deſpois da morte de Homero, pretendendo cada cidade auello por ſeu natural, como eſcreue Cic. na Oração pro Archia Poeta.

\* Aonia, Região de Thracia, chamada aſſi de Aonia Rei, filho de Neptuno. Aqui eſtaua o monte Parnaſo, que diuidia eſtas terras das Aetneas, no qual monte Parnaſo eſtaua hũa fonte que de Aonia ſe chamou fonte Aonia.

† Virgilio, Poeta dos mais excellentes que entre os Latinos ouue, natural de Mantua.

\* Auſonia, antiguamente ſe chamou hũa parte de Italia, mas agora tomase por toda Italia, que ſe fecha cos Apeninos.

† Mincio, he hum rio dos Venezeanos, ſae da alagoa Venaco. Faz outra alagoa apar de Mantua por onde paſſa, & dahi ſe mete no Rio poe.

\* Tibre, Rio de Italia, recolhe em ſi quarenta & dous, chamado Tyberis, do Rey dos Tuſcos q̄ morreo apar delle, andãdo nelle feyto pyrata. Chamou ſe antiguamente Albula.

Canté, louué, & eſcreuão ſempre extremos 87

Deſſes ſeus Semideoses, & encareção

Fingindo † Magas, Circés, \* Polifemos,

† Syrenas, que co canto os adormeção:

O: Lusíadas de Luis de Camões.  
Demlhe mais nauegar à vella & remos  
Os \*Cicones, & a terra onde se esquecem  
Os companheiros em gostando o Loto,  
Demlhe perder nas ogoas o †Piloto.

† *Magas*, quer dizer feiticetras. *Cyrces* foy hũa fei-  
ziceira que mudou os companheiros de *Vlyxes* em  
porcos, & *Vlyxes* os fez tornar em homens.

\* *Polyfemo*, atlas, fol. 130.

† *Syrenas* são as que estauão no mar de *Sicilia*, &  
cantauão tão suauemente, que os que passauão se  
descuidauão de si, & entrando as *Syrenas* nas naos  
os matauão, & os comião. *Vlyxes* vendo que lbe  
era necessario passar por esta paragem, mādou que  
seus companheiros tapassen as orelhas com cera,  
& a elle o atasssem mui rijamente ao pee do masto,  
pera as ouuir: o que fazendo passou cos seus a sal-  
uo: & as *Syrenas* vendo que não lbe acontecia o co-  
stumado, se lançarão de hũa rocha abaixo, & se  
fizerão em pedaços.

\* *Cicones*, vede de tudo a *Vlixca* de *Homero*. *Loto*  
be nome de hũa *Nimpha* que foy mudada em ar-  
uore. Desta aruore segundo *Plinio* ha em *Affrica*,  
da fructos mui doces, & são tão gostosos, que faz-  
zem por em esquecimento a patria.

† Pode entenderse *Palinuro*, *Pyloto* môr da armada  
da de



da de Eneas, que lhe tabio hũa noyte o pilloto no  
mar, & o perdeo. Ou tambem o Pilloto de Vlyxes  
que lhe aconteceo o mesmo caso.

† Ventos soltos lhe finjão, & imaginem 88

Dos odres, & \* Calipfos namoradas,

Harpias, que o manjar lhe contaminem,

Decer às sombras nuas ja passadas:

Que por muito & por muito q̄ se afinē,

Nestas fabulas vaás tão bem sonhadas,

A verdade que eu conto nua & pura

Vence toda grandiloca escriptura.

† Os ventos que trazia Vlyxes fechados em odres.

\* Hũa nimpha, que deteuve muito tēpo a Vlyxes.

† Quando foi Vlyxes aos infernos, a falar a seu pae.

Da boca do facundo capitão,

Pendendo estauão todos embebidos, 89

Quando deu fim à longa narraçao

Dos altos feitos grandes & subidos:

Louua o Rei o sublime coração

Dos Reis em tantas guerras conhecidos,

Da gente louua a antigua fortaleza,

A lealdade d'animo & nobreza.

Vay recontando o pouo que se admira

O caso cadaqual que mais notou. 90

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Nenhum delles da gente os olhos tira,  
Que tão longos caminhos rodeou:  
Mas ja o mancebo †Delio as redeas vira,  
Que o \*irmão de Lampecia mal guiou,  
Por vir a descansar nos Tethios braços,  
E elRei se vay do mar aos nobres paços.

† Entende Apollo, ou Sol.

\* Entende Phaetonte filho do Sol, irmão de Lam-  
pecia, & doutras duas moças que se mudarão em  
arvores.

91 **Q**uam doce he o louuor, & a justa gloria  
Dos proprios feitos quando são soados,  
**Q**ualquer nobre trabalha q̄ em memoria  
Vença, ou igoale os grandes ja passados:  
As enuejas da illustre & alheia historia  
Fazem mil vezes feitos sublimados,  
**Q**uem valerosas obras exercita  
Louuor alheio muito o esperta è incita.

92 **N**ão tinha em tanto os feitos gloriosos  
De †Achyllis, \*Alexandro na peleja,  
**Q**uanto de quem o canta: os numerosos  
Versos, isso so louua, isso deseja:

Os tropheos de Melciades famosos  
 Temistocles despertão so de enueja,  
 E diz, que nada tanto o deleitaua  
 Como a vez que seus feitos celebraua.

\* Achyles, capitão Grego, tão esforçado, que se elle  
 so sayá, punha em fugida os Troianos todos: assi co-  
 mo quando Heçtor capitão Troiano sayá a campo  
 fazia logo fugir os Gregos.

\* Alexandre acbegando a sepultura de Achylles,  
 sabendo quem nella estaua, disse, q̄ não tinha tan-  
 ta enueja ao esforço de Achylles, como a dita que te-  
 ue em alcançar Homero por scriptor de seus feitos.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama 93  
 Que essas nauegações q̄ o mundo canta,  
 Não merecem tamanha gloria & fama  
 Como a sua, q̄ o ceo & a terra espanta:  
 Si, mas aquelle Heroe que estima & ama  
 Com dões, merces, faoures, & hõra tanta,  
 A lyra Mantuana faz que soe  
 Eneas, & a Romana faz que voe.

Dà a terra Lusitana Scipiões  
 Cesares, Alexandros, & da Augustos.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Mas não lhe dá com tudo aquelles dões  
Cuja falta os faz duros & robustos:  
Octauio, entre as mayores oppressões  
Compunha versos doutos & venustos,  
Não dirá Fulvia certo que he mentira  
\* Quão a deixaua Antonio por Glasira,

\* Marco Antonio era amigo em extremo de compor versos & ouuillos: auia bũa molber em Roma chamada Glasira, grande musica & poeta, & muitas vezes Marco Antonio por ouuilla, deixaua a conuersação de Fulvia sua molber, por yr a ouuir a Glasira.

95 \* Vay Cesar sojugando toda França  
E as armas não lhe empedem a sciencia,  
Mas nũa mão a pena, & noutra a lança,  
Igoalua de Cicero a eloquencia:  
O que de Scipião se sabe & alcança  
He nas comedias grande experiencia.  
Lia Alexandro a Homero de maneira  
Que sempre se lhe sabe â cabaceira,

\* Iulio Cesar, o que se intitulou Dictador perpetuo, andando nas guerras, assi de França como ciuis, quanto passaua de dia, escreuia de noite breuemete  
perç

pera depois de deixar materia a escriptores, se quisesse  
sem dilatar-se nas historias: mas fez tão doctamente,  
que dixe por elle Marco Aurelio, q̃ Cesar querendo  
deixar materia a scriptores, lha tirou, porq̃ da sua  
frasiã de Cicero, não ha differença no latim.

Em fim não ouue forte capitão 96  
Que não fosse tambem douto & sciente,  
Da <sup>t</sup>Lacia, Grega, ou Barbara nação  
Se não da Portuguesa tão semente:  
Sem vergonha o não digo, que a rezão  
Dalgum não ser por versos excellente.  
He não se ver prezado o verso & rima,  
Porq̃ quem não sabe a arte não a estima.

<sup>t</sup>Lacia, he Italia, chama-se Lacio, d'um vocabulo  
Latino, Latendo, que quer dizer esconder, porque  
aqui criaraõ a Iupiter escondido de seu pae Satur-  
no, porque o não comeffe.

Por isso & uão por falta de natura,  
Não ha tãbem Virgilio nem Homeros,  
Nem auerã se este costume dura  
Pios <sup>t</sup>Eneas, nem Achilles feros:

Mas o pior de tudo he que a ventura  
 Tão asperos os fez, & tão austeros,  
 Tão rudos, & de ingenho tão remisso  
 q̃ a muitos lhe da pouco, ou nada disso.  
 † Chamouse pio Encas, que quer dizer piadoso, por  
 que quando ardeo a cidade de Troia, tirou ao pae  
 do fogo della às costas,

98 Aas Musas agradeça o nosso Gama  
 O muito amor da patria, que as obriga  
 A dar aos seus na lyra nome & fama,  
 De toda a illustre & bellica fadiga:  
 Que elle, né quem na stirpe seu se chama  
 Caliope não tem por tão amiga,  
 Nem as filhas do Tejo, que deixassem  
 As tellas douro fino, & q̃ o cantassem.

99 Porque o amor paterno, & puro gosto  
 De dar a todo o Lusitano feito  
 Seu louvor, he somente o propuposto  
 Das Tagides gentis, & seu respeito:  
 Poré não deixe em fim de ter desposto  
 Nimgé a grandes obras sempre o peito,  
 Que por esta ou por outra qualquer via  
 Não perdera seu preço, & sua valia.

F I M.

Despedese



DESPEDESE GAMA DE

El Rey de Melinde, & profegue sua derrota.

Referefe a hystoria dos doze de Inglaterra. Sobrenuolbes

quei mon forte tormenta,

de yland (. . .)

de yland



CANTO SEISTO.



AM SABIA E MI

que modo festejasse

O Rei pagão os fortes nauegantes.

Pera que as amizades alcáçasse,

Do Rei Christão das gêtes tão possantes:

Pesalhe que tão longe o aposentasse

Das Europeas terras abundantes,

A ventura, que não o fez vezinho

Dôde Hercules ao mar abriu caminho.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

*1º Dizem que Hercules aonde pos a sua derradeira  
coluna, partio hum monte do outro, & abriu ca  
minho ao mar Mediterraneo.*

2 Com jogos, danças, & outras alegrias  
A segundo apolicia Melindana  
Com vsadas & ledas pescarias  
Cõ q̃ a Lageia Antonio alegre & engana  
Este famoso Rey todos os dias  
Festeja a companhia Lusitana,  
Com banquetes, manjares defusados  
Com frutas, aues, carnes, & pescados.

3 Mas vendo o Capitão que se detinha  
Ia mais do que deuia, & o fresco vento  
O conuida que parta & tome a sinha,  
Os pilotos da terra & mantimento,  
Nã se quer mais deter, que ainda tinha  
Muito pera cortar do salfo argento,  
Ia do Pagão benigno se despede  
Que a todos amizade longa pede.

4 Pedelhe mais, que aquelle porto seja  
Sempre com suas Frotas visitado  
Que nenhum outro bem mayor deseja  
Que dar a tais barões seu reino & estado  
E que



E que em quato seu corpo o spirito reja  
 Estará de contino aparelhado,  
 A pôr a vida & reino totalmente  
 Por tão bõ Rey, por tam sublime gente.

Outras palauras taes lhe respondia 5  
 O capitão, & logo às vellas dando,  
 Pera as terras da Aurora se partia,  
 Que tanto tépo ha ja que vai buscando:  
 No piloto que leua não auia  
 Falsidade, mas antes vay mostrando  
 A nauegação certa, & assi caminha  
 Ia mais leguro do que dantes vinha.

As ondas nauegaúão do Oriente 6  
 Ia nos marés da India, & enxergaúão  
 Os thalamos do sol, que nace ardente,  
 Ia quasi seus desejos se acabauão:  
 Mas o maõ de <sup>t</sup>Tyoneo, q̄ na alma sente  
 A s venturas, que entáo se aparelhauão  
 A gente Lusitana dellas dina,  
 Arde, morre, blasphema, & desatina.

<sup>t</sup> Chamase Baccho Tyoneo, de hum nome Grego.  
<sup>o</sup>ivo, que quer dizer sacrificar, porque sendo ainda  
 Baccho viuo, se sacrificauão.

7 Via estar todo o Ceo determinado  
De fazer de Lisboa noua Roma,  
Náo ~~no~~ pode estoruar que destinado  
Està doutro poder que tudo doma,  
Do Olimpo dece em fim desesperado,  
Nouo remedio em terra busca, & toma  
Entra no humêdo reino & vaíse à corte  
† Daquelle, a quem o mar cayo em sorte.

† Isto diz, porque fingem os Poetas, que despois  
que Iupiter lançou seu pae Saturno fora da posse &  
gouerno dos ceos. como fossem tres irmãos, Iupiter,  
Neptuno, & Plutão, diuidirão o gouerno do mun-  
do em tres partes. s. que hum tiuesse o regimento  
dos ceos, & ar: o outro dos infernos, & da terra, o  
outro do mar, lançando sortes, cabio a Iupiter o go-  
uerno dos ceos, & ar: a Neptuno do mar & rios,  
& a Plutão dos infernos & da terra.

8 No mais interno fundo das profundas  
Cauernas altas, onde o mar se esconde,  
La donde as ondas saem furibūdas,  
Quão ás iras do vento o mar respōde,  
Neptuno mora, & morão as jocundas  
Nereidas, & os Incolas do mar, onde  
As agoas campo deixão ás cidades,  
Que habitão estas humidas deidades.

Descobre o fundo nunca descoberto 9  
 As areas alli de prata fina,  
 Torres altas se vem no campo aberto  
 Da transparente massa cristalina,  
 Quanto se chegão mais os olhos perto,  
 Tanto menos a vista determina  
 Se he cristal o que vê, se diamante.  
 Que assi se mostra claro & radiante.

As portas douro fino, & marchetadas 10  
 Do rico aljofre que nas conchas nace,  
 De esculptura fermosa estão lauradas,  
 Na qual do irado Bacco a vista paze :  
 E vê primeiro em cores variadas  
 Do velho Caos a tam confusa face,  
 †Vem se os quatro elemêtos trasladados  
 Em diuerſos officios occupados.

† *Escreue os quatro Elementos, pintados na porta de Neptuno, como Ouid. no principio do 2. libro dos Metam.*

Alli sublime o fogo estaua encima, 11  
 †Que em nenhũa materia se sustin ha,  
 Daqui as cousas viuas sempre anima  
 Depois que Prometeo furtado o tinha,  
 Logo

Os Lusíadas De Luis de Camões;  
Logo apos elle leue se sublima  
O inuisibil ar, que mais asinha  
Tomou lugar, & nem por quête, ou frio  
\*Algun deixa no mundo estar vazio.

\* Diz isto, porque este fogo material de que ca vfa  
mos, não pode cõserua-se sem algũa materia de ma  
deira, ou outra algũa cousa: mas o fogo elemental  
tem-se sem materia algũa, & he inuisivel.

\* Porque nada está vazio, & ao menos está cheo  
de ar.

- 12 Estaua a terra em montes reuestida  
De verdes eruas & aruores floridas,  
Dando, pasto diuerso & dando vida  
Aas alimarias nellá produzidas:  
A clara forma ali estaua esculpida  
Das agoas entre a terra desprazidas  
De pescados criando varios modos,  
Cõ seu humor mâtendo os corpos todos
- 13 Noutra parte esculpida estaua a gerra  
Que tiuerão os de cima cos Gigantes,  
Esta Tifeo debaixo da alta ferra  
De Etna, que as flamas lança crepitâtes:  
Esculpido

Esculpido se vê ferindo a terra  
 Neptuno, quando as gentes ignorantes:  
 Delle o cavallo ouuerão, & a primeira  
 † De Miuerua pacifica Ouliueira.

† Depois de Cadmo ter edificado Thebas, lhe deu  
 Neptuno bñ cavallo, q̃ significaua guerra. & Mi-  
 uerua a oliueira, a qual elles antes aceitaraõ.

Pouca tardança faz Lyeo irado 14  
 Na vista destas cousas, mas entrando  
 Nos paços de Neptuno, que auisado  
 Da vinda sua, o estava ja aguardando:  
 Aas portas o recebe, acompanhado  
 Das Nymphas, que se estão marauilhado,  
 De ver que cometendo tal caminho,  
 Entre no reino dagoa o rey do vinho.

O Neptuno, lhe disse, não te espantes 15  
 De Baco nos teus reinos receberes,  
 Porque tambem cos grandes & possantes  
 Mostra a fortuna injusta seus poderes:  
 Manda chamar os Reis das agoas, antes  
 Que fale mais, se ouirme o mais quise-  
 Verão da desuétura grãdesmodos, (res  
 Oução todos o mal que toca a todos.

Iulgando

- 16 Julgando ja Neptuno que seria  
Estranho caso aquelle logo manda  
Tritão, que chame aquelles q̃ a agoa fria  
Do mar, habitão d'hũa & d'outra bãda,  
Tritão, que de ser filho se gloria  
Do Rey, & de Salacia veneranda,  
Era mancebo grande, negro, & feio  
Trombeta de seu pae, & seu correo.
- 17 Os cabellos da barba, & os que decem  
Da cabeça, nos ombros, todos erão,  
Hús limos prenhes d'agoa, & bê parecê  
Que nunca brando pentem conhecerão,  
Nas pontas pendurados não falecem  
Os negros misilhões, que alli se gerão,  
Na cabeça por gorra tinha posta  
Hũa muí grande casca de Lagosta.
- 18 O corpo nũ, & os membros desiguaes,  
Por não ter ao nadar impedimento,  
Mas porem de pequenos animaes  
Do mar, todos cubertos cento & cento,  
Camarões & cangrejos, & outros mais  
Que recebem de Phebe crescimento  
Ostras & camarões de musco çujos  
As costas cõa casca os caramujos.

Na mão a grande concha retorcida  
 Que trazia, com força ja tocava,  
 A voz grande canora foy ouuida  
 Por todo o mar, que longe retumbaua:  
 Ia toda a companhia apercebida  
 Dos grandes pera os paços caminhaua,  
 Daquelle q̄ fez os muros de †Dardania,  
 Destruídos despois da Grega infania.

† *Dardania chamouse antiguamente Troia de Dardano Rei, filho de Iupiter & Electra, o qual matando seu irmão Iasio, fugio, & veio ter a Samothracia, & delle se chamou em Frigia a Região Dardania. Este ouue hum filho per nome Eryctonio, o qual Eryctonio ouue outro filho, por nome Troe, o qual Troe chamou de seu nome Troia. Este teue dous filhos, Assaryco & Illio, o qual chamou a fortaleza de Troia Illio. O filho de Illion, foy Laomedon, pae de Priamo, em cujo tempo se destruyo Troia pellos Gregos, a qual cidade foy cercada dos muros que lbe Neptuno fez.*

Vinha o Padre Oceano acompanhado 20  
 Dos filhos, & das filhas que gerara,  
 Vem Nereo, que com Doris foy casado,  
 Que todo o mar de Nimphas pouoara:

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
O antigo †Protheo deixa o gado  
Maritimo, pacer pella agoa amara,  
Tambem de pressa vem, mas ja sabia,  
O que o padre Lyeo no mar queria.

† Protheo filho do Oceano, fingião os poetas, que andava guardando o gado de Neptuno. Mudava-se em varias figuras, ora em leão, ora em tygre, ora em rio, & outras diuersas formas, Virg. lib. 1. Æneid. no fim.

21 Vinha por outra parte a linda esposa  
De Neptuno, de Celo & †Vesta filha,  
Graue, & leda no gesto, & tão fermosa,  
Que se amansaua o mar de marauilha:  
Vestida hũa camisa preciosa  
Trazia de delgada beutilha,  
Trabalha quanto pode de esconderse  
Por mais honestamente deixar verse.

† Vesta teue antiguamente em Roma hum templo, aonde estauão recolhidas as virgões Vestaes. Quem não era muito casta, se fazia algum mau recado de si, por onde perdesse sua virgindade, entaypanãona. Continuamente tinbão fogo aceso, & se se lhe apogaua, sem elle se ficavaõ ate o fim do anno.



*começando o anno tom auão outro lume puro do Sol com crystal, e uão com muita ruído e vigia.*

Amphitrite fermosa como as flores, 22  
 Neste caso não quis que falecesse,  
 O Delfim traz consigo, que aos amores  
 Do Rey lhe aconselhou que obedecesse:  
 Cos olhos que de tudo são senhores,  
 Qualquer parecera que o Sol vencesse,  
 Ambas vem pella mão, igual partido,  
 Pois ambas são esposas d'hum marido.

† Aquella que das furias de Atamante 23  
 Fugindo veio a ter sublime estado,  
 Consigo traz o filho, bello infante,  
 No numero dos grandes relatado:

† *A giganta Atamante, por outro nome Tesyphona, a qual veio contra Panoepa Nimpba, de quem ella tinha ciumes. Panoepa lhe veo fugindo, atee chegar ás praias, aonde não sentindo remedio pera se salvar, querendo antes morrer no mar, que ás mãos Giganta, se lançou na agoa. Tethys com payxão della, a mudou em Nympha mari-  
 nha, como fingem os poetas.*

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Pella praia brincando vem diante  
Com as lindas e oechantias, que o salgado  
Mar sempre cria, & ás vezes pella area  
No collo o toma a bella Panopea.

- 24 E <sup>†</sup>aquelle q̄ foi num tēpo corpo humano  
E por virtude da erua poderosa  
Foi conuertido em peixe, & deste dano  
Resultou dignidade gloriosa,  
Inda vinha chorando o feio eugano,  
Que Circes tinha vsado coa fermosa  
Scylla, que elle ama, desta sendo amado,  
Que a mais obriga amor mal épregado.

*† Circes foy hũa feyticeira, a qual deu hũs feitiços a  
Glaucos, com que o fez endurdecer, & deitar-se de  
hũas rochas abaixo no mar, o que vendo Neptuno:  
o conuerteo em homem marinho.*

- 25 Ia finalmente todos assentados  
Naquelle sala grande & principal,  
As nimphas em riquíssimos estrados,  
Elles em cadeiras de crystal:  
Forão todos do Padre agasalhados,  
Que co Thebano tinha assento igual:  
De fumos enche a casa a rica massa  
q̄ no mar nace, & Arabia em cheiro passa.  
Estando

Estando sossegado ja o †tumulto 26  
 Dos grandes, & de seus recebimentos,  
 Começa a descobrir do peito occulto  
 A causa Tyoneo de seus tormentos,  
 Hum pouco carregandose no \*vulto  
 Dando mostra de grandes sentimentos,  
 So por dar aos de Luso triste morte  
 † Co ferro alheio, falla desta sorte.

† *Tumulto*, he vocabulo Latino, que quer dizer tanto como rumor muito, que he o reboliço, ou murinbo que se faz nalgum ajuntamento, quando se leuanta algũa cousa de nouo, sobre que todos fallão mansamente.

\* *Vulto*, he propriamente aquelle sembrante do rosto, ou alegre, ou triste.

† *Ferro toma pellas armas*. Chama alheio, porque elle com suas forças não podia fazer dano algum aos Portugueses, & foyse a Neptuno, para que cõ força albeia se vingasse, persuadindoo, que nos mares perdeße aos Portugueses.

† *Principe*, que de juro senhoreas 27  
 D'hum polo, ao outro polo o mar irado  
 \* *Tu* que as gentes da terra toda enfreas,  
 Que não passem o termo limitado:

Os Lusíadas de Luis de Camões.

E tu padre † Oceano, que rodeas  
O mundo vniuersal, & o tens cercado.  
E com justo decreto assi permittes,  
Que dentro viuão so de seus limites.

† Começa a oração per modo Rhetorico. Logo no principio, auendo de pedir merce a Neptuno, a elle primeiro que a todos falla, captandolhe beneuolencia da pessoa & estado. Da pessoa, chamãdolhe Principe, & do estado, dizendo o grande poder q̄ tem, pera que mostre serlhe cousa facil o que lhe pede. Captalhe mais a beneuolencia, dizendo que tẽ o seu Reyno de juro, & não tomado por força, nem por engano como ladrão tyranno, mas vnico herdeyro.

\* Poelhe o poder, acrecentandoo, como se dixesse, Tu senhor, que não somente tẽs o mar & a terra, mas ainda tẽs mando sobre os homẽs, como consentes agora sairem elles do que lhes a natureza deu, & sem vossa licença meterense no vosso Reyno, & senhorio?

† Deſpois que falou a Neptuno, falla ao Oceano, que he o segundo deſpois de Neptuno,

28 Et vos incolas do mar, que não sofreis  
Injuria algũa em vosso reyno grande,

Que

Que cõ castigo igoal vos não vingueis,  
 De \*quêquer que por elle corra & ande:  
 Que descuido foy este em que viueis?  
 Quem pode ser que tanto vos abrande,  
 Os peitos, com razão endurecidos,  
 Cõtra os humanos, †fracos, & atreuidos?

† Falla agora com os outros menores, guardando a cadabum a honra, conforme a quem he: & pera que os moua a ira, lbe propõe diante o costume em que ate alli viuerão, não consentindo passar injuria algũa, por pequena que fosse, sem particular vingança.

\* Quem quer, assi o alto, como o baixo, quacs forão os Gregos, que vindo de Troia, tiuerão todos triste fim, & ma tornada, pera suas casas.

† Pera mais facilmente os mouer, argumentalbe de maiori ad minus, dizendo sois fortes contra fracos, pera que vista a ventagem, mais affoutos os desbarataassem.

Vistes que com grandissima ousadia  
 Forão ja cometer o Ceo supremo,  
 Vistes aquella infania fantasia  
 De tentarem o mar com vella & remo:

Vilttes, & ainda vemos cada dia,  
Soberbas & insolencias taes, que temo  
Que do mar & do ceo em poucos annos  
† Venhão a diuinios ser, & nos humanos.

† Como se dixeſſe, vede o que fazeis, que se vos não  
viugaes, hão elles de yr com a sua por diante, &  
não duuido que tanta soberba venhão a ter, que  
nos tomem os nosſos apouſentos, & nos vamos lá  
a morar.

30 Vedes agora a fraca geeração  
Que d'hum †vassallo meu o nome toma  
Com soberbo, & altiuo coração,  
A vos, & a mi, & o mundo todo doma:  
Vedes o vosſo mar cortando vão,  
Mais do que fez a gente alta de Roma,  
Vedes o vosſo reino deuassando  
Os vosſos estatutos vão quebrando,

† Vassallo, como se dixeſſe: Não cuides que são  
estes homẽs altos, mas decendem de hum, que foy  
meu vassallo.

31 Eu vi que cõtra os †Mynias, que primeiro  
No vosſo reino este caminho abrirão,

Boreas injuriado, & o companheiro  
 Aquilo, & os outros todos resistirão:  
 Pois se do ajuntamento aventureiro  
 Os ventos esta injuria assi sentirão,  
 Vos quem mais compete esta vingança,  
 Que esperais, porq̃ a pôdes em tardança?

† *Mynias, pouos de Creta, chamados assi del Rey  
 Mynos, que foy morto pellas filhas del Rei Cocalo.*

E não quero senhores que cuideis 32  
 Que por amor de vos do ceo deci,  
 Nem da magoa da injuria que sofreis,  
 Mas da que se me faz tambem a mi:  
 Que aquellas grandes hōras, que sabeis  
 Que no mundo ganhey, quando venci  
 As terras Indianas do Oriente,  
 Todas as vejo abatidas desta gente.

Que o gran Senhor & fados q̃ destinão, 33  
 Como lhe bem parece, o baixo mundo,  
 Famas mōres que nunca determinão  
 De dar a estes barões no mar profundo:  
 E aqui claro vereis como ensinão  
 O mal tambem a nos, porque segundo  
 Se vê, ningem ja tem menos valia  
 Que quem com mais razão valer deuia.

34 E por isso do Olimpo ja fugi,  
 Buscando algú remedio a meus pesares,  
 Por ver o preço, que no Ceo perdi,  
 Se por dita acharey nos vossos mares:  
 Mais quis dizer, & não passou da qui,  
 Porque as lagrimas ja correndo a pares  
 Lhe saltarão dos olhos, com que logo  
 Se acendem as Deidades dagoa em fogo

35 A Ira com que subito alterado  
 O coração de todos foy num ponto,  
 Não soffre mais conselho bem cuidado,  
 Nem dilatação, nem outro algum descôto:  
 Ao grande Eolo mandão ja recado  
 Da parte de Neptuno, que sem conto  
 Solte as furias dos ventos repugnantes,  
 Que não aja no mar mais nauegantes.

36 Bem quisera primeiro ali Protheo  
 Dizer neste negocio o que sentia,  
 E segundo o que a todos pareceo  
 Era algúa profunda prophecia  
 Porem tanto o tumulto se moueo  
 Em toda aquella illustre companhia,  
 Que Thetis indinada lhe bradou,  
 Neptuno sabe bem o que mandou.



Ia la o soberbo Hypotades ſoltaua 37  
 Do carcere fechado os furioſos  
 Ventos, que com palauras animada,  
 Contra os varões audaces & animoſos:  
 Subito o ceo ſereno ſe obumbrava,  
 Que os vêtos mais q̃ nunca impetuoſos  
 Começão nouas forças a yr tomando,  
 Torres, montes, & caſas derribando,

Em quanto eſte conſelho ſe fazia 38  
 No fundo aquoſo, a leda laſſa Frota  
 Com vento ſoſsegado proſeguia  
 Pello tranquillo mar, a longa rota:  
 Era no tempo quando a luz do dia  
 Do †Eoo E miſperio eſtà remota, †Oriete.  
 Os do quarto da prima ſe deitauão  
 Pera o ſegundo os outros deſpertauião.

Vencidos vem do ſono, & mal deſpertos 39  
 Bocijando a miude ſe encoſtauião,  
 Pellas antenas, todos mal cubertos,  
 Contra os agudos ares que aſſoprauiam:  
 Os olhos contra ſeu querer abertos  
 Mas eſtregando os membros eſtirauão,  
 Remedios contra o ſonno buscar querẽ,  
 Hitorias contão, caſos mil referem.

Com

40 Com que melhor podemos, hum dezia  
Este tempo passar, que he tão pesado,  
Senão com algum conto de alegria  
Com que nos deixe o sono carregado?  
Responde Leonardo, que trazia  
Pensamentos de firme namorado,  
Que contos poderemos ter melhores  
Pera passar o tempo, que de amores?

41 Não he, disse Veloso, cousa justa  
Tratar branduras em tanta aspereza,  
Que o trabalho do mar, q̃ tanto custa,  
Não soffre amores, nem dilicadeza:  
Antes de guerra feruida & robusta  
A nossa historia seja, pois dureza  
Nossa vida ha de ser, segundo entendo  
Que o trabalho por vir mo está dizêdo.

42 Consentem nisto todos, & emcomendam  
A Veloso que conte isto que aprova,  
Contarey disse, sem que me reprimam  
De contar cousa fabulosa, ou noua:  
E porq̃ os q̃ me ouirem, daqui aprédão  
A fazer feitos grandes de alta proua,  
Dos nacidos direy na nossa terra,  
E estes sejam os doze de Inglaterra.

No tempo que do reino a redea leue  
 João filho de Pedro moderaua,  
 Depois que sossegado & liure o teue  
 Do vizinho poder que o molestaua:  
 La na grande Inglaterra, que da neue  
 Boreal sempre abunda, semeaua  
 y fera Erinis dura & mà cizania  
 Que lustre fosse a nossa Lusitania.

43

Entre as damas gentis da corte Inglesa,  
 E nobres cortesaões, a caso hum dia  
 Se leuantou discordia em ira aeesa,  
 Ou foy opinião, ou foy porfia:  
 Os Cortesaões a quem tão pouco pesa  
 Soltar palauras graues de ousadia  
 Dizem que prouarão, q̃ honras & famas  
 Em tais damas não ha, pera ser damas.

44

E que se ouuer alguém cõ lança, & espada  
 Que queira sustentar a parte sua,  
 Que elles em campo raso, ou estacada  
 Lhe darão fea infamia, ou morte crua:  
 A feminil fraqueza pouco usada  
 Ou nunca a oprobrios tais, vendose nua  
 De forças naturais conuenientes  
 Socorro pede a amigos & parentes.

45

Mas

46 Mas como fossem grandes & possantes  
 No reino os inimigos, nam se atreuem  
 Nem parentes, nem feruidos amantes  
 A sustentar as damas, como deuem:  
 Com lagrimas fermosas & bastantes  
 A fazer que em seu socorro o poder leue  
 De todo o mundo, por rostos de alabastro  
 Se vão todas ao Duque de Alencastro.

47 Era este Ingles potente, & militar  
 Cos Portugueses ja contra Castella,  
 Onde as forças magnanimas prouara  
 Dos companheiros, & benigna estrella:  
 Não menos nesta terra esperimentara  
 Namorados affeitos, quando nella  
 A filha vio, que tanto o peito doma  
 Do forte Rey, que por mulher a toma.

48 Este que socorrer lhe não queria  
 Por não causar discordias intestinas  
 Lhe diz, quando o direito pretendia  
 Do Reino la das terras Iberinas,  
 Nos Lusitanos vi tanta ousadia,  
 Tanto primor, & partes tam diuinas:  
 Que elles sos poderião, se não erro  
 Sustentar vossa parte a fogo & ferro.

E se agrava das damas fois fertidas,  
 Por vos lhe mandarey embaixadores,  
 Que por cartas discretas & polidas,  
 De vosso agrauo os fação sabedores,  
 Tambem por vossa parte encarecidas  
 Com palauras da fagos & damores,  
 Lhe sejão vossas lagrimas, que eu creyo  
 Que ali tereis socorro & forte esteyo,

49

Destarte as aconselha o Duque experto,  
 E logo lhe nomea doze fortes,  
 E porque cada dama hum tenha certo  
 Lhe manda que sobrelles lancem sortes,  
 Que ellas so doze sam: & descuberto  
 Qual a qual tem caido das consortes,  
 Cadhũa escreue ao seu por varios modos  
 E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

50

Ia chega a Portugal o mensageiro,  
 Toda a corte aluoroça a novidade:  
 Quisera o Rey sublime ser primeiro,  
 Mas não lho soffre a Regia Magestade,  
 Qualquer dos cortesaões aventureiro  
 Deseja ser, com feruida vontade,  
 E so fica por bem aaventurado  
 Quem ja vem pello Duque nomeado.

51

La

52 La na leal cidade, donde teue

*O Porto.* Origem (como he fama) o nome eterno  
De Portugal, armar madeiro leue  
Manda o que tem o leme do gouerno:  
Apercebem se os doze em tempo breue  
Darmas, & roupas de vso mais moderno  
De elmos, cimeras, letras, & primores  
Caualos, & Concertos de mil cores.

Ia do seu Rey tomado tem licença

53 Pera partir do Douro celebrado  
Aquelles, que escolhidos por sentença  
Forão do Dnque Ingles esperimentado:  
Não ha na companhia differença  
De caualleiro, destro, ou esforçado:  
Mas hum so que Magriço se dezia  
Destá arte falla â forte companhia.

54 Fortíssimos confocios, eu desejo

Ha muito ja de andar terras estranhas,  
Por ver mais agoas q̄ do Douro, & Tejo,  
Varias gentes & leis, & varias manhas:  
Agora que aparelho certo vejo,  
Pois q̄ do múdo as cousas são tamanhas  
Quero se me deixais ir so por terra,  
Porq̄ eu ferey com uosco em Inglaterra.  
E quádo

E quando caso for que eu impedido  
 Por quem das cousas he vltima linha,  
 Não for conuofco ao prazo instituido,  
 Pouca falta vos faz a falta minha,  
 Todos por mi fareis o que he diuido,  
 Mas se a verdade o spiritu me adevinha,  
 Rios montes, fortuna, ou sua enueja,  
 Não farão que eu conuofco la não seja.

53

Afsi diz, & abraçados os amigos,  
 E tomada licença, em fim se parte  
 Passa Lião, Castella, vendo antigos  
 Lugares, que ganhara o patrio Marte:  
 Nauarra, cos altíffimos perigos  
 Do Perineo, que Efpanha & Galia parte  
 Vista em fim de França as cousas grâdes,  
 No grande imperio foy parar de Frâdes.

56

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,  
 Sem passar se deteue muitos dias,  
 Mas dos onze a illuíftriffima companhia  
 Cortão do mar do Norte as ondas frias:  
 Chegados de Inglaterra â costa estianha  
 Pera Londres ja fazem todos vias,  
 Do Duque sam com festa agasalhados  
 E das damas feruidos & animados.

57

- 59 Chegase o prazo & dia finalado,  
D'entar em campo ja cos doze Ingleses,  
Que pello Rei ja tinhamo segurado,  
Aimãose delmos, greuas. & de arneses:  
Ia as damas té por si fulgente & armado  
O Mauorte feroz dos Portugueses,  
Vestemse ellas de cores, & de sedas  
De ouro, & de joyas mil, ricas, & ledas.
- 60 Ia num sublime & publico theatro  
Se assenta o Rei Ingles com toda a corte  
Estauão tres & tres, & quatro & quatro,  
Bem como a cadaqual coubera em sorte:  
Não sam vistos do Sol do Tejo ao Batro  
De força, esforço, & danimo mais forte,  
Outros doze sayr como os Ingleses  
No campo, contra os onze Portugueses.
- 61 Mastigão os cauallos escumando  
Os aureos freos, com feroz sembrante,  
Estaua o Sol nas armas rutilando,  
Como em crystal, ou rigido diamante:  
Mas enxergase num & noutro bando  
Partido desigual & dissonante,  
Dos onze contra os doze: quando a gêto  
Começa a aluoroçar se geralmente.



Virão todos o rostro aonde auia 62  
 A causa principal do reboliço,  
 Eis entra hum caualeiro, que trazia  
 Armas,cauallo,ao bellico seruiço:  
 Ao Rei & às damas falla,& logo se hia  
 Pera os onze,que este era o grã Magriço,  
 Abraça os companheiros como amigos,  
 A quem não falta certo nos perigos.

A dama como ouuiu, que este era aquelle 63  
 Que vinha a defender seu nome & fama,  
 Se alegra,& veste do animal de Hele,  
 Que a gête bruta mais que virtude ama:  
 Ia dão sinal, & o som da tuba impelle  
 Os bellicosos animos,que inflama,  
 Picão desporas,largão redeas logo  
 Abaxão lanças,fere a terra fogo.

Dos cavallos o estrepito parece 64  
 Que faz,que o chão debaixo todo treme  
 O coração no peito,que estremece  
 De quem os olha, se aluoroça, & teme:  
 Qual do caualo voa,que não dece,  
 Qual do cauallo em terra dando , geme,  
 Qual vermelhas as armas faz de brancas,  
 q̃l cos penachos do elmo açouta as ácas.

X 2

Algun

65 Algum dali tomou perpetuo sono,  
E fez da vida ao fim breue interuallo,  
Correndo algum cauallo vay sem dono,  
E noutra parte o dono sem cauallo:  
Cae a soberba Inglesa de seu tronço,  
Que dous ou tres ja fora vão do vallo,  
Os que de espada vem fazer batalha  
Mais achão ja q̄ arnes, escudo, & malha.

66 Gastar palauras em contar estremos  
De golpes ferros, cruas estocadas,  
He desses gastadores que sabemos  
Maos do tempo, com fábulas sonhadas:  
Basta por fim do caso, que entendemos  
Que com finezas altas & affamadas,  
Cos nossos fica a palma da victoria  
E as damas vencedoras, & com gloria.

67 Recolhe o Duque os doze vencedores  
Nos seus paços, com festas & alegria,  
Cozinheiros occupa, & caçadores  
Das damas a fermosa companhia,  
Que querem dar aos seus libertadores  
Banquetes mil, cada hora, & cada dia,  
Em quanto se detem em Inglaterra,  
Ate tornar à doce & chara terra.

Mas dizem que com tudo o gran magriço 68  
 Desejoso de ver as cousas grandes,  
 La se deixou ficar, onde hum seruiço  
 Notauel à condeffa fez de Frandes:  
 E como quem não era ja nouiço  
 Em todo trance, onde tu Marte mandes  
 Hum Fráces mata em campo, q̄ odestino  
 La teue de <sup>t</sup>Torçato, & de Coruino.

*Titò Manlio Torcato, matou humm Frances em  
 desafio. & lhe tirou por despojo hum collar d'ou  
 ro que trazia ao pescoço.*

Outro tambem dos doze em Alemanha 69  
 Se lança, & teue hum fero desafio  
 Cum Germano enganoso, que cõ manha  
 Não deuida, o quis por no extremo fio:  
 Contando assi Veloso, ja acompanha  
 Lhe pede que não faça tal desuio  
 Do caso do Magriço, & vencimento,  
 Nê deixe o de Alemanha é esqueciméto.

Mas neste passo assi promptos estando, 70  
 Eis o mestre, que olhando os ares anda  
 O apito toca, acordão despertando  
 Os marinheiros d'hũa & d'outra banda:  
 X 3 E porque

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
E porque o vento vinha refrescando,  
Os traquetes das gaueas tomar manda,  
Alerta, disse, estay, que o vento crece  
Daquella nuuem negra que aparece.

71 Não erão os traquetes bem tomados,  
Quando dá a grande & subita procella,  
Amaina, disse o mestre a grandes brados,  
Amaina, disse, amaina a grande vella,  
Não esperão os ventos indignados  
Que amainassem, mas juntos dão nella  
Em pedaços a fazem, cum ruido  
Que o mundo pareceo ser destruydo.

72 O ceo fere com gritos nisto a gente,  
Cum subido temor, & desacordo,  
Que no romper da vella a nao pendente  
Toma gran soma dagoa pello bordo,  
Alija, disse o mestre, rijamente,  
Alija tudo ao mar, não falte acordo,  
Vão outros dar á bomba não cessando,  
Aa bomba, que nos imos alagando,

73 Correm logo os soldados animosos  
A dar á bomba, & tanto q̄ chegarão,

Os balanços, que os mares temerosos  
Derão â nao, num bordo os derrubarão:  
Tres marinheiros duros & forçosos,  
A menear o leme não bastarão, (te,  
Talhas lhe punhão d'hũa & doutra par-  
Sé aproveitar dos homês força & arte.

Os ventos erão tais, que não poderão 74  
Mostrar mais força dimpetu cruel,  
Se pera derribar então vierão  
A fortíssima torre de Babel:  
Nos altísimos mares, que crecerão  
A pequena grandura de hum batel,  
Mostra a possante nao, q̄ moue espanto  
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

A nao grande, em q̄ vay Paulo da Gama, 75  
Quebrado leua o masto pello meio,  
Quasi toda alagada: a gente chama  
Aquelle que a salvar o mundo veio,  
Não menos gritos váos ao ar derrama  
Toda a Nao de Coelho, com receio,  
Com quanto teue o mestre tanto tento  
Que primeiro amainou q̄ desse o vêto.

77 Agora sobre as nuvens os subião  
As ondas de Neptuno furibundo,  
Agora ver parece que decião  
Aas intimas entranhas do profundo:  
Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião  
Arruinar a machina do mundo.  
A noite negra & feia se alumia,  
Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

78 As † Alcyoneas aues triste canto  
Junto da costa braua levantarão  
Lembrandose de seu passado pranto  
Que as furiosas agoas lhe causarão:  
Os Delfins namorados entretanto  
La nas couas maritimas entrarão,  
Fugindo à tempestade, & ventos duros  
Que né no fundo os deixa estar seguros.

† Duas aues Alcyoneas ouue: hãa por nome Ceycis, a qual vendo o corpo morto de seu marido lançado na praia, lançou-se no mar: & Amphitrite a mudou em aue. A outra se chamou Marpesia, filha de Eueno Rio, a qual tambem foy mudada em aue por mandado de Amphitrite, como fingem os Poetas.

Nunca

Nunca tão viuos rayos fabricou  
 Contra a fera soberba dos Gigantes,  
 O gran ferreiro fordido, que obrou  
 Do enteado as armas radiantes:  
 Nem tanto o gran Tonante arremessou  
 Relampagos ao mundo fulminantes,  
 No gran diluuiio, onde sos viuerão  
 † Os dous q̄m gēte as pedras cōuerterão:

79  
 De tudo  
 atrás.

‡ Depois do Dilluuiio, conta Ouidio, que ficarão  
 sos dous, Pyrrha & Deucalionte, os quaes des-  
 pois dos homēs todos mortos, por conselho de Tbe-  
 mis, tomarão as pedras, & lançaũõnas por de-  
 tras das costas, & as pedras que lançaũõ Deuca-  
 lionte, se tornauão em homēs, & as pedras que  
 lançaũõ Pyrrha se tornauão em molheres, segno  
 do fingem os poetas.

Quantos montes então, que derribarão  
 As ondas que batião denodadas,  
 Quantas aruores velhas arrancarão  
 Do vento brauo as furias indinadas:  
 As forçosas raizes não cuidarão  
 Que nunca pera o ceo fossem viradas  
 Nem as fundas areas que podessem  
 Tãto os mares, q̄ encima as reuoluessem.

80

81 Vendo Vasco da Gama que tão perto  
 Do fim de seu desejo se perdia,  
 Vendo ora o mar ate o inferno aberto  
 Ora com noua furia ao ceo subia,  
 Confuso de temor, da vida incerto,  
 Onde nenhum remedio lhe valia,  
 Chama aquelle remedio sancto & forte,  
 Que o impossibil pode, desta sorte.

82 Diuina guarda, angelica celeste,  
 Que os ceos, o mar, & a terra senhoreas,  
 Tu que a todo Israel refugio deste,  
 Por metade das agoas Erytreas:  
 Tu que liuraste Paulo, & defendeste  
 Das Syrtes arenosas, & ondas feas,  
 E guardaste cos filhos o segundo  
 Pouoador do alagado & vacuo mudo.

83 Se tenho nouos medos perigosos,  
 Doutra Scylla & Carybdis ja passados,  
 Outras Syrtes, & baixos arenosos,  
 Outros Acroceraunios infamados,  
 No fim de tantos casos trabalhosos,  
 Porque somos de ti desemparedados,  
 Se este nosso trabalho não te offende,  
 Mas antes teu seruiço so pretende?



O ditosos a aquellas que puderão  
 Entre as agudas lanças Affricanas  
 Morrer, em quanto fortes sostiuerão  
 A sancta Fe, nas terras Mauritanas:  
 De quem feitos illustres se soberão,  
 De quem ficão memorias soberanas,  
 De quem se ganha a vida com perdella,  
 Doce fazendo a morte as honras della.

84

Afsi dizendo, os ventos que lutauão,  
 Como touros indomitos bramando,  
 Mais & mais a tormenta acrecentauão,  
 Pella miuda enxarcea assuuiando:  
 Relampagos medonhos não cessauão,  
 Feros trouões, que vem representando  
 Cair o ceo dos eixos sobre a terra,  
 Configo os elementos terem guerra.

85

Mas ja a amorosa estrella scintilaua  
 Diante do sol claro do Orizonte,  
 Mensageira do dia, & visitaua  
 A terra, & o largo mar com leda fronte:  
 Venus que nos ceos a governaua,  
 De quem foge o ensifero Oriente,  
 Tanto que o mar, & a chara armada vira  
 Tocada junto foy de medo & de ira.

86

Estas

87 Estas obras de Bacho sam por certo,  
Disse, mas não serâ que auante leue  
Tão danada tenção, que descuberto  
Me sera sempre o mal a que se atreue,  
Isto dizendo, dece ao mar aberto,  
No caminho gastando espaço breue,  
Em quanto máda às nimphas amorosas  
Guiraldas nas cabeças por de rosas.

88 Guiraldas manda por de varias cores  
Sobre cabellos louros a porfia,  
Quem não dirâ, que nace[m] roxas flores  
Sobre ouro natural, que amor enfia,  
Abrandar determina por amores  
Dos ventos a nojosa companhia,  
\*Mostrandolhe as amadas ninfas bellas,  
Que mais fermosas vinhão q̃ as estrellas.

\* Porque fingião os poetas que tambem os ventos  
se namorarão das Nymphas, como foy Boreas, que  
se namorou de Orythya, & Galathea, & Noto.

89 Assim foy, porque tanto que chegarão  
A vista dellas, logo lhe falecem  
As forças com que dante pelejarão,  
E ja como rendidos lhe obedecem;

Os pês & mãos, parece que lhe atarão  
 Os cabellos que os rayos escurecem,  
 A Boreas, que do peito mas queria,  
 Assim disse a bellissima Orithia.

Não creas fero Boreas, que te creio, 90  
 Que me tiueste nunca amor constante,  
 q̄ brádura he de amor mais certo arreio,  
 E não conuem furor a firme amante:  
 Se ja não pões a tanta insania freio,  
 Não esperes de mi daqui em diante,  
 Que possa mais amarte, mas temerte,  
 Que amor contigo em medo se cõuerte;

Assi mesmo a fermosa Galathea 91  
 Dezia ao fero Noto, que bem sabe  
 Que dias ha que em vella se recrea,  
 E bem cré que com elle tudo acabe,  
 Não sabe o bravo tanto bem se o crea,  
 Que o coração no peito lhe não cabe,  
 De cõtente de ver que a dama o manda,  
 Pouco cuida que faz se logo abranda.

Destá maneira as outras amansauão 92  
 Subitamente os outros amadores,  
 E logo

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
E logo à linda Venus se entregauão,  
Amanfadas as iras, & os furores,  
Ella lhe prometeo vendo que amauão  
Sempiterno fauor em seus amores,  
Nas bellas mãos tomandolhe omenagê  
De lhe serem leaes esta viagem.

- 93 Ia a menhã clara data nos outeiros,  
Por onde o Ganges murmurando soa,  
Quando da celsa gauea os marinheiros  
Enxergarão terra alta pella proa,  
Ia fora de tormenta, & dos primeiros  
Mares, o temor vão do peito voa,  
Disse alegre o Piloto Melindano,  
Terra he de †Calecu, se não me engano.

† Calecu, cidade que está na costa do Malabar, he  
das mais principaes que ha em o Reino do Camo-  
rym Imperador dos Malabares.

- 94 Esta he por certo a terra que buscais  
Da verdadeira India, que aparece,  
E se do mundo mais não desejaís  
Vosso trabalho longo aqui fenece:  
Soffrer aqui não pode o Gama mais,  
De ledo, em ver que a terra se conhece

Os joelhos no chão, as mãos ao ceo  
A merce grande a Deos agradeceo.

As graças a Deos daua & razão tinha 95  
Que não samente a terra lhe mostraua,  
Que com tanto temor bulcando vinha,  
Por quem tanto trabalho esprimentaua,  
Mas via se librado tão afinha  
Da morte, que no mar lhe aparelhaua  
O vento duro, feruido, & medonho,  
Como qué despertou de horrêdo sonho.

Por meio destes horridos perigos 96  
Destes trabalhos graues & temores,  
Alcanção os que sam de fama amigos  
As honras immortaes, & graos maiores:  
Não encoitados sempre nos antigos  
Troncos nobres de seus antecessores,  
Não nos leitos nobres, entre os finos  
Animais de Moscouia †Zebelinos.

*Animais de Moscouia Zebelinos, sam martas, de  
que os principes andão forrados..*

Não cos manjares nouos & exquisitos 97  
Não cos passeos molles, & ociosos,  
Não

Os Enxadas De Luis de Camões.  
Não cos varios deleites, & infinitos  
Que afeminão os peitos generosos,  
Não cos nunca vencidos apetitos  
Que a fortuna tem sempre tão mimosos  
Que não soffre a nenhũ q̃ o passo mude,  
Pera hũa obra heroyca de virtude.

98 Mas com buscar co seu forçoso braço  
As honras, que elle chame proprias suas,  
Vigiando, & vestindo o forjado aço,  
Soffrendo tempestades, & ondas cruas:  
Vencendo os torpes frios no regaço  
Do Sul, & regiões de abrigo nuas,  
Engulindo o corrupto mantimento  
Temperado com hum arduo sufrimêto.

99 E com forçar o rostro que se enfia,  
A parecer seguro, ledô, inteiro,  
Pera o pilouro ardente, que affouia  
E leua a perna, ou braço ao cõpanheiro,  
Destarte o peito hum calor honroso cria  
Desprezador das honras & dinheiro,  
Das honras & dinheiro, que a vêtura  
Forjou, & não virtude justa, & dura.

Destta

Destarte se esclarece o entendimento,  
Que experiencias fazem repousado,  
E fica vindo, eómo de alto assento,  
O baixo trato humano embaraçado,  
Este onde ti uef força o regimento,  
Direito, & não de affectos occupado,  
Subira (como deue) a illustre mando,  
Contra vontade sua, & não rogando.

F I M.



Y

Chega

CHEGA GAMA A CALECV,  
Cabeça do Reino do Malabar, cujo sitio & des-  
cripção se refere: faz sabedor ao Rei de sua che-  
gada, o qual informandose de Monçaide,  
Mouro criado em Affrica, que gente  
he a Lusitana, vay visitar  
sua armada.

CANTO SEPTIMO.



A SE VIAM CHE-  
gados junto à terra,  
Que desejada ja de tan-  
tos fora,  
Que entre as correntes  
Indicas se encerra,  
E o Ganges, que no ceo terreno mora:  
Ora sus gente forte que na guerra  
Quereis levar a palma vencedora,  
Ja toys chegados, ja tendes diante  
A terra de riquezas abundante.



A vos ô geração de Luso digo, 2  
 Que tão pequena parte sois no mundo:  
 Não digo inda no mundo, mas no amigo  
 Curral de quem gouerna o Ceo rotúdo:  
 Vos, a quem não samente algum perigo  
 Estorua conquistar o pouo immundo:  
 Mas nem cobiça, ou pouca obediencia  
 Da madre, q̄ nos ceos estâ em essencia.

Vos Portugueses poucos, quanto fortes, 3  
 Que o fraco poder vosso não pesais,  
 Vós, que à custa de vossas varias mortes  
 A lei da vida eterna dilatais:  
 Afsi do ceo deitadas sam as sortes,  
 Que vos por muito poucos que seiais, 3  
 Muitos façaes na sancta Christandade:  
 Que tâto ô Christo exaltas a humildade:

*¶ Começa o Autor a falar contra os Luteranos, &  
 outras Erroneas em que viuem os infieis que se  
 levantarão contra a Christandade.*

Vedelos Alemães soberbo gado, 4  
 Que por tão largos campos se apacenta,  
 Do successor de Pedro rebelado,  
 Nouo pastor, & noua Scepta inuenta,

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Vedelo em feas guerras occupado,  
Que inda co cego error se não contenta  
Não contra o superbilissimo Otomano:  
Mas por fair do jugo soberano.

5 Vedelo duro Ingles, que se nomea  
*Ierusalẽ.* Rei da velha & sanctissima cidade,  
Que o torpe Ismaelita senhorea,  
(Quẽ vio honra tão longe da verdade)  
*Inglaterra.* Entre as Boreaes neues se recrea,  
*ra.* Noua maneira faz de Christandade,  
Pera os de Christo tem a espada nua,  
Não por tomar a terra que era sua.

6 Guardalhe por entanto hum falso Rei  
A cidade Ierosolima terrestre,  
Em quanto elle não guarda a sancta ley,  
Da cidade Ierosolyma celeste:  
*França.* Pois de ti Gallo indigno que direi?  
Que o nome Christianissimo quiseste,  
Não pera defendelo, nem guardalo,  
Mas pera ser contra elle, & derriballo.

7 Aclias que tẽs direito em senhorios  
De Christãos, sendo o teu tá largo, e táto  
E não

E não contra o †Cynifio & Nilo rios, †Rios de  
 Inimigos do antigo nome sancto, Africa.  
 Ali se hão de prouar da espada os fios,  
 Em qué quer reprouar da Igreja o cáto,  
 De Carlos, de Luis, o nome & a terra  
 Erdaste: & as causas não da justa guerra?

Pois que direi daquelles que em delicias,  
 Que o vil ocio no mundo traz consigo,  
 Gastão as vidas, lográo as diuicias,  
 Esquecidos de seu valor antigo:  
 Nacem da tyrania inimicicias,  
 Que o pouo forte tem de si enemigo,  
 Contigo Italia fallo, ja sumersa  
 Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.

O miseros Christãos, pola ventura 9  
 Sois os dentes de †Cadmo desparzidos,  
 Que hũs aos outros se dão a morte dura  
 Sendo todos de hum vètre produzidos?  
 Não vedes a diuina sepultura  
 Possuida de cães, que sempre vnidos  
 Vos vem tomar a vossa antigua terra,  
 Fazendose famosos pella guerra?

† Despois que Cadmo matou aquella serpente, que

Os Lusíadas de Luis de Camões.

na fonte lhe matara seus companheiros: semeando  
os dentes della nascerão homẽs armados: os quaes  
logo antre si trauando guerra em nacendo, se ma-  
tarão todos bũs aos outros.

- 10 Vedes que tem por vso, & por decreto,  
Do qual sãõ tãõ inteiros obseruantes,  
A juntarem o exercito inquieto,  
Cõtra os pouos q̃ sãõ de Christo amãtes,  
Entre vos nunca deixa a fera † Aleto  
De semear cizanias repugnantes,  
Olhay se estais seguros de perigos,  
Que elles & vos, sois vossos inimigos.

† Aleto he nome de bũa das tres furias infernaes,  
as quaes sam Aleto, Tysyphone, & Megera.

- 11 Se cobiça de grandes senhorios  
Vos faz yr conquistar terras alheas,  
Nãõ vedes que † Paetolo & \* Hermo rios  
Ambos voluem auíferas areas?  
Em † Lidia, \* Assiria laurãõ d'ouro os fios  
Affrica esconde em si luzentes veas,  
Mouauos ja sequer riqueza tanta,  
Pois moueruos nãõ pode a casa sancta.

Paetolo

9 Paçolo, rio de Lydia, que rega os campos Smyrneos com areias, entre as quaes traz de mestura algum ouro.

\* Hermo, he hum rio que corta as terras do campo Smyrno, nasce do monte Doryalo, & corta a Pbrigia do Caria. Este quando com suas cheas alaga os campos, os torna fertiles, por onde dizem que traz areias de outro.

† Lydia he hũa região, que está na Asia maior, chamada Lydia de Lydo, filbo de Achys Rey de Meoni, & de seu irmão Tyrreno. Da banda do Oriente he vezinha de Pbrigia, do Norte de Mysfia, & do Sul confina com Caria. Antigamente chamouse Meonia. Ha nesta região estas cidades: Epheso, Colophon, Clazomene, & Phara.

\* Syria, região de Asia maior, que agora se chama Syria. Do Oriente tem a India, do Ponente, o rio Tygris, do Sul, a Media, do Norte, ao Monte caucaso.

Aquellas inuencões feras & nouas,  
De instrumentos mortaes da artilharia,  
Ia deuem de fazer as duras prouas,  
Nos muros de Bizancio, & de Turquia:

Fazei que torne la às siluestres couas,  
Dos Caspios montes, & da Scytia fria,  
A Turca geração, que multiplica  
Na pulcicia da vossa Europa rica,

13 Gregos, Traces, Armenios, Georgianos,  
Bradando vos estão, que o pouo bruto  
Lhe obriga os charos filhos aos profanos  
Preceptos do Alcorão (duro tributo)  
Em castigar os feitos inhumanos  
Vos gloriay de peito forte, & astuto,  
E ná queirais louvores arrogantes,  
De serdes cõtra os vossos mui possantes,

14 Mas entanto que cegos & sedentos  
Andais de vosso sangue, ô gête insana,  
Nã faltarão Christãos atreuimentos,  
Nesta pequena casa Lusitana,  
De Affrita tem maritimos assentos,  
He na Asia mais que todas soberana,  
† Na quarta parte noua os campos ara,  
E se mais mundo ouuera la chegara.

† A quarta parte chama o Autor o mundo nouo,  
terra do Brasil, em que se comprehende todas as ter-  
ras de Indias Occidentais, q̃ corrẽ de Norte a Sul.  
E vejamos

E vejamos em tanto que acontece 15  
 A aquelles tão famolos nauegantes  
 Depois que a branda Venus enfraquece  
 O furor vão dos ventos repugnantes:  
 Depois que a larga terra lhe aparece  
 Fim de suas perfiás tão constantes,  
 Onde vem semear de Christo a lei,  
 E dar nouo costume, & nouo Rey.

Tanto que à noua terra se chegarão, 16  
 Leues embarcações de pescadores  
 Acharão, que o caminho lhe mostrarão  
 De Calecu, onde erão moradores:  
 Pera la logo as proas se inclinarão,  
 Porque esta era a cidade das milhores  
 Do Malabar melhor, onde viuia  
 O Rei, que toda a terra possuia,

\* Alem do Indo Iaz, & aquem do Gange, 17  
 Hũ terreno mui grande, & assaz famoso,  
 Que pella parte Austral o mar abrange,  
 E pera o Norte, o \*Emodio cauernoso.  
 Iugo de Reis diuersos o constringe  
 A varias leis, † algũs o vicioso  
 Mahoma, \*algũs os Idolos adorão,  
 † Algũs os animais, que entre elles morão.

\* Entre os dous Rios Indo & Ganges, jaz a India  
 f. da banda de Poente o Indo, & da banda de O-  
 riente o Gange, & dantre ambos sae a India, com  
 bñã ponta de duzentas legoas pera o Sul.

\* Emodio, he hum monte junto do termo da India,  
 diuidese em dous ramos, hum delles se chama Or-  
 torocarã, & o outro Semantino.

3. \* Escreue a varia gente que ha na India, f. os Mou-  
 ros, & Gentios

\* Estes sam os Mouros, que odorão a Masoma.

† Estes sam os Canarãs, & Guzarates, & Nays  
 ebeans.

† Estes sam os Canarins, & Bramanes, que ado-  
 rão bois, vacas, aliphantes, & outras semelbantes  
 alimarias.

18 La bem no grande † monte, que cortando  
 Tão larga terra, toda Aflia discorre,  
 Que nome tão diuersos vai tomando,  
 Segundo as regiões por onde corre,  
 As fontes saem, donde vem manando  
 Os rios, cuja gran corrente morre  
 No mar Indico, & cercão todo o peso  
 Do terreno, fazendo o Chersonezo.



Canto repetido.  
Entre hũ & o outro rio, em grãde espaço 19  
Say da larga terra hũa longa ponta  
Quasi †pyramidal, que no regaço  
Do mar, com Ceilão insula confronta,  
E junto donde nace o largo braço  
Gangetico, o rumor antigo conta,  
Que os vizinhos da terra moradores  
\* Do cheiro le mantem das finas flores,

\* Pyramides erão hũs edificios mui altos, que fa-  
zião os antigos Reis de Egipto, eão muito altos,  
& quanto mais sobião, mais se hão adelgaçando,  
a maneira do lume de hũa tocha acesa.

\* Dizem os Indios, que junto d' hũa fonte do rio  
Ganges, os moradores della viuem so do cheiro das  
flores que naceem naquelle monte, donde a fonte  
mana.

Mas agora de nomes & de vfança, 20  
Nouos & varios sam os habitantes:  
Os †Delijs, os \* Patanes, que em possança  
De terra, & gente, são mais abundantes,  
† Decanes, \* Oriãs, que a esperança  
Tem de sua saluação nas resonantes  
Agoas do Gange, & a terra de Bengala,  
Fertil de sorte q̃ outra não lhe iguala.

Delijs

¶ Delijs, sam aquelles a que agora chamamos Mogores, sam moradores de Agrâ, cidade da fortaleza de Bengala.

\* Patanes sam os Bengalas, casta dos mais fidalgos, moradores tambem de Agrâ. Esta Agrâ no meio de Saçarão, Região de Bengala, alem de Raudaas, fortaleza mui forte, cercada de metal.

† Decanes sam pouos de Byzapor, alem de Bylligão sogeitos & vassallos do Idalcão, Rei do Decão.

\* Oriâs sam pouos de Pipilpatão, cidade de porto de mar, vassallos del Rei de Catbeck. O Rey delles se chama Gazipatil. Este porto he de muito trato, aonde vão os Portugueses fazer seu trato: está pera a costa de Bengalia, entre os Canarâs, na cabeça de Bysnagar.

- 21 O Reino de †Cambaia bellicoso  
 Dizem que foy de Poro Rei potente,  
 O Reino de Narsinga poderoso,  
 Mais de ouro & pedras, q̄ de forte gente:  
 Aqui se enxerga la do mar vndoso  
 \* Hum monte alto, que corre longamête,  
 Servindo ao Malabar de forte muro,  
 Com que do †Canará viue seguro.

† Cambaia he Reino, cujos pouos principaes sam Mogores.

Mogores: sua principal cidade he Hamodabath.

\* Gate, que corre de Eylligão & as mais terras, & chamase Gate até Pondâ. Deste monte se descobre o mar, & diuide as terras da fralda do mar das terras firmes.)

† Canarás, pousos de Bisnagar.

Da terra os naturaes lhe chamão Gate, 23

Do pê do qual pequena quantidade  
Se estêde hũa fralda estreita, que cõbate  
Do mar a natural ferocidade:

Aqui de outras cidades sem debate,  
Calecu tem a illustre dignidade,  
De cabeça de Imperio rica & bella,  
Samorim se intitula o senhor della.

Chegada a frota ao rico senhorio 24

Hum Portugues mandado logo parte,  
A fazer sabedor o Rei Gentio

Da vinda sua a tão remota parte:

Entrando o mensageiro pello rio,

Que ali nas ondas entra, a não vista arte

A cor, o gesto estranho, o trajo nouo,

Bez concorrer a velo todo o pouo.

Entre

24 Entre a gente que vello concurreia,  
Se chega hum Mahometa, que nascido  
Fora na região da Berberia,  
La onde fora Anteo obedecido,  
Ou pella vizinhança ja teria  
O Reino Lusitano conhecido,  
Ou foi ja assinalado de seu ferro,  
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

25 Em vendo o mensageiro com jocundo  
Rosto, como qué sabe a lingua Hispana  
Lhe disse, qué te trouxe a estoutro mun  
Tão loge da tua patria Lusitana? (do,  
Abrindo lhe responde o mar profundo,  
Por onde nunca veio gente humana,  
Viños buscar do Indo a gran corrente,  
Por onde a lei diuina se acrecente.

26 Espantado ficou da gran viagem,  
O Mouro, que Monçaide se chamaua.  
Ouvindo as oppressões que na passagem  
Do mar, o Lusitano lhe contaua,  
Mas vendo em fim, q̄ a força da mensajé  
So pera o Rei da terra releuaua,  
Lhe diz que estaua fora da cidade,  
Mas de caminho pouca quantidade.

E que em tanto que a noiva lhe chegasse 27  
 De sua estranha vinda, se queria  
 Na sua pobre casa repoufasse,  
 E do manjar da terra comeria:  
 E delpois que se hum pouco recreasse,  
 Coelle pera a armada tornaria,  
 Que alegria não pode ser tamanha,  
 Que achar gête vizinha é terra estranha.

O Portugues aceita de vontade 28  
 O que o ledo Monçaide lhe offerece,  
 Como se longa fora ja a amizade,  
 Coelle come & bebe, & lhe obedece:  
 Ambos se tornão logo da cidade,  
 Perá a frota, que o Mouro bem conhece,  
 Sobem à capitaina, & toda a gente  
 Monçaide recebeo benignamente.

O capitão o abraça em cabo ledo, 29  
 Ouindo clara a lingua de Castella,  
 Junto de si o assenta, & próprio & quedo  
 Pella terra pergunta, & cousas della:  
 Qual se ajūtava é † Rodope o aruoredo,  
 So por ouvir o amante da donzella  
 Euridice, tocando a lyra de ouro,  
 Tal a gête se ajunta a ouvir o Mouro.

*9* Rodope monte de Thracia, aonde Orpheo matou  
do de Eurydice, tangendo fazia mouer as aruores,  
& penedos, & ajuntarse em roda pera ouuillo.

30 Elle começa, ô gente que a natura  
Vezinha fez de meu paterno ninho,  
Que destino tão grande, ou que vêtura,  
Vos trouxe a cometerdes tal caminho:  
Não he sem causa não occulta & escura,  
Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho,  
Por mares nunca doutro lhenho arados  
A Reinos tão remotos & apartados.

31 Deos por certo vos traz, porque pretende  
Algum seruiço seu por vos obrado:  
Por isso so vos guia, & vos defende  
Dos imigos do mar, do vento yrado:  
Sabei que estais na India, onde se estêde  
Diuerso pouo, rico & prosperado,  
De ouro luzente, & fina pedraria,  
Cheiro suaue, ardente especiaria.

32 Esta prouincia, cujo porto agora  
Tomado tendes, Malabar se chama,  
Do culto antigo os Idolos adora,  
Que ca por estas partes se derrama:

De diuerfos Reis he, mas dum so fora  
 Nontro tempo, legundo a antiga fama,  
 Saramá Perimal foy derradeiro  
 Rei que este reino teue vnido & inteiro.

Porem como a esta terra então viessem, 33  
 De là do seio Arabico outras gentes,  
 Que o culto Mahometico trouxessem,  
 No qual me instituirão meus parentes,  
 Succedeo que pregando conuertessem  
 O Perimal, de sabios & eloquentes,  
 Fazemlhe a lei tomar, com feruor tanto,  
 Que profupos de nella morrer sancto.

Naos arma, & nellas mete curioso 34  
 Mercaderia que offereça rica,  
 Pera yr nellas a ser religioso,  
 Onde Maphoma jaz, que a ley publica:  
 Antes que parta, o Reino poderoso  
 Cos seus reparte, porque não lhe fica  
 Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,  
 Ricos de pobres, liures de sogeitos.

A hum Cochim, a outro Cananor, 35  
 A qual Chale, a qual a Ilhada pimenta,  
 Z A qual

Os Lusíadas de Luis de Camões:  
A qual Coulaão, a qual da Crangauor,  
E os mais, a quem o mais ferue & cõteta  
Hum so moço, a qué tinha muito amor,  
Despois que tudo deu, se lhe apresenta,  
Pera este Calecu fomento fica,  
Cidade ja por trato nobre & rica.

36 Esta lhe da, cõ titulo excellentes  
De Emperador, q̃ sobre os outros mãde,  
Isto feito se parte diligente,  
Pera onde em sancta vida acabe & ande,  
E daqui fica o nome do potente  
Samorí, mais q̃ todos digno & grande  
Ao moço, & decendentes, donde vem.  
Este, q̃ agora o Imperio manda & tem.

37 A ley da gente toda, rica & pobre  
De fabulas compostas se imagina,  
Andão nũs, & fomento hum pano cobre  
As partes que a cubrir natura ensina:  
Dous modos ha de gẽte, porque a nobre  
Naires chamados sam, & a menos digna  
Poleãs tem por nome, a quem obriga,  
A lei não mesturar a casta antiga.



¶ Estes Poleãs sam tão baixos que se algum Naire andando pella rua, acerta de se tocar nelles, antes que se metão em casa, bõose de lauar em tanques que so pera isso tem. E se algum Naire dormir com algũa Poleã, tem pena de morte.

Porq̃ os q̃ vsarão sempre hũ mesmo officio  
De outro não podem receber consorte, 38  
Nem os filhos terão outro exercicio,  
Senão de seus passados ate morte,  
Pera os Naires he certo grande vicio  
Destes serem tocados de tal sorte,  
Que quãdo algũ se toca por ventura,  
Com cerimonia mil se alimpa & apura.

Destá sorte o Iudaico pouo antigo 39  
Não tocava na gente de Samaria,  
Mais estranhezas inda das que digo  
Nesta terra vereis de vfança varia,  
† Os Naires sos sam dados ao perigo  
Das armas, sos defendem da cõtraria  
Báda o seu Rei, trazédo sêpre vsada (da.  
Na esquerda a adarga, e na direita a espa

¶ Estes continuamente andão armados, & trazem no bucho do braço hũa manilha d'ouvo ou prata.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

- 40 † Bramenes sam os seus religiosos,  
Nome antigo, & de grande preminencia  
Oseruáo os p̄ceptos tão famosos  
D'um, que primeiro pos nome â sciencia:  
Náo matáo coufa viua, & temerosos  
Das carnes, tem grandíssima abstinencia,  
Somente no venero ajuntamento  
Tem mais licença, & menos regimento.

† *Estes Bramenes trazem hũas linbas ao tiracolo  
brancas: sam mui acatados por toda a Índia: nada  
comem que tenha vida, senão arroz, manteiga,  
& ervas, em tanto que nem querem comer briedos  
vermelhos.*

- 41 Geraes sam as molheres: mas somente  
Pera os da geração de seus maridos:  
Ditosa condição, ditosa gente,  
Que não sam de ciumes offendidos.  
Eltes & outros costumes variamente  
Sam pellos Malabares admittidos,  
A terra he grossa é trato, em tudo aquilo  
q̄ as ondas podê dar da China ao Nilo.

- 42 Assim contaua o Mouro, mas vagando  
Andaua a fama ja pella cidade,

Canto repetido. 179  
Da vinda desta gente estranha, quando  
O Rei saber mandava da verdade,  
Ia vinhão pellas ruas caminhando,  
Rodeados de todo sexo & idade,  
Os principaes, que o Rei bulcar mádara,  
O Capitão da armada que chegara.

Mas elle, que do Rey ja tem licença 43  
Pera desembarcar, acompanhado  
De nobres Portugueses sem detença  
Parte de ricos panos adornado:  
Das cores a fermosa differença  
A vista alegre ao pouo aluoroçado,  
O remo compassado fere frio  
Agora o mar: despois o fresco rio.

Na praia hum regedor do Reyno estaua, 44  
Que na sua lingua Catual se chama,  
Rodeado de Naires, que esperava  
Com desusada festa o nobre Gama:  
Ia na terra nos braços o leuava,  
E num †portatil leito hũa rica cama  
Lhe offerece em que va, costume vsado,  
Que nos ombros dos homês he leuado.

† Portatil, quer dizer leuador, de porto, portas,  
Z 3 que

que quer dizer leuar: sam bñs andores de que  
 vjam os Mallabares, & sam leuados em ombros  
 de homẽs, os quaes andão tão feitos a isto, que  
 quem vay nelle, lhe parece estar deitado em hum  
 esquife, tão quietamente o leuão, que quem he le-  
 uado lhe parece estar assentado, ou deitado, sem  
 se bulir.

- 45 Destarte o Malabar, destarte o Luso,  
 Caminhão la pera onde o Rei o elpera;  
 Os outros Portugueses vão ao vto  
 Que infantaria segne, esquadra fera,  
 O pouo que concorre vay confuso  
 De ver a gente estranha, & bem quisera  
 Preguntar, mas no tempo ja passado  
 Na torre de †Babel lhe foy vedado.

† Porque dantes fallauão os homẽs todos hũa lin-  
 goa, & alli se espalharão.

- 46 O Gama, & o Catual hião falando  
 Nas cousas que lhe o tempo offerencia,  
 Monçaide entre elles vay interpretando  
 As palauras que de ambos entendia:  
 Alsi pella cidade caminhando,  
 Onde hũa rica fabrica se erguia.

De hum sumptuoso templo ja chegauão  
Pellas portas do qual juntos entrauão.

Ali estão esculpidas as figuras 47  
Dos Idolos em pao & em pedra fria,  
Varios de gestos, varios de pinturas,  
A segundo o demonio lhe fingia,  
Vem se as abominaueis esculpturas  
Qual a †Chimêra em membros se varia,  
Espantão se os Christãos da nouidade  
Vituperando a vaã Gentilidade.

† Chymêra dizem os Poetas que era hum monstro,  
que tinha tres cabeças, hũa de Leão, outra de Chy-  
mêra, outra de Dragão: das quaes cabeças todas  
sabia muito fogo.

Hum na cabeça cornos esculpidos, 48  
Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,  
Outro num corpo rostos tinha vnidos,  
Bem como o antigo †Iano se pintaua:  
Outro com muitos braços diuididos,  
A †Briareo parece que imitaua:  
Outro fronte Canina tem de fora,  
Qual †Anubis Memphitico se adora.

¶ Iano, algũs dixerão que era o Sol. Pintarãono cõ  
dous rostros: porque o Sol tem poder sobre o fim do  
anno, & principio delle. Outros entendem o ceo,  
quasi Fano do andar, como diz Cic. lib 2, de Nat.  
Deo. porque sempre os ceos se mouem, & de si co-  
meçando, em si acabam. Em Roma estaua hum  
templo deste, o qual no tẽpo da guerra estaua aber-  
to, & na paz feckado.

\* O Gigante Briareo, filho do ceo & da terra, que  
tinha cem braços.

† Anubis em lingua dos Egipcios quer dizer cão,  
em cuja figura adorauão a Mercurio, como diz  
Seruio. Diodoro escreue, que Anubis foy filho de  
Osyris, que tinha hum cão nas armas por insignia,  
donde os Egipcios adorão o cão, & pintarão Anus-  
bis com cabeça de cão na cidade de Memphis, da  
qual atras tratamos.

49 Aqui feita do Barbaro Gentio

A supersticiosa adoração,  
Direitos vão sem outro algum deluio,  
Pera onde estaua o Rei do pouo vão:  
Engrossandose vay da gente o fio,  
Cos que vem ver o estranho capitão,  
Estão pellos telhados & janellas  
Velhos, & moços, donas, & donzellas.

Ia chegão perto, & não cõ passos lentos, 50  
 Dos jardins odoriferos fermosos,  
 Que em si escondem os regios aposentos  
 ¶ Altos de torres não, mas sumptuosos,  
 Edificãose os nobres seus assentos,  
 Por entre os aruoredos deleitosos,  
 Afsi viuem os Reis daquella gente,  
 No campo, & na cidade juntamente.

¶ Porque as casas da India não sam tam altas, como  
 sumptuosas & ricas, & quasi que não ha casa  
 sem jardins.

Pellos portaes da cerca a subtileza 51  
 Se enxerga da <sup>†</sup>Dedalea facultade,  
 Em figuras mostrando por nobreza  
 Da India, a mais remota antiguedades  
 Affiguradas vão com tal viueza  
 As historias daquella antigua idade,  
 Que quem dellas tiuer noticia inteira  
 Pella sombra conhece a verdadeira.

¶ Faculdade quer dizer aquisciencia. Dedalo foy  
 hum grande Arch tector. Fez aquellas esjas pegadas  
 com cera, com que se escapou del Rei Minos,  
 que o tinha preso, & voando passou hum mar.

52 Estaua ha n grande exercito que pisa  
A terra Oriental, que o Idaspe laua,  
Rege o hum † capitão de fronte lisa,  
Que com frondentes tirsos pelejava,  
Por elle edifica da estaua Nisa,  
Nas ribeiras do rio, que manaua  
Tão proprio, que se alli estiuer \*Semelle  
Dira por certo, que he seu filho aquelle.

\* *Baccho, o qual edificou a Cidade de Nisa, cidade da India, donde se chama Baccho Niseo. Está ao pé dum monte, como escreue Strabo, ao qual monte chamão os moradores Meron.*

\* *Semelle filha de Cadmo, da qual ouue Iupiter a Baccho.*

53 Mais auante, bebendo seca o rio  
Mui grande multidão da Afsyria gente,  
Subjeita a feminino senhorio,  
De hũa tão bella como incontinente,  
Ali tem junto ao lado nunca frio,  
Esculpido o feroz ginete ardente,  
Com quem teria o filho competencia,  
Amor nefando, bruta incontinencia.

*Semira -  
mis.*

Daqui



Daqui mais apartadas tremolauão  
 As bandeiras de Grecia gloriosas,  
 Terceira Monarchia, & so jagauão,  
 Ate as agoas Gangeticas vndosas:  
 Dum capitão mancebo se guiauão,  
 De palmas rodeado valerosas,  
 Que ja não de Filipo, mas sem falta  
 De pro genie de Iupiter se exalta,

54

Baccho.

Os Portugueses vendo estas memorias, 55  
 Dezia o Catual ao Capitão,  
 Tempo cedo virà que outras memorias,  
 Estas que agora olhais abaterão:  
 Aqui se escreuerão nouas historias,  
 Por gentes estrangeiras que virão  
 Que os nossos sabios magos o alcãçarão  
 Quando o tempo futuro especularão.

E dizlhe mais a magica sciencia, 56  
 Que pera se euitar força tamanha,  
 Não valerã dos homês resistencia,  
 Que cõtra o ceo não val da gête manha.  
 Mas tambem diz q a bellica excellencia  
 Nas armas, & na paz, da gente estranha  
 Sera tal, que sera no mundo ouuido  
 O vencedor, por gloria do vencido.

Assi

67 Assim falando entrava já na sala,  
 Onde aquelle potente Emperador  
 Nhúa camilha jaz, que não se iguala  
 De outra algũa no preço & no laor:  
 No recostado gesto se afsinala  
 Hum venerando & prospero senhor,  
 Hum pano de ouro cinge, & na cabeça  
 De preciosas gemas se adereça.

68 Bem junto d'elle hum velho reuerente,  
 Cos gíolhos no chão, de quádo é quádo,  
 Lhe daua a verde †folha da erua ardente  
 Que a seu costume estaua rumiando,  
 Hum Bramene, pessoa preeminente,  
 Pera o Gama vem com passo brando,  
 Pera que ao grãde principe o apresente,  
 Que diante lhe acena, que se assente.

† He bũa folha verde a modo de Era, que os negros todos da Índia comem, chamãolhe Brete os naturaes: ella de si quezima, & comêna com sal, por que lhes queime menos. He muito boa pera o estamago, aperta as gengiuas, faz bom baso, & he boa pera os dentes.

Sentado

Sentado o Gama junto ao rico leito,  
 Os seus mais afastados, prôpto em vista  
 Estava o Samori no traço & geito  
 Da gente, nunca de antes d'elle vista:  
 Lançando a graue voz do sabio peito,  
 Que grande authoridade logo aquista  
 Na opinião do Rei, & do pouo todo  
 O capitão lhe falla deste modo.

59

Hum grande Rei, de la das partes onde  
 † O ceo volubil com perpetua roda  
 Da terra a luz solar co a terra esconde,  
 Tingindo a que deixou de escura nodal,  
 Ouuindo do rumor que la responde  
 O ceo, como em ti da India toda  
 O principado está, & a dignidade,  
 Vinculo quer contigo de amizade.

60

† Responde o Gama, que he mandado de hum Rei,  
 que reina na terra onde quando he de noite, na do  
 Samorim he de dia, a que chamão Antipodas.

E por longos rodeios ati manda,  
 Por te fazer saber que tudo aquillo  
 Que sobre o mar, q̄ sobre as terras anda,  
 De riquezas, de là do Tejo ao Nilo:

61

E desda

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
E desta fria plaga de †Gelanda,  
Ate bem onde o Sol não muda o \*stilo,  
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,  
Tudo tem no seu reino em grãde copia.

*† Gelanda . Região de Scythia, chamada Glãnda  
de Gellano filho de Hercules, morão bem pella ter  
ra dentro junto dos Agathyrstios.*

*\* Ate a linha Torrida por toda Ethyopia, aonde  
sam os dias iguaes, no inuerno & verão.*

62 E se queres com pactos & lianças  
De paz, & de amizade sacra & nua,  
Comercio consentir das abundanças  
Da fazenda da terra sua, & tua,  
Porque creção as réndas, & abastanças  
Por quem a gente mais trabalha & sua,  
De vossos reinos, sera certamente  
De ti proueito, & d'elle gloria ingente.

63 E sendo assi, que o nô desta amizade,  
Entre vos firmemente permaneça,  
Estara prompto a toda aduersidade,  
Que por guerra a teu Reino se offereça,  
Com gente, armas, & naos de qualidade,  
Que por irmão te tenha, & te conheça.

E da vontade em ti sobre isto posta  
Me des a mi certissima resposta.

Tal embaxada daua o capitão, 64  
A quem o Rei Gento respondia,  
Que em ver embaixadores de nação  
Tao remota, gran gloria recebia,  
Mas neste caso a vltima tenção  
Com os de seu conselho tomaria,  
Informandose certo de quem era  
O Rei, & a gente, & terra que dissera.

E que em tanto podia do trabalho 65  
Passado yr repouzar, & em tempo breue  
Daria a seu despacho hum justo talho  
Com que a seu Rei resposta alegre leue:  
Ia nisto punha a noite o vsado a talho  
Aas humanas canseiras, porque ceue  
Do doce sono os membros trabalhados  
Os olhos occupando ao ocio dados.

Agasalhados forão juntamente, 66  
O Gama, & Portugueses, no aposento  
Do nobre regedor da Indica gente,  
Com festas, & geral contentamer to:

Os Enxadas de Luis de Camoes.  
O Catual no cargo diligente  
De seu Rei, tinha ja por regimento  
Saber da gente estranha donde vinha,  
Que costumes, que lei, que terra tinha.

- 67 Tanto que os igneos carros do fermoso  
Mancebo † Delio vio, que a luz renoua,  
Manda chamar Monçaide, desejoso  
De poderse informar da gente noua,  
Ia lhe pergunta prompto & curioso,  
Se tem noticia inteira, & certa proua,  
Dos estranhos quẽ sam, q̃ ouuido tinha,  
Que he gente de sua patria mui vezinha.

† O Sol, que se pinta sempre sem barba: Chama  
se Delio, porque nasce na Ilha chamada Delos,  
& a Lũa chama se Delia.

- 68 Que parcicularmente alli lhe desse  
Informação mui larga, pois fazia  
Nisso seruiço ao Rei, porque soubesse  
O que neste caso se faria:  
Monçaide torna, posto que eu quiffesse  
Dizerte disto mais não saberia,  
Somete lei q̃ he gête la d'Esanha (nha.  
Onde o meu ninho & o Sol no mar se ba  
Tem

Tem a lei d'um propheta, que gerado 69  
 foi sem fazer na carne detrimento  
 Da mãe, tal que por baso está aprouado  
 Do Deos, que té do mundo o regimêto:  
 O que entre meus antigos he vûlgado  
 Delles, he que o valor sanguinolento  
 Das armas, no seu braço resplandece,  
 O que em nossos passados se parece.

Porque elles com virtude sobrehumana, 70  
 Os deitarão dos campos abundosos  
 Do rico Tejo, & fresca guadiana,  
 Com feitos memoraueis, & famosos:  
 E não coutentes inda, & na Affricana  
 Parte, cortando os mares procelosos  
 Não nos querem deixar viuer seguros,  
 Tomandonos cidades, & altos muros.

Não menos té mostrado esforço & manha 61  
 En quaesquer outras guerras q̄ acõteção  
 Ou das gentes beligeras de Espanha,  
 Ou lá d'algũs que do Pirene deção,  
 Assim que nunca em fim cõ lança estranha  
 Se tem, que por vencidos se cõheção  
 Nem se sabe inda não, te afirmo & assello  
 Pera estes † Hanibaes nenhũ Marcello.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Hannibal andou por Italia catorze annos des-  
truindo a, sem lhe poderem nunca os Romanos fa-  
zer agrauo algum, só M. Marcello & sua fami-  
lia, o pos no derradeiro trabalho, & se vio Han-  
nibal tão apertado, que temendo de morrer às  
mãos dos Romanos, tomou peçonha não sentin-  
do nenhum remedio pera se saluar, & desta ma-  
neira acabou.

72 E desta informação não for inteira,  
Tanto quanto conuém, delles preterde  
Informarte, que he gente verdadeira,  
A quem mais falsidade enoja & offende:  
Vai verlhe a frota, as armas, & a maneira  
Do fundido metal, que tudo rende,  
E folgaras de veres a policia  
Portuguesa na paz & na milicia.

73 Ia com desejos o Idolatra ardia,  
De ver isto, que o Mouro lhe contaua,  
Manda esquipar bateis, q̃ yr ver queria  
Os lenhos em que o Gama nauégaua:  
Ambos partem da praia a quem seguia  
A Naira geração, que o mar coalhaua,  
Aa Capitaina sobem forte & bella.  
Onde Paulo os recebe abordo della.

Purpureos



Purpúreos sam os toldos, & as bandeiras, 74  
 Do rico fio sam, que o bicho gera,  
 Nella estão pintadas as guerreiras  
 Obras, que o forte braço ja fizera,  
 Batalhas tem campaes aventureiras,  
 Desafios cruéis, pintura fera,  
 Que tanto que ao Gentio se apresenta,  
 A tento nella os olhos apacenta.

Pello que ve pergunta: mas o Gama 75  
 Lhe pediá primeiro que se assente,  
 E que aquelle †deleite que tanto ama  
 A Sceita Epicurea, experimente:  
 Dos espumantes vasos se derrama  
 \* O licor que Noe mostrara à gente:  
 Mas comer o Gentio não pretende,  
 † Que a Scepta que seguia lho defende.

† Comer & beber, porque os philosophos Epycureos punhão toda bemaventurança nos deleites desta vida da dizendo que morrendo o homem, morria tambem a alma, & por isso se lograuão desta vida, cuidando que não avia outra.

\* Noe foi o primeiro que inuentou vinho de vuas.

† Porque he lei de Maphoma que os seus não behão vinho de vuas.

- 76 A trombeta que em paz no pensamento,  
 Imagem faz de guerra, rompe os ares,  
 Co fogo o diabolico instrumento,  
 Se faz ouuir no fundo la dos mares:  
 Tudo o Gentiõ nota:mas o intento  
 Mostraua sempre,ter nos singulares  
 Feitos dos hõmês,que em tão breue  
 A muda poesia ali descreue.

Artilha-  
ria.

Tapiça-  
ria.

- 77 Alçase em pé, co elle os Gamas junto  
 Coelho de outra parte, & o Mauritano  
 Os olhos põe no bellico trasunto  
 Dehú vellho branco,aspeito venerando,  
 Cujõ nome não pode ser defunçto  
 Em quãto ouer no mudo trato humano:  
 No trajo a Grega v sança estã perfeita,  
 Hum ramo por insignia na dereita.

- 78 Hum ramo na mão tinha:mas õ cego,  
 Eu que cometo a fano, & temerario,  
 Sê vos Nymphas do Tejo, & do Mõdego  
 Por caminho tão arduo, longo, & vario:  
 Vosso fauor inuoco, que náuego  
 Por alto mar, com vento tão contrario,  
 Que se não me ajudais ei grande medo,  
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

Olhai

Olhay que ha tanto tempo, que cantado 79  
 O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos,  
 A fórtuna me traz peregrinando,  
 Nouos trabalhos vendo, & nouos danos  
 Agora no mar, agora esperimentando  
 Os perigos Mauorcios inhumanos,  
 Qual Canace q̄ à morte se cōdena, (na.  
 Nũa mão sempre a espada, & noutra a pe

Agora com pobreza auorrecida, 80  
 Por hospícios alheios degradado,  
 Agora da esperança ja adquirida,  
 De nouo mais que nunca derribado:  
 Agora às costas escapando a vida,  
 Que dum fio pendia tão delgado,  
 Que não menos milagre foy saluar-se,  
 Que pera o Rei Iudaico acrecentar-se.

*† Isto diz, porque o Camões andando na India,  
 começando a fortuna fauorecello, & tendo algum  
 fato ja de seu, perdeose na viagem que fez pera a  
 a China, donde elle compoos aquelle Cancioneiro,  
 que diz: Sobre os rios que vão per Babilonia,  
 & c.*

Os Lusíadas de Luis de Camões,

81 E ainda Nymphas minhas não bastaua  
Que tamanhas misérias me cercassem:  
Senão q̄ aquelles q̄ eu cantando andaua,  
Tal premio de meus versos me tornasê,  
A troco dos descansos que esperaua,  
Das capellas de louro que me honrassem  
Trabalhos nunca vsados me inuentâo,  
Com q̄ em tão duro estado me deitâo.

82 Vede Nymphas que engenhos de senhores  
O vosso Fejo cria valerosos,  
Que así sabem prezar cõ taes fauores,  
A quem os faz cantando gloriosos;  
Que exemplos a futuros escriptores,  
Pera espertar engenhos curiosos,  
Pera porem as coulas em memoria,  
Que merecerem ter eterna gloria.

83 Pois logo em tantos males he forçado,  
Que so vosso fauor me não faleça,  
Principalmente aqui, que sou chegado,  
Onde feitos diuerlos engrandeça:  
Daimo vos soos, que eu tenho ja jurado  
Que não m'empregue é que mo não me  
Né por lisonja louue algũ subido, (reça  
Sobpena de não ser agradecido.

Canto septimo.  
Nem creaes nimphas não q̄ fama desse 84  
A quem ao bem comun, & do seu Rey  
Anteposer seu proprio interesse:  
Imigo da diuina, & humana lei,  
Nenhum ambicioso, que quisesse  
Subir a grandes cargos, cantarey,  
So por poder com torpes exercitios  
Vfar mais largamente de seus vicios.

Nenhum que vse de seu poder bastante 85  
Pera seruir a seu desejo feio,  
E que por comprazer ao vulgo errante  
Se muda em mais figuras que †Proteio,  
Nem Camenas tambem cuideis q̄ cante,  
Quê com habito honesto & graue veio,  
Por contentar o Rei no officio nouo,  
A despir & roubar o pobre pouo.

† Porque Proteo, como atras se disse, se mudaua  
em varias formas, veio o prouerbio que diz: Mais  
inconstante que Proteo,

Nem quẽ acha q̄ he justo, & q̄ he direito, 86  
Guardarse a lei do Rei seueramente,  
E não acha que he justo & bom respeito,  
Que se pague o suor da seruil gente,

Né que sempre cõ pouco experto peito  
 Razões aprende, & cuida q̃ he prudente,  
 Pera taxar com mão rapace & escassa,  
 Os trabalhos alheios. que não passa.

- 86 Aquelles sos direi que aventurâção  
 Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida  
 Onde perdendoa, em fama a dilatâção,  
 Tambem de suas obras merecida.  
 Apolo, & as Musas q̃ me acompanharão,  
 Me dobrarão a furia concedida  
 Em quanto eu tomo alento descansado,  
 Por tornar ao trabalho mais folgado.

F I M.



**DO CAPITAM DA CONTA**  
 do Mouro dos feitos dos Portugueses, & cousas do  
 principio de Portugal. O Samorise começa de ar-  
 tuinar contra elles, ordenando lbes treição. Prendo  
 so capitão, o qual se resgata com fazenda, &  
 fazendo recolher sua gente, se res-  
 tira pera a armada.

**CANTO OCTAVO.**



**A PRIMEIRA FI-**  
 gura se detinha.  
 O Catual, que vira estar  
 pintada.  
 Que por diuisa hũ ramo  
 na mão tinha,

A barba branca, longa & penteada,  
 Quem era, & porque causa lhe cõuinha  
 A diuisa que tem na mão tomada,  
 Paulo responde cuja voz discreta  
 O Mauritauo sabio lhe interpreta.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

2 Estas figuras todas que aparecem,  
Brauos em vista, & feros nos aspeitos,  
Mais brauos, & mais feros se conhecem  
Pella fama, nas obras, & nos feitos  
Antigos sam mas inda resplandecem  
Co nome, entre os engenhos mais perfectos,  
Este q̄ ves he Luso, donde a fama (tos,  
O nosso reino Lusitania chama.

3 Foy filho & companheiro do Thebano,  
Que tão diuersas partes conquistou,  
Parece vindo ter ao Reino Hispano  
Seguindo as armas que continuo vsou,  
Do Douro, Guadiana, o campo vfanou,  
Ia dito †Elyfio, tanto o contentou,  
Que ali quis dar aos ja cansados osos  
Eterna sepultura, & nome aos nossos.

4 Elyfio he hum lugar, onde morão as almas dos ja  
stos, porque as almas dos boões bião aos campos Ely  
fios, como se aportauão dos corpos. Algũs dizem  
chamarense assi as ilhas Fortunadas, que sam as Ca  
nareas. Estão tambem os campos Elyfios em Boes  
eia, no campo Thebano. Tambem os ha em Arca  
dia, & em Espanha, aonde jaz Luso, de quem os  
Portugueses decendem.



O ramo que lhe ves pera diuisa,  
 O verde Tyrso foy de Bacho vsado,  
 O qual â nossa idade amostra & auisa  
 Que foy seu cõpanheiro & filho amado,  
 \* Ves outro quedo Tejo a terra pisa,  
 Delpois de ter tãõ longo mar arado,  
 Onde muros perpetuos edifica,  
 E tẽplo a \* Palas, que em memoria fica.  
 \* Vlyxes, o qual vindo perdido de Troia, se me-  
 teo pello Tejo, & edificou Lisboa, que dedicou a  
 Pallas.  
 \* Porque a Pallas se attribuia a sciencia.

Vlyxes he o que faz a rica casa  
 A aquella que lhe da lingua facunda,  
 Que se lâ na Asia Troia insigne abraça,  
 Ca em Europa Lisboa ingente funda:  
 Quem sera estoutro ca que o câpo arrasa  
 De mortos, com presença furibunda?  
 Grandes batalhas tem desbaratadas,  
 Que as Agueas nas bãdeiras tẽ pintadas.

Assi o Gentio diz, responde o Gama,  
 Este que ves pastor ja foy de gado  
 \* Viriato sabemos que se chama,  
 Destro na lança, mais que no cajado:  
 Inju-

Os Lusíadas De Luis de Camões,  
Injuriada tem de Roma a fama,  
Vencedor inuencibil afamado,  
Não tem coelle não, nem ter puderão  
O primor que com \*Pirro ja tiuerão.

*\* Viriato foy hum capitão dos Portugueses, muy sagaz, & prudente, porque de pobre pastor & caçador, feyto ladrão, capitão, & Imperador, desbaratou muitos exercitos dos Romanos: mas por deyradeiro por engano dos seus proprios foy morto.*

*\* Pyrrhos se chamarão os filhos de Achylles, os quaes viuerão em perpetua guerra cos Romanos; mas quasi sempre leuarão a peor delles.*

7 Com força não: com manha vergonhosa,  
A vida lhe tirarão que os espanta,  
q̃o grãde aperto em gēte, inda q̃ hōrosa,  
Aas vezes leis magnanimas quebranta:  
Ontro estã aqui, q̃ contra a patria irosa  
Degradado, comnosco se levanta,  
Escolheo bem com quem se levantasse,  
Pera que eternamente se illustrasse.

8 Vês comnosco tambem vêce as bandeiras  
Dellas aues de Iupiter validas,

Que

Que ja naquelle tēpo as mais guerreiras  
 Gentes de nos souberão ser vencidas:  
 Olha tão sotis artes & maneiras,  
 Pera adquirir os pouos tão fingidas,  
 †A fatidica cerua que o auisa,  
 Elle he Sertorio, & ella sua diuisa.

‡ De Sertorio fica dito atras quem foy: escreue-se d'elle, que tinha hũa cerua tão domestica, que lhe vinha muitas vezes a chegar o focinho ao rosto, & ás orelhas, a qual elle fez entender aos pouos, & gente de guerra, que aquella cerua lhe dizia o que auia de fazer & ordenar contra os Romanos, & fingia-se amortecido quando a cerua se lhe chegaua à orelha. Com a qual industria, veio a conduzir muitos pouos.

Olha estoutra bandeira, & ve pintado,  
 O gran progenitor dos Reis primeiros,  
 Nos Vngaro o fazemos, porem nado  
 Cré ser em †Lotharingia os estrágeiros,  
 Depois de ter cos Mouros superado  
 Galegos, & Leoneses caualleiros,  
 Aa casa sancta passa o sancto Enrique,  
 Porque o tronco dos Reis se sanctifique.  
 Lotharingia

Lotbaringia cidade de Alemanha, bem conhecida  
 eida, donde dizem que veio ter a Espanha An-  
 rique com os estrangeiros que vinhão de Alema-  
 nha & Vngria, & Inglaterra, à conquista da  
 casa sancta, de Hierusalem. Era illustre, & de  
 casa antiqua & conhecida de Lotbaringia, como  
 diz o poeta.

10. Quem he me dize estoutro q̃ mespanta,  
 Pergunta o Malabar marauilhado,  
 Que tantos esquadros, que gente tanta  
 Com tão pouca, tem roto & destroçado:  
 Tantos muros a perrimos quebranta  
 Tantas batalhas dá nunca cantado,  
 Tantas coroas tem por tantas partes,  
 A seus pês derribado, & estandartes?

11 Este he o primeiro Affonso, disse o Gama,  
 Que todo Portugal aos Mouros toma,  
 Por quem no Estigio lago jura a fama,  
 De mais não celebrar nenhum de Roma,  
 Este he aquelle zeloso a quem Deos ama  
 Com cujo braço o duro imigo doma,  
 Pera quem de seu reino abaixa os muros  
 Nada deixando ja pera os futuros.

Se Cesar, se Alexandre Rei tiuerão,  
Tão pequeno poder, tão pouca gente,  
Contra tantos inimigos quantos erão,  
Os que desbaratava este excellente,  
Não creas que seus nomes estenderão,  
Com glorias immortaes tão largamente:  
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,  
Ve que os de seus vassallos são notaveis.

Este que ves olhar com gesto yrado,  
Pera o rompido alumno mal sufrido,  
Dizendolhe que o exercito espalhado  
Recolha, & torne ao campo defendido:  
Torna o moço do velho acompanhado,  
Que vencedor o torna de vencido,  
Egas Monis se chama o forte velho  
Pera leaes vassallos claro espelho.

*Egas Monis, ayo del Rei dom Affonso Enríquez  
não menos poderoso em armas, que em conselho,  
dando o Rey, sendo ainda principe, batalha a seus  
padraos, que tinha o Reino occupado, & sendo po-  
sto em desbarate, fugindo, lhe sayo Egas Monis, q̃  
o criara de pequeno, & fazendo voltar sobre os  
inimigos, os pos em fugida, & ouue delles victoria,  
desbaratandoos.*

Vello

84 Vello ca vai cos filhos a entregarle,  
A corda ao colo, nũ de leda & pano,  
Porque nãõ quis o moço fogeitarle,  
Como elle prometera ao Castellano:  
Fez com filis & promessas leuantarle  
O cerco que ja estaua soberano,  
Os filhos & molhier obriga à pena,  
Pera que o senhor salue a si condena.

85 Nãõ fez o <sup>t</sup> Consul tanto, que cercado  
Foy nas forcas Caudinas de ignorante  
Quando a passar por baixo foy forçado  
Do Samnitico jugo triumphante:  
Este pello seu pouo injuriado,  
Aisi se entrega so firme & constante,  
Estoutro a si, & os filhos naturais,  
E a consorte sem culpa, que doe mais.

*\* Spec. Posthumo, foy vencido dos Samnites, com todo seu exercito na cidade de Caude, & dos que se renderão nãõ quizerão os Samnites tomar maior vingança, que sem armas nem roupas, nus os fizerão passar por debaixo de hũas forcas que na cidade fizerão, donde se chamarão forcas Caudinas. E desta maneira os mandauão viuos pera Roma.*

Ves este que saindo da cilada, 16  
 Da sobre o Rei, que cerca a villa forte,  
 Ia o Rei tem preso, & a villa descercada,  
 Illustre feito, digno de Mauorte,  
 Vello ca vay pintado nesta armada,  
 No mar tãbê aos Mouros dando a morte,  
 Tomandolhe as galês, leuando a gloria,  
 Da primeira maritima victoria,

He dom Fuas Roupinho, que na terra 17  
 E no mar, resplandece juntamente,  
 \* Co fogo que acendeo junto da ferra  
 De Abila, nas galês da Maura gente  
 Olha como em tão justa & sancta guerra  
 De acabar pelejando està contente:  
 Das mãos dos Mouros êtra a felice alma  
 Triumphado nos ceos com justa palma.

*No estreito de Gibraltar, que foy o primeiro ca-  
 pitão do mar, & alcançou grandes victorias, por  
 mar & terra.*

Não ves hum ajuntamento de estrangeiro 18  
 Trajo, sair da grande armada noua,  
 Que ajuda a combater o Rei primeiro  
 Lisboa, de si dando sancta proua:

Os Lulíadas de Luis de Camões.  
Olha Enrique famoso caualleiro,  
A palma que lhe nace junto â coua,  
Por elles mostra Deos milagre visto,  
Germanos sam os martyres de Christo.

19 Hum sacerdote vê brandindo a espada,  
Contra Arronches q̄ toma, por vingança  
De Leiria, que dantes foy tomada,  
Por qué por Maphamede enresta a lâças  
He Teotónio Prior: mas vê cercada  
Sanctarem, & veras a segurança  
Da figura nos muros, que primeira  
Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

20 Vello ca donde Sancho desbarata  
Os Mouros de Vandália em fera guerra,  
Os inimigos rompendo, o Alferez mata,  
E Hispalico pendão derriba em terra,  
Mem Monis he, q̄ em si o valor retrata,  
Que o sepulchro do pae cos ossos cerra,  
Digno destas bandeiras, pois sem falta  
A contraria derriba, & a sua exalta.

21 † Olha aquelle que dece pella lança,  
Com as duas cabeças dos vigias,

On de



Onde a cilada esconde, com que alcança  
 A cidade por manhas & ousadias:  
 Ella por armas toma a semelhança  
 Do caualleiro, que as cabeças frias  
 Na mão leuaua, feito nunca feito,  
 Giraldo sem pavor he o forte peito.

† A cidade de Euora, sendo de Mouros, tinha jun-  
 to sobre bũ monte pequeno hũa torre, & nella esta-  
 ua hum Mouro q̄ vigiaua de dia & noite o cãpo,  
 & em sua cõpanhia tinha hũa moça sua filha que  
 o ajudaua a vigiar: & Giraldo sem pavor, era bũ  
 Portugues aleuantado fora da graça del Rei dom  
 Affonso Enriquez, & trazia cõsigo outros Portu-  
 gueses, q̄ viuão de saltos. Este foy hũa noite à tor-  
 re da vigia, & entrou dẽtro, & matou o pae & a  
 filha q̄ vigiauaõ, & trouxe as cabeças, fazendo pri-  
 meiro sinal da torre à cidade, dãdo a entẽder que  
 auia Christãos no cãpo, o q̄ crendo os Mouros say-  
 rão da cidade, pera a defender. Neste tempo veyo  
 Giraldo sem pavor cõ seus cõpanheiros por outra  
 parte manhosa mẽte, & entrarão pellas portas, por  
 onde os Mouros sairão, & fecharão se por dentro,  
 matãdo & roubando tudo o q̄ achauão, & ficou  
 a cidade por el Rei. E tomou por diuisa duas cabe-  
 ças, & no meio hum caualleiro.

22 Não vês hum Castellano, que agrauado  
De Affonso nouo Rei, pello odio antigo  
Dos de Lara, cos Mouros he deitado,  
De Portugal fazendose inimigo?  
Abrantes villa toma acompanhado  
Dos duros infieis que traz consigo:  
Mas vê q̄ hum Portugues, có pouca gête  
O desbarata & o prende oufadamente.

23 Martim López se chama o cáualeiro,  
Que ãstes levar pode a palma e o louro:  
Mas olha hum Eclesiastico guerreiro  
Que em lâça de aço torna o bago d'ouro  
Vêllo entre os duuidosos tão inteiro  
Em não negar batalha ao brauo Monro,  
Olha o final no ceo que lhe aparece,  
Com q̄ nos poucos seus o esforço crece.

24 Vês vão os Reis de Cordoua & Seuilla,  
Rotos cos outros dous, & não deespaço,  
Rotos: mas antes mortos, marauilha  
Feita de Deos, q̄ não de humano braço:  
Vês ja a villa de Alcacere se humilla,  
Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,  
A dom Matheus o Bispo de Lisboa,  
Que coroa de palma ali coroa.

¶ Neste canto breuemente escreue as batalhas todas que Portugal teue com Castella, & os Mouros de Algarue, & Affrica, mais breuemente do que o fez contando ao Rei de Melinde.

Olha hum Mestre, que dece de Castella, 25  
 Portugues de nação: como conquista  
 A terra dos Algarues, & ja nella  
 Não acha que por armas lhe resista,  
 Com manha, esforço, & benigna estrella  
 Villas, castellos toma a escala vista:  
 Vês Tauilla tomada aos moradores,  
 Em vingança dos sete caçadores.

Vês com bellica astucia ao Mouro ganha 26  
 Silues, que elle ganhou cõ força ingente  
 He dom Faio Correa, cuja manha  
 E grande esforço, faz enueja à gente:  
 Mas não passes os tres q̄ é Frãça & Espa-  
 Se fazê conhecer perpetuamente, (nha  
 Em desafios, justas, & torneos,  
 Nellas deixando publicos tropheos,

¶ Estes sam os que tocou na historia dos doze Portugueses, que tiuerão batalha contra os de Inglaterra, por amor das damas.

- 27 Velloz co nome vem de aventureiros  
A Castella, onde o preço los leuarão  
Dos jogos de Bellona verdadeiros,  
Que com dano de algũs se exercitarão,  
Vê mortos os soberbos caualleiros,  
Que o principal dos tres desafiarão,  
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,  
Que pode não temer a ley <sup>†</sup>Letea.

*† Quer dizer, que pera sempre viuirá seu nome,  
porque o Rio Lethes fazia esquecimento do passado,  
& quem bebia de suas agoas.*

- 28 Atenta num que a fama tanto estende,  
Que de nenhum passado se contenta,  
Que a patria q̄ de hum fraco fio pende,  
Sobre seus duros hombros a sustenta,  
Nãõ o ves tinto de ira, que reprende  
A vil desconfança inerte & lenta  
Do pouo, & faz que tome o doce freio,  
De Rei seu natural, & não de alheio.
- 29 Olha por seu conselho & ousadia,  
De Deos guiada so, & de santa estrella,  
So pode o que impossibil parecia.  
Vencer o pouo ingente de Castella:

Ves por industria, esforço & valentia,  
 Outro estrago & victoria clara & bella  
 Na gente, assi feroz como infinita,  
 q̃ entre o<sup>t</sup> Tarteso, & Guadiana habita.

*Tarteso foy hũa cidade na praia a par de Gades,  
 donde foi a prouincia de Columela.*

Mas não ves quasi ja desbaratado 30  
 O poder Lusitano, pella auência  
 Do capitão deuoto, que apartado  
 Orando inuoca a diuina effencia,  
 Vello com pressa ja dos seus achado  
 Que lhe dizem que falta resistencia  
 Contra poder tamanho, & que viesse,  
 Porque consigo esforço aos fracos desse.

*Estaua ouuindo missa, & dizendolhe que vi-  
 uão os imigos destruindo suas terras, & cedo  
 serião com elle, não se quis abalar te que se acabou  
 a missa, & tornado sobre os imigos os desbaratou.*

Mas olha com quam sancta confiança 31  
 Que inda não era tempo respondia,  
 Como quem tinha em Deos a segurança  
 Da victoria, que logo lhe daria;

Assi †Pompilio, ouindo que a possança  
 Dos imigos, a terra lhe corria,  
 A quem lhe a dura noua estaua dando  
 Pois eu (responde) estou sacrificando.

† Tito Pompilio Mantio, estando sacrificando, lhos  
 vierão nouas que estauãos os imigos senhores do  
 campo, & o vinhão desbaratando, fazendo muĩ  
 tas presas: elle respondeo, se está o imigo vencedor,  
 eu estou sacrificando: mas despois do sacrificio, tor  
 nando sobre os imigos soberbos, os pos em desbaras  
 te, alcançando victoria.

32 Se quẽ cõ tâto esforço em Deos se atreue,  
 Ouuir quiseres como se nomea,  
 Portugues Scipião chamar se deue,  
 Mas mais de dõ Nuno Aluarez se arrea,  
 Ditosa patria que tal filho teue:  
 Mas antes pae, q̃ em quanto o Sol rodea  
 Este globo de †Ceres, & Neptuno,  
 Sempre suspirará por tal alumno,

† Ceres & Neptuno. entende o mar & a terra: por  
 que Ceres era orago da sementeira, & porq̃ na ter  
 ra largão os lauradores a semente, a qual arte de  
 agricultura ensinou Ceres, tomase pella terra.

Na mesma guerra vê que presas ganha,  
 Estoutro capitão de pouca gente,  
 Comendadores vence, & o gado apanha,  
 Que leuauão roubado oufadamente:  
 Outra vez vê q̃ a lança em sangue banha  
 Destes, so por liurar com amor ardente  
 O preso amigo, preso por leal,  
 Pero Rodriguez he do Landroal.

Olha este desleal, o como paga  
 O perjurio que fez, & vil engano,  
 Gil Fernádez he de Eluas que o estraga,  
 E faz vir a passar o vltimo dano:  
 De Xerex rouba o campo, & quasi alaga  
 Co sangue de seus donos Castelhanao,  
 Mas olha Rui Pereira, que co rosto  
 Faz escudo às galês, diante posto.

Olha que dezefete Lusitanos,  
 Neste outeiro subidos se defendem,  
 Fortes de quatrocentos Castellanos,  
 Que em derredor pellos tomar se estêdê  
 Porem logo sentirão com seus danos,  
 Que não so se defendem, mas offendem,  
 Digno feito de ser no mundo eterno,  
 Gráde no tépo antigo, & no moderno.

36 Sabese antigamente que trezentos  
Ia contra mil Romanos pelejarão,  
No tempo que os viris atreuimentos  
De Viriato tanto se illustrarão,  
E delles alcançando vencimentos  
Memoraueis, de erança nos deixarão,  
Que os muitos por ser poucos não tema  
Oq̄ despois mil vezes amostramos. (mos

37 Olha ca dous Iffantes, Pedro, & Hérique,  
Progenie generosa de Ioane,  
Aquelle faz que fama illustre fique  
Delle é Germania, có q̄ a morte engane:  
Este, que ella nos mares o pubtigue,  
Por seu descubridor, & desengane  
De Ceita a Maura timida vaidade,  
Primeiro entrando as portas da cidade.

38 Vês o Conde dom Pedro que sustenta  
Dous cercos contra toda a Barbaria,  
Vês outro Conde estâ que representa  
Em terra Marte, em forças & ousadia,  
De poder defender se não contenta  
Alcacere da ingente companhia:  
Mas do seu Rei defende a cara vida,  
Pondo por muro a sua ali perdida.



Outros muitos verias que os pintores 39  
 Aqui tambem por certo pintarião:  
 Mas faltalhe pincel, faltãolhe cores,  
 Honra, premio, fauor q̄ as artes crião,  
 Culpa dos viciosos successores,  
 Que degeneráo certo, & se desuião  
 Do lustre, & do valor dos seus passados,  
 Em gostos, & vaidades atolados.

Aquelles paes illustres que ja derão 40  
 Principio à geração que delles pende,  
 Pella virtude muito então fizerão,  
 E por deixar a casa que descende,  
 Cegos, que dos trabalhos que tiuerão.  
 Se alta fama & rumor delles se estende,  
 Escuros deixão sempre seus menores,  
 Com lhe deixar descaños corrutores.

Outros tambem ha grandes & abastados, 41  
 Sem nenhũ tronco illustre dõde venhão  
 Culpa de Reis, que às vezes a priuados  
 Dão mais q̄ a mil, q̄ esforço, & saber te-  
 Estes os seus não q̄ré ver pintados, (nhã  
 Crendo q̄ cores vaás lhe não conuenhão  
 E como a seu contrario natural,  
 Aa pintura que falla querem mal.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Não nego que há com tudo descendentes  
Do generoso tronco, & casa rica  
Que com costumes altos, & excellentes,  
Sustentão a nobreza que lhe fica:  
E se ha luz dos antigos seus parentes  
Nelles mais o valor não clarifica,  
Não falta aomenos, nem se faz escura:  
Mas destes acha poucos a pintura.

Assi está declarando os grandes feitos,  
O Gama, que ali mostrava a varia tinta,  
Que a douta mão tão claros, tão pfeitos  
Do singular artifice ali pinta:  
Os olhos tinha promptos & direitos,  
O Catual na historia bem distinta,  
Mil vezes preguntava, & mil ouuia,  
As gostosas batalhas que ali via.

Mas ja a luz se mostrava duuidosa,  
Porque a alampada grande se escondia,  
Debaixo do Orizote, & luminosa  
Leuava aos †Antipodas o dia,  
Quando o Gentio, & a gente generosa,  
Dos Naires, da nao forte se partia  
A buscar o repouso que descansa,  
Os lassos animaes na noite mansa.

Sol, q̄  
punba

Antipodas

? *Antipodas* sam os que ficão no Hemispherio que  
estâ debaixo do nosso.

Entretanto os Aruspices famosos 45  
Na falsa opinião, que em sacrificios,  
Anteuem sempre os casos duvidosos,  
Por sinaes diabolicos, & indicios  
Mandados do Rei proprio, estudiosos  
Exercitauão a arte, & seus officios,  
Sobre esta vinda desta gente estranha,  
Que às suas terras vé da ignota Espanha

Sinal lhe mostra o demo, verdadeiro, 46  
De como a noua gente lhe seria  
Iugo perpetuo, eterno captiueiro,  
Destruição de gente, & de valia:  
Vaíse espantado o atonito agoureiro,  
Dizer ao Rei segundo o que entendia,  
Os sinaes temerosos que aleançara,  
Nas entranhas das viéctimas que olhara.

A isto mais se ajunta, que hum deuoto 47  
Sacerdote da lei de Maphamede,  
Dos odios concebidos não remoto,  
Contra a diuina fe que tudo excede,

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Em forma de Maphoma falso & notõ,  
Que do filho da escrava Agar procede,  
Bacho odioso em sonhos lhe aparece,  
Que de seus odios inda se não dece.

48 E dizlhe assi, guardaiuos gente minha,  
Do mal que se aparelha pello imigo  
Que pellas agoas humidas caminha,  
Antes que esteis mais perto do perigo:  
Isto dizendo, acorda o Mouro afinha,  
Espantado do sonho:mas consigo  
Cuida que não he mais que sonho vsado  
Torna a dormir quieto & soffegado.

49 Torna Bacho dizendo, não conheces  
O gran Legislador que a teus passados  
Tem mostrado o preceito a q̄ obedeces  
Sem o qual foreis muitos baptizados?  
† Eu por ti rudo vello, & tu adormeces?  
Pois saberas que aquelles que chegados  
De nouo sam, serão mui grande dano  
Da lei q̄ eu dei ao necio pouo humano.

† Por ti ha de lerse, como se dixesse: homem doudo,  
& sem entendimento, eu por ti vello, & ando vi-  
giando, & tu dormes?

Em

Em quanto he fraca a força desta gente, 50  
Ordena como em tudo se resista,  
Porque quando o sol sae facilmente  
Se pode nelle por a aguda vista:  
Poré despois que sobe claro & ardente,  
Se agudeza dos olhos o conquista,  
Tão cega fica, quãto ficareis  
Se raizes criarlhe não tolheis.

91  
Isto dito, elle & o sono se despede,  
Tremendo fica o atonito Agareno,  
Salta da cama, lume aos seruos pede,  
Laurando nelle o feruido veneno:  
Tanto que a noua luz q̃ ao sol precede  
Mostrara rostro Angelico & sereno,  
Conuoca os principaes da torpe ceita,  
Aos quaes do q̃ sonhou da cõta estreita.

Diuerfos pareceres & contrarios 52  
Ali se dão segundo o que entendião,  
Astutas traições, enganos varios,  
Perfidias inuentauão & tecião:  
Mas deixando conselhos temerarios,  
Destruição da gente pretendião,  
Por manhas mais sotis, & ardis milhores  
Com peitas adquirindo os regedores.

Com

- 54 Com peitas,ouro, & dadiuas secretas  
 Conciliáo da terra os principaes,  
 E com razões notaueis & discretas,  
 Mostráo ser perdição dos naturaes,  
 Dizendo que sam gentes inquietas,  
 Que os mares discurrendo occidentaes,  
 Viuem so de Piraticas rapinas,  
 Sem Rei,sem leis humanas,ou diuinas.
- 55 O quanto deue o Rei que bem governa,  
 De olhar q̄ os conselheiros ou priuados  
 De consciencia,& de virtude interna,  
 E de sincero amor sejam dotados:  
 Porque como estê posto na superna  
 Cadeira,pode mal dos apartados  
 Negocios,ter noticia mais inteira,  
 Do que lhe der a lingua conselheira,
- 56 Nem tão pouco direi que tome tanto  
 Em grosso,a consciencia limpa & certa,  
 q̄ se enleue nũ pobre & humilde máto,  
 Onde ambição a caso anda encuberta,  
 E quádo hũ bõ em tudo he justo & santo  
 E em negocios do mundo pouco acerta,  
 Que mal coelles poderâ ter conta,  
 A quieta innocencia em so Deos próta.

Mas aquelles avaros Catuais,

56

Que o Gentilito pouo governauão,  
 Induzidos das gentes infernais,  
 Ao Portugues despacho dilatauão:  
 Mas o Gama que não pretende mais  
 De tudo quanto os Mouros ordenauão,  
 Que levar a seu Rei hum sinal certo  
 Do mundo que deixaua descuberto.

Nisto trabalha so, que bem sabia

57

Que despois que leuasse esta certeza,  
 Armas, naos, & gente mandaria;  
 Manoel, que exercita a suma alteza,  
 Com que a seu jugo & lei someteria  
 Das terras & do mar a redondeza,  
 Que elle não era mais que hum diligēte  
 Descobridor das terras do Oriente.

Falar ao Rei Gento determina,

58

Porque com seu despacho se tornasse,  
 Que ja sentia em tudo da malina  
 Gente impedirse quanto desejasse.  
 O Rei que da noticia falsa & digna  
 Não era despantar se sespantasse,  
 Que tão credulo era em seus agouros  
 E mais sendo affirmados pellos Mouros,

59 Este temor lhe esfria o baixo peito:  
Por outra parte a força da cobiça,  
A quem por natureza estê sugeito,  
Hum desejo immortal lhe acêde & atiça,  
Que bem vê que grandissimo proueito  
Fará, se com verdade, & com justiça  
O contrato fizer por longos annos  
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

60 Sobre isto nos conselhos que tomava,  
Achava mui contrarios pareceres,  
Que naquelles, com quem se acôselhava  
Executa o dinheiro seus poderes:  
O gran capitão chamar mandava,  
A quem chegado disse, se quiseres  
Confessarme a verdade limpa & nua,  
Perdão alcançaras da culpa tua.

61 Eu sou bem informado, que a embaxada  
Que de teu Rei me deste, que he fingida,  
Porque nem tu tês Rei, né patria amada,  
Mas vagabundo vas passando a vida:  
Que quem da Hisperia vltima alongada  
Rei, ou senhor de infancia desmedida,  
Ha de vir cometer com naos, & frotas  
tão incertas viagês, & remotas?



E se de grandes Reinos poderosos 62  
 O teu Rei tem a Regia magestade,  
 Que presentes me trazes valerosos,  
 Sinaes de tua incognita verdade?  
 Com peças de dões altos sumptuosos  
 Se lia dos Reis altos a amizade:  
 Que final né penhor não lie bastante,  
 As palauras dum vago nauegante.

Se por ventura vindes desterrados, 63  
 Como ja forão homês dalta sorte,  
 Em meu Reino fereis agasalhados,  
 Que toda a terra he patria pera o forte:  
 Ou se piratas sois ao mar vsados,  
 Dizeimo sê temor de infamia, ou morte,  
 Que por se sustentar em toda idade,  
 Tudo faz a vital necessidade.

Isto assi dito, o Gama que ja tinha 64  
 Sospeita das insidias que ordenaua  
 O Mahometico odio, donde vinha  
 Aquillo que tão mal o Rei cuidaua:  
 Cúa alta confiança, que conuinha  
 Com que seguro credito alcançaua,  
 Que Venus †Acidalia lhe influia,  
 Taes palauras do sabio peito abria:

*Chamase Venus Acidalia, de hũa fonte Acidalo, que está em Orchomeno Cidade de em Boecia, a qual fonte he Dedicada a Venus.*

- 65 Se os antigos delitos, que a malicia  
Humana cometeo na prisca idade,  
Não caularão, que o vaso da iniquicia,  
Açoute tão cruel da Christandade,  
Viera por perpetua inimicicia  
Na geração de Adão, co a falsidade  
O poderoso Rei da torpe sceita,  
Não conceberas tu tão má solpeita.
- 66 Mas porque nenhum grande bê se alcança  
Sé grandes opressões, & em todo o feito  
Segue o temor os passos da esperança,  
Que em suor viue sempre de seu peito,  
Me mostras tu tão pouca confiança  
Desta minba verdade: sem respeito  
Das razões em contrario que acharias  
Se não cresses a que não crer deuias.
- 67 Porque se eu de rapinas so viuesse  
Vndiugo, ou da patria desterrado,  
Como cres que tão longe me viesse,  
Buscar assento incognito & apartado?  
Porque

Porque esperanças, ou porque interesse,  
 Viria esprimentando o mar irado,  
 Os Antarticos frios, & os ardores  
 Que sofré do †Carneiro os moradores?

† Carneiro he hum dos doze signos, o primeiro do  
 Zodiaco.

Se com grandes presentes dalta estima, 68  
 O credito me pedes do q̄ digo, (Clima  
 Eu não vim mais que a achar o estranho  
 Onde a natura pos teu Reino antigo:  
 Mas se a fortuna tanto me sublima,  
 q̄ eu torne à minha patria, e reino amigo  
 Então veras o dom soberbo & rico  
 Com que minha tornada certifico.

Se te parece †inopinado feito, 69  
 Que Rei da vltima Hilperia atí me máde  
 O coração sublime. o regio peito,  
 Nenhum caso possibil tem por grande.  
 Bem parece que o nobre & gran cóceito  
 Do Lusitano spiritu demande  
 Maior credito, & fe de mais alteza,  
 Que crea delle tanta fortaleza.

† Sem consideração, & que se não pode crer.

70 Sabe q̄ ha muitos annos que os antigos  
 Reis nossos, firmemente propuserão  
 De vencer os trabalhos & perigos,  
 Que sêpre às grâdes cousas se opuserão  
 E descobrindo os mares inimigos  
 Do quieto descanso, pretenderão  
 De saber que fim tinhão, & onde estauão  
 As derradeiras praias que lauauão.

71 Concepto digno foi do ramo claro  
 Do venturoso Rei, que arou primeiro  
 O mar, por yr deitar do ninho caro  
 O morador de Abila derradeiro:  
 Este por sua industria, & engenho raro,  
 Nũ madeiro ajuntando outro madeiro,  
 Descobrir pode a parte, que fez clara  
 D'Argos, da Idra a luz, da Lebre, & da

(Ara.

Argos foy filho de Ape Rei dos Gregos, do qual se chamarão Argiuos. Em seu tempo começou Grecia a vsar de sementeiras. Ouue tãbẽ outro Argos, filho de Phryxo, Outro tambem ouue por nome Argos, pastor, que tinha cem olbos na cabeça, o qual guardou a vaca de Iupiter que lhe Iuno entregou, & foy morto por Mercurio, donde se chamou Mercurio Argiphones. Argos tomase pello ceo sereno

cbco

obro de estrellas, porque parece estar cheo de olhos.  
 Tambẽ Argos he a nao de Argo, que foy a Colchos,  
 em busca da pelle douro do Carneiro Hele. Tam-  
 bem Argos sam hũas estrellas no ceo, a que cbama-  
 mos barca: nasce as seis de Março.

\* *Idra* he hum genero de cobras, que viuẽ na agoa.  
 Fingião os poetas que era *Idra* hum monstro de  
 muitas cabeças, a qual estava na alagoa *Lerna*, ao  
 qual monstro se lhe cortauão algũas cabeças, logo  
 lhe nacião outras tantas, mas *Hercules* a poder de  
 ferro & fogo acabou de matallo.

\* *Luz* toma pellos olhos, que tinha muitos, pois tin-  
 ha cincoenta cabeças.

\* *Ara* he a cidade Real de Arabia, & ilha de *A-*  
*rabia*, como escreue *Ptholom*.

Crecendo cos successos bons primeiros 72  
 No peito as oufadias, descobrirão  
 Pouco & pouco caminhos estrangeiros,  
 Que hũs sucedêdo aos outros pseguirão  
 † De *Affrica* os moradores derradeiros  
*Austraes*, que nũca as sete \*flamas virão,  
 Forão vistos de nos, atras deixando  
 Quãtos estão os *Tropicos* queimando.

Os moradores derradeiros de Affrica, quer dizer que os Reis de Portugal forão descobrindo pouco a pouco pella costa do mar, ate deixar atras os que morão nos fins de Affrica, que sam os Abexims, & Preste loão, no fim da Etiopia, junto ao mar roxo, & tudo o mais pera a parte do Sul. Os quaes & todos os que habitão da linha Equinoctial, pera a parte do Sul, não podem ver as sete estrellas que fazem figura de barca que andão em torno do polo Arctico, que he o Norte.

A estas sete estrellas chama sete flaminas, & o Seteestrello de todo o Orbis se pode ver, porque se põe & nasce no Horizonte, como o Sol, & a Lua, o que não tem estas sete estrellas da barca, que nunca se ençobre aos q̄ habitão de dez graos da linha pera o Norte, nem pode ser vista dos habitadores do Sul.

73 Asi com firme peito, & com tamanho  
Proposito vencemos à fortuna,  
Ate que no teu terreno estranho  
Viemos pôr a títima coluna  
Rompendo a força do liquido estanho,  
Da tempestade horrifica, & importuna,  
Ati chegamos, de quem so queremos  
Sinal, que ao nosso Rei de ti leuemos.

Como

Como Hercules, que por fim de seus trabalhos,  
 pôs no Estreito de Gibraltar a derradeira columna,  
 dando caminho ao mar Mediterrano. Assim os Por-  
 tugueses por fim de seus trabalhos descansarão de  
 buscar mais terras, como descobrirão a India.

Esta he a verdade Rei, que não faria 74  
 Por tão incerto bem, tão fraco premio,  
 Qual não sendo isto assi, esperar podia,  
 Tão lôgo, & tão fingido, & vão proemio:  
 Mas antes descansar me deixaria  
 No nunca descansado, & fero gremio  
 Da madre Thetis, qual pirata iniquo  
 Dos trabalhos alheios feito rico.

Assi que ô Rei, se minha gran verdade  
 Tês por qual he, sincera, & não dobrada,  
 Ajuntame ao despacho breuidade, 75  
 Não me impidas o gosto da tornada:  
 E se inda te parece falsidade,  
 Cuida bem na razão que esta prouada,  
 Que com claro juyzo pode verse,  
 Que facil he a verdade de entenderse.

A tento estava o Rei na segurança, 76  
 Com que prouava o Gama o que dizia,

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Concebe delle certa confiança,  
Credito firme, em quanto proferia,  
Pondera das palauras a abastança,  
Iulga na authoridade gran valia,  
Começa de julgar por enganados  
Os Catuaes corrutos, mal julgados.

77 Iuntamente a cobiça do proueito,  
Que espera do contrato Lusitano,  
O faz obedecer, & ter respeito,  
Co capitão, & não co Mauro engano:  
Emfim ao Gama manda, que direito  
Aas naos se vâ, & seguro dalgum dano  
Possa à terra mandar qualquer fazenda,  
Que pella especiaria troque & venda.

78 Que mande da fazenda em fim lhe manda  
† Que nos Reinos Gangeticos faleça,  
S'algũa traz idonea la da banda  
Donde a terra se acaba, & o mar começa.  
Ia da Real presença veneranda  
Se parte o capitão, pera onde peça  
Ao Catual, que delle cinha cargo,  
Embarcação, que a sua está de largo,  
† Dizlbe elRei, que desembarque algũa fazenda,  
que não aja na India.

Em



Embarcação que o leue á nao lhe pede:  
 Mas o mau Regedor, que novos laços  
 Lhe machinaua, nada lhe concede,  
 Interpondo tardanças & embaraços,  
 Coelle parte ao caes, porque o arrede  
 Longe quanto poder dos regios paços,  
 Onde sem que seu Rei tenha noticia,  
 Faça o que lhe ensinar sua malicia.

79

Ordene  
ua.

La bem longe lhe diz que lhe daria  
 Embarcação bastante em que partisse,  
 Ou que pera a luz crastina do dia  
 Futuro, sua partida diffirisse:  
 Ia com tantas tardanças entendia  
 O Gama que o Gentio consentisse  
 Na ma teição dos Mouros, torpe, & fera,  
 O que delle ate li não entendêra.

80

Da ma  
nhaã.

Era este Catual hum dos que estauão  
 Corrutos pella Maumetana gente,  
 O principal por quem se governauão  
 As cidades do Samorim potente:  
 Delle samente os Mouros esperauão  
 Efeito a seus enganos torpemente,  
 Elle, que no concerto vil conspira  
 De suas esperanças não delira:

81

Cõjura.  
Não se  
afasta.

O Gama

82 O Gama com instancia lhe require  
Que o m<sup>ã</sup>de pôr nas naos, & não lhe val  
E que assi lho mandara lhe refere  
O nobre successor do Perimal:  
Porque razão lhe impede, & lhe differo  
A fazenda trazer de Portugal,  
Pois aquillo q̄ os Reis ja tem mandado  
Não pode ser por outrem derogado?

83 Pouco obedece o Catual corruto  
A tais palauras, antes reuoluen<sup>do</sup>  
Na fantasia algum sutil, & astuto  
Engano diabolico, & estupendo,  
Ou como banhar passa o ferro bruto  
No sangue auorrecido, estava vendo,  
Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,  
Porque nenhũa â patria mais tornasse.

84 Que nenhum torne â patria so pretende  
O conselho infernal dos Maumetanos.  
Porque não sabia nunca onde se estende  
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos:  
Não parte o Gama em fim, q̄ lho defende  
O Regedor dos Barbaros profanos,  
Nem sem licença sua yr se podia,  
Que as alm<sup>ã</sup>dias todas lhe tolhia.

Aos brados & razões do Capitão,  
 Responde o Idolatra, que mandasse  
 Chegar à terra as naos, que longe estão,  
 Porque milhor dali fosse, & tornasse:  
 Sinal he de inimigo, & de ladrão,  
 Que la tão longe a frota se alargasse,  
 Lne diz, porque do certo & fido amigo  
 He não temer do seu nenhum perigo.

Nestas palauras o discreto Gama 86  
 Enxerga bem, que as naos deseja perto  
 O Catual, porque com ferro & flama  
 Lhas assalte, por odio descuberto:  
 Em varios pensamentos se derrama:  
 Fantasiando está remedio certo,  
 Que desse a quãto mal se lhe ordenaua,  
 Tudo temia, tudo em fim cuidaua.

Qual o reflexo lume do polido 87  
 Espelho de aço, ou de cristal fermoso,  
 Que do rayo solar sendo ferido,  
 Vai ferir noutra parte luminoso,  
 E sendo da ociosa mão mouido  
 Pela cata do moço curioso  
 Anda pellas paredes, & telhado,  
 Tremulo, aqui & ali, & deffo segado.

- 88 Tal o vago juizo fluctuaua  
Do Gama preso, quando lhe lembrara  
Coelho, se por caso o esperaua  
Na praia cos bateis, como ordenara,  
Logo secretamente lhe mandaua  
Que se tornasse á frota, que deixara,  
Não fosse salteado dos enganos,  
Que esperana dos feros Maumetanos.
- 89 Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte  
Imitar os illustres, & igoalados.  
Voar co pensamento a toda parte,  
Adeuinhar perigos & euitallos:  
Com militar engenho, & sutil arte  
Entender os imigos, & enganallos:  
Crer tudo em fim, que nunca louuarei  
O capitão que diga, não cuidei.
- 90 Insiste o Malabar en tello preso,  
Se não manda chegar á terra a armada  
Elle constante, & de ira nobre aceso,  
Os ameaços seus não teme nada:  
Que antes quer sobre si tomar o peso,  
De quanto mal a vil malicia oufada  
Lhe anda armando, que por em ventura  
A frota de seu Rei, que tem segura.

Aquella noite esteue ali detido, 91  
 E partado outro dia, quando ordena  
 De se tornar ao Rei, mas impedido  
 Foi da guarda que tinha não pequena:  
 Cometelhe o Gentio outro partido,  
 Temendo de seu Rei castigo, ou pena,  
 Se sabe esta malicia, a qual a filha  
 Sabêra, se mais tempo ali o detinha.

Dizlhe que mande vir toda a fazenda 92  
 Vendibil que trazia, pera a terra,  
 Pera que de vagar se troque & venda,  
 Que quẽ não q̃r comercio busca guerra:  
 Posto que os maos propositos entenda  
 O Gama, que o danado peito encerra  
 Consente, porque sabe por verdade  
 Que compra coa fazenda a liberdade.

Concertãose que o negro mande dar 93  
 Embarcações idoneas com que venha,  
 Que os seus bateis não quer aventurar,  
 Onde lhos tome o imigo, ou lhos dete-  
 Partem as almadias a buscar (nha.  
 Mercadoria Hispana que conuenha)  
 Escreue a seu irmão que lhe mandasse  
 Fazenda com que se resgatasse.

Vem

- 94 Vem a fazenda a terra, aonde logo  
 A agafalhou o infame Catual:  
 Coella ficão Aluaro & Diogo,  
 Que a podessem vender pello que val,  
 Se mais q̄ obrigação, que mando & rogo  
 No peito vil o premio pode & val,  
 Bem o mostra o Gentio a qué o entêda,  
 Pois o Gama soltou pella fazenda.
- 95 Por ella o solta, crendo que ali tinha  
 Penhor bastante, donde recebesse  
 Interesse maior do que lhe vinha,  
 Se o Capitão mais tempo detiuêsse:  
 Elle vendo que ja lhe não conuinha  
 Tornar a terra porque não podêsse  
 Ser mais retido, sendo às naos chegado,  
 Nellas estar se deixa descansado.
- 96 Nas naos estar se deixa vagaroso,  
 Até ver o que o tempo lhe descobre,  
 Que não se fia ja do cobiçoso  
 Regedor corrompido, & pouco nobre.  
 Veja agora o juyzo curioso  
 Quanto no rico, assi como no pobre  
 Pode o vil interesse, & sede imiga  
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

A<sup>†</sup> Polidoro mata o Rei Treicio, 97  
 Sô por ficar senhor do gran thesouro:  
 Entra pello fortissimo edificio,  
 Com a filha de \*Acrisio a chuua douro:  
 Pode tanto em †Tarpeia auaro vicio,  
 Que a troco do metal luzente, & louro,  
 Entrega aos inimigos a alta torre,  
 Do qual quasi afogada em pago morre.

*† Polidoro, filbo de Priamo Rei de Troia, foy morto por Treicio.*

*\* Acrisio foi filbo de Abante Rei dos Argiuos, & pae de Danae. Este reinando trinta & hum annos foy morto por Perseo seu neto, ainda que o não matou por sua vontade.*

*† Tarpeia foy hũa virgem Vestal, a qual entregou aos Sabinos a torre dos Romanos, & foi morta & sepultada num monte que della se chamou Tarpeio, & despois o Capitolio.*

Este rende munidas fortalezas, 98  
 Faz tredores, & falsos os amigos,  
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,  
 E entrega capitães aos enemigos:  
 Este corrompe virginaes purezas,  
 Sê temer de hõra, ou fama algũs perigos

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Este depraua as vezes às sciencias,  
Os juyzos cegando, & as consciencias.


- 99 Este interpreta mais que sutilmente  
Os textos:este faz & desfaz leis,  
Este causa os perjuros entre a gente:  
E mil vezes tirannos torna os Reis.  
Ate os que a Deos omnipotente  
Se dedicão, mil vezes ouuireis,  
Que corrópe este encantador, & illude:  
Mas não sem cor com tudo de virtude.

F I M.



Monçaid




  
**M O N C A I D E A V I S A . A O**  
 Capitão, como os Malabares procurão destruílo,  
 o que entendido determina partirse, fazendo presa  
 em algũs Malabares que tomou na armada. Sabis  
 do pello Samori, largalhe os dous Portugueses, cõ  
 toda a fazenda que estaua em terra. Partese a  
 armada, & toma a ilha de Sancta He-  
 lena, onde descansa dos tra-  
 balhos passados.



**CANTO NONO.**



**I V E R A M L O N -**  
 gamente na cidade  
 Sem venderse a fazenda  
 os dous feitores,  
**Q U E** os infieis por manha  
 & falsidade

Fazem, que não lha comprẽ mercadores,  
**Q U E** todo seu propósito, & vontade  
 Era, deter ali os descobridores  
 Da India, tanto tempo que viessem  
 De Meca as naos, que as suas desfizessem.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

2 La no seio †Eritreo, onde fundada

\* Arsinoe foi do Egipcio Ptholomeo,  
Do nome da irmaã sua assi chamada,  
Que despois em Suez se conuerteo,  
Não longe, o porto jaz da nomeada  
Cidade †Meca, que se engrandeceo  
Com a superstição falsa, & profana,  
Da religiosa agoa Maumetana.

† Seio Erythreo he o mar roxo, chamado Erythreo del Rei Erythreo, filho de Andromada. Está antr'o o mar da India & de Ethyopia. Tem da banda do Norte Arabia, do Sul a Ethiopia, & no fim que he a parte do Ponente a cidade de Suez. E chama-se mar roxo, porque as areas & terra das praias sam vermelhas. Meca jaz na parte de Arabia. E este mar tem hũa boca muito estreita pera o Levante, onde está a cidade de Adem.

\* Arsinoe foy filha de Ptholomeo, filho de Lago: o qual teue o gouerno de Egipto por morte de Alexandre. Foi casada Arsionoe, que era fermosissima, com Lysimacho Rei de Macedonia, de cujo nome Ptholomeu Philadelpho irmão de Arsinoe edificou hũa cidade na Região Cyrenáica, na qual cidade diz qu' foy ella mudada, porã no principio se chamou esta cidade Arsinoe, & despois Suez.

Meca

Meca he das principaes cidades, que está dentro  
 da boca do mar Roxo, assi pellos edificios, como  
 pello trato rica. Vem della muito brocado, esca-  
 lata, & peças de seda muito ricas.

Gidà se chama o porto, aonde o trato 3

De todo o roxo mar mais florescia,  
 De que tinha proueito grande, & grato  
 O Soldão que esse reino possuia:  
 Daqui os Malabares, por contrato  
 Dos infieis, fermosa companhia  
 De grandes naos, pello Indico Oceano,  
 Especiaria vem buscar cada anno.

Por estas naos os Mouros esperauão, 4

Que como fossem grandes & possantes,  
 Aquellas, que o comercio lhe tomauão,  
 Com flamas abraassem & crepitantes,  
 Neste socorro tanto confiauão,  
 Que ja não querem mais dos nauegâtes,  
 Senão que tanto tempo alli tardassem,  
 Que da famosa Meca as naos chegassem.

*Crepitantes he epyteto do fogo, acrependo, que  
 he o ruido que faz quando arde, lançando aquels  
 as saiscas.*

- 5 Mas o governador dos ceos & gentes,  
Que pera quanto tem determinado,  
De longe os meios da conuenientes,  
A effecto do que tem predestinado  
Influo piadosos accidentes  
De afeição em Monçaide, que guardado  
Estaua pera dar ao Gama auiso,  
E merecer por isso o paraíso.
- 6 Este de quê se os Mouros não guardauão,  
Por ser Mouro como elles, antes era  
Participante em quanto machinauão,  
A tenção lhe descobre, torpe, & fera:  
Muitas vezes as naos que longe estauão,  
Visita, & com piedade considera  
O dano sem rezão, que se lhe ordena,  
Pella maligna gente Sarracena.
- 7 Informa o cauto Gama das armadas,  
Que de Arabica Meca vem cadanno,  
Que agora sam dos seus tão desejadas,  
Pera ser instrumento deste dano.  
Dizlhe que vem de gente carregadas,  
E dos trouões horrendos de Vulcano,  
E que pode ser dellas oprimido,  
Segundo estaua mal apercebido.

O Gama que tambem considerava 8  
 O tempo, que pera a partida o chama,  
 E que despacho ja não esperava  
 Melhor do Rei, q̄ os Maumetanos ama:  
 Aos feitores q̄ em terra estão mandava  
 Que tornem às naos: & porque a fama  
 Deita subita vinda, os não impida,  
 Lhe manda que a fizessem escondida.

Porem não tardou muito, que voando 9  
 Hum rumor não soasse com verdade,  
 Que forão presos os feitores, quando  
 Forão sentidos virse da cidade:  
 Esta fama as orelhas penetrando  
 Do sabio capitão, com breuidade  
 Faz represaria nús, que às naos vierão,  
 A vender pedraria que trouxerão.

Erão estas antigos mercadores, 10  
 Ricos em Calecu, & conhecidos  
 Da falta delles, logo entre os melhores  
 Sentido foy, que estão no mar retidos;  
 Mas ja nas naos os bõs trabalhadores,  
 Voluem o cabrestante, & repartidos  
 Pello trabalho, hús puxão pella amarra,  
 Outros quebrão co peito duro a barra.

11 Outros pendem da verga, & ja desatão  
 A vella, que com grita se soltaua,  
 Quádo com maior grita ao Rei relatão  
 A pressa com que a armada se leuaua:  
 As molheres & filhos que se matão  
 Daquelles que vão presos, onde estaua  
 O Samorim, se aqueixão que perdidos  
 Hús tem os pais, as outras os maridos.

12 Manda logo os feitores Lusitanos  
 Com toda sua fazenda liuremente,  
 A pesar dos imigos Maumetanos,  
 Porque torne a sua presa gente:  
 Desculpas manda o Rei de seus enganos  
 Recebe o capitão de melhormente  
 Os presos, que as desculpas, & tornando  
 Algús negros, se parte as vellas dando,

13 Partese costa abaxo, porque entende  
 Que em vão co Rei Gentio trabalhaua,  
 Em querer d'elle paz, a qual pretende  
 Por firmar o comercio que tratava:  
 Mas como aquella terra que se estende  
 Pela Aurora, sabida ja deixaua  
 Com estas nouas torna â patria cara,  
 Certos sinaes levando do que achara.

Leua algũs Malabares, que tomou 14  
 Por força, dos que o Samorim mandãra,  
 Quando os presos feitores lhe tornou:  
 Leua pimenta ardente que comprara,  
 † A seca flor de banda não ficou,  
 A noz & o negro crauo, que fez clara  
 A noua ilha Maluco, coa canella,  
 Com que Ceilão he rica, illustre, & bella.

‡ *Que he a maça, a qual se tira da noz nozcada, porque he a noz como hum pexigo, tem aquella encarnadura, que se come em conserua, & o caroço he a noz que ca vem, & por riba do caroço está esta maça que he muito prouitosa.*

Isto tudo lhe ouuera a diligencia 15  
 De Monçaide fiel, que tambem leua,  
 Que inspirado de Angelica influencia,  
 Quer no luro de Christo que se creua,  
 O ditoso Affricano, que a clemencia  
 Diuina assi tirou de escura treua,  
 E tão longe da patria achou maneira,  
 Pera subir à patria verdadeira.

Apartadas assi da ardente costa,  
 As venturosas naos, leuando a proa

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Pera onde a natureza tinha posta  
A <sup>†</sup>Meta Austrina da esperança boa,  
Leuando alegres nouas. & reposta,  
Da parte Oriental pera Lisboa,  
Outra vez cometendo os duros medos  
Do mar incerto, tímidos, & ledos.

*† Meta, como atrás dissemos, he limite aonde quem caminha chega. E porque os que vão pera a India não pretendem mais que chegar ao cabo de Boa esperança, pera o dobrar, o qual está pera o Sul, chama-se ao dito cabo, Meta, ou limite do Sul.*

17 O prazer de chegar à patria cara,  
A seus penates caros, & parentes,  
Pera contar a peregrina, & rara  
Nauegação, os varios ceos, & gentes,  
Vir a lograr o premio que ganhara  
Por tão longos trabalhos, & accidentes,  
Cada hum tem por gosto tão perfeito,  
Que o coração pera elle he vaso estreito.

18 Porem a bella Cypria, que ordenada  
Era pera fauor dos Lusitanos,  
E la de cima por bom <sup>†</sup>genio dada  
Que sempre os guia ja de longos annos.

A glo-



A gloria por trabalhos alcançada,  
 Satisfação de bem sufridos danos,  
 Lhe andava ja ordenando, & pretendia  
 Darlhe nos mares tristes alegria.

\* *Dezião os Gentios, que em nascendo o homem, na  
 cião logo com elle dous genios bom & mau, que in  
 terpretão mofina, ou dita, & outros interpretão  
 virtude, ou vicio.*

Despois de ter hum pouco reuoluido  
 Na mente, o largo mar que nauegarão,  
 Os trabalhos que pello nascido,  
 Nas † Amphioneas Thebas, se causarão,  
 Ia trazia de longe no sentido,  
 Pera premio de quanto mal passarão,  
 Buscarlhe algum deleite, algum descáso,  
 No reino de crystal, liquido, & manso.

19  
 Baco.

\* *Thebas se chama Amphionia, porque Amphionio  
 filho de Iupiter, & de Antiope, ou de Mercurio,  
 tangia tão docemente com hũa lyra que lhe Mer-  
 curio dera, que pera edeficar os muros da cidade  
 de Thebas, se pos a tanger, & as pedras todas se  
 mouerão, & vierão apar delle de montes muy al-  
 tos, & de serras agras, donde era impossivel poder  
 trazellas*

trazellas com força nem arte humana, & assi mo-  
uendo-se ellas mesmas pera ouuilho, com ellas se edi-  
ficarão os muros de Thebas. Fingese isto delle por-  
que com sua douta voz, & doutrina sabia, ensinou  
aos homẽs rudes viuerẽ como gente de razão. Este  
dizem que foy o primeiro que inuentou a Musica,  
vede Apollonio Rhod. in Arg. lib. I de Amph.

\* Thebas, sam nomes de hũas cidades, das quaes  
hũa esteue em Egipto edificada por Busyris Rei de  
Egipto, cidade mui nobre de edificios. Diz Plin.  
que teue cem portas, em cada hũa das quaes esta-  
uão duzentos homẽs em guarda. Desta segundo  
Plinio, lib. 3 & se chamou a Região Thebaica, que  
confina com Echyopia. Outra cidade deste nome  
ouue em Boecia, edificada por Cadmo, a qual cer-  
cou Amphião de muros: aqui naceo Bacho, & Her-  
cules. Foy deõpois destruida por Alexãdro Magno.

20 Algum repouso em fim, com que pudesse

Refucilar a lassa humanidade,

Dos nauegantes seus, como interesse

Dos trabalhos, q̃ incurta a breue idade:

Tudo quanto pretende lhe parece

Não poder igualar sua vontade,

Ao muito que deseja festejallos,

E em seguro porto agasalhalos.

Isto bem reuoluido, determina  
 De lhe ter aparelhada la no meio  
 Das agoas, algũa insula diuina,  
 Ornada de esmaltado & verde arreo:  
 Que muitas tem no reino, que confina  
 Da primeira co terreno seio,  
 Afora as que pessue soberanas  
 Pera dentro das portas †Herculanas.

† *Do estreito de Gibraltar, como sam, Cypro, Paphos, Cytbera, & outras.*

Ali quer que as †aquaticas donzellas,  
 Esperem os fortissimos barões,  
 Todas as que tem titulo de bellas,  
 Gloria dos olhos, dor dos coraçõs,  
 Com danças, & coreas, porque nellas  
 Influirã secretas afeiçãos,  
 Pera com mais vontade trabalharem  
 De contentar a quem se afeiçoarem.

*Bailes.*

† *Aquaticas chama as Nymphas das agoas, como sam as filhas de Nereo, & do Oceano, & outras que os poetas fingem.*

Tal

Os Lusíadas de Luis de Camões.

23 Tal manha buscou ja pera, pera q̄ <sup>†</sup>aquelle  
Que de Anchises pario, bem recebido  
Fosse no campo que a bouina pelle  
Tomou de espaço, por sutil partido:  
Seu filho vay buscar, porque so nelle  
Tem todo seu poder, fero Cupido  
Que assi como naquella empresa antiga  
A ajudou ja, nestoutra a ajude, & siga.

*† Encas foy filho de Anchises & de Venus. Vindo perdido de Troia, achegou a Cartago, aonde estava a Rainha Dido. E mercou Eneas aos Carthagineses tanto espaço de terra, quanto pudesse cercar com bũa pelle de touro: os da terra lha venderão por bẽ pouco preço. Tomou Eneas o couro de hum boy, & o fez em correas muito delgadas, & assi cercou grande parte da terra, & fundou bũa tidade, que da pelle do boy chamou Boecia. Virg. lib. 1. En.*

24 No carro ajunta as <sup>†</sup>auies, que na <sup>\*</sup>vida  
Vão da morte as obsequias celebrando,  
E aquellas em que ja foy conuertida  
Peristera, as boninas apanhando,  
Em derredor de Venus ja partida,  
Alegres passatempos vão tomando,

Ella

E la por onde passa o ar & o vento  
Sereno faz, com brando movimento.

\* Assim como Iuno tem nos seus carros pavões, assim  
Venus tem Cisnes: nas quaes cues se mudou Cygno  
filho de Esteneleu, com nojo da morte de Thoetona  
te seu primo, & a moça Peristera, com o fígem os  
Poetas.

\* Isto diz porque o Cisne antes que morra, sentindo  
do ja chegar se perto a morte, ao longo da ribeyra  
canta mui suavemente.

La sobre os † Idalos montes pende,  
Onde o filho frecheiro estava então, 25  
Ajuntando outros muitos, que pretêde  
Fazer hũa famosa expedição  
Contra o mundo reuelde, porq̃ emende  
Erros grandes, que ha dias nelle estão  
Amando cousas \* que nos forã dadas  
Não pera ser amadas, mas vsadas.

\* Idalio monte & bosque em Chipre, dedicado a  
Venus, donde se cbama Venus Idalia, & seu filho  
Capido Idalio.

\* Como sam as riquezas, & outras cousas se-  
melhantes.

26 Via Acteon na caça tão austero,  
 De cego na alegria bruta, insana,  
 Que por seguir hum feio animal fero,  
 Foge da gente, & bella gente humana:  
 E por castigo quer doce, & severo,  
 Mostralhe a fermosura de Diana,  
 E guardese não seja inda comido,  
 Desses cães q̄ agora ama, & consumido.

27 E vê do mundo todo os principais  
 Que nenhum no bem publico imagina,  
 Vê nelles, que não tem amor a mais  
 Que a si foinete, & a qué Filaucia ensina:  
 Vê que esses que frequentão os reais  
 Paços, por verdadeira & saã doutrina,  
 Vendem adulação, que mal consente  
 Mondarse o nouo trigo florecente.

*Guarda,  
 ou custo  
 dia.*

28 Vê que aquelles que deuem á pobreza  
 Amor diuino, & ao pouo charidade,  
 Amão fomite mandos, & riqueza,  
 Simulando justiça, & integridade,  
 Da fea tyrania, & de aspereza  
 Fazem direito, & vaã seueridade:  
 Leis em fauor do Rei se estabelecem  
 As em fauor do pouo lo perecem.

Vê em fim que ninguém ama o que deue, 29  
 Senão o que fomenta mal defeja,  
 Não quer que tanto tempo se releue,  
 O castigo que duro, & justo seja:  
 Seus ministros ajunta, porque leue  
 Exercitos conformes à peleja,  
 Que espera ter coa mal regida gente,  
 Que lhe não for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores, 30  
 Estão em varias obras trabalhando,  
 Hũs amolando ferros passadores,  
 Outros hasteas de setas delgaçando,  
 Trabalhando cantando estão de amores  
 Varios casos em versos modulando,  
 Melodia sonora, & concertada,  
 Suaue a letra, angelica a soada.

Nas fragoas immortaes, onde forjauão 31  
 Pera as setas as pontas penetrantes,  
 Por lenha, corações ardendo estauão,  
 Viuas entranhas inda palpitantes:  
 As agoas onde os ferros temperauão,  
 Lagrimas sam de miseros amantes,  
 A viua flama, o nunca morto lume,  
 Desejo he so q̄ queima, & não consume.

    Ee           Algũs

32 Algũs exercitando a mão andauão,  
 Nos duros corações da plebe ruda,  
 Crebros sospiros pello ar soauão,  
 Dos que feridos vão da seta aguda,  
 Fermosas Nymphas sam as q̃ curauão  
 As chagas recebidas cuja ajuda  
 Não samente da vida aos mal feridos,  
 Mas põe em vida os inda não nascidos:

Cōtinuos.

3 Fermosas sam algũas, & outras feas,  
 Segundo a qualidade for das chagas,  
 Que o veneno espalhado pellas veas,  
 Curãno às vezes asperas triagas,  
 Algũs ficão ligados em cadeas  
 Por palauras futis de sabias Magas,  
 Isto acontece as vezes, quando as setas  
 Acertão de levar eruas secretas.

34 Destes tiros assi desordenados,  
 Que estes moços mal destros vão tirãdo  
 Nascem amores mil desconcertados,  
 Entre o pouo ferido miserando:  
 E tambem nos heroes de altos estados,  
 Exemplos mil se vem de amor nefando  
 Qual o das moças \*Bibli & \*Cyrenea,  
 Hum mancebo de \*Assyria, hú de \*Iudea



† Elegantemente reproua o Camões os amores desferdenados & incestuosos, qual se diz de Biblis por seu irmão Vauuo, & Myrra, por seu pae, &c.

\* El Rei Nino, que casou com sua mae.

† Amõ, q̃ amado a sua irmã Ithamar, a aborreceo.

E vos ô poderosos por pastoras, 35  
 Muitas vezes ferido o peito vedes,  
 E por baixos, & rudos vos senhoras  
 Tambê vos tomão nas † Vulcanias redes:  
 Hũs esperando andais nocturnas horas,  
 Outros subis telhados, & paredes,  
 Mas eu creio que deste amor indigno,  
 \* He mais a culpa da mae, q̃ a do minino.

† Redes Vulcanicas sam nãs que tomou Vulcano em adulterio sua molher com Marte.

\* Quer dizer que he mais por cumprir o appetito, que por amor, porque o verdadeiro namorado, limpa & synceramente ha de amar, & não querer de sua dama mais, q̃ amar & ser amado, cõ limpeza, & castidade: & isto reproua o Camões, dizendo q̃ cadabum pretende seu appetito.

Mas ja no verde prado o carto leue, 16  
 Punhão os brancos Cisnes mäsamente,

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Venus.

E Dione, que as rosas entre a neve  
No rosto traz, decia diligente:

Cupido.

E o frecheiro, que cõtra o ceo se atreue,  
A recebella vem, ledo, & contente,  
Vem todos os cupidos servidores,  
Beijar a mão â Rainha dos amores.

- 37 Ella porque não gaste o tempo em vão,  
Nos braços tendo o filho, confiada  
Lhe diz, amado filho em cuja mão  
Toda minha potencia está fundada:  
Filho em qué minhas forças sêpre estão,  
Tu que as armas † Tifeas tês em nada,  
A socorrerme a tua potestade,  
Me traz especial necessidade.

† *Tyfeas do Gigante Tyfeo porque tambem os Gigantes se namorarão.*

- 38 Rem ves as Lusitanicas fadigas,  
Que eu ja de muito longe fauoreço,  
Porque das Parcas sei minhas amigas  
Que me hão de venerar, & ter em preço:  
E porque tanto imitão as antigas  
Obras de meus Romanos, me offereço  
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,  
A quanto se estender o poder nosso.

E por

F porque das infidias do odioso  
 Bacho, forão na India molestados, 39  
 E das injurias sos do mar vndoso,  
 Poderão mais ser mortos, que cansados:  
 No mesmo mar, que sempre temeroso  
 Lhe foi, quero que sejam repousados  
 Tomando aquelle premio, & doce gloria  
 Do trabalho que faz clara a memoria.

Pera isso queria que feridas 40  
 As filhas de Nereo, no ponto fundo,  
 Damor dos Lusitanos encendidas,  
 Que vem de descobrir o nouo mundo,  
 Todas nua ilha juntas & subidas,  
 Ilha que nas entranhas do profundo  
 Oceano, terei aparelhada,  
 De dões de Flora, & Zefiro ornada.

Ali com mil refrescos, & manjares, 41  
 Com vinhos odoriferos, & rosas,  
 Em crystalinos paços singulares.  
 Fermosos leitos, camas mui cheirosas,  
 Em fim com mil deleites não vulgares,  
 Os esperem as nimphas amorosas,  
 Apercebidas pera lhe entregarem  
 Quanto de suas terras cobiçarem.

42 Quero que aja no Reino Neptunino  
Onde eu naci, progenie forte & bella,  
E tome exemplo o mundo vil malino,  
Que contra tua potencia se rebella,  
Porque entendão q̄ muro Adamantino,  
Nem triste hipocrisia val contra ella,  
Mal auerá na terra quem se guarde,  
Se teu fogo immortal nas agoas arde.

43 Assim Venus propos, & o filho t<sup>o</sup> iniquo  
Pera lhe obedecer ja se apercebe,  
Manda trazer o arco eburneo rico,  
Onde as setas de ponta deouro embebe,  
Com gesto ledo a Cypria, & impudico,  
Dentro no carro o filho seu recebe,  
A redea alarga ás aues, cujo canto  
A \*Phaetontea morte chorou tanto.

† Injusto, porque muitas vezes faz desconcertadas affeições, & não fere igualmente, fazendo q̄ hum ame a quem o não ama, não conformando as vontades dos amantes.

\* Porque Cygno, chorando a morte de Phaetonte se mudou em Cisne.

44 Mas diz Cupido, que era necessaria  
Hãa famosa, & celebre terceira,

Que posto que mil vezes lhe he cōtraria  
 Outras muitas a tem por companheira:  
 A Nimpha † Gigantea temeraria,  
 Yactante mentirosa, & verdadeira,  
 Que com cem olhos ve, & por onde voa  
 O que vê com mil bocas apregoa.

† Entende a Fama. Fingirão os Poetas que era Giganta, porque assi como o Gigante he inuencias uel, assi a Fama dura perpetuamente. Pintarãõ com bũa bandeira, em bũa trombeta, na qual bandeira hãõ muitos olhos, com que ella via, & o que diz que apregoa com mil bocas, he porque a Fama quãto corre mais, mais forças toma. Virg. Fama malũ, quo non aliud velocius ullum,  
 Mobilitate viget, viresq̃, acquirit eundo.  
 Por isso a pintarãõ com asas nos pès.

Vãoa buscar, & mandãna diante,  
 Que celebrando va com tuba clara 45  
 Os lououres da gente nauegante,  
 Mais do q̃ nunca os doutrem celebrara:  
 Ia murmurando a fama penetrante,  
 Pellas fundas cauernas se espalhara,  
 Fala verdade, auida por verdade,  
 Que junto a Fama traz credulidade.

- 46 O louuor grande, o rumor excellente  
 No coração daquelles que indinados  
 Forão por Baco cõtra a illustre gente,  
 Mudando os fez hum pouco afeiçoados:  
 O peito feminil, que leuemente  
 Muda quaesquer propositos tomados,  
 Ia julga por mau zelo, & por crueza  
 Desejar mal a tanta fortaleza.
- 47 Despede nisto o fero moço as setas  
 Hũa apos outra, geme o mar cos tiros,  
 Direitas pellas ondas inquietas,  
 Algũas vão, & outras fazem giros:  
 Caem as nimphas, lanção das secretas  
 Entranhas ardentissimos sospiros,  
 Cae qualquer, sem ver o vulto que ama,  
 Que tanto como a vista pode a fama.
- 48 Os cornos ajuntou da eburnea Lúa,  
 Com força o moço indomito excessiua,  
 Que Thetis quer ferir mais que nenhũa  
 Porq̃ mais que nenhũa lhe era esquiua:  
 Ia não fica na aljaua seta algũa,  
 Nem nos Equoreos cápos nimpha viua,  
 E se feridas inda estão viuendo,  
 Sera pera sentir que vão morrendo:

↑ Galantemente escreue aqui o Camões este tiro  
com força. Chama Lũa ao arco, porque he da fei-  
ção da Lũa.

Dai lugar altas & ceruleas ondas 49  
 Que vedes Venus traz a medicina,  
 Mostrando as brancas vellas, & redôdas,  
 Que vem por cima da agoa Neptunina:  
 Tu reciproco guarde não respondas  
 Ardente amor à flama feminina,  
 Que não he bê que a pudicicia honesta,  
 Faça o que lhe Venus amoesta.

Ia todo o bello coro se aparelha 50  
 Das Nereidas, & junto caminhaua  
 Em coreas gentis, vfança velha,  
 Pera a ilha, a que Venus as guiaua:  
 Alli a bella nimpha lhe a conselha Venus.  
 O que ella fez mil vezes quando amaua,  
 Ellas que vão do doce amor vencidas,  
 Estão a seu conselho offrecidas.

Cortando vão as naos a larga via 51  
 Do mar ingente, pera a patria amada,  
 Desejando prouerse de agoa fria  
 Pera a grande viagem prolongada.

Os Lusíadas de Luis de Camões,  
Quando juntas com subita alegria,  
Ouuerão vista da ilha namorada,  
Rompendo pelo ceo a mãe fermosa  
De Menonio, suaue, & deleitosa.

*\* Aurora, entende a menbãa, mãe de Menonio, como fica dito.*

52 De longe a Ilha virão fresca & bella,  
Que Venus pellas ondas lha leuaua,  
Bem como o vento leua a branca vella,  
Pera onde a forte armada se enxergaua,  
Que porque não passassem, sem q̄ nella  
Tomassem porto como desejava,  
Pera onde as naos nauegação a mouia  
A Acidalia, que tudo em fim podia.

53 Mas firme a fez & imobil, como vio  
Que era dos Nautas vista, & demandada  
Qual ficou \*Delos, tanto que pario  
Latona Phebo, & a Nimpha à caça usada  
Pera la logo a proa o mar abriu,  
Onde a costa fazia hũa enseada  
Curua, & quieta, cuja branca area  
Pintou de ruias conchas Cyterea.

*Delos*



\* Delos he a ilha no qual Latona pario de hum parto a Apollo, & a Diana, na qual ilha antes que nella Latona parisse era mouedice, mas despois ficou firme. Desta ilha se chama Apolio Delio, & Diana Delia.

† Tres fermosos outeiros se mostrauão,  
Erguidos com soberba graciosa,  
Que de gramineo esmalte se adornauão  
Na fermosa ilha alegre, & deleitosa:  
Claras fontes & limpidas manauão  
Do cume, que a verdura tão viçosa,  
Por entre pedras aluas se diriua.  
A sonorosa Limpha fugitiua,

\* Escreue aqui a Ilha de S. Helena, na qual fazem os Portugueses agoada quando vem, & tomão o refresco de muitas frutas, & carnes de cabras, & porcos. He tão fresca esta ilha, q̄ vindo a ellas as naos da India, & leuando quãto podem, as outras q̄ despois achegão, parece que ninguem por abi passou, tão abundante a acha de frutas, ainda q̄ não aja mais de tres dias q̄ fossem as naos partidas. Nella ninguem mora, & se tomão hum ramo de figueira ou qualquer outro arvore, & o metem na terra, de spois tornando pera o anno o acbão com fruta.

55 Num valle ameno, que os outeiros fende,  
 Vinhão as claras agoas a juntar-se,  
 Onde húa mesa fazem, que se estende  
 Tão bella quanto pode imaginar-se:  
 Aruoredo gentil sobre ella pende,  
 Como que prompto estâ pera afeitar-se,  
 Vendose no crystal †resplandecente,  
 Que em si o estâ pintando propriamâte.

† Entende a sombra que o aruoredo faz na agoa quando está quieta, que está representando como num espelho.

56 Mil aruores estão ao ceo subindo,  
 Com pomos odoriferos, & bellos,  
 A Larangeira tem no fruto lindo  
 A cor que tinha Daphne nos cabellos:  
 Encostafe no chão, que está caindo  
 A cidreira eos pesos amarelos,  
 Os fermosos limões ali cheirando,  
 Estão virginaes tetas imitando.

57 As aruores agrestes, que os outeiros  
 Tem cõ frondente †coma ennobrecidos  
 \* Alemos sam de Alcides, & os †Loureiros  
 Do Louro d'Apolo amados, & queridos  
 Myrtos

\* Myrtos de Cyterea, cos<sup>†</sup> Pinheiros  
De Cybele, por outro amor vencidos,  
Estã apontado o agudo \*Cypariso  
Pera onde he posto o Etereo paraíso.

† *Coma propriamente quer dizer cabelo. Aqui entende pellas folhas.*

\* *Porque sam os Aemos dedicados a Hercules filho de Alcido.*

† *O Louro he dedicado a Apolo, porque Daphnes, a quem Apolo amou, se conuerteo em Louro, como fingem os Poetas.*

\* *Myrtos sam dedicados a Venus.*

† *Athys sendo amado de Cybelle nimpha, não querendo elle amalla, porque neste mesmo tempo andaua namorado doutra nimpha, a mudou Cybelle em pinheiro, a qual Cibelle era filha de Saturno, e de Ope, chamada Cybelle do monte Cybello.*

\* *Cypariso, he nome de hum maço, filho de Ibeles fio, tirandolhe algũas letras, fica Cypresso, que quer dizer o Cipreste. Crece direito aos ceos em redõdo.*

Os dões que da Pomona, ali natura

58

Produze diferentes nos labores,

Sem ter necessidade de cultura,

Que sem ella se dão muito melhores.

As cereijas purpureas n a pintura

As amoras,\* que o nome tem de amores,

† O pomo que da patria Persia veio,  
Melhor tornado no terreno alheio.

† Porque a Pomona erão dedicadas as frutas.

\* Tem o nome de amores, porque fingem que antiguamente erão brancas, & porque Pyramo & Tisbe forão mortos ao pé da bñã amoreira, fingem que se tornarão da cor do sangue.

† Entende o pexigo, o qual se chama em Latim mala Persica, porque veio de Persia, & la sam peçonhentosissimos, & aqui em Espanha co as influencias do sol, se fizerão bõs.

59 Abre a Romãa, mostrando a rubicunda  
Cor, com que tu Rubi teu preço perdes,  
Entre os braços do vlmeirò stã a jocũda  
Vide, cũs cachos roxos, & outros verdes,  
É vos se na vossa aruore facunda  
Peras †pyramidaes, viuer quiferdes,  
Entregaiuos ao dano que cos bicos  
Em vos fazem os passaros inicos.

† Pyramides erão bñs edificios, q os Romanos vsã uão, da feição de bñã pera. Erão largos em baixo,

E pera cima se bia estreitando , ate fazer lãa  
ponta delgada.

Pois a tapiceria bella & fina,  
Com que se cobre o rustico terreno,  
Faz ser a de †Achemenia menos dina,  
Mas o sombrio valle mais ameno,  
Ali a cabeça a flor Cyfisia inclina,  
Sobolo tanque lucido & sereno,  
Florece o \*filho & neto de Cyniras  
Por qué tu Paphia bella inda sospiras.

† *Achemenia*, Região da Persia, chamada *Acheme-  
nia*, de *Achemenes* primeiro Rei dos Persas, como  
escreve Hieron. do qual *Achemenes* decenderão os  
outros Reis todos, ate *Dario*. Desta região vem al-  
catifas.

\* *Entende Adonis*, insigne caçador. *Andando hum  
dia caçando*, foy ferido do dente dum porco mon-  
tês, da qual ferida morreo. E diz inda *suspiras*,  
porque *Venus sentio* muito sua morte.

Pera julgar difficil cousa fora,  
No ceo védo, & na terra as mesmas cores 61  
Se daua às flores cor a bella Aurora,  
Ou se lha dão a ella as bellas flores,  
Pintando

Os Luliasdas de Luis de Camoes.

Pintando estaua ali Zefiro, & Flora  
As violas da cor dos <sup>†</sup>amadores,  
O Lyrio roxo, a fresca rosa bella,  
Qual reluze nas faces da donzella.

<sup>†</sup> Entende Pyramo & Tysbe, os quaes amandose concertarãose de se irem a ver a bñã fonte. Foy primeiro Tysbe, & esperando vio vir bñã Leoa, & fugindo deixou o manto da cabeça. A Leoa trazia a boca ensangoentada dum touro que matara, & rasgando a toalha ou manto que achou de Tysbe, bebeo na fonte, & foise. Veio Pyramo antes que a moça tornasse, & achando a manta conbeceoa, & parecendolhe ser Tysbe morta, meteo a sua espada por si. Estando morrendo, veio Tysbe, & vendo morto, tambem se matou: & fingem os poetas, que farão estes dous amantes mudados em amoreira, a qual tem o fruço da cor das violas, que be o que Camões aqui diz.

62 A candida Cecêm das Matutinas

Lagrimas ruciada, & a Manjarona,  
Vense <sup>†</sup>as letras nas flores Hyacintinas,  
Tão queridas do filho de Latona:  
Bem se enxerga nos pomos & boninas,  
Que competia \*Cloris com Pomona:

Pois

Pois se as aues no ar cantando voão,  
Alegres animaes o chão pouoão.

<sup>4</sup> Hyacinto foy hum mancebo, sobre o qual tené o vento Zephyro contendas com Apollo. Fingem os Poetas, que andando Apollo, com Hyacinto jugando á barra, ventou muito riço o vento Zephyro & tornando atras a barra, deu com ella na cabeça do moço, & o matou, & caindo, deu hum ay, ao qual acodindo Apollo, & vendo o morto, o mudou em flor, a qual tem duas letras Gregas, A, & Y, que he o ay que deu.

\* Cloris foy bũa nimpha casada co vento Zephyro, & porque o Zephyro cria as flores, lbe pidio ella em dote que tiuesse o poder sobre as flores, & quer aqui dizer o Camões, que a persia estava Cloris Rainha das flores, com Pomona, Rainha das frutas, a quem aua mais de produzir.

A longo da agoa o niueo Cisne cantá,  
Respondelhe do ramo <sup>†</sup>Philomela,  
Da sombra de seus cornos não se espáta,  
Acteon nagoa crystalina, & bella:  
Aqui a fugace Lebre se leuanta  
Da espessa mata, ou timida Gazella,  
Ali no bico traz ao caro ninho,  
O mantimento ó leue passarinho.

Os Lusíadas de Luis de Camões:

† Philomela foy forçada por Thereo, & cortarão  
lhe a lingua, & foy mudada em Roxinol, como  
fingem os Poetas.

- 64 Nesta frescura tal desembarcauão  
Ia das naos os segundos † Argonautas,  
Onde pella floresta se deixauão  
Andar as bellas nimphas como incautas,  
Algũas doces Cytaras tocauão,  
Algũas Arpas, & sonoras frautas,  
Outras cos arcos de ouro se fingião  
Seguir os animaes que não seguião.

† Os primeiros Nauigantes que ouue, chamarãose  
Argonautas, os quaes forão na nao Argos, a desco-  
brir a Ilha de Colchos, aonde estaua o carneiro q̃  
tinha a pelle dourado. Chamãose Argonautas, porque  
descobrirão este mar. E os Portugueses descobrimos  
de outro nouo mar, chamarãose segundos Argo-  
nautas.

- 65 Alsi lho aconselhara a mestra experta,  
Que andassem pellos cápos espalhadas,  
Que vista dos barões a presa incerta,  
Se fizessem primeiro desejadas

Algũas,



Algũas, que na forma descuberta  
Do bello corpo, estauão confiadas,  
Posta a artificiosa fermosura,  
Nuas lauarse deixão na agoa pura.

Mas os fortes mancebos, que na praya 66  
Punhão os pês, de terra cobiçosos,  
Que não ha nenhũ delles, que não faya  
De acharem caça agreste desejosos:  
Não cuidão que sem laço, ou redes caya  
Caça naquelles montes deleitosos,  
Tão suaue, domestica, & benina,  
Qual ferida lha tinha ja Ericina.

Algũs que em espingardas, & nas bestas 67  
Pera ferir os ceruos se fiauão,  
Pellos sombrios matos, & florestas  
Determinadamente se lançauão:  
Outros nas sombras, q̃ de as altas sestas  
Defendem a verdura, passeauão  
Ao longo da agoa, que suaue, & queda  
Por aluas pedras corre â praia leda.

Começão de enxergar subitamente 68  
Por entre verdes ramos varias cores,

Os Lusiadas de Luis de Camões,  
Cores de quem a vista julga, & sente,  
Que não crão das rosas, ou das flores,  
Mas da lãa fina, & seda differente  
Que mais incita a força dos amores  
De que se vestem as humanas rosas,  
Fazendole por arte mais fermosas.

69 Da Velofo espantado hum grande grito,  
Senhores caça estranha disse he esta,  
Se inda dura o Gentio antigo rito  
A nimphas se dedica esta floresta:  
Mais descobrimos do q̄ humano sprito  
Desejou nunca, & bem se manifesta  
Que sam grandes as coufas, & excellêtes  
Que o mûdo encobre aos homês impru-  
(dêtes.

70 Sigamos estas nimphas, & vejamos,  
Se fantasticas sam, se verdadeiras,  
Isto dito, veloces mais que Gamos,  
Se lanção a correr pellas ribeiras:  
Fugindo as ninfasvão por étre os ramos  
Mas mais industriosas que ligeiras,  
Pouco & pouco surrindo, & gritos dão  
Se deixão yr dos galgos alcançando.

Qual

Qual cão de caçador, sagaz & ardido 71  
 Vísado a tomar na agoa a aue ferida,  
 Vendo rosto o ferreo çano erguido,  
 Pera a Garcenha, ou pata conhecida,  
 Antes que soe o estouro, mal sofrido  
 Salta nagoa, & da presa não duuîda,  
 Nadando vai, & latindo, así o mancebo  
 Remete â q̃ não era irmãa de †Phebo.

† Porque não era Diana, posto que andassem co-  
 mo caçadoras.

Leonardo soldado bem desposto, 72  
 Manhofo, caualleiro, & namorado,  
 A quem amor não dera hum so desgosto  
 Mas sempre fora delle maltratado:  
 E tinha ja por firme propoſto  
 Ser com amores mal afortunado,  
 Porem não que perdesse a esperança,  
 De inda poder seu fado ter mudança.

Quis aqui sua ventura que corria 73  
 A pos Ephyre, exemplo de belleza,  
 Que mais caro que as outras dar queria,  
 O que deu pera darſe a natureza,

Ia cansado correndo lhe dizia,  
 O fermosura indigna de Aspereza,  
 Pois desta vida te concedo a palma,  
 Espera hũ corpo de quem leuas a alma.

\* *Ephire Nimpha, filha do Oceano.*

74 Todas de correr cansam, Nimpha pura,  
 Rendendose à vontade do enemigo,  
 Tu so de mi so foges na espessura?  
 Quem te disse que eu era o que te figo?  
 Se to tem dito ja aquella ventura,  
 Que é toda a parte sempre anda comigo  
 O não a creas, porque eu quando a cria,  
 Mil vezes cada hora me mentia.

75 O não me fujas, alsi nunca o breue  
 Tempo fuja de tua fermosura,  
 Que so com refrear o passo leue,  
 Vencerâs da fortuna a força dura,  
 Que Emperador, que exercito se atreue,  
 A quebrantar a furia da ventura,  
 Que em quáto desejei me vai seguindo,  
 O que tu so faras não me fugindo?

Pões te dá parte da desdita minha? 76  
 Fraqueza he dar ajuda ao mais potente,  
 Leuas me hum coração que liure tinha?  
 Soltamo, & correras mais leuemente:  
 Não te carrega assá alma tão mezquinha,  
 Que nesses fios de ouro reluzente  
 Atada leuas? ou despois de presa  
 Lhe mudaste a ventura, & menos pesa?

Nesta esperança so te vou seguindo, 77  
 Que ou tu não sofrerás o peso della,  
 Ou na virtude de teu gesto lindo,  
 Lhe mudarás a triste & dura estrella,  
 E se se lhe mudar, não vas fugindo,  
 Que amor te ferirá, gentil donzella,  
 E tu me esperarás, se amor te fere,  
 E se me esperas, não ha mais que espere.

Ia não fugia a bella nimpha, tanto 78  
 Por se dar cara ao triste que a seguia,  
 Como por ir ouuindo o doce canto,  
 As namoradas magoas que dizia:  
 Mouida em fim do amoroso pranto  
 Toda banhada em riso, & alegria,  
 Cair se deixa aos pés do vencedor,  
 Que todo se desfaz em puro amor.

79 Destarte em fim conformes ja as fermosas  
 Nymphas,cos seus amados nauegantes,  
 Os ornão de capellas deleitosas,  
 De louro, & de ouro, e flores abúndantes;  
 As mãos aluas lhe dauão como esposas  
 Com palauras formaes, & stipulantes,  
 Se prometem eterna companhia  
 Em vida & morte, de honra & alegria.

*Tbetis.*

80 Hũa dellas maior, a quem se humilla  
 Todo o coro das nymphas, & obedece,  
 Que dizem ser de Celo, & Vesta filha,  
 O que no gesto bello se parece,  
 Enchêdo a terra, & o mar de marauilha,  
 O capitão illustre que o merece,  
 Recebe ali com pompa honesta & Regia,  
 Mostrandose senhora grande, & egregia.

81 Que depois de lhe ter dito quem era,  
 Cum alto exordio de alta graça ornado  
 Dandolhe a entender que ali viera  
 Por alta influença do immobil fado,  
 Pera lhe descobrir da vnida esphera,  
 Da terra immêsa, & mar não nauegado,  
 Os segredos por alta prophesia,  
 O que esta sua nação so merecia.

Tomando

Tomandoo pella mão a leua & guia 82  
 Pera o cume dum monte alto, & dino  
 No qual hũa rica fabrica se erguia,  
 De crystal toda, & de ouro puro, & fino:  
 A maior parte aquí passam do dia  
 Em doces jogos, & em prazer contino,  
 Ella nos paços logra seus amores,  
 As outras pellas sombras entre as flores.

Assi a fermosa, & a forte companhia, 83  
 O dia quasi todo estão passando,  
 Nũa alma doce, incognita alegria,  
 Os trabalhos tão longos compensando:  
 Porque dos feitos grandes da ousadia  
 Forte, & famosa, o múdo está guardando  
 O premio la no fim bem merecido,  
 Com fama grãde, & nome alto & subido.

Que as Nimphas do Oceano tão fermosas 84  
 Thetis & a Ilha angelica pintada,  
 Outra cousa não he, que as deleitosas  
 Honras, que a vida fazem sublimada:  
 Aquellas preminencias gloriosas,  
 Os triumphos, a fronte coroada  
 De Palma, & Louro, a gloria & maraui-  
 † Estes são os deleites desta ilha. (Iha.

*Declara o sentido que tem os passatempos da Ilha,  
q̄ debaixo de metaphora poeticamente pintou.*

85 **Q**ue as immortalidades que fingia  
A antiguedade, que os illustres ama,  
La no estellante Olimpo a quem subia,  
Sobre as asas inclitas da Fama,  
Por obras valerosas que fazia,  
Pello trabalho immenso, que se chama,  
Caminho da virtude alto & fragoso:  
Mas no fim doce, alegre, & delectoso.

86 Não erão senão premios, que reparte  
Por feitos immortaes & soberanos,  
O múdo, cos varões, que esforço & arte  
Diuinos os fizerão sendo humanos:  
Que Iupiter, Mercurio, Febo, & Marte,  
Eneas, & † Quirino, & os dous\* Tebanos  
Ceres, Palas, & Iuno, com Diana,  
Todos forão de fraca carne humana.

† *Quirino se chamou Romulo fundador de Roma:  
Chamouse Quirino, de quiri lança, da qual vsaua,  
porque quiris em lingua dos Sabinos quer dizer lâ  
ça. Daqui vierão os Quirites, Senadores Romanos.*

\* *Hercules & Baco, nacidos em Thebas.*



Mas a fama, trombeta de obras tais, 77  
 Lhe deu no mudo nomes tão estranhos,  
 De altos semideoses immortais  
 Indigetes, Eroicos, & de magnos  
 Por isso, ô vos que as famas estimais,  
 Se quizerdes no mundo iser tamanhos,  
 Despertai ja do sono do oëio tignauo,  
 Que o animo de liure faz escrauo.

\* *Que faz os homẽs ignauos & couardos.*

E ponde na cobiça hum freio duro, 78  
 E na ambição també, que indignamente  
 Tomais mil vezes, & no torpe, & escuro  
 Vicio da tyrania infame, & vrgente:  
 Porq̃ essas honras vaãs, esse ouro puro,  
 Verdadeiro valor não dão â gente:  
 Melhor he mercellos sem os ter,  
 Que possuillos sem os merecer.

Ou day na paz as leis iguaes constantes, 79  
 Que aos grâdes não dê o dos pequenos,  
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,  
 Contra a lei dos imigos Sarracenos,  
 Fareis os Reinos grandes, & possantes  
 E todos tereis mais, & nenhum menos,  
 Possuireis

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Possuireis riquezas merecidas,  
Com honras que illustrão tâto as vidas.

90 E fareis claro o Rei, que tanto amais,  
Agora cos conselhos bem cuidados,  
Agora co as espadas, que immortais  
Vos forão, como os vossos ja passados:  
Impossibilidades não façais, (dos  
Que quem quis sempre pode: & numera  
Sereis entre os Heroes etelarecidos,  
E nesta Ilha de Venus recebidos,

F I M.



Neste


 NESTE CANTO DECIMO

& vltimo, se referem os deleites & passatempos,  
 que os Portugueses tiuerão na Ilha de S. Heiena,  
 pellos quaes se entende as bonras & remunerações  
 de seus trabalhos. Conta sumariamente as cousas  
 da India, & os Visoreis que succederão. Des-  
 creue todas as partes da India,  
 que os Portugueses  
 descobrirão.


 CANTO DECIMO.



AS IA O CLARO <sup>1</sup>  
 †amador da Larisea  
 Adultera, inclinava os \*a-  
 nimaes,  
 La pera o grãde †lago que  
 rodea

Temistitão nos fins Occidentaes:  
 O grande ardor do Sol Fauonio enfrea,  
 Co sopro, que nos \*tanques naturaes  
 Encrespa a agoa serena, & despertaua,  
 Os Lirios, & Iazmins, q̃ a calma agraua.

Fingem

Os Lusíadas de Luis de Camões.

† Fingem os Poetas, que quando o sol se põe, se vai a meter nos braços de Thetis, a qual chama o Poeta Larisea, porque pario a Achilles em Larissa, e por esta razão chama Virg. a Achilles Lariseo.

\* Os animais chama os cavallo de Phebo.

† O gram lago entende o mar Oceano, nas partes de Noua Espanha, onde está a provincia de Thesmistião.

\* Tanques naturaes, toma pellas alagoas, que naturalmente nace, sem ser fabricadas por industria de homens.

- Quando as fermosas Nymphas cos amâtes  
2 Pella mão ja canformes & contentes,  
Subião pera os paços radiantes,  
E de metais ornados reluzentes:  
Mandados da Rainha, que abundantes,  
Mesas daltos manjares excellentes,  
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza  
Restaurem da cansada natureza.

- Ali em cadeiras ricas crystalinas,  
3 Se assentão dous, & dous, amâte & damã  
Noutras â cabeceira douro finas,  
Estaua coa Rainha o claro Gama:

De igoarias suaues & diuinas,  
 A quem não chega a Egipcia antiga fama  
 Se accumulão os pratos de fuluo ouro  
 Trazidos la do Atlantico tesouro.

Os vinhos odoriferos, que acima 4  
 Estão, não so do Italico †Falerno,  
 Mas da \*Ambrosia, q̄ Ioue tanto estima,  
 Com todo o ajuntamento sempiterno:  
 Nos vasos onde em vão trabalha a lima,  
 Crespas escumas ergué, que no interno  
 Coração mouem subita alegria,  
 Saltando coa mistura dagoa fria.

† Falerno, he bñã Região de Campania em Italia,  
 aonde ha bñs outeiros muito fertiles de vinhas, &  
 por esta razão se toma tambem pello vinho.

\* Ambrosia em Latim quer dizer immortalidade,  
 ou porque os homẽs em quanto ca andão no mundo  
 a não comẽ: ou porque quem a come se faz immor-  
 tal, donde se finge ser mantimento dos Idolos dos  
 Gentios, & Nectar sua bebida, donde se diz. Iu-  
 piter Ambrosia satur est, & Nectare bibit, que  
 quer dizer Iupiter, come da Ambrosia, & bebe de  
 Nectar.

Delica-  
dos.

5 Mil praticas alegres se tocavão,  
Risos doces, lúctis, & argutos ditos,  
Que être hũ e outro májar se leuátavão,  
Despertando os alegres apêtitos,  
Músicos instrumentos não faltavão,  
Quaes no pfundo reino, os nus espiritos  
Fizerão delcançar da eterna pena  
Cúa voz dhúa dulcíssima Syrena.

6 Cantava a bella Nimpha, & os accentos  
Que pellos altos paços vão soando,  
Em consonancia igual, os instrumentos:  
Suaues vem a hum tempo conformádo,  
Hum subito silencio enfrea os ventos,  
E faz yr docemente murmurando  
As agoas, & nas casas † naturaes  
Adormecer os brutos animaes.

† *Podese eutender naturaes aos animaes da terrá,  
ou casas que não forão fabricadas com mãos, como  
sãam as lapas.*

7 Com doce voz estâ subindo ao ceo  
† Altos varões, q̄ estão por vir ao múdo,  
Cujas clavas Ideas vio Protheo,  
Num globo vão, † diafano rotundo,

Que

Que Iupiter em dom lhe concedeo  
 Em sonhos, & despois no reino fundo  
 Vaticinando o disse, & na memoria  
 Recolheo logo a Ninfa a clara historia.

† Finge aqui o Camões, que Protbeo disse a Tethis, a geração que viria dos Portugueses, o que lhe podia dizer quando elle querendo falar no conselho de Neptuno, lhe bradou Tethis, dizendo: Neptus no sabe bem o que mandou. Era este Protbeo sabio, & o que dixeu a Tethis, dizia agora Tethis aos Portugueses.

\* Diafano quer dizer transparente como crystal.

Materia he de †Coturno, & não de \*Soco §  
 A q̄ a nimpha aprendeo no immêso lago:  
 Qual †Yopas não soube, ou \*Demodoco  
 Entre os †Pheaceshú, outro em \*Cartha  
 Aqui minha Caliope te inuoco, (go.  
 Neste trabalho extremo, porq̄ em pago,  
 Me tornes, do q̄ screuo, & é vão pretêdo,  
 O gosto de escreuer, que vou perdendo.

† Coturno era hum calçado, de que se calçauão os que auião de representar algũa Tragedia em voz alta. He hum calçado baixo, mas de tal maneira

feito que podia armar ao pé direito & esquerdo, como cervilhas, algũas vezes se toma pellos chapins, algũas vezes pello que se auia de dizer em voz alta, & porque os da Comedia quanto dizem trazẽ ja estudado, & sabem a materia de que bão de falar, assi Terbis auia de dizer o que timba ja ouvindo a Protheo.

\* Soco, he hũa mançira tambem de calçado, diriguado de sacco, a cuja semelhança era feito: & estas do sobre os pés se trazia: o qual calçado não somente vsauão os que representauão Tragedias, mas tambem as molheres.

\* Topas, cidade maritima de Palestina, a qual dizem algũs que foy a Cidade Real de Cepheo, pae de Andromada. Conta Solino nas Collectan. & Plin. lib. 5. Nat. hist. que foy muito antiga, & das mais antigas do mundo, por pue foy edificada antes do diluio vniversal. Tem hũa pedra aonde está ainda o sinal de Andromada, & de seus vestidos. Outros dizem que he cidade não de Palestina, mas da India, aonde foi Andromada posta a aquelle monstro Marinho, que todos os annos vinha em busca do hũa moça de sangue Real, & Perseo a liureou, dono de Ouidio, lib. 1. de Arte amandi. *Andromaden Perseus nigris portauit ab Indis. Et Sapho ad Pham. Canãida non sum placuit Cepheia Perseo.*  
Andro



*Andromade patrie fusca colore sua. Foy tambem nome de hum Cytharedo em Homero, do qual aqui falla o Camões.*

\* Demodoco nome de hum Cytharedo: compõe se de *Δημος*, que quer dizer pouo, & *Θοις*, que quer dizer estima, quasi estimado pouo.

† Pbeaces sam os pouos de Pbeaça, que está nãa campina, & tem dambas as bandas dous muy altos outeiros, aonde ainda estão fortalezas. Os Pbeaces forão pouos de Corcyra, donde Pbeacia se chamou Corciria, que está nas praias do mar Ionio.

\* Carthago cidade de Aþrica, edificada por Dido depois da destruição de Troia. Ha outra Carthago em Espanha, edificada por Hasdrubal, a qual se chama noua, pera differença da outra d' Africa.

Vão os annos decendo, & ja do † Estio 9  
 Ha pouco que passar ate o Otono,  
 A fortuna me faz o engenho frio,  
 Do qual ja não me jacto nem me abono:  
 Os delgostos me vão leuando ao rio  
 Do negro esquecimento, & eterno sono,  
 Mas tu me da q̄ cumpra, ô grã Rainha,  
 Das Mulas co q̄ quero â nação minha.

† Os antigos repartião o anno em 4. partes. Pri-

Os Lusíadas de Luis de Camões.

mauera, Verão, Estio, & Inuerno. A Primavera,  
era Março, Abril, & Maio. Verão, Junho, Julho,  
Agosto. Estio, Setembro, Outubro, Novembro. O  
Inuerno, Dezembro, Janeiro, Fevereiro. Outros o  
repartião em Verão, Outono, Estio, & Inuerno.

20 Cantaua a bella Tethis, que virião  
Do Tejo, pello mar que o Gama abrira,  
Armadas que as ribeiras vencerião,  
Por onde o Oceano Indico sospira:  
E que os gentios Reis, que não darião  
A cerviz sua ao jugo, o ferro & yra  
Prouarião do braço duro & forte,  
Ate renderse a elle, ou logo à morte.

21 Cantaua †dhum que tem nos Malabares  
Entre todos a Regia dignidade,  
Que so por não quebrar cos singulares  
Barões, os nós que dera damizade,  
Sofrerá suas cidades & lugares,  
Com ferro, incendios, ira, & crueldade,  
Ver destruyr do Samorim potente:  
Que tais odios terá coa noua gente.

† Rei de Cochim, o qual se vio quasi destruido por  
defender hús Portugueses, q̄ lbe o Samorim pedia.

E canta

E canta como la se embarcaria

12

Em Bellem o remedio deste dano,  
Sem saber o que em si ao mar traria

¶ O gran Pacheco, Achilles Lusitano:

O peso sentirão, quando entraria  
O curuo lenho, & o feruido Oceano,

Quádo mais nagoa os troncos q̄ gemerẽ,  
Contra sua natureza se meterem.

¶ Duarte Pacheco, que sete vezes destruyo ao Samorim, ora por mar, ora por terra, & ora por mar & terra.

Mas ja chegado aos fins Orientais,

13

E deixado em ajuda do Gentio  
Rei de Cochim, com poucos naturais,

Nos braços do salgado & curuo rio,

Desbaratarã os Naires infernais

No passo Cambalão, tornando frio

Despanto o ardor immenso do Oriente,

Que vera tão obrar tão pouca gente.

Chamarã o Samori mais gente noua:

14

Virão Reis de ¶ Bipur, & de Tânor,

Das terras de Narlinga, que alta proua

Estarão prometendo a seu senhor:

Os Lusíadas de Luís de Camões.

Fara que todo o Naire em fim se moua;  
Que entre Calecû jaz, & \*Cananor,  
Dambas as leis inimigas, pera a guerra,  
Mouros por mar, Gentios polla terra.

*\* Bipur, & Tânor, fortalezas da costa do Malabar.*

*\* Abaixo de Calycû, 40. legoas de Cochim.*

15 E todos outra vez desbaratando  
Por terra & mar, o grã Pacheco ousado,  
A grande multidão que irã matando,  
A todo o Malabar terá admirado:  
Cometerã outra vez não dilatando  
O gentio os combates apressado,  
Injuriãdo os seus, fazendo votos  
Aos Idolos seus vãos, surdos, e immotos.

16 Ia não defendera samente os passos,  
Mas queimarlheha lugares, tēplos, casas,  
Aceso de ira o cão, não vendo lassos  
Aquelles que as cidades fazem rasas,  
Fara que os seus de vida pouco escassos,  
Cometão o Pacheco que tem asas  
Por dous passos num tempo, mas voãdo  
Dhú noutro, tudo irã desbaratando.

Virá o Samorim porque em pessoa 17  
 Veja a batalha, e os seus esforce, e anime  
 † Mas hum tiro que con zonido voa,  
 De fangue o tingirá no andor sublime:  
 Ia não verá remedio, ou manha boa,  
 Nem força, que o Pacheco muito estime,  
 Inuentará treições, & váos venenos,  
 Mas sempre (o ceo querêdo) fará menos.

† Diz isto, porque conbecêdo Duarte Pacheco o Samori, lhe atirou, & lhe matou hũ negro, q̃ lhe estava dobrando a folha do Bryto, & elle a comia, & co sangue o tingio.

Que tornarà a vez septima, cantana 18  
 Pelejar co inuict) & forte Luso,  
 A quem nenhũ trabalho pesa, & agrava,  
 Mas com tudo este so o fara confuso:  
 Trará pera a batallha horrêda & braua,  
 † Machinas de madeiros fora de vso,  
 Pera lhe abalroal as Carauellas,  
 Que ateli vão lhe fora cometellas.

† Porq̃ fez o Samori hũs castellos de madeira, que vinbão pello mar, contra o Pacheco.

19 Pella agoa leuará †ferras de fogo  
 Pera abrasarlhe quanta armada tenha,  
 Mas a militar arte, & engenho, logo  
 Fara ser váa a braueza com que venha:  
 Nenhum claro barão no Martio jogo,  
 Que nas asas da Fama se sostenha,  
 Chega a este, que a palma a todos toma,  
 E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma.

† Porque tambem leuava diante lñas jangadas de fogo.

20 Porque tantas batalhas sostentadas  
 Com muito pouco mais de cé soldados,  
 Com tantas manhas & artes inuentadas  
 Tantos cães não †imbelles profligados:  
 Ou parecerão fabulas sonhadas,  
 Ou que os celestes Coros inuocados  
 Decerão a ajudallo, & lhe darão  
 Esforço, força, ardil, & coração.

† Imbelles quer dizer homem que não be pera guer  
 ra; & não imbelles, quer dizer homem esforçado.

21 Aquelle que nos campos †Maratonios  
 O gran poder de Dario estrue, & rende,  
 Ou

Ou quem có quatro mil Lacedemonios  
 O passo de †Termopilas defende,  
 Nem o mancebo \*Cocles dos Ausonios,  
 Que com todo o poder †Tusco cõtende  
 En defensa da pôte, ou \*Quinto Fabio,  
 Foy como este na guerra forte & sabio.

† Campos Maratonios sam os campos de Maraton campo de Attica, ou cidade que está de Athenas tres legoas & hum terço, pouco mais ou menos. He muy nomeado campo, pella morte del Rei Icaro, q̄ aqui foy morto, & pella victoria que ouue Theseo do vencimento do Touro. Tambem pella honra q̄ nelle ganhou Melciade, quando desbaratou cem mil bomens do exercito de Dario Rei dos Persas.

\* Termopylas he hum monte muito grande, o qual começa de Leucade contra o Oriente, & metese no mar Egeo, não longe de Demetriades. Tem as bocas muito largas, & as agoas quentissimas, & por isto tomou o nome de Termopylas, porque em Grego Termo, quer dizer quente, & Pylon, porta, ou boca: mais nomeado monte pella morte dos Lacedemonis contra os Persas, que pella pelleja que nelle tiuerão.

† Cocles quer dizer torto dum olho, entende Hannibal capitão Carthagines, que andou catado e an-

Os Lusíadas de Luis de Camões.

nos destruindo toda Italia, & desbaratando muitos exercitos dos Romanos, & era torto dum olbo, que o perdeu ao passar dos Alpes Vendo-se cercado depois da gente de Quinto Fabio, que tinha posta muita gente na boca do Tusco, & elle não podendo passar, tomou muitos bois de noite, & acendeolhe muita palha nos Cornos, & soltandoos, maravilhados os de Quinto Fabio Maximo, fugirão do fogo que trazão os bois, não entendendo o que era, & assi escapou Hanibal desta.

† Tusco, cidade de Italia, chamada assi, porque tinha a entrada mui difficultosa, porque Tusculum em Grego quer dizer cousa que cansa, porque esta ua sobre hum monte muito alto & fragofo.

\* Quinto Fabio Maximo, dictador dos Romanos, o qual andou sempre payrando a Hanibal, sem nunca lhe querer dar batalha cūpal, & com isto o pos em grande aperto

- 22 Mas neste tempo a Nimpha o som canora  
Abaxando, fez ronco, & entresticido,  
Cantado em baxavoz enuolta em choro  
O grande esforço mal agradecido,  
† O Belisario disse, que no coro  
Das Musas seras sempre engrandecido,  
Se em ti viste abatido o brauo marte,  
Aqui tés com quem possas consolarte.



† Faz comparação dos desagardecimētos de Duarte Pacheco, & pouco galardão q̄ lhe derão, com o capitão Belisario, o qual foy hum famoso capitão Imperador Iustiniano de Constantinopla, o qual venceo os Persas, & os Affricanos sendo rebelados & a toda Italia, que tãbem se auia rebelado, & outras espantosas, que na sua historia se contão, & despois por enueja, em lugar de galardão, foy desterrado, & morreo em suma pobreza. E o mesmo aconteceo ao Pacheco que em lugar do galardão q̄ tais feitos mereciã, por enueja dos grandes do Reino, o ordenarão capitão da fortaleza da Mina, peva ali lhe empecerem, & assi foy, que logo lhe leuãtarão que roubaua a fazenda del Rey, pello que o mandarão vir preso, & veo ter a Buarcos, & dahi o trouxerão preso em ferros, em bũa besta de albarda.

Aqui tês companheiri o, assi nos feitos,  
 Como no galardão injusto & duro,  
 Em ti & nelle veremos altos peitos,  
 A baixo estado vir, humilde & escuro:  
 Morrer nos hospitaes em pobres leitos,  
 Os q̄ ao Rei, & â lei seruem de muro,  
 Isto fazem os Reis, cuja vontade  
 Mada mais q̄ a justiça, & que a verdade.

- 24 Isto fazem os Reis quando embebidos  
Nua apparencia branda, que os contenta,  
Dão os premios de † Aiace merecidos,  
Aa lingua vãa de Vlisses fraudalenta:  
Mas vingome que os bês mal repartidos  
Por quem so doces sombras apresenta,  
Se não os dão a sabios caualeiros,  
Dãos logo a quarentos lisongeiros.

† Aiace segundo conta Ouid lib. 13. dos Metamop. contendeo com Vlyxes sobre as armas de Achylles pae de Aiace, quem auia de leuallas. Vlyxes como fosse sagaz, prudente, & de muitas razões, com ellas roubou a razão & direito que tinha Aiace nas ditas armas: o que quer aqui mostrar o Camões, dando a entender, que pera despacho do Rei mais valem a derencias que seruiços.

- 25 Mas eis outro cantaua, intitulado  
Vem co nome real, & traz consigo  
O filho, que no mar sera illustrado  
Tanto como qualquer Romano antigo;  
Ambos darão com braço forte armado,  
A Quiloa fertil aspero castigo,  
Fazendo nella Rei leal, & humano,  
Deitando fora o perfido Tirano,

Tambem farão Mombaça, que se arrea 26  
 De casas sumptuosas, & edificios,  
 Co ferro, & fogo seu, queimada, & fea,  
 Em pago dos passados maleficios:  
 Despois na costa da India, andando chea  
 De lenhos enemigos, & artificios,  
 Contra os Lusos: com vellas, & cõ remos  
 O mancebo Lourenço fara estremos.

Das grandes naos do Samori potente, 27  
 Qu'encherão todo o mar coa ferrea pela  
 Que sae com trouão do cobre ardente,  
 Fara pedaços leme, masto, & vela,  
 Despois lauçando <sup>†</sup>arpeos oufadamente  
 Na capitaina immiga: dentro nella  
 Saltando, a farã so com lança, & espada,  
 De quatrocentos Mouros despejada.

*† Arpeos sam bũas varas grossas & compridas, cõ  
 hum gancho de ferro no cabo, com que bũa nao  
 tem mão na outra.*

Mas de Deos a escondida prouidencia, 28  
 Que ella so sabe o bem de que se serue,  
 O porã onde esforço, nem prudencia  
 Poderã auer, que a vida lhe reserue:

Em

Os Lusíadas de Luís de Camões.  
Em Chaul, onde & sangue & resistenciã,  
O mar todo com fogo & ferro ferue,  
Lhe farão que com vida se não saya  
As armadas de Egipto, & de Cambaya.

- 29 Ali o poder de muitos inimigos  
Que o grande esforço so cõ força rende,  
Os ventos que faltárão, & os perigos  
Do mar, que sobejárão, tudo o offende:  
Aqui resurjão todos os antigos,  
A ver o nobre ardor que aqui se aprêde,  
Outro † Sceua verão, que espedaçado  
Não sabe ser rendido, nem domado.

† Sceua foy hum Romano, capitão de hũa fortaleza, do qual escreue Suctonio, in Cæsa. Este teve tão grande animo, & esforço, que num cõbate que derão os inimigos ao seu castello, estando nelle cercado, tendo ja perdido hum olho na briga, & com hũa estocada na virilha, & o escudo ja quebrado, & pello corpo cento & vinte feridas, nunca quis renderse, assi guardou o castello.

- 30 Com toda hũa coxa fora, que em pedaços  
Lhe leua hum cego tiro, que passara,

Se ferue inda dos animosos braços,  
 E do gran coração que lhe ficara:  
 Ate que outro pilouro quebra os laços  
 Com que coa alma o corpo se liara,  
 Ella solta voou da prisão fora,  
 Onde subito se cha vencedora.

Vaite alma em paz da guerra turbulenta, 31  
 Na qual tu mereceste paz serena,  
 Que o corpo q̄ em pedaços se apresenta  
 Quem o gercu vingança ja lhe ordena:  
 Que eu ouço retumbar a gran torméta,  
 Que vem ja dar a dura, & eterna pena,  
 De Esperas, Basiliscos, & trabucos  
 A Cambaicos crueis, & Mamelucos.

Eis vem o pae com animo estupendo 32  
 Trazendo furia & magoa por antolhos,  
 Com q̄ o paterno amor lhe está mouêdo  
 Fogo no coração, agoa nos olhos,  
 A nobre ira lhe vinha prometendo  
 Que o sangue fara dar pellos gíolhos  
 Nas inimigas naos, sentiloha o Nylo,  
 Podeloha o Indo ver, & o Gáge ouuilo.  
 O Indo

† O Indo diuide o Reino de Cambaia da India, &  
o Gange está no Reino de Bengala, que he da ou-  
tra parte da India ao Levante. E diz que o sin-  
tira ouuilo, porque rega o Egipto, donde vierão os  
Rumes fazer a guerra aos Portugueses.

- 33 Qual o Touro cioso, que se ensayá  
Pera a crua pelleja, os cornos tenta  
No tronco dum carualho, ou alta Faya;  
E o ar ferindo, as forças esprimenta:  
Tal, antes que no seyo de Cambaia  
Entre Francisco irado na opulenta  
Cidade de Dabul, a espada afia,  
Abaxandolhe a tumida †oufadia.

† Tumida quer dizer inchada, tomase pello sober-  
bo, porque o soberbo parece que cõ vaidade incha.

- 34 E logo entrando fero na enseada  
- De Dio, illustre em cercos & batalhas,  
Fara espalhar a fraca & grande armada,  
- De Calecu, que remos tem por malhas:  
A de Melique Yaz acautelada,  
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,  
†Fara yr ver o frio & fundo assento,  
Secreto leito do humido elemento.

† Diz isto pollas naos que dom Francisco meteo  
no fundo.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando, 35  
A furia esperarâ dos vingadores,  
Verâ braços & pernas ir nadando,  
Sem corpos, pello mar, de seus senhores,  
Raios de fogo irão representando,  
No cego ardor os brauos domadores,  
Quanto alli sentirão olhos & ouvidos,  
E fumo, ferro, flamas, & alaridos.

Mas ah, que desta prospera victoria, 36  
Com que despois virâ ao patrio Tejo,  
Quasi lhe roubarâ a famosa gloria  
Hum successo que triste & negro vejo,  
† O Cabo Tormentorio, que a memoria  
Cos ossos guardará: não terá pejo  
De tirar deste mundo aquelle espirito,  
Que não tirarão toda a India, & Egito.  
† Vindo dom Francisco da India, sayo na terra do  
Natal, que he junto do Cabo de Boa esperança,  
& sobre tomar agoa, foy alli morto pellos Cafres.

Ali Cafres seluagês poderão, 37  
O que destros imigos não podêrão,

Os Lusíadas de Luís de Camões.

E rudos paos tostados fos farão,  
O que arcos & pelouros não fezerão,  
Occultos os juizos de Deos sam,  
As gétes vaás que não nos entenderão,  
Chamãolhe fado mau, fortuna escura,  
Sendo fo providencia de Deos pura,

Boa sen-  
tença.

38 Mas ô que luz tamanha que abrir sinto,  
Dezia a Ninfa, & a voz alevantava,  
La no mar de Melinde em sangue tinto,  
Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua:  
Pello Cunha tambem, que nũa extinto  
Sera seu nome, em todo o mar que lava  
As ilhas do Austro, & praias, q se chamão  
De S. Loureço, & é todo o Sul se afamão

39 Esta luz he do fogo, & das luzentes  
Armas, cõ q Alboquerque irá amásando  
D'Ormuz os Parseos, por seu mal valêtes  
Que refusão o jugo honroso, & brandos:  
Ali verão as setas estridentes  
Reciprocarse, a ponta no ar virando,  
Contra quem as tirou, que Deos peleja  
Por quem estende a fe da madre igreja,  
Porque milagrosamente se virauão as setas que os  
Mouros atirauão contra elles mesmos.



† Ali do sal os montes não defendem 40  
 De corrupção os corpos no comabte,  
 Que mortos pella praia, & mar se tendê  
 De Gerum, de Mazcate, & Calayate:  
 Ate que a força so de braço aprendem  
 A abaxar a cerviz, onde se lhe ate  
 Obrigação de dar o Reino inico  
 Das pedras de Barem, tributo rico.

† Ali entende Ormuz, a qual he tão quente que  
 não se pode valer nella os moradores cõ calma, se-  
 não metidos em tinhas de agoa, & he tanto o sal q̃  
 nella nasce, que das paredes das casas se tira. E desta  
 victoria de que aqui falla morrerão tantos, que o  
 mar se tornou vermelho.

Que gloriosas palmas tecer vejo, 41  
 Com que victoria a fronte lhe cofoa,  
 Quando se sombra vâa de medo ou pejo  
 Toma a ilha illustrissima de Goa:  
 † Depois obedecendo ao duro ensejo  
 A deixá, & occasião espera boa,  
 Com q̃ a torne a tomar, q̃ esforço, & arte  
 Vêcerão a fortuna, & o proprio Marte.

† Diz isto, porque duas vezes foy tomada aos  
 Mouros.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

- 42 Eis ja sobrella torna, & vai rompendo  
Por muros, fogos, lanças, & pilouros,  
Abrindo có a espada o espesso, e horrêdo  
Esquadrão de Gentios, & de Mouros:  
Irão soldados inclitos fazendo  
Mais que Liões famelicos, & Touros,  
Na luz que sempre celebrada & dina,  
Sera † da Egipcia sancta Catherina.

† Diz isto, porque foy tomada Goa a segunda vez em dia de Sancta Catherina, em cuja memoria todos os annos neste dia se guarda, & se faz hũa procissão muito solemne, como a do Corpo de Deos.

- 43 Nem tu menos fugir poderas deste,  
Posto que rica, & posto que assentada,  
La no meio da Aurora, onde nasceste,  
Opulenta Malaca, nomeada:  
As † setas venenosas que fizeste,  
Os \* Crises com que ja te vejo armada,  
† Malaios namorados, Iaos valentes,  
Todos faras ao Luso obedientes.

† Setas eruadas, que os Iaos costumão.

\* Crizes são hũas armas de que usam os Iaos, e manbas como adagas, mas colombrinas. São eruadas,

das, & muito danosas, & antrelles sam de muita estima.

† Malayos sam pouos da Iaoa, & nenhum epytheo lhe podia dar melhor; que chamallos namorados, porque não ha nação nenbūa mais namorada que elles. Estes vierão com grande armada a restituir Malaca, contra os Portugueses, & forão desbaratados.

Mais estanças cantâra esta † Sirena

44

Em louuor do illustrissimo Alboqrque,  
Mas alêbroulhe hūa ira que o condena,  
Posto que a fama sua o mundo cerque:  
O grande capitão, que o fado ordena  
Que cō trabalhos gloria eterna merque,  
Mais ha de ser hum brádo companheiro  
Pera os seus, que juiz cruel, & inteiro.

† Chama Syrena a Tbethys, porque tinba agora o officio das tres Syrenas do mar de Sicilia, que tangião, & cantauão vnicamente.

Mas em tempo que fomes & asperezas  
Doenças, frechas, & trouões ardentes,  
A sãzão, & o lugar fazem cruezas  
Nos foldados a todo obedientes;

45

Os Lusíadas De Luis de Camões,  
Parece de selvaticas brutezas,  
De peitos inhumanos & insolentes,  
Dar extremo suplicio pella culpa  
q̃ a fraca humanidade & amor desculpa.

46 Não fera a culpa abominoso incesto  
Nem violento stupro em virgem pura,  
Nem menos adulterio desonesto,  
Mas cūa escraua vil, lasciua, & escura:  
Se o peito ou de cioso, ou de modesto,  
Ou de ysado a crueza fera & dura,  
Cos seus hũa ira insana não refrea,  
Põe na fama alua noda negra & fea.

47 Vio † Alexandre Apeles namorado  
Da sua Campaspe, & deulha alegremete,  
Não sendo seu soldado esperimentado,  
Nem vendole num cerco duro & vrgēte:  
Sentio Cyro que andaua ja abrasado  
Araspas de \*Pantea em fogo ardente,  
Que elle tomara em guarda, & prometia  
Que nenhum mau desejo o venceria.

† Appelles he nome de hum pintor excellentissimo,  
natural de Coi, em seu tempo nem dantes ouue  
quem lhe igoalasse. Pintou a figura de Venus, &  
nãõ

não quis acaballa de todo, despois não ouue quem  
ousasse porlbe mão. Alexandre Macedone não  
quis consentir que fosse seu retrato tirado senão  
por este appelles.

\* Pantbea foi molher de Abradotes almocreue de  
Susio, foy castiſſima tendoa em seus paços Cyro,  
porque com quanto foy cometida, nunca ja a pude  
rão mouer.

Mas vendo o illustre Persa, que vencido 48  
Fora de amor, q̄ em fim não té defenſa,  
Leuemente o perdoa, & foy seruido  
Delle num caso grande em recompensa.  
Por força de Iudita foi marido  
O ferreo Balduino, mas dispensa  
Carlos pai della, posto em cousas grãdes,  
Que viua, & pouoador seja em Frãdes.

Mas profeguindo a Nimpha o longo cãto, 49  
De Soarez cantaua, que as bandeiras  
Faria tremolar, & por espanto,  
Pellas roxas Arabicas ribeiras:  
Medina abominabil teme tanto,  
Quando Meca, & Gidã, coas derradeiras  
Praias de Abasia: Barborã se teme,  
Do mal de que o Emporio Zeila geme.

Os Lusíadas de Luis de Camões,

50 A nobre ilha também de Taprobana,

Ceilão.

Ja pello nome antigo tão fermosa,

Quanto agora soberba, & soberana,

A çanela

Pella Cortiça calida cheirosa,

Della darâ tributo â Lusitana

Bandeira, quando exelza, & gloriosa

Vencendo se erguerâ na torre erguida,

Fortale-

Em Columbo, dos proprios tão temida.

za de Cei

lão.

51 Também Sequeira as ondas Eritreas

Diuidindo abrirâ nouo caminho,

Pera ti grande Imperio, que te arreas

Partos.

De seres de Candace, & Sabâ ninho:

Maçua com cisternas de agoa cheas

Verâ, & o porto Arquico ali vezinho,

E farâ descobrir remotas ilhas,

Que dão ao mundo novas maravilhas.

52 Virâ despois Meneses, cujo ferro

Mais na Africa, que cá terâ prouado:

Castigara de Ormuz soberba o erro,

Com lhe fazer tributo dar dobrado:

Tambem tu Gama, em pago do desterro

Em que estâs, & serâs inda tornado,

Cos titulos de Conde, & dhóras nobres,

Virâs mandar a terra que descobres.

° Diz *Tbetis* ao *Gama*, que ha de torna a governar a *India*, com titulo de *Conde*, porq̃ o fez el *Rei* *Conde*. Tomase aqui a palaura *Virás*, por seus descendentes, que governarão a *India*.

Mas aquella fatal necessidade, 53

De qué ninguê se exime dos humanos,  
 Illustrado coa Regia dignidade,  
 Te tirará do mundo, & ieus enganós:  
 Outro *Meneses* logo, cuja idade  
 He maior na prudencia que nos annos,  
 Governará, & fara o ditoso *Henrique*,  
 Que perpetua memoria delle fique.

Não vécerá samente os *Malabares*, 54  
 Destruindo *Panane*, com *Coulete*, *Fortale-*  
 Cometendo as bombardas, que nos ares *zas*.  
 Se vingão fo do peito que as comete:  
 Mas com virtudes certo singulares  
 Vence os inimigos dalma todos sete,  
 De cobiça triumphá, & incontinencia,  
 Que em tal idade he suma de excellência.

Mas depois que as estrellas o chamarem, 55  
 Succederás, ô forte <sup>†</sup>*Mazcarenhas*,

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
E se injustos o mando te tomarem,  
Prometote que fama eterna tenhas  
Pera teus inimigos confessarem  
Teu valor alto, o fado quer que venhas  
A mandar, mais de palmas coroado,  
Que de fortuna justa acompanhado.

† Dom Pedro Mascarenhas não governou mais de seis meses, & passando a terra firme, quando tornou veio doente de camaras, da qual enfermidade morreo.

56 No Reino de †Bintão, que tantos danos  
Terá a Malaca muito tempo feitos,  
Num so dia as injurias de mil annos  
Vingarás, co valor de illustres peitos,  
Trabalhos & perigos inhumanos,  
\* Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,  
Tranqueiras, baluartes, lanças, setas,  
Tudo fico que rompas & sometas.

† O Reido de Bintão, he terra firme de Malaca.

\* Os abrolhos são de pontas trianguladas, de ferro. Lançãose no chão encubertos nos passos estreitos, pera que os inimigos de metão por elles. Destes usam muito or jaos.



Mas na India cubiça & ambição, 57  
 Que claramente põe aberto o rosto  
 Contra Deos, & justiça, te farão  
 Vituperio nenhum, mas so desgosto:  
 Quem faz injuria vil, & sem rezão  
 Com forças & poder, em que está posto,  
 Não vence, que a vitória verdadeira,  
 He saber ter justiça nua, & inteira.

Mas com tudo não nego que Sampaio 58  
 Serà no esforço illustre, & assinalado,  
 Mostrandose no mar hum fero rayo,  
 Que de inimigos vil verà qualhado:  
 Em Bacanôr fara cruel ensayo  
 No Malabar, pera que amedrontado  
 Depois a ser vencido delle venha  
 Cutiãle, com quanta armada tenha.

Capitã  
 dos Ma  
 labares

E não menos de Dio a fera frota  
 Que Chaul temerã de grande & ousada, 59  
 Fara coa vista so perdida & rota,  
 Por Hector da Silueira, & destroçada:  
 Por Hector Portugues, de quem se nota  
 Que na costa Cambaica sempre armada,  
 Serã aos \*Guzarates tanto dano,  
 Quanto ja foy aos Gregos o \*Troiano.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

† Guzarates sam ponos de Cābaya, homēs muito ricos, & de grande trato na India.

\* Entende Hectór, que saindo soo fazia fugir todos os Gregos.

60 A Sampaio feroz succederà

Cunha, que longo tempo tem o leme,

De † Chale as torres altas erguerà,

Em quanto Dio illustre d'elle treme,

O forte \* Baçaím se lhe darà,

Não sem sangue porem, que nelle geme,

† Melique, porque a força so de espada

A tranqueira soberba ve tomada.

† Chale, fortaleza do Malabar.

\* Baçaím, cidade do Norte, doze legoas de Chaul.

† Mellique Rey das terras que confinão cō Chaul.

61 Tras este vem Noronha, cujo auspicio

De Dio os Rumes fortes afugenta,

Dio, que o peito & bellico exercicio

De Antonio da Silueira bem sustenta:

Farà è Noronha a morte, o vsado officio,

Quando hũ teu ramo, ô Gama, se esprimê

No gouerno do Imperio, cujo zelo (ta

Com medo o roxo mar farà amarelo.

Das mãos do teu Esteuão vem tomar 62  
 As redeas hum que ja sera illustrado,  
 No Brasil, com vencer & castigar,  
 O pyrata Frances ao mar vsado:  
 Depois Capitão môr do Indico mar,  
 O muro de Dâmão, soberbo, & armado,  
 Escala, & primeiro entra a porta aberta,  
 Que fogo & frechas mil terão cuberta.

A este o Rei Cambaico soberbissimo 63  
 Fortaleza dará na rica Dio,  
 Porque contra o Mogor poderosissimo  
 Lhe ajude a defender o senhorio:  
 Depois irá co peito esforçadissimo  
 A tolher que não passe o Rei gentio 1  
 De Calecu, que alsi com quantos veio,  
 O fará retirar de sangue cheio.

Destruirá a cidade Repelim, 64  
 Pondo o seu Rei com muitos em fugida:  
 E depois junto ao Cabo Comorim  
 Hũa façanha faz asclarecida:  
 A frota principal do Samorim,  
 Que destruir o mundo não duuida,  
 Vencerá co furor do ferro & fogo,  
 Em si verá Beadála o Martio jogo.

Tendo

65 Tendo assi limpa a India dos imigos,  
Virá despois com cetro a governala,  
Sem que ache resistencia, nem perigos,  
Que todos tremen d'elle, & nenhum fala:  
Sõ quis provar os asperos castigos

† *Baticalá, que virá ja Readala,*

De sangue & corpos mortos ficou chea,  
E de fogo & trouões desfeita & fea.

† *Baticalá, fortaleza do Malabar, donde vem o arroz.*

66 Este sera Martinho, que de Marté  
O nome tem coas obras diriuado,  
Tâto em armas illustre em toda parte,  
Quanto em cõselho sabio & bê cuidado:  
Sucederlheha ali Castro, que o estádarte  
Portugues terá sempre leuantado,  
Conforme successor ao succedido

† *Que hũ ergue Dio, outro o defêde erguĩ* (do.

† *Dom Ioão de Castro, que defendeo Dio daquelle cerco tão nomeado.*

67 Perlas feroces, Abalsis, & Rumes  
Que trazido de †Roma o nome tem,  
Varios de gestos, varios de costumes,  
Que mil nações ao cerco feras vem,

Farão dos ceos ao mudo váos q̃ixumes,  
 Porque hũs pucos a terra lhe detem,  
 Em sangue Portugues jurão deseridos  
 De banhar os bigodès retorcidos.

*\* Diz isto, porque os Rumes sam chamados pellos  
 Indios Romanos. São estes grandes homẽs de bi-  
 godes retorcidos.*

Basiliscos medonhos & Liões, 68  
 Trabucos feros, minas encubertas,  
 Sustenta Mazcarenhas cos barões,  
 Que tão ledos as mortes tem por certas:  
 Até que nas maiores opressões  
 Castro libertador, fazendo offertas  
 Das vidas de seus filhos, quer que fique  
 Cõ fama eterna, & a Deos se sacrificuem.

Fernando hum delles, ramo da alta prãta, 69  
 Onde o violento fogo com ruido,  
 Em pedaços os muros no ar levanta,  
 Sera ali arrebatado, & ao ceo subido:  
 Alvaro quãdo o inuerno o mudo espãta  
 E tem o caminho humido impedido,  
 Abrindo, vence as ondas, & os perigos,  
 Os ventos, & despois os inimigos.

71 Eis vem despois †o pae, q̃ as ondas corta  
Co restante da gente Lusitana,  
E com força & saber, que mais importa,  
Batalha da felice, & soberana:  
Hús paredes subindo escusam porta,  
Outros a abrem na fera esquadra insana  
Feitos farão tão dinos de memoria,  
Que não caibão em verso, ou larga histo  
(ria.

20 † Dom João de Crasto sabendo da morte dos filhos,  
foy em pessoa a socorrer a Dio.

72: Este despois em campo se apresenta,  
Vencedor forte & intrepido, ao possate  
Rei de Cambaia, & a vista lhe amedrêta,  
Da fera multidão †pradrupedante:  
Não menos suas terras mal sustenta  
O \*Hydalchão, do braço triumphante,  
Que castigando vay Dâbul na costa,  
Nem lhe escapou †Pôdâ no sertão posta.

† Pradrupedante, entende gente de cavallo.

\* O Hydalchão, Rey das terras que confinão com  
Goa.

† Pondâ, cidade do Hydalchão.

Estes & outros barões por varia partes,  
Dinos todos de fama & marauilha:

Fazendose na terra brauos Martes,  
 Viráo lograr os gostos desta Ilha:  
 Varrendo triumphantes estandartes  
 Pellas ondas, que corta a aguda quilha,  
 E acharáo estas nimphas. & estas mesas,  
 q̄ glorias & hōras são d'arduas empresas

Afsi cantaua a Nimpha, & as outras todas 73  
 com sonoro aplauso vozes dauão,  
 Com que festejão as alegres vodas,  
 Que com tanto prazer se celebrauão:  
 Por mais que da Fortuna andé as rodas,  
 Nhũa conlona voz todas soauão,  
 Não vos hão de faltar gente famosa,  
 Honra, valor, & fama gloriosa.

Despois que a corporal necessidade 74  
 Se satisfez do mantimento nobre,  
 E na armonia, & doce suauidade,  
 Viráo os altos feitos que descobre,  
 Thetis de graça ornada, & grauidade,  
 Pera que com mais alta gloria dobre,  
 As festas deste alegre & claro dia,  
 Pera o felice Gama afsi dezia.

- 75 Fázte merce barão a Sapiencia  
Suprema, de cos olhos corporais  
Veres, o que não pode a vã sciencia  
Dos errados & miseros mortais:  
Sigüeme firme & forte, com prudencia  
Por este monte espesso, tu cos mais.  
Aisi lhe diz, & o guia por hum mato  
Arduo, difficil, duro a humano trato.
- 76 Não andão muito, que no erguido cômẽ  
Se acharão, onde hũ campo se esmaltauz  
De Elmeraldas, Rubis, tais que presume  
A vista, que diuino chão pitaua:  
Aqui hum globo vem no ar, que o lume  
Clarissimo, por elle penetraua.  
De modo que o seu centro está euidente  
Como a sua superficie †claramente

*† Quer dizer que era o globo todo transparente, & tão claro, que tão facilmente se via o que estava dentro, como o de fora.*

- 77 Qual a materia seja, não se enxerga,  
Mas enxergase bem que está composto  
De varios orbes, que a diuina verga  
Copôs, & hũ centro a todos lo té posto:



Voluendo, ora se abaxe, ora se erga;  
 Nũca fergue, ou se abaxa, e hũ meſmo ro  
 Por toda a parte tẽ, & ẽ toda a parte (ſto  
 Começa e acaba, em fim por diuina arte.

Vniforme, perfeito, em ſi ſoſtido, 78  
 Qual em fim o Archetipo que o criou,  
 Vendo o Gama eſte globo, comouido  
 De eſpanto, & de deſejo ali ficou,  
 Dizlhe a Ninfa: O traſumpto reduzido  
 Em pequeno volume aqui te dou,  
 Do mũdo aos olhos teus, pera que vejas  
 Por onde vas, & irás, & o que deſejas.

Ves aqui grãdẽ machinã do mũdo, 79  
 Eterea, & elemental, que fabricada  
 Aſsi foi do ſaber alto, & profundo,  
 Que he ſem principio, & meta limitada,  
 Que cerca em derredor eſte rotundo  
 Globo: & ſua ſuperficie tãõ limada, (de,  
 He Deos, mas o q̃ he Deos ningũẽ o entẽ  
 q̃ a tãto o engenho humano nã ſe eſtẽde

Este orbe que primeiro vay cercando 80  
 Os outros mais pequenos, que em ſi tẽ,

O<sub>5</sub> Lusíadas de Luis de Camões.

Que está cõ luz tão clara radiando,  
Que a vista cega, & a mente vil também,

† Empyreo se nomea, onde gozando  
Puras almas estão de aquelle bem,  
Tamanho, q̃ elle so se entende & alcãça,  
De quem não ha no mūdo semelhança.

† *Ceo Empyreo he onde estão os bemaenturados.*

81. Aqui so verdadeiros gloriosos  
Sãtos estão, porque eu, Saturno, & Iano,  
Iupiter, Iuno, fomos fabulosos,  
Fingidos de mortal & cego engano:

† So pera fazer versos deleitosos  
Seruimos: & se mais o trato humano  
Nos pode dar, he lo que o nome nosso  
Nestas estrellas pos o engenho vosso.

† *Aqui da o Camões a entender, que quanto faloso  
de fabulas, & chamou Deos & Deojes aos infer-  
naes, não era porque assi fosse verdade, mas pella  
necessidade do verso.*

82 Em fim q̃ o sumo Deos, que per † legundas  
Causas obra no mundo, tudo manda:

E tor-

E tornando a contarte das profundas  
 Obras da mão diuina veneranda,  
 Debaixo \*deste circulo, onde as mundas  
 Almas diuinas gozão, que não anda,  
 Outro corre tão leue, & tá ligeiro,  
 q̄ não se enxerga: he o<sup>t</sup> Mabile primeiro.

\* Por segundas causas diz, tomando muitas ve-  
 zes homēs, ou outras cousas, pera instrumento de  
 que quer fazer: mas elle he a causa primeira, por  
 que delle tudo vem, & quem o faz he causa segun-  
 da, porque he como instrumento.

\* Deste circulo, entende o Ceo Empyreo, debaixo  
 do qual estão dez.

\* O Ceo Empyreo não se moue, mas o outro logo a-  
 baixo mouese com muita força, & so a força deste  
 Ceo faz mouer todos os outros abaixo. E chama-se  
 Primo mobile.

Com este rapto, & grande mouimento . 83  
 Vão todos os q̄<sup>t</sup> dentro tem no seio,  
 Por obra deste o Sol andando atento  
 O dia & noite faz com \*Curso alheio:  
 Debaixo deste leue, anda outro<sup>t</sup> lento,  
 Tão lento, & \*sojugado a duro freio,  
 Que em quãto Febo, de luz nãca escasso,  
 Dozentos cursos faz, da elle hum passo.

Os Lusíadas de Luis de Camões,

\* Os Ceos que vão debaixo. Comparão os Philosophos isto a hũa cebola, cuja casca de cima tem as outras debaixo.

\* Porque so o Primomobile se moue com movimento violento, & cõ sua força faz mouer os outros.

† Lento, quer dizer vagaroso.

\* He o ceo estrellado, onde estão as estrellas: o qual se moue muito de vagar.

- 84 Olha estoutro debaixo, que esmaltado  
De corpos lisos anda, & radiantes,  
Que tambem nelle tem curso ordenado  
E nos seus axes correm scintilantes:  
Bem ves como se veste, & faz ornado  
Co largo †cinto douro, que estellantes  
\* Animais doze traz afigurados,  
Aposentos de Phebo †limitados,

† Chama cinto ao Zodiaco, porque assi como o cinto cinge o homem, assi o circulo do Zodiaco tem os ceos cercados. Tẽ em si os doze signos, pelos quaes entra o Sol cada mes. Chamalhe de ouro, porque assi como o ouro he claro & resplandecente, assi este circulo dos signos está muito fermoso.

\* Chama aos signos animaes, porque estão todos em figura de animais. Que sam Aries, que he car-

neiro: Taurus o touro: Geminius dous irmãos: Cancer, canzrej: Leo, leão: Virgo, bũa moça: Libra, balança: Scorpius, lacara: Sagittarius, meio homem, meio cavallo: Capricornius, meio homem, meio cabra: Aquarius, hum homem lançando muita agua: Pisces, dous peixes. As quaes figuras todas tem estrellas. & por isso he chuma o Camões estellantes. Pintãose em figuras de animais porque estes animais tem natureza do Sol.  
 Limitados diz, porque não pode passar o Sol alem do Zodiaco,

Olha por outras partes a pintura,  
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo:  
 Olha a carreta, atenta a Cinosura,  
 Andromeda, & seu pae, & o drago horrê  
 Vã de Calsiopea a fermosura, (do:  
 E do Oriente o gesto turbulento,  
 Olha o Cisne morrendo, que suspira,  
 A Lebre, & os cães, a Nao, & a doce Lyra.

85

Debaxo deste grande firmamento  
 Vês o Ceo de Saturno, tão antigo,  
 Iupiter logo faz o monumento,  
 E Marte abaxo bellico inimigo:

86

Os Livradas de Luis de Camões.

O claro olho do ceo no quarto assento,  
E Venus, que os amores traz consigo,  
Mercurio de eloquencia soberana,  
Com tres rostos debaixo vai Diana

† Firmamento se chama o Ceo que está sobre os dos sete planetas.

\* Saturno he o primeiro Planeta de todos sete, Deo spois que escreueo dos Ceos, s. Empyreo, Primomobile, Crystalino, & Aquario: escreue agora dos outros Ceos dos Planetas, que sam Saturno, Iupiter, + Sol, Venus, Mercurio, & Lúa.

Marte

† O claro olho, entende o Sol.

culos. Em todos estes orbes, differente

87 Curso veras, nús graue, & noutros leue:  
Ora fogem do centro longamente,  
Ora da terra estão caminho breue,  
Bem como quis o padre omnipotente  
Que o fogo fez, & o ar, o vento, & neue,  
Os quaes veras que jazem mais a dentro  
E tem co mar a terra por seu centro.

88 Neste centro, poufada dos humanos,

Que não sométe ousados se contentão

De

De soffrerem da terra firme os danos,  
 Mas inda o mar instabil esperimentão,  
 Verâ as varias partes, que os infanos  
 Mares diuidem, onde se apouentão  
 Varias nações, que mandão varios Reis,  
 Varios costumes seus, & varias leis.

Ves Europa Christãa, mais alta & clara 89  
 Que as outras em policia, & fortaleza:  
 Ves Affrica, dos beés do mundo auara,  
 Inculta, & toda chea de bruteza,  
 Co †Cabo que atequi se vos negãra  
 Que assentou pera o Austro a natureza:  
 Olha essa terra toda que se habita  
 Dessa gente sem lei, quasi infinita.

*† Diz atequi, porque ja dontra vez foi cometida  
 esta viagẽ, mas perderãose os descubridores della,  
 & não tornou nenbũ a Portugal.*

Vê do † Benomotapa, o grande Imperio 90  
 De seluatica gente, negra, & nua:  
 Onde \*Gonçalo morte, & vituperio  
 Padecerã pella fê sancta sãa:  
 Nace por este incognito Hemisperio  
 O metal porque mais agente sua:

Os Lusíadas de Luís de Camões.  
Vê que do lago donde se derrama  
O Nilo, também vindo está Cuama.

\*Vay discorrendo o que comprehende Affrica. Benomotapa Região da Cafraria, de muitas minas d'ouro. que descobrio Francisco Barreto.

\* Porque foi morto pellos Cafres, de pois de padecerse ne sede, & veo a valer hum quartilho de agua. cincoenta cruzidos.

\* No cabo de Boa esperança, junto ao Tropico de Capricornia, está hum lago donde procede o rio Nilo, que rega todo o comprimento de Africa, a maior parte pello direito do Egipto, & vay entrar no mar mediterraneo por sete bocas,

91 Olha as casas dos negros, como estão  
Sem portas eñfiados em seus ninhos,  
Na justiça real. & defentam,  
E na fidelidade dos vezinhos:  
Olha delles a bruta multidão (nhos,  
Qual bando espesso & negro de Estornj  
Combaterã em Sofala a fortaleza  
Que defenderã Nhaya com destreza,

92 Olha la as alagoas donde o Nilo  
Nace, que não souberão os antigos,

Velo



Velo rega, gerando o <sup>†</sup>Crocodilo,  
 Os pouos Abalsis de Christo amigos,  
 Olha como sem muro (nouo estilo)  
 Se defendem milhor dos inimigos,  
 Vê <sup>\*</sup>Meroe, que ilha foi de antiga fama,  
 Que ora dos Naturais Nobã se chama.

<sup>†</sup> Crocodilos sam bñs lagartos grande, q̄ engolẽ hũ  
 homẽ inteiro, & criãose na agua. Tem quatro pès,  
 nasce muito piqueno, & crece mais q̄ todos os ani-  
 maes, porq̄ do tamanho de hũ ouo, vè a ser de 22.  
 gonados. Nos quatro meses do inuerno não comẽ,  
 não tem lingua, como os lagartos dagoa doce.

<sup>\*</sup> Meroe Ilha do Nilo. Foy edificadã por Camby-  
 se, & postbe o nome de sua irmãã, porque tomãdo  
 todo Egipto, como trouxesse consigo a Meroe, mors-  
 reo, ella neste lugar aonde edificou a cidade, & do  
 nome da sua irmãã a chamou. Cauão nella ouro,  
 prata, met il ferro, & estanho: Da diuersas manei-  
 ras de pedras. He mais nobre que todas as outras  
 ilhas do Nilo, as quaes sam em numero, perto de se-  
 tecentas, como escreue Diodoro. Chamase agora  
 Nobã.

93

Nesta remota terra, hum filho teu  
 Nas armas contra os Turcos serã claro.

Ha

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Ha de ser dom Christouão o nome seu,  
Mas contra o fim fatal não ha reparo:  
Vê ca a costa do mar, onde te deu  
Melinde hospício galalhofo, & charo.  
O rapto Rio nota, que o Romance  
Da terra, chama Obi, entra é Quilmáca.

- 94 O<sup>†</sup> Cabo vê, ja Aromâta chamado,  
E agora Guardafû dos moradores,  
Onde começa a boca do afamado  
Mar roxo, que do fundo toma as cores,  
Este como limite está lançado,  
Que diuide Asia de Africa, & as milhores  
Pouoações, que a parte Africa tem  
Maçuâ sam, Arquico, & Suamquem.

<sup>†</sup> O Cabo de Guardafû, que está na entrada do  
mar Roxo.

- 95 Ves o extremo Suez, que antigamente  
Dizem que foy dos Heroas a cidade,  
Outros dizê que Arfinoe, & ao presente  
Tem das frotas do Egipto a potestade:  
Olha as agoas, nas quaes abrio patente  
Estrada o gran Moyfes na antiqua idade  
Asia começa aqui, que se apresenta  
Em terras grande, em reinos opulenta.

Olha

Olha o monte †Sinay, que se ennobrece 96  
 Co sepulchro de sancta Catherina,  
 Olha Toro, Gidâ, que lhe falece  
 A goa das fontes doce, & crystalina:  
 Olha as portas do Estreito, que fenece  
 No reino da seca Adem, que confina  
 Com a Serra Darzira, pedra viua,  
 Onde chuua dos Ceos se não diriuua.

\* Monte Sinay he hum monte que está na Arabia  
 Petrea, apar de Ierusalem: donde jaz Sancta Cas  
 therina.

Olha as Arabias tres, que tanta terra 97  
 Tomão, todas da gente vaga, & baça,  
 Donde vem os cauallos pera a guerra  
 Ligeiros & feroces, de alta raça:  
 Olha a costa que corre ate que cerra  
 Outro estreito de Persia, & faz a traça  
 O cabo, que co nome se apelida,  
 Da cidade Fartaque ali sabida.

Olha Dofar insigne, porque manda 98  
 O mais cheiroso encenso pera as aras:  
 Mas atenta ja destoutra banda  
 De Roçalgate, & praias sempre auaras.  
 Começa

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Começa o reino Ormuz, q̄ todo se anda  
Pellas ribeiras, que ioda serão claras  
Quãdo as galês do Turco, & fera armada  
Virem de Castelbranco nua a espada.

- 99 Olha o Cabo Afaboro, que chamado  
Agora he Monçadão dos nauegantes.  
Por aqui entra o thago, que he fechado  
De Arabia, & Persias, terras abundantes.  
Atenta a ilha Baré, que o fundo ornado  
Tem das suas perlas ricas, & imitantes  
Aa cor da Aurora: & vê na agoa salgada  
Ter o Tigris & Eufratres húa entrada.

*† A boca do seo Persico, que tem da banda do Nor  
te a Persia, & do Sul a Arabia, & a boca ao  
Lettante, & o principio ao Ponente, onde entram  
os dous rios famosos Tigris, & Eufrates, & nesta  
entrada esta a cidade de Bassoras.*

- 100 Olha da grande Persia o Imperio nobre  
Sempre posto no campo, & nos cavallos  
Que se injuria de vsar fundido cobre,  
E de não ter das armas sempre os calos:  
Mas ve a ilha Gerum, como descobre  
O que fazem do tempo os interuallos:

Que

Que da cidade Armuza, que alli esteue  
Ella o nome despois, & a gloria teue.

Aqui de dom Philippe de Meneses 103  
Se mostrará a virtude em armas clara.  
Quando cõ muito poucos Portugueses  
Os muitos Parseos vencerá de Lara:  
Viráo provar os golpes & reueles  
De dom Pedro de Sousa que prouára  
Ja seu braço Ampaza, que deixada  
Terá por terra a força so de espada.

Mas deixemos o estreito . & o conhecido 102  
Cabo de Iasque dito ja † Carpella,  
Com todo o seu terreno mal querido  
Da natura, & dos dões vsados della,  
\* Carmania teue ja por apelido:  
Mas vé o fermoso † Indo, que daquella  
Altura nace, junto á qual tambem  
† Doutra altura correndo o Gange vem.

\* Donde tomou o nome o mar Carpatio. Está este  
Cabo entre o Egipto, & Rhodes.

\* Carmania, região de Asia menor.

\* O Rio Indo vé da parte do Nordeste, entrar no  
mar da India, & nesta entrada está a cidade Dio,

& a

Os Lusíadas de Luis de Camões.

*E a nossa fortaleza, que he no reino de Cambaia.  
\* O Rio Gange vem da parte do Norte a entrar  
no mar no Reino de Bengala. E estes dous Reinos  
possuem agora os Mogores.*

103 Olha a terra de Vlcinde fertilissima,  
E de Iaquete a intima enseada,  
Do mar a enchente subita grandissima,  
E a vazante que foge apresurada:  
A terra de Cambaia vê riquissima,  
Onde do mar o seo faz entrada,  
Cidades outras mil, que vou passando  
A vosoutros aqui estão guardando.

104 Ves corre a costa celebre Indiana  
Pera o Sul, ate o Cabo Comori  
Ia chamado Cori, que Taprobana  
(Que ora he Ceilão) defronte tem de si:  
Por este mar a gente Lusitana,  
Que com armas virã despois de ti,  
Terã vitorias, terras, & cidades  
Nas quaes hão de viuer muitas idades.

[ 105 As prouincias q̄ entre hum, & o outro rio  
Ves com varias nações, sam infinitas:

Hum

Hum Reino Mahometa, outro Gêtio,  
 A quem tem o demonio leis escriptas:  
 Olha que de <sup>f</sup>Narsinga o senhorio  
 Tem as reliquias sanctas, & benditas,  
 Do corpo de Thome, barão sagrado,  
 Que a Iesu Christo teue a mão no lado.

<sup>f</sup> Narsinga, he a dõnde está o corpo de S. Thome,  
 & dahi se chama a ilha de S. Thome, á qual foy  
 ter o bemaumenturado sancto, & conuerteo muita  
 gente, & fez muitos milágres. Estoutra ilha de  
 S. Thome, da linba pera cá, contra o Occidente,  
 éhamase assi, porque se descobrio em dia de S. Tho-  
 me, & não he a de que falla o Camões, senão a da  
 Índia:

Aqui a cidade foy, que se chamaua 106  
 Meliapor, fermosa, grande, & rica:  
 Os Idolos antigos adoraua:  
 Como inda agora faz a gente <sup>f</sup>inica:  
 Longe do mar naquelle tempo estaua:  
 Quando a fe, que no mundo se publica,  
 Thome vinha pregando, & já passara  
 Prouincias mil do mundo, que ensinara.

<sup>f</sup> Inica, maa & injusta, pois auendo de adorar a  
 Deos, adora o Idolo.

Os Lusíadas de Luís de Camões.

107 Chegado aqui prêgando, & junto dando  
A doentes saude, a mortos vida,  
A caso traz hum dia o mar vagando  
Hum lenho de grandeza desmedida:  
Deseja o Rei que andaua edificando,  
Fazer delle madeira, & não duuida  
Poder tiralo a terra com possantes  
Forças d'homês, de engenhos d'Alifâtes.

108 Era tão grande o peso do madeiro  
Que so pera abalar-se nada abasta,  
Mas o nuncio de Christo verdadeiro,  
Menos trabalho em tal negocio gasta:  
Ata o cordão que traz por derradeiro  
No tronco, & facilmete o leua & arrasta  
Pera onde faça hum sumptuoso templo,  
Que ficasse aos futuros por exemplo.

109 Sabia bem que se com fe formada  
Mandar a hum monte surdo q̄ se moua,  
Que obedecerá logo à voz sagrada,  
Que assi lho ensinou Chão, & elle o pro  
A gente ficou disto aluoroçada, (ua:  
Os Bramenes o tem por cousa noua,  
Vendo os milagres, vendo a santidade,  
Hão medo de perder a autoridade.



São estes sacerdotes dos Gentios,  
 Em quem mais penetrado tinha enueja,  
 Buscão maneiras mil, buscão desuios  
 Cõ q̃ Thome não se ouça, ou morto seja  
 O principal, que ao peito traz os fios,  
 Hum caso horrêdo faz, q̃ o mundo veja,  
 Que inimiga ha tão dura & fera,  
 Como a virtude falsa da syncera.

110

Hum filho proprio mata, & logo acusa  
 De homicidio Thome, q̃ era innocente,  
 Dâ falsas testemunhas, como se vfa  
 Condenarãono a morte breuemente:  
 O sancto que não vê melhor escusa,  
 Que appellar pera o padre omnipotête,  
 Quer diante do Rei, & dos senhores,  
 Que se faça hum milagre dos maiores.

111

O corpo morto manda ser trazido  
 Que resuscite, & seja preguntado,  
 Quem foy seu matador, & sera crido  
 Por testemunho o seu mais aprouado:  
 Virão todos o moço viuo erguido  
 Em nome de Iesu crucificado,  
 Dâ graças a Thome que lhe deu vida,  
 E descobre seu pae ser homicida.

112

Os Lusíadas De Luis de Camões:

113 Este milagre fez tamanho espanto,  
Que o Rei se banha logo na água santa,  
E muitos após elle, hum beja o manto,  
Outro louuor do Deos de Thome cáta:  
Os Bramenes se encherão de odio tanto  
Com seu veneno os morde enueja tanta  
Que persuadindo a isso o pouo rudo,  
Determinão matalo em fim de tudo.

114 Hum dia que pégando ao pouo estaua,  
Fingirão entre a gente hum arruido,  
Ia Christo neste tempo lhe ordenaua,  
Que padecendo fosse ao Ceo subido:  
A multidão das pedras que voaua,  
No sancto da ja a tudo offerecido,  
Hũ dos maos, por fartase mais de pressa,  
Com crua lança o peito lhe atrauesta.

115 Choráote Thome, o Gange & o Indo,  
Choroute toda a terra que pisaste,  
Mais te chorão as almas, que vestindo  
Se hião da santa Fe que lhe ensinaste:  
Mas os anjos do ceo cantando, & rindo,  
Te recebem na glória que ganhaste,  
Pedimos te, que a Deos ajuda peças,  
Com que os teus Lusitanos fauoreças:

Mas

Mas passo esta materia gloriosa 116  
 E tornemos à costa debuxada,  
 Ia com esta cidade tão famosa,  
 Se faz curua † a Gangetica enseada,  
 Corre Narsinga rica & poderosa,  
 Corre Orixade roupas abastada,  
 No fundo da enseada o illustre rio  
 Ganges vem ao salgado senhorio.

*Passado o Cabo do Comorim, pera a parte de Levante, se faz b'ua enseada grande, & no vitimo entra o Gange.*

Ganges, no qual os seus habitadores 117  
 Morrem banhados, tendo por certeza,  
 Que inda que sejam grandes peccadores,  
 Esta agoa sancta os lava, & da pureza:  
 Vê Chatigão cidade das milhores  
 De Bengala prouincia, que se preza  
 De abundante, mas olha que está posta  
 Pera o Austro daqui virada a costa.

Olha o reino Arração, olha o assento 118  
 De † Pegu, que ja môstros pouoarão,  
 Môstros filhos do feo ajuntamento  
 Dhúa molher & hũ cão, q' los se acharão:

Os Lusíadas de Luís de Camões.

\* Aqui soante arame no instrumento  
Da geração costumão, o que vfarão  
Por manha da Rainha, que inuentando  
Tal vfo, deitou fora o error nefando.

\* Pegu be Reino muito rico: está na costa que vai  
de Bengala pera o Sul, fazendo volta na enseada,  
preduz os mais perfeitos Rubis da natureza, & o  
lacre que se faz de formigas.

\* O soante Arame, sam bñas pellas de metal vças  
muito sutilmente lauradas, & dentro tem bñas re-  
zas como cascauel, o qual serue de o atarem nas  
pernas quando tem copula, & faz bum som que  
se ouue em bom espaço.

120 Olha Tauay cidade, onde começa  
De † Sião largo o imperio tão comprido,  
Tenassarí, Quedà, que he so cabeça  
Das que pimenta alli tem produzido:  
Mais auante fareis que se conheça  
Malaca por Imperio ennobrecido,  
Onde toda a prouincia do mar grande,  
Suas mercadorias ricas mande.

\* Sião be Reino adiante de Pegu pera o Sul, & cõ  
fina com o Reino de Malaca.

Dizem que desta terra coas possantes  
 Ondas o mar entrando diuidio,  
 A nobre Ilha † Samatra, que ja dantes  
 Iuntas ambas a gente antiga vio:  
 Chersoneso foy dita, & das prestantes  
 Veas douro, que a terra produzio,  
 \* Aurea por epytheto lhe ajuntarão,  
 Algús que fosse Ophir imaginarão.

† Samatra he grande ilha, & tem diuersos Reis,  
 & diuersas nações. Está fronteiro com Malaca,  
 do modo que está Inglaterra com França: &  
 faz hum canal, como o que chamamos Canal de  
 Frandes.

\* Porque dizem que antiguamente se chamou Aurea  
 Chersoneso.

Mas na ponta da terra Cingapura  
 Verás, onde o caminho às naos se estreita,  
 Daqui tornando a costa à Cynofura  
 Se encurua, & pera a Aurora se endereita  
 Ves Pam, Patane, reinos, & a longura  
 De Syão, q' estes & outros mais sojeita,  
 Olha o Rio Menão, que se derrama  
 Do grande lago que Chiamay se chama.

223 Ves neste grão terreno os diferentes  
Nomes de mil nações nunca sabidas,  
Os Laos em terra & numero potentes,  
Auás, Bramâl, por serras tão compridas;  
Vê nos remotos montes outras gentes  
Que Gueos se chamão de seluages vidas,  
Humana carne comem, mas a sua  
Pintão con ferro ardente, vfança crua.

224 Ves passa por Camboja Mecom Rio,  
Que capitão das agoas se interpreta,  
Tantas recebe doutro so no estio,  
Que alaga os campos largos, & inquieta;  
Tem as enchentes quaes o Nilo frio,  
A gente delle crê como indiscreta,  
Que pena & gloria té despois de morte  
Os brutos animaes de toda sorte.

225 Este receberâ placido & brando,  
No seu regaço os Cantos, que molhados  
Vem do naufragio triste, & miserando,  
Dos procelosos baxos escapados:  
Das fomes, dos perigos grandes, quando  
Serâ o injusto mando executado  
† Naquelle cuja Lyra sonora,  
Sera mais afamada que ditosa.

*⁊ Nesta oitava atras toca o Camões o seu Naufragio, que foy nesta paragem.*

Ves corre a costa que Champà se chama, 126  
 Cujá mata he do †pao cheiroso ornada,  
 Ves Cauchichina estâ de escura fama,  
 E de Ainão ve a incognita enleada,  
 Aqui o soberbo imperio, que se afama  
 Com terras, & riqueza não cuidada,  
 Da China corre, & ocupa o senhorio  
 Desdo Tropico ardente ao Cinto frio.  
*⁊ Entende pao da Aguia, que vem da China.*

Olha o muro, & edificio nunca crido, 127  
 Que étre hũ imperio & outro se edifica,  
 Certissimo sinal, & conhecido,  
 Da potencia Real, soberba, & rica:  
 Estes o Rey que tem não foy nacido  
 Principe, nem dos paes aos filhos fica,  
 Mas elegem aquelle que he famoso,  
 Por caualeiro sabio & virtuoso,

Inda outra muita terra se te esconde, 128  
 Ate que venha o tempo de mostrar-se,  
 Mas não deixes no mar as ilhas, onde  
 A natureza quis mais afamar-se:

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Está mea escondida que responde  
De longe à China donde vem buscar-se,  
He Iapão, onde nace a prata fina,  
† Que illustrada sera coa lei diuina.

† Porque os padres da companhia conuerterão  
muitos Iapões.

129 Olha ca pellos mares de Oriente  
As infinitas ilhas espalhadas,  
Vê Tidore, & Tarnate, co feruente  
Cumé, que lança as flamas ondeadas:  
As aruores veras do crauo ardente,  
Co sangue Portugues inda compradas,  
Aqui ha as † aureas aues, que não decem  
Nunca à terra, & so mortas aparecem.

† Estas aues são muito fermosas, pintadas de cores  
muito alegres: caem mortas, & cá as trazem: ser  
uem pera penachos: não ha quem as possa tomar  
viuas, não tem pés, & sempre andão no ar.

130 Olha de Bandâ as Ilhas, que se esmaltão  
Da varia cor que pinta o roxo fruto,  
As aues variadas que ali saltão  
Da verde Noz to;nando seu tributo:

Olha



Olha tambem Borneo, onde não faltão  
Lagrimas, no licor qualhado, & enxuto,  
Das aruoras, q̄ Cãmphora he chamado,  
Com que da Ilha o nome he celebrado.

† *Cãmphora he hum material de cheiro mui fortum, he bom contra os bichos & traças: mas he tão fria, que se hum homem veste roupa onde este ue Cãmphora, anda impotente, & se a bebe, pera sempre fica impotente.*

Ali tambem Timor, que o lenho manda 131

† Sandalo salutifero, & cheiroso,  
Olha a Sunda tão larga, que hũa banda  
Esconde pera o Sul difficulto sso:  
A gente do sertão que as terras anda,  
Hum rio diz que tem miraculoso,  
Que por onde elle to sem outro vae:  
\* Conuerte em pedra o pao que nelle cae.

† *Sandalo he hum pao de muito bom cheiro. Ha de duas castas, vermelho & branco. He tambem pao muito frio: moido, & posto na cabeça, com hũa pouca de agoa, he bom pera dor de cabeça.*

\* *Porque todo o pao que lbe lanção, por leue que se ja, se vae ao fundo.*

- 132 Vê naquella que o tempo †tornou ilha,  
 Que tambem flamas tremulas vapora,  
 A fonte \*que oleo mana, & a marauilha  
 Do cheiroso licor, que o tronco chora,  
 Cheroso mais que quanto estila a filha  
 De †Cyniras, na Arabia onde ella mora,  
 E vê que tendo quanto as outras tem,  
 Branda seda, & fino ouro da tambem,

† Porque dantes era terra firme, deſpois cercãdoa  
 o mar ficou ilha. Esta he a ilha do Fogo do Malo  
 luco, que continuamente está de ſi lançando fogo.

\* Vem da India hum pao, que ſe chama Callambu-  
 co, o qual deita continuamente de ſi hũa humida-  
 de como oleo, muito cheiroſo, ou podeſer dizer que  
 be o Beijom, mas com tudo tenbo que não falla  
 ſenão do Callambuco.

† Myrrha, que ſingem os Poetas que ſe couverteo em  
 aruore de enſenſo,

- 133 Olha em Ceilão, que †o monte ſe aleuãta  
 Tãto, q̃as nuuês paſſa, ou a viſta engana  
 Os naturaes o tem por couſa ſancta  
 Polla pedra onde está a pegada humana:  
 Nas ilhas de \*Maldiva nace a pranta  
 No profundo das agoas ſoberana,

Cujo pomo contra o veneno vrgente  
He tido por Antidoto excellente.

<sup>1</sup> He este monte de Ceilão altissimo. Tem sete legoas de altura, que continuamente as vão subindo. A serra he muito fresca, onde dizem que está o Paraiso terreal. Viuem os moradores daqui oytenta, cento, cento & vinte annos. Está encima no pico em hũa pedra hũa pégada de gente humana, dizem os naturais, que he do nosso padre Adão.

<sup>2</sup> Estas ilhas de Maldiuá sam muitas. Forão antigamente cidades muito nobres: agora estão cubertas do mar: & fitarão cubertas as Palmeiras, aona de agora debaixo da agoa nasce o couco da Maldiuá, muito bo contra a peçonha. Achajè este couco nas correntes do Rio, que o mesmo mar lança, o qual couco, como dito he, se cria debaixo do mar.

Verà defronte estar do roxo Estreito

<sup>1</sup> Socotorà co amaro Aloe famosa,  
Outras ilhas no mar tambem sogeito  
A vos na costa de Affrica arenosa,  
Onde fae do cheiro mais perfeito  
A massa ao mundo occulta, & preciosa,

134

<sup>2</sup> De S. Lourenço ve a Ilha afamada,  
Que Madagáscar he dalgũs chamada.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

† Junto ao Cabo de Guardafum, que he na boca do mar Roxo, na partida de Affrica, está a famosa ilha de Socotorá, que produz muito Aziuar, & o milbor.

\* A Ilha de S. Lourenço está fronteira a Moçambique, pera a parte do Sul, & tem de comprimento duzentas legoas.

135 Eis aqui as nouas partes do Oriente,  
Que vos outros agora ao mundo dais,  
Abrindo a porta ao vasto mar patente,  
Que com tão forte peito nauegais:  
Mas he tambem razão, que no Ponente  
† Dhum Lusitano hum feito inda vejais,  
Que de seu Rei mostrandose agrauado,  
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

† O Magalhães, que foy descobrir pera o Ponente a India, era Portugues, & em seruiço del Rei de Castella foi descorrendo a Costa do Brasil, do Cabo de S. Agostinho, pera a parte do Sul, com tenção de virar aquella terra, & passar as ilhas do mar do Sul, que sam as do Maluco, & Bandá, & em 54. graos achou o Estreito q̄ trespassa a terra da outra banda do Sul, & ficou he per nome o Estreito de Magalhães.

Vedes a grande terra que continua  
 Vai de Calisto ao seu contrario polo,  
 Que soberba a fará a luzente mina  
 Do metal, que a cor té do louro Apolo,  
 Castella vossa amiga sera dina  
 Du lançarlhe o colar ao rudo colo,  
 Varias prouincias tem de varias gentes  
 Em ritos & costumes diferentes.

136

Mas ca onde mais se alarga, ali tereis  
 Parte tambem, co pao vermelho nota,  
 De Sancta cruz o nome lhe poreis,  
 † Descobrilaha a primeira vossa frota:  
 Ao longo desta costa que tereis  
 Irá buscando a parte mais remota  
 O Magalhães no feito com verdade  
 Portugues, porem não na lealdade:

137

† *A primeira frota que foi á India despois do descobrimento della, descobrio a terra do Brasil.*

Desque passar † a via mais que mea,  
 Que ao Antartico polo vai da linha,  
 Dhũa estatura quasi Gigantea  
 Homês verá, da terra alli vizinha:

138

E mais

Os Lusíadas de Luis de Camões  
E mais auante o Estreito, que se arrea  
Co nome d'elle agora, o qual caminha  
Pera outro mar & terra que fica onde  
Com suas frias assas o Austro a esconde.

† Desque passar a via mais que mea, entende passa  
da a linha a que chama mea via, porque ali se diui  
dem os Polos, Arctico, & Antartico: & passado  
pera a parte do Sul, naquella terra a que agora cha  
mão o Rio de Janeiro, & de S. Vicente. Os Gentios  
naturais dali, sam Gigantes de doze palmos de  
comprido, & dous palmos a pranta do pê, os quaes  
se mantem de outros Gentios, que tambem ha na  
trera da nossa estatura. E mais auante pera o Sul,  
está o Estreito que Magalbães descobrio, em 54.  
graos, que tomou seu nome. E he terra tão fria co  
mo Frandes, porque está tão distante da linha a  
bua terra, como a outra, cada bua dellas pera seu  
Polo.

139 Atequi, Portugueses, concedido  
Vos he saberdes os futuros feitos,  
Que pella mar, que ja deixais sabido,  
Viráo fazer barões de fortes peitos:  
Agora, pois que tendes aprendido  
Trabalhos que vos fação ser aceitos,

Aas eternas esposas, & fermosas,  
Que coroas vos tecem gloriosas.

Podeis vos embarcar que tendes vento 140  
E mar tranquilo pera a patria amada:  
Aksi lhe disse, & logo mouimento  
Fazem da Ilha alegre, & namorada:  
Leuão refresco, & nobre mantimento,  
Leuão a companhia desejada,  
Das Nimphas q̄ hão de ter eternamente,  
Por mais tempo q̄ o Sol o mūdo aquête.

Aksi forão cortando o mar sereno, 141  
Cõ vento sempre manso & nūca yrado,  
Ate que ouuerão vista do terreno  
Em que nacerão, sempre desejado:  
Entrarão pella foz do Tejo ameno,  
E a sua patria, & Rey temido & amado,  
O premio & gloria dão, porque mādou  
E com titulos novos se illustrou.

No mais Musa, no mais que a Lira tenho 142  
Destemperada, & a voz enrouquecida,  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar agente surda, & endurecida:

Os Lusíadas de Luis de Camões.

O fauor com q̄ mais se acêde o engenho,  
Náo o dá a patria não, que esta medida,  
No gosto da cubiça, & na rudeza  
Dhũa austera, apagada, & vil tristeza.

143 E não sei porque influxo de destino  
Náo té hũ ledo orgulho, & geral gosto,  
Que os animos leuanta de continuo,  
A ter pera trabalhos ledo o rosto:  
Por isso vos ô Rei, que por diuino  
Conselho estais no regio solio posto,  
Olhai que sois (& vede as outras gêtes)  
Senhor so de vassallos excellentes.

144 Olhay que ledos vão, por varias vias,  
Quaes rôpentes Liões, & brauos touros;  
Dando os corpos a fomes & vigias,  
A ferro, a fogo, a setas, & pilouros:  
A quentes regiões, a plagas frias,  
A golpes de idolatras, & de Mouros,  
A perigos incognitos do mundo,  
A naufragios, a pexes, ao profundo:

145 Por vos seruir a tudo aparelhados,  
De vos tão longe sempre obedientes,

A quael-



A quaesquer vossos asperos mandados,  
 Sem dar reposta promptos & contêtes,  
 So com saber que sam de vos olhados,  
 Demonios infernaes negros & ardentes  
 Cometerão conuofco, & não duuido  
 Que vencedor vos fação não vencido.

Fauoreceyos logo, & alegrayos.

146

Com a presença, & leda humanidade,  
 De rigurosas leis defaliuayos,  
 Que así se abre o caminho á sanctidade:  
 Os mais esprimentados leuantayos,  
 Se com a experiencia tem bondade,  
 Pera voffo conselho, pois que sabem  
 O como, o quádo, e onde as cousas cabê.

Todos fauorecei em seus officios,

147

Segundo tem das vidas o talento,  
 Tenhão religiosos exercicios  
 De rogarem por voffo regimento,  
 Com jejuns, disciplina, pelloos vicios  
 Comuns, toda ambição terão por vétto,  
 Que o bom religioso verdadeiro,  
 Gloria vaá não pretêde, nem dinheiro.

148 Os Caualeiros tende em muita estima,  
Pois cõ seu sangue intrepido & feruête,  
Estendem não somente a ley de cima,  
Mas inda vosso imperio préminente:  
Pois aquelles que a tão remoto clima  
Vos vão servir com passo diligente,  
Dous inimigos vencem, hũs os viuos,  
(E o q̃ he mais) os trabalhos excessiuos.

149 Fazey Senhor que nunca os admirados  
Alemães, Galos, Italos, & Ingleses  
Possam dizer que sam pera mandados,  
Mais que pera mandar os Portugueses:  
Tomay conselho so desprimentados,  
Que vião largos annos, largos meses,  
Que posto que em cientes muito cabe,  
Mais em particular o experto sabe.

150 De Phormião Philospho elegante  
Vereis como Anibal escarnecia,  
Quando das artes bellicas diante  
Delle com larga vos tratava & lia:  
Adisciplina militar prestante  
Não se aprende senhor na fantasia  
Sonhando imaginando, ou estudando,  
Senão vendo, tratando, & pelejando.

Mas eu que falo humilde, baxo, & rudo, 151  
 De vos não conhecido, nem sonhado?  
 Da boca dos pequenos sey com tudo,  
 Que o louvor sae às vezes acabado,  
 Nem me falta na vida honesto estudo,  
 Com longa experiencia misturado,  
 Nem engenho, que aqui vereis presente,  
 Cousas que juntas se achão raramente.

Pera seruiruos braço às armas feito, 152  
 Pera cantaruos mente às musas dada,  
 Soo me falece ser a vos aceito,  
 De quem virtude deue ser prezada:  
 Se me isto o ceo cõcede, & o vosso peito  
 Dina empresa tomar de ser cantada,  
 Como a presaga mente me vaticina,  
 Olhando a vossa inclinação diuina.

Ou fazendo que mais que a de Medusa, 153  
 A uista vossa tema o monte Atlante,  
 Ou rompêdo nos campos de Ampelusa  
 Os muros de Marrocos & Trudante,  
 A minha ja estimada & leda Musa,  
 Fico que em todo o mundo de vos cãte,  
 De sorte que Alexandro em vos se veja.  
 Sem à dita de Achilles ter enueja.



# SEG V E M S E

**A L G V M A S A N N O T A -**  
ções, tocantes à Mathematica, & Geogra-  
phia, importantes pera os que nauegão  
nas partes da India. As quaes se dei-  
xarão pera este lugar, pera mi-  
lhor entendimento  
de tudo,

???

**N**O discurso deste Cato decimo, vſou o Camões  
do artificio que os Poetas costumão quando  
querem cantar lououres de algum famoso Capitão  
pintando seus feitos Heroicos: & fingem que os le-  
uão as nimphas, que ſam dedicadas a aquella ma-  
teria de que ſe trata, por montes & caminhos aſpe-  
ros, & arduos, que ſam os meios porque ſe alcançãõ  
as couſas grandes & famoſas: & deſpſis de paſſa-  
do por eſtas aſperezas, & trabalhos, com animo  
conſtante, em premio, & como triumpho, lbe repre-  
ſentão o templo da Fama, ou de Marte, em lugaa-  
res mui deleitoſos, & nelles lbe moſtra o premio q̃  
dem os valeroſos capitães, na perpetua fama que  
deixão de ſuas obras, que lbe baſtante deleitação

& premio dellas. E assi por este modo diz o nos-  
 so Poeta que vsou a Nympha Tethis com o fa-  
 moso Gama, & por ser a empresa que canta do  
 mar, & a Nympha ser Princesa do mar. Ibe  
 fingio a Ilha de que trata este cato (que algũs ima-  
 ginão ser a de Sancta Helena, mas enganãose) &  
 nella as delicias que relata em gloria & premio  
 de seus merecimentos, & juntamente Ibe canta  
 em companhia das outras nymphas que vay no-  
 meando no verso, como que Ibe aduinhaua o  
 successo que auião de ter todos os capitães que Ibe  
 succedessem naquella empresa do descobrimento  
 da India, & nas victorias dos governadores &  
 capitães, como pellos versos vai declarando.

¶ E despois que o Camões finge ter a Nympha re-  
 latado tudo o que auia de resultar d'aquelle seu  
 descobrimento, Ibe offerece outro dom maior, que  
 he o da Sabedoria, & conbecimento da com-  
 postura do Orbis. E começa no verso que diz:  
 Despois que a corporal necessidade, Rima  
 74. verso 5.

¶ E no Rima seguinte, onde cõmeça o primeiro  
 verso: Fazte merce barão a sapiencia, &c.  
 aqui finge o Camões que a Nympha leua ao Gama  
 a outro mais alto & arduo monte, apartado, &

que não se comunica a todos, que he a sciencia, & conhecimento das obras naturaes, pella ordem & composição que Deos lhe pos. E finge como empresa mais perfeita, que chegando ao mōte da sabiduria (por encarecimento) lhe representou que o campo em que punhão os pés era de Esmeraldas, & Rubis, & de todas as mais pedras preciosas, como coisa mais que humana.

¶ Rima 76. Neste lugar começa o verso 5. que diz: Aqui hum globo vem, &c. Este he o globo vniuersal, em que se comprehende toda a machina celeste & elemental, & diz que he transparente, & se vee todo juntamente superficie & centro: isto se entende com os olhos do entendimēto.

Rima 77. verso. 1. Qual a materia seja não se enxerga. Quer dizer, que posto que se vejam os corpos celestes, & a diuisam & ordem delles, q̃ a materia de que sam compostos não se vee nem se entende, mas ve se & entendese quātos corpos sam & a variedade & ordem delles, & que todos tem hum centro stabil & firme, sobre o qual rodeão. E diz que este centro tem hũ rostro por todas partes, porque he corpo redondo, & por todas as partes igual.

Rima 78. verso 1. Vniforme, perfeito, &c. Quer dizer, que posto que este orbis seja composto de

de diuersos orbes, & aja nelle diuersos mouimētos, toda via com tal arteficio, que tudo fica vniforme, & perfeito. & hũa soo machina, sostentada em si propria, qual em fim o Architecto que o fabricou que he Deos nosso Senhor. ¶ E despois que a nympha mostrou ao Gama este orbis, & elle o vio, ficou espantado, principalmente de ver o mūdo que rodeaua com seu descobrimento.

Rima 80. verso 1. Este orbe que primeiro, &c. Declara a diuisam dos corpos celestes, que se comprehendem neste orbe vniuersal. E diz que o primeiro & superior, tem todos dentro em si como cētro. Este he o ceo Empireo, onde residem os beuauenturados: & que he claro, & lucido, de tal maneira, que nãõ ha cosa, a que o comparar. E diz a nympha, que ella, & Saturno, & Iupiter, & os mais a quem os Poetas Gentios chamarão Deoses, nãõ sam outra cousa que hũs nomes pellos quaes se conbecem os corpos celestes, que elles em si nãõ sam nada.

Rima 82. vers. 5. Debaixo deste circulo, &c. Aponta o segundo circulo inferior ao primeiro que já dissemos. E diz que este he o primeiro mouimēto, & moue consigo todos os corpos celestes inferiores, com este mouimēto vniuersal de 24. horas. o qual mouimento se faz sobre os exos de Norte

o Sol, pello modo que se rodea hũa roda sobre os seus eixos, como vemos em hũa mó de bum barbeiro, ou hũa roda de cordoeiro.

Rima 83. verso 3. Por obra deste, o Sol andando a tento. Quer dizer, que o segundo Ceo, que he a causa do movimento vniuersal de 24. horas, faz ao Sol rodear o mundo, & fazer o dia & noite, não perdendo o tento & ordem que tem em seu curso natural que he em contrario, & por espaço de bum anno.

Rima 83. verso 5. Debaixo deste leue anda outro lento, Este he o terceiro ceo, & o primeiro que tem curso natural em contrario do primeiro movimento: & o seu curso he tão vagaroso, & tão lento, que em duzentos annos não faz mais que madar o lugar, & chama-se este ceo Cristiano.

Rima 84 verso 1. & os seguintes: Olha estoutro debaixo, que esmaltado. O quarto Ceo a que chama esmaltado, he o Firmamento, & chama-se esmaltado de corpos lisos, pellas estrellas, as quaes sam corpos redondos, lisos, & transparentes, & que estão vibrando rayos de claridade, & sam de diferentes granduras, & todos fixos, & situados per todo este Ceo de que trata



mos, & tem movimento natural (segundo os Esphericos) de sete mil annos, andando sempre sojeito como todos os mais, ao primeiro movimento vniuersal de 24. horas.

Rima 84. verso 5. Bem vês como se veste,  
& faz ornado, Co largo ciato douro, &c.  
Neste quarto Ceo, de que temos dito acima, que he o Firmamento, entre a multidão de estrellas que ha nelle, estão hũas situadas per toda a redondeza, que tenteadas todas hũas ante outras, sicão como hum cinto que cinge toda hũa circunferencia, & por este lugar onde estas estrellas estão situadas, faz o Sol seu curso, não porque o Sol esté neste ceo, nem porque elle se moua do lugar onde está fixo. E base de entender desta maneira. O Sol está fixo no ceo que está abaixo deste de que falamos, & se metem no meio outros tres, & o Ceo em que está fixo se moue, & faz seu curso natural dentro de hum anno, & com este movimento vay o Sol fazendo hum rastro de tamanha largura, como elle tem o corpo, ou diametro, affi nas partes superiores, como inferiores. E neste Ceo firmamento de que tratamos, faz este rastro por onde estão estas estrellas situadas por todo este cinto, o qual cinto se reparte por doze signos, em partes iguaes, & a cada hũa das sobreditas  
doze

doze partes, a que chamão hum signo, ou sinal, lbe  
põe seu nome pera ser conhecido: & assi chamão  
a hum Carneiro, a outro Touro, dando a cada bñ  
seu nome, ate todos os doze. Chamalbe o Poeta  
cinto douro pellas estrellas que nelle estão fixas.

Rima 85. Em todo este rima vai relatando os no-  
mes de algũas estrellas q̃ por este firmamẽto estão,  
as mais notaveis & conhecidas, a bñas chama os  
Cães, a Lebre, &c.

Rima 86. verso 1. Debaixo deste grande fir-  
mamento. Debaixo deste firmamento de que te  
mostrado, estão sete Ceos, a que chamão os sete  
Planetas, os quaes tem cadabum seu curso differẽ-  
te, em contrario do primeiro movimento de 24. ho-  
ras, como fica dito noutra parte. E no mesmo ri-  
ma, os nomea o Camões, pella mesma ordem & no-  
mes que elles tem.

Rima 87. 1. verso. Em todos estes orbes, &c.  
Fala dos Planetas, de que o Primeiro he Saturno,  
& faz hum curso (que he tornar ao ponto donde  
say) em espaço de 29. annos & meio, & logo o  
inferior, a q̃ chamão Iupiter, faz o curso em espa-  
ço de 12. annos: & o que está logo seguinte se cha-  
ma Marte: faz seu curso em dous annos, & logo  
mais abaixo, no quarto Ceo dos Planetas, está o  
Sol, que he oytavo, começando do Ceo Empireo,

¶ por aqui vay seguindo pella mesma ordem, até o setimo, que he o Ceo da Lũa.

Rima 87. verso 3. Ora fogem do cétro, &c. Quer dizer o Poeta, que todas as Espheras celestes, desde primeiro movimento, até a Esphera da Lũa, fazendo seus cursos naturaes & vniuersais, ora as vemos afastadas da terra (a que chama cétro) que he quando estão impinadas sobre nos, ora estão junto da terra, que he quando se põe, como se vee claramente no Sol, que quando co meio dia está impinado, parece que está longe da terra. & quando se põe, está junto della: mas isto he apparencia, por que na verdade, sempre os corpos celestes estão em igual distancia da terra, posto que a redeão.

Rima 87. verso 6. Que o fogo faz, &c. Abaixo dos corpos celestes, estão os quatro elementos, hum inferior do outro, sendo o primeiro o elemento do fogo, & logo do ar, & logo da agoa & terra juntamente, que ficão sendo centro de toda a machina do Orbis.

Rima 88. verso 5. Verâs as varias partes, &c. Faz demonstração neste centro de mar & terra, das diuisões das prouincias & variedades das nações, & Reis que nelle habitão.

Rima 89. verso 1. Vês Europa Christaã, &c. Europa he bũa das tres partes do mundo: Estê dese  
de

de Nordeste a Sudueste. Contem as provincias seguintes. A primeira (começando da parte do Sudueste) he Espanha, a qual he cercada do mar Oceano por tres partes, & quasi tão larga como comprida. Tem 200. legoas por todas as partes, pouco mais ou menos. Diuidese com França pellos montes Pyreneos. França tem da parte de Levante o mar mediterraneo, & de Ponente o mar Oceano. Diuidese com Italia pera o Levante pellos montes Alpes, & pera a parte do Norte cõ os estados de Frandes, & pera a parte do Nordeste, pelo rio Rin com Alemanha. Italia se estende dos Alpes pera o Levante, pera o mar Mediterraneo, 200. legoas de comprimento, & 50. de largo, tudo pouco mais ou menos, & da outra parte do mar Adriatico, pera a banda do Norte, corre a Grecia, & se estende pera o Levante, até o estreito de Helespõto, & vai discurrendo ate o rio Tanais, que entra no lago de Helesponto. Este rio decc da parte do Norte, & por elle se diuide Europa de Asia, ficando Europa ao Ponente, & Asia ao Levante, & daquifazêdo volta sobre a mão esquerda, estão as provincias da Noruega, Sueuia, Moscouia, Alemanha, Vngria, & Boemia, até tornar a França, & nestas provincias assi em soma, se comprehende Europa.

Rima 89. verso 3. Vês Africa, &c. Africa he quasi

quasi toda cercada do mar Oceano. Estendese de Norte a Sul. Da banda do Norte se diuide pela costa do mar Mediterraneo, pella prouincia de Berberia. E da parte do Sul, & Levante, & Ponente cõ o mar Oceano, & da parte do Nordeste, pello mar Roxo.

Rima 89. verso 4. Inculta, & toda chea, &c. Toda Africa, principalmente no interior della, he deshabitada, & steril, chea de diuersos animais. Contem muitas & diuersas prouincias, mas não diremos mais q̃ as que o Poeta aponta. & Desde cabo de Guê, Cabo verde, & Cabo das Palmas, ate o Cabo de Boa Esperança, q̃ está em 34. graos da lãda do Sul, toda esta terra, he de negros, & Cafres.

Rima 90. verso 1. Vê do Beuomotapa, &c. Benomotapa he prouincia da Ethiopia, na Africa, do Cabo de Boa esperança pera dentro, no sertão.

Rima 90. verso 3. Onde Gonçalo, &c. Gonçalo foy dom Gonçalo, padre da Companhia de Iesu, que foy pregar a estas partes da Cafraria, onde de padeceo martyrio, o qual eu conkeci.

Rima 90. verso. 7. Vê que do lago donde se derrama, &c. Na Região de Benomotapa está hum lago donde procede o Rio Nilo. Os negros desta Região sam muitos, & viuem em choupanas sem portas, confiados na justiça do seu Rey.

Rima

Rima 92. verso. 4. Os pouos Abassis, &c.  
A terra da Cafraria vay seguindo (entrando a pro-  
uincia de Melinde) até o Cabo q̃ se chama de Guar-  
dafum, que está na boca do mar Roxo, & aqui  
acaba a partida de Affrica, por aquella parte, &  
faz volta sobre a mão esquerda, pera o Noroeste,  
pella costa do mar Roxo. E nesta costa dentro na  
partida de Affrica sam os pouos Abassis de Chri-  
sto amigos, que diz o Poeta, q̃ he o estado do Pre-  
ste loão, os quaes iẽ por fortaleza não ter nenhũa.

Rima 93. verso 1. Nesta remota terra, &c.  
Dom Christouão, filho de dom Vasco da Gama,  
morreo na terra dos Abassis, pelejando cõtra Tur-  
cos.

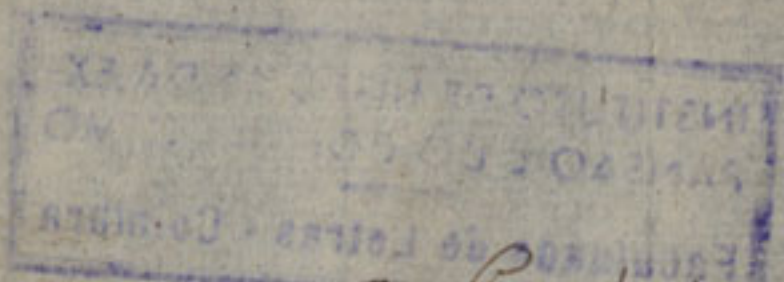
Rima 95. verso 1. Ves o extremo Suez, &c.  
Suez he hũa cidade que está no fim do mar Roxo  
ãc prouincia do Egipto, & daqui partem as frotas  
do Soldão do Egipto, ou do Turco, cuja esta pros-  
uincia he agora, & nauegão todo o mar Roxo, &  
saem ao mar Indico, assi pera guerra, como pera  
trato.

Rima 95. verso 7. Asia começa, &c. Pello mar  
Roxo se diuide Africa de Asia, por esta parte de  
que tratamos, ficando Africa ao ponente, & Asia  
ao Leuante. Esta partida he grande, maior que  
Africa, & Europa juntamente, & por esse respeito

No anno de 1497 a outo de julho  
partio Vasco da Gama do porto  
de Lisboa p<sup>o</sup> a India: e no de No-  
vembro dom<sup>o</sup> anno montou o cabo  
de Boa Esperanca q<sup>o</sup> dista de Lis-  
boa 1500 legoas: e a vinte de Ma-  
io de 1498 chegou a cid<sup>o</sup> de Calcut  
q<sup>o</sup> dista de Lisboa 3000 legoas.

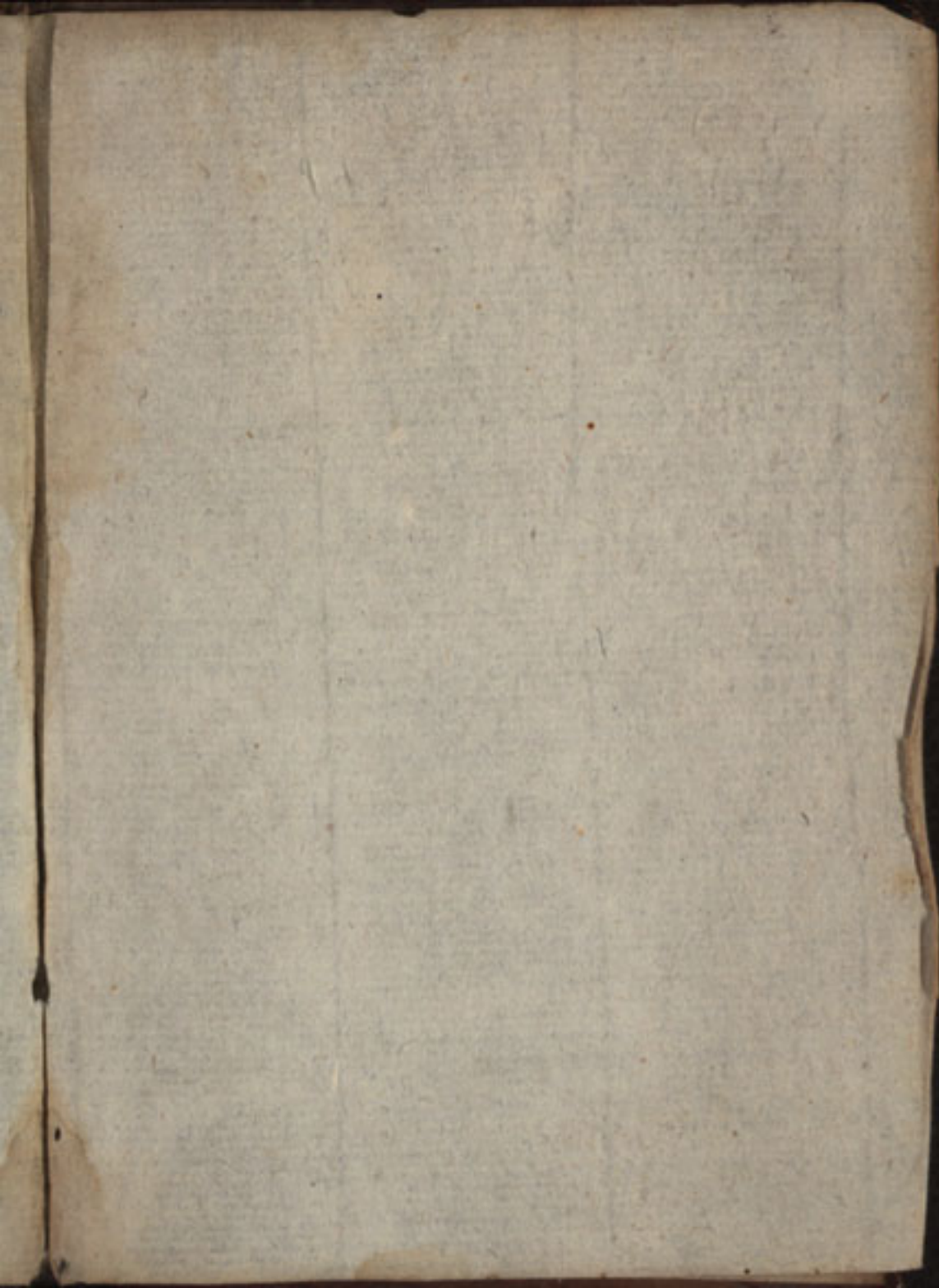
INSTITUTO DE HISTÓRIA DA EX-  
PANSÃO E DO COMÉRCIO ULTIMO  
Faculdade de Letras - Coimbra

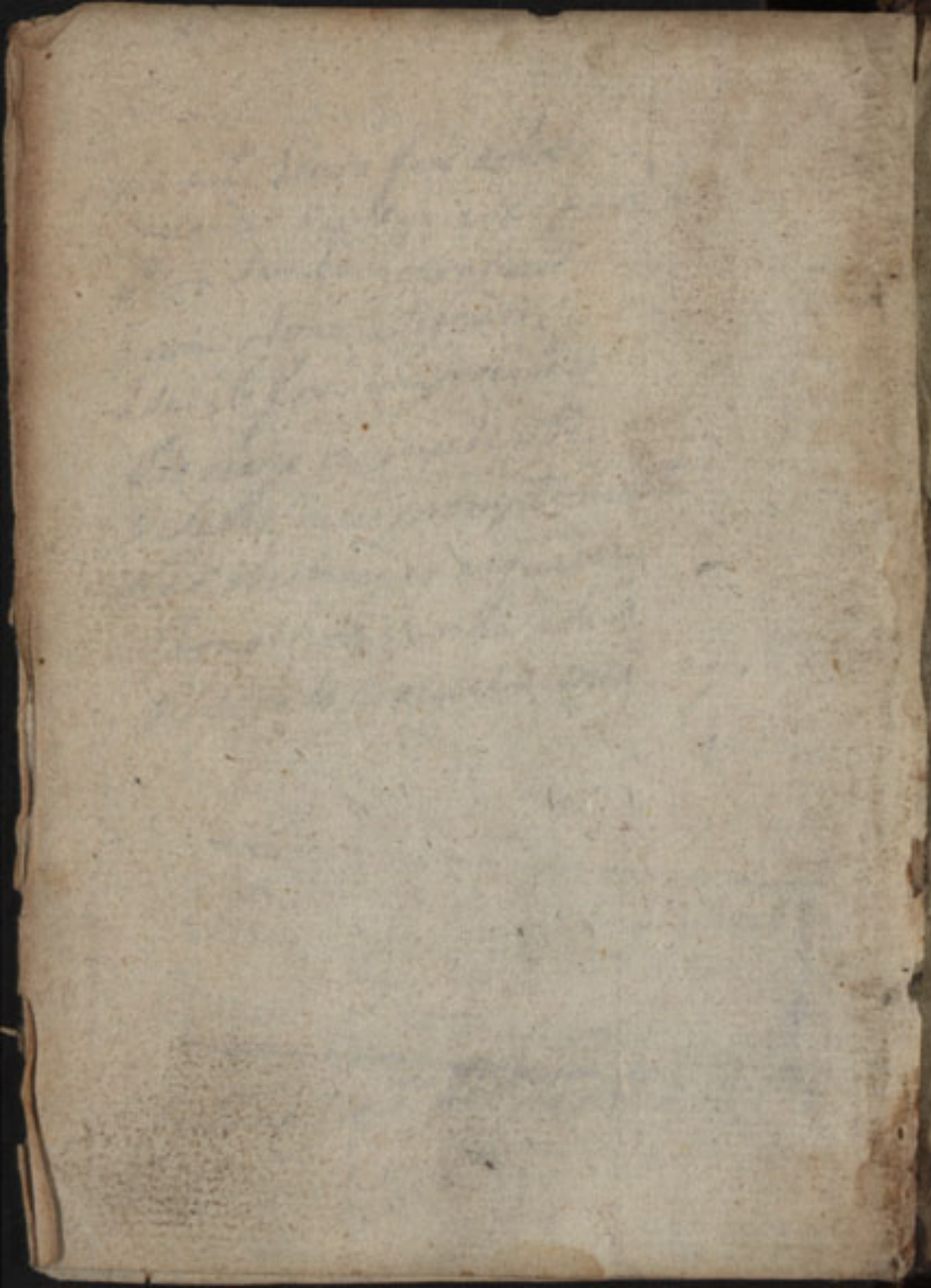
Se este Livro for achado  
quando venha a ser perdido  
Pera ser bem conhecido  
Seu dono a Signado  
Se ele for emprestado  
Por acaro ou incedente  
Dele he meei promptamente  
Nao odizando esquecer  
Poraj: nao venha a ser  
O Livro lo esquecerimento

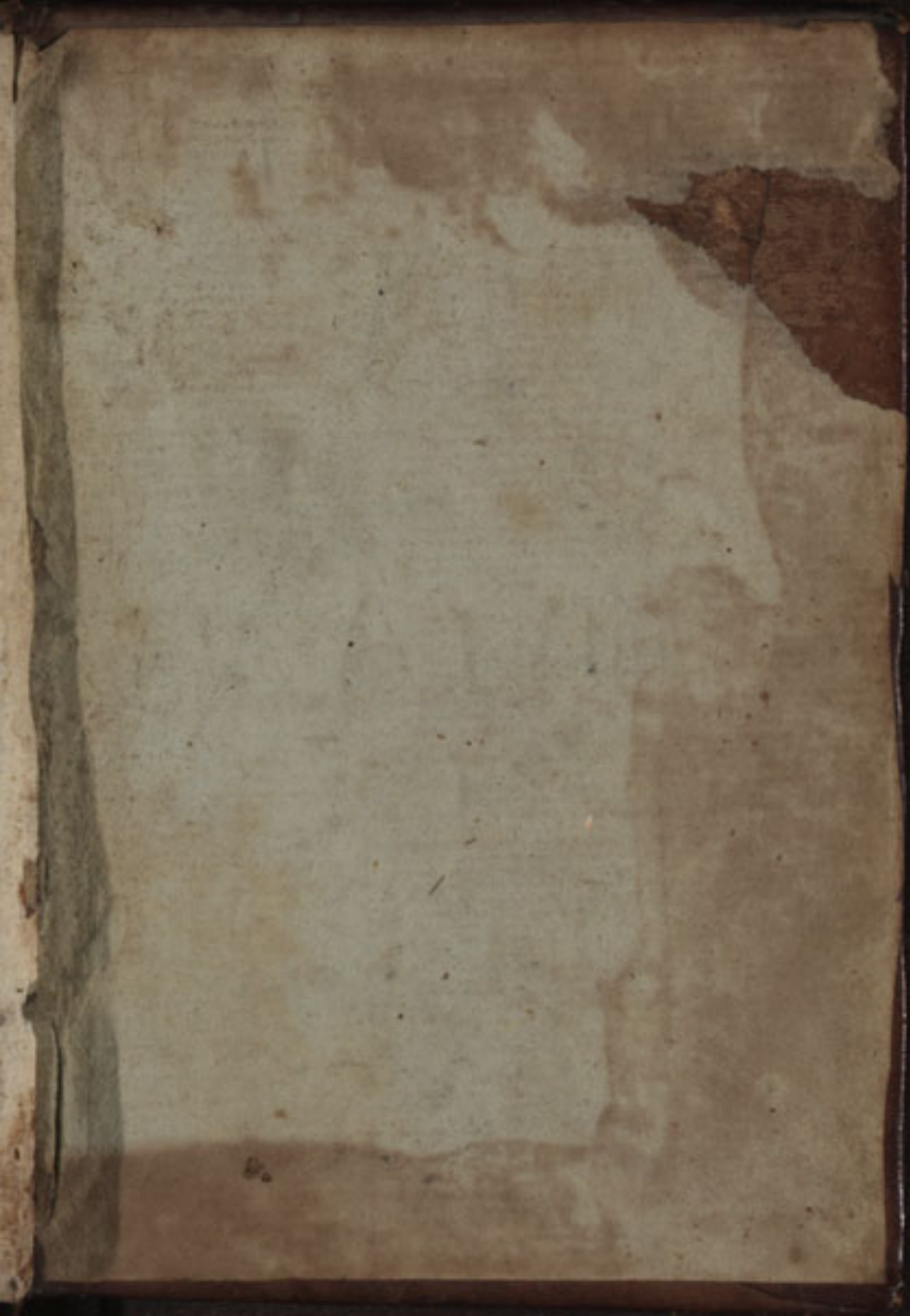


Antonio Joao<sup>m</sup> Per. Lopes de Vas.<sup>o</sup>











UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
Faculdade de Letras



1315608473



CF  
B  
1  
20